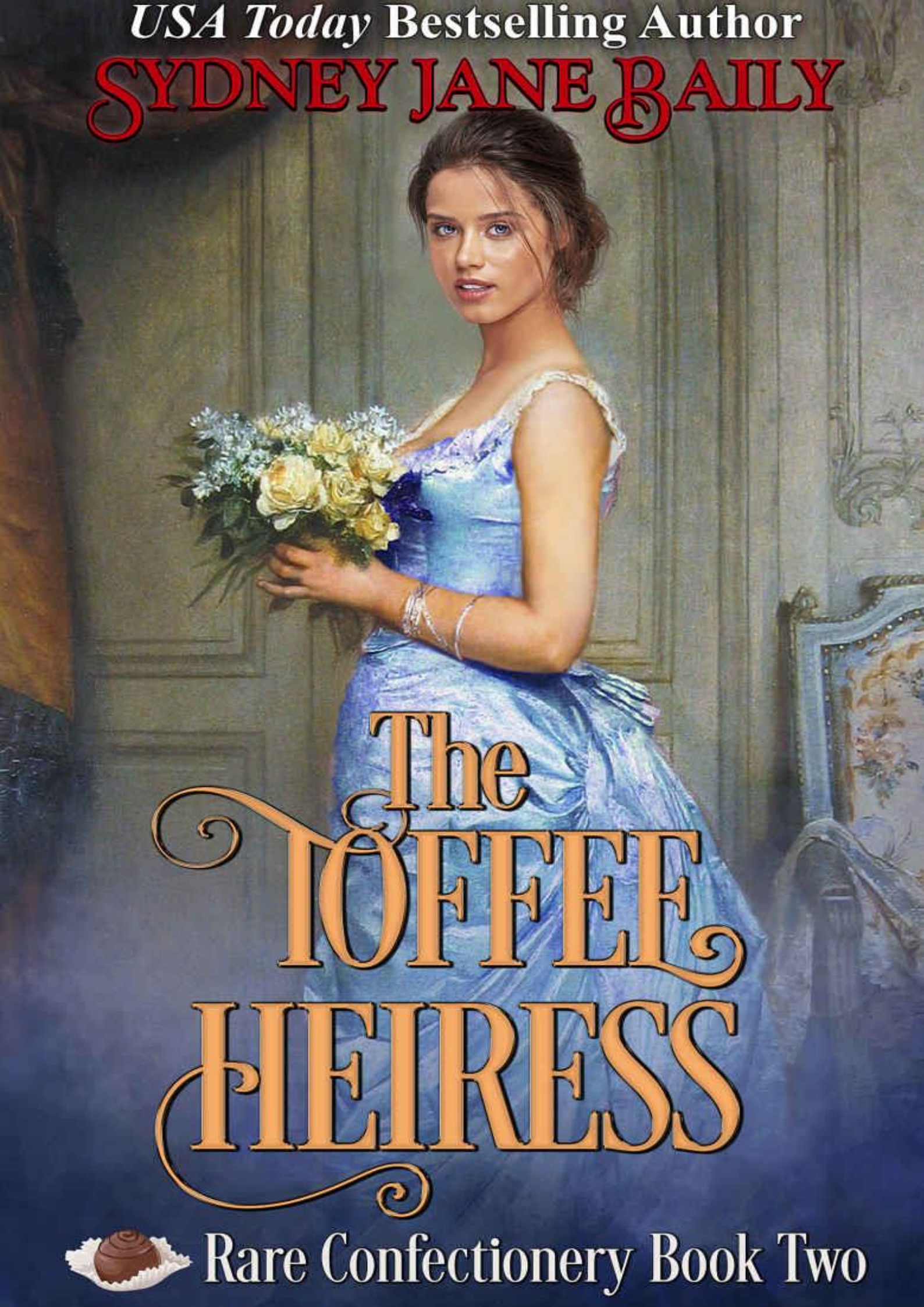
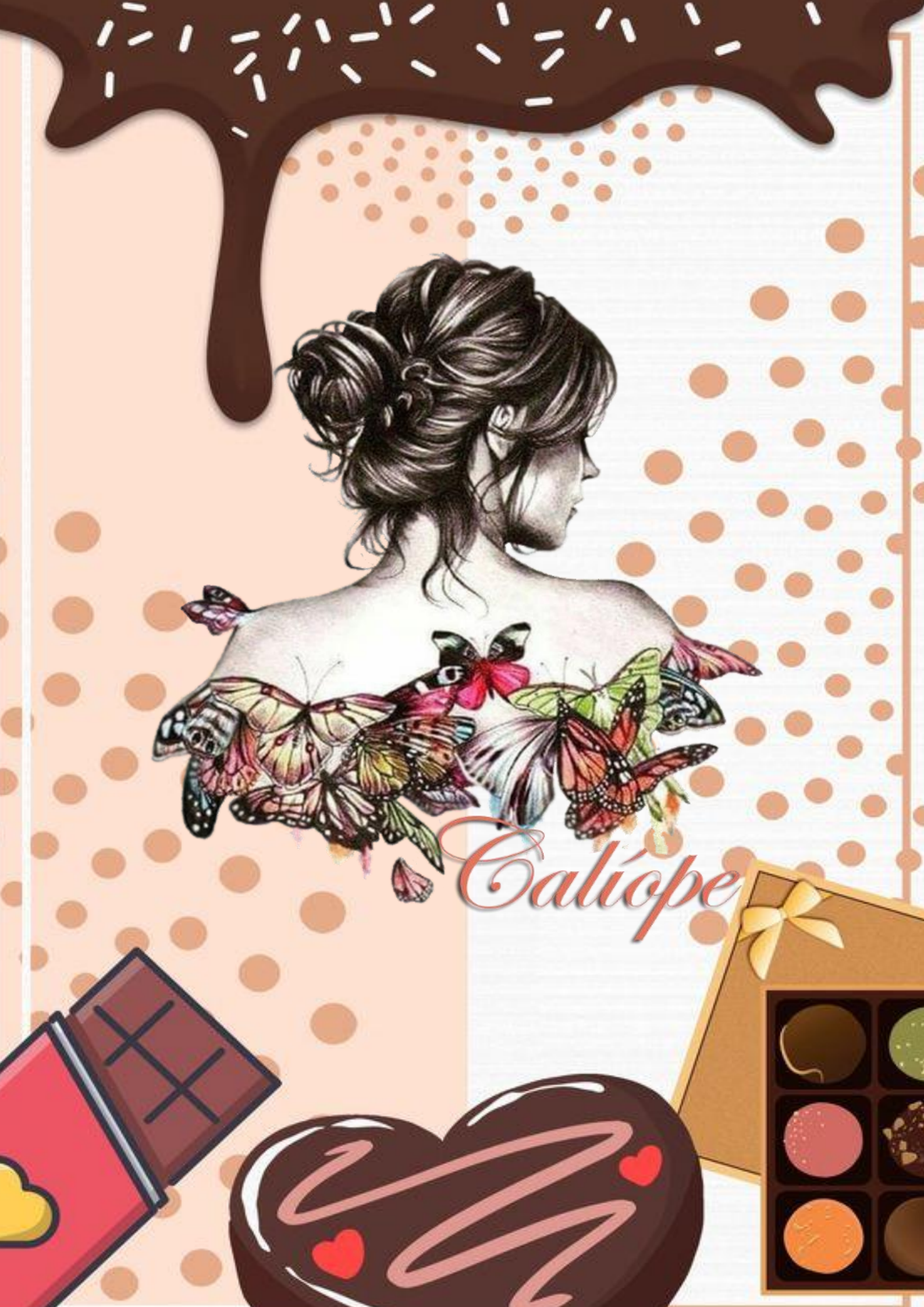
USA Today Bestselling Author

SYDNEY JANE BAILY



The Toffee Heiress

Rare Confectionery Book Two


Calíope

Menu

Tradução - Perséfone

Revisão Inicial - Richelle

Revisão Final - Mariomar

Leitura Final - Afrodite

Formatação - Afrodite



Dedicatória

Para Neelia

Da terceira série em diante, apreciei nossa amizade.



Sinopse

Entre na Rare Confeitaria na New Bond Street, onde três irmãs talentosas criam guloseimas tão deliciosas para a língua quanto para os olhos. Basta um gostinho para ficar cativado...

Greer Carson precisa de uma esposa e não apenas de qualquer esposa. Ela deve ser uma senhora britânica com título para que ele possa reivindicar sua herança - uma propriedade rural abandonada por uma geração.

Beatrice sabe fazer caramelo de melado, sem dúvida, o melhor de Londres!

No entanto, às vezes ela sonha em fazer mais com sua vida. Quando um americano bonito chega à Rare Confeitaria em busca de ajuda, ela agarra a oportunidade de aventura com as duas mãos.

Junte-se a Beatrice e Greer enquanto eles se infiltram nos mais altos escalões da aristocracia de Londres em busca de cônjuges. À medida que cada um se aproxima de seu objetivo, por incrível que pareça apenas a escolha impossível torna-se a mais atraente.

.

Agradecimentos

Eu estou feliz em reconhecer meu pai, James Baily, um londrino que transmitiu seu amor por caramelo para mim. Quando iniciei esta série e comecei a pesquisar doces, fiquei emocionado ao descobrir que o caramelo já era um deleite de longa data no Reino Unido na época Vitoriana, então eu poderia fazer uma de minhas irmãs Rare-Foure uma fabricante de caramelo. Meu pai gostava de comer simples, com nozes e passas ou coberto de chocolate; e, eu tenho um dos martelinhos de caramelo que muitos fabricantes incluem na compra. (Suffragettes supostamente os usaram para quebrar janelas durante seus protestos!)

Muito obrigado a Toni Young (a melhor irmã mais velha de todas), e ela sabe o porquê!

Como de costume, agradeço a minha mãe, Beryl Baily, também londrina, por seu amor e apoio constante

Capítulo Um

Londres, 1878

A campainha presa à porta da Rare Confeitaria tocou seu tilintar agradável, alertando Beatrice Rare-Foure da entrada prematura de um cliente. Largando a xícara de chá com um baque indecoroso, ela se levantou do banco alegremente pintado de azul na sala dos fundos da loja de sua família. Não foi a primeira vez que ela desejou poder virar a placa de "aberto" para "fechado" e declarar que eles estavam fechados.

Olhando para si mesma, ela hesitou. Algumas manchas de melado de seus esforços anteriores de fazer caramelo enfeitavam a frente de seu vestido cor de creme de dia.

— Hum, — ela murmurou. Ela se esqueceu de colocar um avental antes de começar seu trabalho. Sua mãe, Felicity, diria que foi seu primeiro erro. Como Beatrice era a única da família trabalhando naquele momento, ela deveria ter estado na frente da loja depois de colocar a última bandeja de caramelo para endurecer na caixa fria. Sua mãe diria que esse foi seu segundo erro.

Além disso, Beatrice não deveria estar relaxando no fundo da loja, tomando chá enquanto lia um artigo sobre o obelisco egípcio, a Agulha de Cleópatra, que chegara recentemente em solo britânico. No final do ano, o monólito de granito vermelho

de sessenta e nove pés seria erguido para ficar no Victoria Embankment. Muitos pensaram que sua localização desafiava o bom gosto e Beatrice estava lendo ansiosamente como a rivalidade pelo local continuava. Se sua mãe soubesse que ela estava lendo em vez de cuidar da loja, Felicity também ficaria furiosa.

A irmã do meio Rare-Foure estava perfeitamente ciente de como era hostil quando um cliente entrava em um local de negócios e o encontrava deserto. E Beatrice concordou em princípio, mas ela nunca havia reunido a dedicação a tal crença para se importar de uma forma ou de outra, ou para alterar suas práticas quando estava sozinha.

Além disso, ela preferia enfrentar a fúria de sua mãe do que ficar atrás do balcão de mármore da confeitaria o dia todo, esperando ansiosamente pelo próximo indivíduo em busca de doces. Embora todos concordassem que ela tinha um talento, se é que se podia chamar assim, de fazer caramelos deliciosos, nenhuma alma a considerava afável a lidar com o público.

Sua irmã mais nova, Charlotte, era a melhor com os clientes, mas estava com um forte caso de fungadelas. Ninguém queria uma vendedora com o nariz escorrendo servindo seus doces.

— Olá! — Ela ouviu a voz de um homem chamar da frente. — Saudações e tudo mais. Tem alguém aqui?

Pegando um avental, Beatrice rapidamente prendeu-o no lugar sobre o vestido manchado e amarrou-o na cintura. Então ela empurrou a grossa cortina azul para a frente da loja e viu

duas mãos grandes, sem luvas, coladas na frente de uma das vitrines. As mãos pertenciam a um homem de cabelos cor de areia, curvado para olhar os doces.

Que tipo de idiota se encostava no vidro? Ela definitivamente teria que limpá-lo novamente.

— Posso ajudar? — Perguntou ela, sem se importar se parecia amigável, apesar de Charlotte ter-lhe contado como um sorriso e uma pequena conversa frequentemente faziam os clientes continuarem aumentando seus pedidos de doces.

A cabeça foi erguida, todo o corpo se endireitou e um homem alto com olhos azul-acinzentados olhou para ela por cima da vitrine.

— Eu não te vi aí um momento atrás, — ele disse, examinando-a como se fosse outro doce.

— Eu não estava aqui há um momento atrás — Beatrice disse a ele rispidamente. — Eu estou agora. Posso ajudar?

Não se ofendendo com a resposta dela, ele sorriu.

— Espero que sim, senhora. Eu gostaria de alguns doces cozidos, acho que são chamados assim. Esses doces duros e com sabor que todo mundo está chupando hoje em dia. Mas eu não vejo nenhum.

Perfeito! Ela se livraria dele em um instante e voltaria com seu chá e seu obelisco egípcio.

— Você não vê nenhum porque não os fazemos. Bom dia para você.

Seu rosto registrou surpresa.

— Isto não é uma loja de doces? — Ele olhou ao redor para ter certeza de que não estava de repente no barbeiro ou no sapateiro. — Vejo aquelas bolinhas fervidas por toda parte. Por que *você* não os vende?

Beatrice suspirou com uma baforada exagerada de ar, esperando que isso exibisse apropriadamente sua exasperação. *Questionando o que eles vendem - que rude!* Até o uso do termo *loja de doces a* irritou. Havia mais de um motivo pelo qual ela geralmente era relegada para o quarto dos fundos, mas sua ira contra pessoas tolas fazendo perguntas tolas era o principal.

— Em primeiro lugar, esta não é uma loja de doces. É uma confeitaria. E não os vendemos porque esses doces baratos estão, como você diz, em *toda parte* e, portanto, não precisamos tê-los *aqui.* Não é?

Ele fez uma pausa.

— Isso parece míope da sua parte, do ponto de vista de negócios, quero dizer.

— Teremos a certeza de levar em consideração seu comentário bem informado e atencioso, disse ela, ainda na esperança de afastá-lo rapidamente. Seu chá estaria esfriando. — Enquanto isso, se você se virar e der alguns passos à frente, encontrará a porta. Do outro lado, à esquerda ou à direita, em algum lugar de Londres, você encontrará suas *bolinhas fervidas.*

Ele começou a rir. Então se curvou e riu tanto que ela temeu que ele se machucasse. No entanto, ele não foi embora,

a aspereza dela tendo o efeito oposto e dando-lhe grande divertimento. Quando ele se controlou, olhou para ela com um largo sorriso, como se ela fosse sua amiga há muito perdida.

Que homem chato! E ele tinha um sotaque estranho, para começar. Beatrice queria tirar o sorriso de seu rosto igualmente irritante. Ela percebeu que era na verdade um rosto bonito, um pouco áspero, assim como seu cabelo era um tanto selvagem, mas ele possuía um queixo atraente e forte, olhos bonitos e claramente um instante de senso de humor.

O sino tocou novamente e duas mulheres entraram. Ela esperava que o homem de cabelos cor de areia aproveitasse a oportunidade para desocupar o local, já que ela não tinha o que ele queria. Mas ele a olhou por mais um momento, então contemplou a sua volta para os doces na vitrine.

Dando de ombros, Beatrice foi até onde as clientes olhavam na frente da outra vitrine, enquanto o balcão da loja e as vitrines eram dispostos em forma de L. As mulheres estavam olhando as esculturas de marzipan de Charlotte na prateleira de cima.

— Posso ajudar? — Ela perguntou a elas.

Uma olhou para cima, seu sorriso morrendo quando ela viu Beatrice.

— Onde está a Srta. Rare-Foure?

Por dentro, Beatrice deu um grito silencioso de irritação. Não era assunto de ninguém fora da família. *E se Charlotte estivesse em seu leito de morte ou tivesse fugido para Gretna Green, pelo amor de Deus?*

— *Eu* sou a senhorita Rare-Foure, — ela insistiu. Na verdade, costumavam ser três, mas sua irmã mais velha, Amity, havia se casado recentemente e, surpreendentemente, se tornado a duquesa de Pelham. Se isso não bastasse, sua irmã estava em uma viagem de casamento ao continente, visitando fábricas de chocolate e cafés. Amity e seu duque, Henry Westbrook, duque de Pelham, formavam um par perfeito.

Beatrice estava feliz por eles, sem dúvida. Naquele momento, porém, ela desejou que Amity estivesse na loja lidando com aquelas pessoas irritantes.

Ambas as mulheres na frente dela franziram a testa, e uma disse:

— Eu quis dizer a outra Rare-Foure, querida.

— Sinto muito, ela não está aqui. Beatrice conseguiu evitar de acrescentar "obviamente". Em vez disso, ela repetiu: — *Posso* ajudá-las? Afinal, não era preciso muita habilidade para colocar alguns doces em uma bolsa ou lata.

— Sim, claro. Só que a senhorita Rare-Foure, a outra, ou seja, sempre nos dá amostras e sabe o que queremos comprar.

Mais uma vez, Beatrice deu um grande suspiro com força suficiente para mover o cabelo que havia caído em sua testa.

— Se você sabe o que deseja comprar, por que precisa de uma amostra?

Diante de sua impertinência, ela ouviu o homem loiro rir baixinho.

Em qualquer caso, sua pergunta foi recebida com um silêncio momentâneo.

— Às vezes, há algo novo. — A outra mulher apontou.

— Bem, não há nada novo, — Beatrice responde-lhe. — Hoje não. Não podia haver, não com Amity, a chocolateiro, trotando pela França com os olhos brilhantes e apaixonados, e Charlotte na cama com uma toalha sobre a cabeça. Ela provavelmente estava curvada sobre uma tigela de água quente e óleo de eucalipto. *Garota de sorte!*

— Entendo, — disse a primeira mulher. — Você sabe quem eu sou?

Beatrice sempre temeu essa pergunta. Normalmente significava que ela estava lidando com um aristocrata e estragando tudo o suficiente para levantar a peruca do senhor ou dama.

— Acontece que, — ela disse com exagerada solenidade, — eu não. Eu não faço ideia. Além do mais, não tem absolutamente nenhuma consequência.

Esta declaração foi recebida com dois grandes suspiros de indignação. Beatrice praticamente podia ouvir a voz da mãe em sua cabeça: *Não afugente nossos clientes.*

— O que quero dizer, — Beatrice esclareceu, — é que mesmo se eu soubesse quais mulheres vocês são, tal conhecimento não me ajudaria a adivinhar o tipo de confeitaria que você está procurando. Ora, mesmo se você fosse a rainha Vitória, eu não conseguia ler sua mente. Alguma de vocês é, de fato, a rainha?

O silêncio caiu novamente enquanto essas duas senhoras a encaravam, seus rostos severos como nuvens de tempestade. O chá de Beatrice estaria gelado, ela obviamente não havia aplacado os clientes e ainda precisava se livrar do estranho.

— Existe algo que você deseja comprar? — Ela tentou novamente em seu tom mais educado.

— Não. Disse a segunda mulher. Elas partiram em um alvoroço de cetim e seda, além de um aborrecimento evidente. Provavelmente nunca mais voltariam para a Rare Confeitaria, e por isso Beatrice se envergonhou. Levemente.

— Talvez elas quisessem balas cozidas, — o homem brincou assim que a porta se fechou.

Beatrice fechou os olhos. Quando ela os reabriu, infelizmente, ele ainda estava lá.

— Felizmente, elas podem obtê-las em qualquer lugar. — Ela o lembrou.

— Não nesta rua. Já procurei em algumas outras lojas antes de entrar aqui, e elas também não estavam lá.

— Naturalmente, — ela respondeu.

— O que você quer dizer, *naturalmente?* Existe uma moratória para doces cozidos nesta rua?

Ela suspirou.

— Eu quis dizer naturalmente, se você os tivesse encontrado em outro lugar, você não estaria aqui, incomodando.

— Incomodando-te? — Sua expressão era incrédula, mas totalmente inofensiva. Ele era mais difícil de livrar do que a praga.

— Certamente, você está. A menos que você pretenda comprar algo.

— Bem, eu posso, — ele disse. — Tudo parece muito bom. Estou simplesmente curioso sobre os doces duros e sua ausência conspícua.

Ele era como um cachorro com um osso. Beatrice desejou profundamente ter algo para dar a ele para que pudesse mandá-lo embora.

— Você está na New Bond Street, senhor. Uma rua comercial de itens de luxo, incluindo malas, joias, antiguidades, obras de arte e todos os tipos de bibelôs. E, claro, nossos doces finos. — Ela indicou as vitrines novamente com um aceno de mão, notou caramelo em seu dedo indicador e, antes mesmo de pensar em suas ações, o enfiou na boca para chupá-lo.

Com essa tarefa realizada sob seu olhar divertido, Beatrice continuou:

— No entanto, em quase qualquer outro lugar que você vá em Londres, seja uma mercearia ou mesmo uma livraria, você pode encontrar potes de doces cozidos. Se você for dez minutos para o norte, eles os vendem em todas as malditas lojas da Oxford Street. Se você chegar à entrada nordeste do Hyde Park, foi longe demais. Se você for vinte minutos para o leste, eles os vendem de carroças em Covent Garden. Se você

for mais longe, poderá encontrar mulheres idosas vendendo-os das janelas da cozinha em quase qualquer cidade ou vila. Eu sugiro que você comece a procurar. Bom dia!

Virando-se, Beatrice abriu caminho pela cortina de veludo azul para a sala dos fundos e esperou. O sino não tilintou. Depois de alguns momentos, não havia nada que ela pudesse fazer a não ser voltar para a frente. Ele estava na mesma posição, exceto no fundo da vitrine, as mãos mais uma vez pressionadas sobre o vidro.

— Posso ajudar? — Ela tentou novamente.

Ele ergueu a cabeça loira e lançou-lhe seu sorriso amigável.

— Eu gostaria de experimentar um chocolate. Como não tenho ideia do que desejo comprar, precisarei de uma amostra. O que você sugere?

Que você saia. Ela queria desesperadamente dizer isso em voz alta.

— Estou muito ocupada, — disse Beatrice.

Ele a olhou fixamente, então olhou incisivamente ao redor da loja vazia.

— Lá atrás. Eu faço o melado de caramelo, — ela murmurou, imediatamente desejando não ter se explicado para ele.

Muito tarde! Ele compreendeu esse fato da mesma forma que um macaco do Jardim Zoológico agarrou um pedaço de fruta jogado pela cerca.

— *Você* faz o caramelo? Você é uma Srta. Rare-Foure, como disse as outras clientes antes de mandá-las embora, então sua família é proprietária desta loja. E ainda assim você faz o doce?

— Doce? — Ela repetiu o uso incomum da palavra, o que a fez pensar em frutas cristalizadas, não no que ela fazia. — Não faço todos os doces, apenas alguns. — Ela não explicaria a ele a dinâmica das contribuições de suas irmãs. Isso o encorajaria a ficar mais tempo e fazer mais perguntas.

— Então, eu gostaria de provar um pouco de caramelo, por favor.

Rangendo os dentes, Beatrice se aproximou da prateleira com bandejas da confeitaria amanteigada, doce e dourada. Decidindo que era melhor acabar com isso, ela agarrou um dos pratos de amostra, do tamanho de um pires, e usando a pinça, colocou sobre ele cada um dos pedaços simples, com cobertura de chocolate e caramelo com amêndoas, em seguida, entregou-o ao balcão para ele.

Ele o pegou graciosamente, olhando para baixo, então levou o prato ao rosto e cheirou.

— Cheira celestial, mas toda a loja cheira.

Como se uma loja com cheiro de chocolate pudesse cheirar outra coisa senão delicioso! Ela fez uma careta com a inanidade do comentário dele, então cruzou os braços e esperou.

Ele pegou o pedaço com as nozes primeiro e começou a mastigar.

— Cuidado, — ela disse, um pouco alarmada. — Se você tiver algum dente solto, é melhor chupá-lo ou deixá-lo amolecer em sua língua primeiro.

Ele acenou com a cabeça, tarde demais, com os dentes cravados.

— Você simplesmente teria mastigado um doce fervido? — Ela perguntou exasperada. — Ou você teria chupado lentamente para saboreá-lo?

Ele deu de ombros, ainda mexendo as mandíbulas até engolir.

— Estava delicioso, embora as nozes não sejam minhas favoritas.

Beatrice revirou os olhos.

— Então você não deveria ter comido isto. Você podia ver que tinha nozes, não é?

Ele acenou com a cabeça novamente e ela sabia que estava castigando um cliente, mas ela não conseguia se conter.

— Por que você não pula o simples ou o coloca no bolso para comer mais tarde — *pelo que me importa* — e experimente o coberto de chocolate a seguir. Então eu vou encher um saco de qualquer um que você quiser. Sem nozes ou coberto de chocolate.

— E se eu quiser os dois? — Ele perguntou, mas ele fez como ela sugeriu e provou a peça com a cobertura de chocolate premiada de Amity por todos os lados.

Seus olhos se arregalaram, o que não era surpresa porque todos sabiam que o chocolate tinha um sabor divino. Sempre superava seu caramelo, tanto quanto Beatrice havia experimentado. Ela esperou o que pareceu uma eternidade enquanto o homem saboreava os doces.

— Bem? — Ela perguntou finalmente. — Deseja comprar ou não? — Não o tom doce que Charlotte teria usado ao tentar fazer uma venda, mas o melhor que ela poderia convocar.

— Sim, claro. Vou levar meio quilo.

Assentindo, ela pegou uma das sacolas brancas com a inscrição "Rare Confeitaria" estampada em tinta azul safira. Pegando a pinça novamente, ela foi até a bandeja de caramelo coberto com chocolate.

— O outro, por favor, senhora - o simples, sem nozes, sem chocolate, — ele pediu, surpreendendo-a.

Não que muitos clientes não comprassem, de fato, bandejas e mais bandejas de seu melado de caramelo simples. Ainda assim, ela sempre assumiu que eles não tinham realmente provado ou considerado a combinação perfeitamente deliciosa de caramelo e chocolate. Em qualquer caso, ela não ia perguntar se ele tinha certeza de sua decisão ou debater o assunto.

Adivinhando a quantidade, ela colocou a sacola na balança, acrescentou outro pedaço e dobrou a tampa para fechá-la. Sua mãe gostava que amarrassem cada saco com fita de cetim azul, mas ela não achava que esse cliente em particular se importaria. A menos que...

— Isto é um presente? Para uma mulher, talvez?

Ele ergueu uma sobrancelha com a pergunta dela, e ela podia praticamente ler seus pensamentos. Ele estava se perguntando se ela estava tentando determinar sua disponibilidade. Novamente, ela revirou os olhos.

— Se for assim, devo adicionar uma fita, — Beatrice explicou, seu tom plano. Amarrar as fitas era um incômodo.

Ele sorriu torto, ela notou.

— Não precisa de fita, senhora.

Ela presumiu que isso significava que o caramelo era para ele. Colocando a sacola no balcão, ela disse o preço. Ele enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma coleção de moedas.

— Gracioso! — Ela exclamou quando viu o que ele tinha. Não apenas pennies, centavos e groats, como esperado, mas um bom número de xelins e coroas, bem como, *difícil de acreditar,* várias libras!

Ela olhou para as moedas na grande palma da mão dele. O homem estava decididamente bem de vida.

— Eu tenho o suficiente? — Ele perguntou, parecendo inocente da bela soma que estava carregando.

— Sim, a menos que você queira comprar tudo na loja e talvez algumas coisas na loja ao lado.

Ele deu uma risadinha.

— São tanto assim? — Ele empurrou as moedas em sua mão.

Pela primeira vez, ela sorriu também.

— Não, não realmente, mas essas são libras de ouro, — ela apontou.

— Como um dólar, — eu acho.

Ela encolheu os ombros.

— Eu não tenho certeza sobre isso. Acabei de perceber que você é americano.

Ele pareceu ficar um pouco mais reto ao assentir.

— Eu sou de fato do grande estado de Nova York.

Não se impressionando com tal declaração, ela pegou algumas das pequenas moedas de cobre, as pontas dos dedos roçando a palma nua dele, e as colocou na caixa *registradora,* ou caixa de *dinheiro* como sua mãe a chamava, para pagar o caramelo. Em seguida, ela apontou o dedo para uma das moedas de dez xelins antes de olhá-lo nos olhos.

— Um casal pode ter uma refeição realmente excelente com licor e um prato de pudim, o que você chama de sobremesa, por aquela moeda.

— Realmente? — Ele olhou para sua mão. Pegando uma das moedas de ouro, ele a colocou na frente dela no balcão, exatamente quando a campainha da loja tilintou novamente.

— Lá vai você, então. Eu quero que você e seu pretendente tenham um... como você chamou isso?... Uma refeição excelente.

No espaço de uma batida de coração, uma raiva flamejante rugiu uma trilha através do corpo esguio de

Beatrice e ela bateu com a mão na moeda, pronta para jogá-la na cabeça do estranho.

Como ele ousa!

Capítulo Dois

Greer deu um passo para trás quando a jovem à sua frente ficou com o rosto vermelho e ele sabia que havia cometido um erro. Ele não tinha certeza se havia causado sua fúria ao lhe dar a moeda de ouro ou presumindo que ela tinha um pretendente, ou mesmo por sua ousada suposição de que ela gostava de comer. *Quem poderia conversar com essa senhorita rabugenta?*

Fosse o que fosse, ela estava louca como um gato molhado e seus olhos azul-jacinto brilhavam com manchas de fogo - ou talvez fosse simplesmente a aguada luz do sol inglês refletindo no interior branco da loja e refletindo neles. De qualquer maneira, ele sabia que tinha estragado tudo.

A senhorita Rare-Foure abriu a boca sem dúvida para dar-lhe uma reprimenda severa, ele tinha certeza disso, mas ela olhou para além dele, aos novos clientes que haviam entrado na confeitaria.

Olhando para ele, ela agarrou a moeda.

— Seu troco, senhor. — Ela o estendeu e rapidamente o deixou cair de seus dedos. Se ele não o tivesse pego, teria rolado para o chão de madeira limpo. Ele o pegou e enfiou a moeda ofensiva de volta no bolso.

— Bem, obrigado, — disse ele às costas rígidas, enquanto ela se afastava para ajudar os recém-chegados. Sem uma

compreensão clara desses britânicos, esperava se sair melhor se quisesse ganhar uma dama com título, que era seu objetivo principal, junto com uma elegante casa de Londres.

— Adeus, — acrescentou ele, embora ela o ignorasse, já embalando alguns chocolates para o jovem casal que havia entrado.

Greer havia alcançado a porta quando de repente a ouviu gritar:

— Você aí! Americano!

Virando-se com um meio-sorriso começando a se formar em seus lábios, pronto para receber um pedido de desculpas por sua grosseria, em vez disso ele foi atingido por meio quilo de caramelo, agarrando-o e esmagando o saco de papel amassado contra seu peito.

— Não se esqueça dos seus doces, — a Srta. Rare-Foure brincou, com um sorriso malicioso no rosto. Os outros clientes se viraram para observar a bufonaria.

Ele decidiu naquele momento que voltaria para falar com ela novamente. A maneira como ela reagiu sem medo com as mulheres aristocráticas - e até mesmo o colocou em seu lugar - deu a Greer a ideia de que ela seria capaz de dizer a ele tudo o que ele precisava saber para navegar nas convenções peculiares e estrangeiras dos britânicos. Talvez ela pudesse até mesmo ajudá-lo a se infiltrar nas fileiras da nobreza.

Em qualquer caso, enquanto fechava a porta da loja atrás de si e entrava no fluxo de pedestres, ele percebeu que tinha

gostado muito da coragem única e abrasiva da fabricante de caramelo da Rare Confeitaria.

BEATRICE ficou satisfeita como Punchinello quando Charlotte se sentiu melhor um dia depois e voltou ao trabalho, seu jeito alegre e sorridente de sempre.

Sua irmã estava contando o dinheiro na caixa quando abriram para o dia.

— Parece que as vendas caíram há dois dias.

— Isso mesmo, — Beatrice disse a ela. — Desde que você me abandonou, deixando-me para esperar por essas pessoas miseráveis.

Ambos riram.

— Os clientes, miseráveis ou não, devem ter entrado como de costume. Você conseguiu afastar a maioria deles antes que pudessem comprar alguma coisa?

— Um pouco, — disse Beatrice com uma fungada, enquanto limpava o vidro com vinagre e papel jornal. Então ela se lembrou do americano. — No entanto, um deles comprou caramelo mesmo *depois de* eu ter sido rude, e acabei jogando seus doces nele quando ele os esqueceu no balcão. — Ela riu um pouco mais, lembrando-se de sua expressão.

Charlotte não estava participando dessa vez. Na verdade, ela parecia horrorizada.

— Você não fez isso!

Revirando os olhos com o tom de sua irmã mais nova, Beatrice disse:

— Você soa como a mãe.

— Com uma boa causa. Eu disse que ela deveria passar o dia com você, mas não, ela tinha que bancar a babá para mim. E se o cavalheiro a tivesse acusado de agressão?

— Garota boba.

— Não, não me dispense. Você sempre acha que pode dizer o que quiser e fazer o que quiser sem consequências. Lembre-se apenas da bagunça que você fez da vida de Amity no ano passado, repreendendo a filha de um conde e quase arruinando nossa loja.

— No final das contas deu certo, — protestou Beatrice, sem querer se lembrar de uma jovem particularmente rude que a enfureceu completamente. — Além disso, mamãe repreendeu a filha do mesmo conde. Por que, acho que *você* também fez, não foi, na festa do duque?

— Esse não é o ponto, — Charlotte disse. — Felizmente, esqueci qual era o ponto. Estou mudando a placa, então vá para a sala dos fundos, onde você pertence. Caramelo melaço, por favor.

Pegando a vassoura e o material de limpeza de vidro, Beatrice foi feliz para a sala dos fundos.

— Chá? — Ela gritou para sua irmã. Embora a irmã mais velha bebesse principalmente chocolate quente, o resto da família bebia muito chá.

— Sim, por favor, — Charlotte disse, então deu seu assobio pungente de felicidade, garantido para dar um salto.

— E agora? — Beatrice perguntou, acendendo a chama sob a chaleira no fogão, assim como outra sob a grande panela na qual ela rapidamente adicionou açúcar mascavo, melaço, vinagre, manteiga e leite. Sua receita básica para balas de caramelo, ela podia praticamente criá-lo em seu sono.

— Nada, estou simplesmente feliz por estar de volta.

Graças a Deus por suas irmãs! Amity transformou sua loja em uma mina de ouro como uma chocolateira renomada antes de se casar com o duque de Pelham algumas semanas antes. E Charlotte, uma artista com suas criações delicadas de marzipan, gostou muito de trabalhar na frente da loja enquanto se envolvia com seus clientes.

O caramelo de Beatrice era muito popular, mas faltava-lhe a habilidade das criações de suas irmãs, e ela era mesmo uma pobre vendedora, não tolerando nem os aristocratas de nariz empinado que entravam com seus silenciosos criados para obter amostras grátis, apesar de ter mais dinheiro do que Deus, nem as pessoas tolas que faziam perguntas e mais perguntas, como se os doces não fossem simplesmente uma delícia descomplicada.

— Apenas experimente, — ela sussurrou para um sujeito curioso no dia anterior.

A família dela aceitava que ela era uma leitora ávida, feliz por passar as noites lendo, principalmente porque fazer qualquer outra coisa envolvia outras pessoas enlouquecedoras. E ela não prosperou com os romances de sentimento geralmente considerados aceitáveis para mulheres

jovens. Ela preferia livros de fatos, história, biografias, avanços científicos e explorações.

Para esse fim, seu pai pagou uma assinatura da Biblioteca de Londres em seu nome e ela também era conhecida por frequentar a Biblioteca do Museu Britânico durante o horário de entrada das mulheres. Às vezes, ela assistia ao que era vagamente denominado — uma palestra— na Universidade de Londres à noite. No entanto, muitas vezes acabaram se revelando mais divertidos do que educacionais e, portanto, um tanto decepcionantes. Ela não ligava para as reuniões da Sociedade Literária para Mulheres, porque eram muito esotéricas. Em vez disso, ela assinava o prático e o idealista *Women's Suffrage Journal (Jornal do Sufrágio da Mulher),* ao lado de sua revista favorita, *The Athenæum (O Ateneu),* e admirava muito as mulheres que estavam progredindo.

Sinceramente, porém, Beatrice estava igualmente impressionada com as realizações dos homens e bastante insegura do que ela alcançaria se pudesse votar em coisas nas quais ela normalmente não tinha interesse. Quanto a si mesma, ela se questionou se uma vida fazendo melado de caramelo era suficiente e ocasionalmente sofria de *marasmo,* como seu pai chamava-lhe se a pegasse se lamentando em casa.

Junto com Amity, ela recusou uma festa oficial de debutante em sua casa na Baker Street, embora também soubesse que nunca poderia ser apresentada no palácio antes da rainha. Isso não era para gente como a filha de um lojista.

Assim, ela evitou um guarda-roupa de vestidos de baile inúteis por mais livros próprios e a chance de viajar com sua família para o continente. Eles já tinham feito isso três vezes.

A campainha tilintou acima da porta quando a chaleira de cobre começou a ferver, e Beatrice ficou muito feliz por não ter que atender os clientes. Derramando água sobre as folhas soltas no repulsivo fundo, mas eficiente bule de chá marrom Betty, ela considerou sua próxima bandeja de caramelo. Ela iria adicionar sultanas para desfrutar da textura adicionada.

— Beatrice, — veio a voz de sua irmã, convocando-a. Ajustando o agasalho de malha no bule, ela abriu a cortina de veludo e saiu da frente.

— Este cavalheiro deseja falar com você, — Charlotte disse.

Para a surpresa de Beatrice, era o americano. Estranhamente, seu ânimo melhorou. Ele era um remédio tão bom para o tédio quanto qualquer outro.

— O PLANO CARAMELO ERA O MELHOR. — Greer decidiu contar à srta. Rare-Foure imediatamente. — Sem nozes, acrescentou ele, no caso de ela ter esquecido. Embora, pela expressão em seu rosto, ela se lembrasse do encontro deles muito bem.

— Obrigada, — ela respondeu, e ele pensou que seria doloroso ser legal, já que seu tom claramente não combinava com suas palavras.

— Encontrei sabores variados de doces cozidos exatamente onde você disse que estariam, ao longo da Oxford Street.

A boca dela se formou em uma linha fina e ele lamentou ter mencionado isso.

— Por que você os despreza tanto? — Greer não pode deixar de perguntar.

As irmãs - pois pela aparência eram obviamente parentes - viraram-se uma para a outra e trocaram um olhar.

Então a criadora do caramelo disse:

— Eles precisam de muito pouca habilidade para produzir, exceto para cuidar de não queimar o açúcar. E muitas coisas desagradáveis podem ser colocadas neles para torná-los coloridos e nada menos que para as *crianças.* — Ela enfatizou a palavra de forma a deixá-lo saber que ela desaprovava que adultos comessem doces duros.

Greer considerou a sacola de doces de cores vivas que residia em seu bolso.

— Como que tipo de coisas desagradáveis exatamente?

— Ha! — Ela exclamou. — Você é da América e provavelmente nunca ouviu falar do envenenamento por farsa de Bradford de mais de duzentas pessoas. Vinte morreram por comer doces contendo arsênico de uma barraca de mercado em Bradford, Yorkshire.

Ele engoliu o nó na garganta, pensando nos doces cozidos que comera desde o dia anterior.

— Certamente isso foi um engano.

— Alguém ficou ganancioso e não quis pagar pelo açúcar puro, ressaltou a irmã. — Ao contrário da Srta. Rare-Foure de olhos azuis, ela tinha olhos castanhos quentes e cabelos castanhos mais escuros. Além disso, ela parecia... amigável - uma diferença distinta! — Pode acontecer de novo, acrescentou ela.

— Poderia, — concordou a outra irmã — Adicionar ingredientes baratos, ou 'maluco', como é chamado, costuma ser pó de gesso ou calcário inofensivo. Terrível de colocar na comida, mas não mortal, até que algum idiota usou arsênico por engano. Eles costumavam colocar coisas no cacau, — ela acrescentou, olhando para os chocolates nas prateleiras da vitrine, — antes de descobrirem a melhor maneira de refiná-los. Embora, como geralmente era amido para absorver a manteiga de cacau em uma xícara de chocolate quente, isso não te matou.

— Gostaria de provar algo, senhor? — Perguntou a irmã amigável, que parecia perceber que talvez não fosse a melhor ideia mencionar envenenamento e morte a um cliente enquanto tentava vender doces.

No entanto, a rabugenta Srta. Rare-Foure continuou destemida.

— Só depois que eles aboliram o imposto sobre o açúcar alguns anos atrás é que você pode ter quase certeza de que açúcar é o que você ganha em qualquer coisa. Ela assentiu com suas próprias palavras. — Mas você ainda precisa se

preocupar com doces cozidos feitos com chumbo, mercúrio, giz e cobre para as cores vermelha, amarela, branca e verde.

Greer não tinha muita certeza sobre os riscos à saúde, mas tinha a sensação de que ele não queria comer cobre ou qualquer uma das outras coisas que ela mencionou. Ele enfiou a mão no bolso e tirou o saco de papel marrom comum, parecendo extremamente surrado em comparação com as sacolas brancas alvejadas que a Rare Confeitaria usava.

— Acho que vou jogar isso no lixo, — admitiu.

Por alguma razão, isso fez com que a Srta. Rare-Foure começasse a rir. *Para ele!* Ela riu até bufar. Sua irmã, notando seu desconforto, não se juntou a ele, mas simplesmente olhou para a irmã com uma desaprovação silenciosa.

Depois de um momento, ela disse:

— Beatrice geralmente fica atrás, como se desculpando.

Beatrice? Beatrice Rare-Foure, um nome bonito para uma mulher bonita. Ela provavelmente poderia se safar com sua língua áspera e comentários rudes e até mesmo rindo dos clientes, por causa de suas maçãs do rosto salientes, olhos azuis brilhantes e lábios generosos.

A mencionada Beatrice finalmente conseguiu controlar seu humor exuberante e perguntou a ele:

— Você já voltou para comprar mais caramelo? Se for assim, minha irmã vai te ajudar.

Com isso, ela girou nos calcanhares e começou a sair. Ele lançou um olhar para sua irmã, que lhe deu um pequeno encolher de ombros junto com um sorriso agradável.

— Eu vou, — ela disse. — Ajudar você, quero dizer.

Greer concordou com a cabeça. Infelizmente, ele se sentiu impelido a cutucar a serpente, compelido a falar mais com a Beatrice de língua afiada. Afinal, foi por isso que ele voltou.

— Senhorita Rare-Foure, — disse ele às costas, mas ela não se virou, aparentemente pensando que ele estava se dirigindo à irmã.

— Você, — Greer tentou novamente, — aquela que faz caramelo.

Com isso, ela se virou para encará-lo enquanto sua irmã murmurava algo que poderia ter sido um aviso. Voltando ao balcão, a formidável jovem se inclinou sobre ele, olhando para ele com um olhar direto.

— Estou trabalhando, — disse ela, enfatizando cada palavra nitidamente. — O que exatamente você deseja? — Suas palavras terminaram em um longo silvo de aborrecimento. *Serpente, de fato!*

— Eu esperava que pudéssemos ter uma conversa, talvez durante uma xícara de chá, se essa for sua bebida de escolha.

Sua irmã engasgou. Ao mesmo tempo, a fabricante de caramelo recuou, seus olhos se arregalaram e sua boca abriu e fechou. Finalmente, a Srta. Rare-Foure olhou para a irmã

como se pedisse sua opinião. Nenhuma das duas falaram, então ela se voltou para ele.

— Eu sei que você é de outro país, então devo lhe perguntar o seguinte: *você* entende que sou filha de um lojista honesto?

Greer se perguntou aonde ela queria chegar.

— Sim, claro, *e* você faz um caramelo delicioso. É muito superior ao que comi em casa.

Ela acenou com a cabeça, seus olhos estreitando ligeiramente.

— Você também entende que eu não forneço nenhum outro serviço?

Sua irmã engasgou pela segunda vez em menos de um minuto.

Greer considerou suas palavras. *Outros serviços? O que na Terra...!*

— Estou perguntando, — continuou a jovem, — porque primeiro você tentou me dar uma libra.

— O quê? — Exclamou a outra Srta. Rare-Foure, e então ela piscou seus grandes olhos castanhos para ele com interesse.

— E porque agora você parece achar apropriado me pedir para ficar a sós com você. Conversar. Durante o chá.

A maneira como ela disse as palavras quase as fez soar lascivas. Greer não se conteve. Ele começou a rir. Então ele deu um tapa no balcão, bem onde ela tinha dado um tapa no

dia anterior sobre a moeda infernal. Então ele se dobrou e continuou a rir. Se ela soubesse o quão longe estava do alvo!

As duas mulheres ficaram em silêncio, pois ele teve seu próprio acesso de bom humor. Era bom rir tanto. Obviamente, ele e a fabricante de caramelo sabiam divertir um ao outro. A ideia de que seria tão atrevido a ponto de fazer uma proposta lasciva durante o chá o fez cócegas. Se ele fosse fazer qualquer tipo de oferta desagradável a uma mulher, seria por causa de uma taça de vinho!

Estranhamente, embora ele estivesse em Londres apenas alguns dias, esta era a segunda vez que alguém assumia que seus pensamentos eram impróprios. Um taxista disse a ele onde encontrar uma prostituta, se precisasse, e tudo o que ele queria saber era aonde conseguir uma boa refeição.

O que havia com esses londrinos? Era porque ele era americano e eles o consideravam incivilizado?

Quando se endireitou, percebeu que o rosto da Srta. Rare-Foure tinha ficado vermelho, talvez de vergonha. Ele provavelmente cometeu todos os tipos de ofensas ao rir dela e de sua suposição ultrajante.

— Não que eu ache que você não vale a pena... *conversar* com... durante o chá, — ele disse desajeitadamente, enquanto sua leviandade se transformava em desgosto. — Você é bonita e tenho certeza de que qualquer homem teria sorte de... de... conversar com você. No entanto, não estou interessado em você dessa forma.

A mortificação dela parecia estar crescendo junto com a dele e ele olhou para sua irmã em busca de ajuda, mas ela simplesmente sorriu e encolheu os ombros. Então a campainha atrás dele tilintou suavemente e ele se virou para ver três mulheres bem vestidas entrando com um cavalheiro, fazendo a loja encolher de tamanho.

A simpática irmã afastou-se do cenário de humilhação para ajudar os clientes e quando ele se voltou, viu apenas o farfalhar da cortina azul.

O que agora? Droga! Ele endireitou os ombros. Ele era Greer Carson, filho de uma empobrecida herdeira do petróleo e um herói de guerra morto. Ele consertaria isso, mesmo que tivesse que quebrar mais algumas regras. Deslizando entre os balcões, ele abriu a cortina de veludo e caminhou para o desconhecido.

Não era um quarto escuro e decadente dos fundos como ele temia. Uma janela para o beco atrás da fileira de lojas trazia o sol, brilhando a luz do dia sobre um fogão de ferro fundido com balcões de cobre de cada lado, uma bancada de mármore, panelas brilhantes, uma caixa de refrigeração sofisticada, prateleiras do que ele supôs serem doces, suprimentos e uma fabricante de caramelo extremamente irritada olhando para um pote de algo preto e fumegante.

— Senhorita Rare-Foure, — ele começou.

— Fora, — ela ordenou, apontando de volta para o caminho que ele tinha vindo, antes de agarrar uma grande tampa de metal e bater no topo da bagunça borbulhante.

Então ela pegou um pano grosso e o usou para agarrar a alça da panela.

— Permita-me, — disse ele, não pensando ser certo ficar de braços cruzados enquanto ela cuidava desse desastre na cozinha sozinha.

Ela começou a protestar, mas esta jovem não iria pegar uma panela pesada e fumegante enquanto ele estivesse lá. Empurrando-a praticamente de lado, ele perguntou:

— Onde você quer que eu coloque?

Ela hesitou, e Greer pensou que ela poderia hesitar mais uma vez, e o cabo estava começando a esquentar através do pano.

— Coloque-o na laje ali. — Beatrice apontou para a parede oposta entre a janela e uma porta estreita, onde as pedras indicavam uma lareira que não existia mais.

Depois de pousá-lo, ele se levantou e virou.

— Por favor, se eu pudesse explicar...

— Fora, — ela repetiu como antes. — E quando eu contar até três, se você não tiver saído não só desta sala, mas também da loja, então serei forçada a sinalizar para um membro da polícia metropolitana.

— Eu ouvi falar de seus policiais. Eu gostaria muito de ver um em ação.

— Você pode muito em breve realizar seu desejo. Um, — ela disse, batendo o pé.

Ele olhou para baixo para ver que tipo de calçado ela usava. Seu tio sempre disse que você poderia dizer muito sobre um homem pela escolha de calçados. Greer não tinha certeza se isso também se aplicava às mulheres. O melhor que ele sabia era que a Srta. Rare-Foure usava botas curtas de couro liso, tingido de cinza. Embora, eles possam ser sapatos. Ele não sabia dizer.

— O que você está olhando? — Ela exigiu.

— Seus pés, — ele explicou. — Se eu pudesse apenas ver seu tornozelo...

— Dois, — ela disse em um tom severo com as mãos nos quadris.

— Não importa. Mesmo se eu soubesse se você usava sapatos ou botas, não sei o que isso diria sobre você. Eu acho que botas são mais o calçado de uma mulher que faz as coisas e tem que ficar de pé grande parte do dia. Suponho que sapatos normais também podem fazer isso, mas não aqueles chinelos chiques que vi na vitrine da rua. Eles parecem finos como papel.

— São para dançar, — disse-lhe a moça — não para usar na rua. Certamente, você foi a um baile e os viu sendo usados. Então ela balançou a cabeça. — Você realmente não sabe como é impróprio tentar ver os tornozelos de uma mulher? Vocês são tão incivilizados na América?

— Tive uma ideia, — confessou Greer. — Não que eu tenha passado muito tempo indo a bailes. Na verdade,

nenhum. Nem, francamente, estou muito na companhia de mulheres elegantes.

— Por quê? O que você tem? — Ela perguntou a ele em sua maneira rude.

Capítulo Três

— Não há nada de errado comigo, — afirmou o americano.

Beatrice supôs que o homem poderia estar dizendo a verdade. Afinal, ela e suas irmãs tinham ido a muito poucos bailes por opção.

— Bem, — ela meditou, — você parece um pouco estranho e mal-educado. Achei que talvez fosse essa a razão pela qual a sociedade educada de Nova York manteve você fora de seus salões de baile.

Ela ficou satisfeita ao vê-lo fazer uma pausa e apertar a mandíbula. Então, ele balançou a sua cabeça.

— *Você* está *me* chamando de mal-educado? — E ele riu de novo, o que a irritou.

— Você não tem permissão para voltar aqui. — Ela estava prestes a gritar a palavra *três* quando percebeu que queria saber seu propósito. — O que você quer mesmo?

Ele sorriu.

— Podemos primeiro trocar nomes?

— Você já conhece o meu, — ela o lembrou. — Você pode me chamar de senhorita Rare-Foure. Você pode chamar minha irmã mais nova de Srta. Charlotte. Isto é, se você tiver alguma necessidade de se dirigir a qualquer uma de nós novamente.

— Você se importaria de saber meu nome? — Ele perguntou francamente, inclinando seu rosto bonito ligeiramente.

— Não particularmente. Não posso imaginar que o verei novamente quando você sair da loja.

— E se eu voltar ou se você passar por mim na rua?

Em sua mente, Beatrice pensaria nele como *o americano.*

— Uma saudação educada é um aceno de cabeça. Eu dificilmente gritaria seu nome como forma de saudação. No entanto, se isso te deixa feliz, você pode me dizer seu nome. Porque agora, ela estava terrivelmente curiosa.

Ele estendeu a mão.

— Eu sou Greer Carson.

Ele não estava usando luvas por algum motivo incrível e, naturalmente, já que ela estava trabalhando, ela também não. No entanto, não havia nada a fazer a não ser pegar sua mão estendida.

Ele balançou o braço dela para cima e para baixo algumas vezes de uma maneira amigável, um tanto exuberante, Beatrice sentiu-se totalmente desnecessário, já que estavam parados ali falando um com o outro.

— Prazer em conhecê-la, Srta. Rare-Foure.

Ela sabia que deveria retribuir o sentimento estranho, mas era quase tão falso quanto a declaração insistente do escalão superior de estar *encantado* um com o outro sempre que se encontravam.

Quando ele soltou sua mão, ela disse:

— Fomos devidamente apresentados agora, Sr. Carson. Declare o que você quer e depois deve sair. Obviamente, tenho outra bandeja de caramelo para fazer.

— Estou procurando uma senhora com título para ser minha esposa.

Ela não pode evitar a risada que escapou dela, nem o rubor de irritação com a superficialidade que suas palavras invocaram.

— Bem, você não vai encontrar uma aqui na Rare Confeitaria. Embora às vezes funcione ao contrário.

Ele olhou para ela, mas ela não explicou. Não era da sua conta saber como um duque apareceu e se casou com sua irmã mais velha.

O Sr. Carson enfiou as mãos nos bolsos, parecendo relaxado.

— Você provavelmente conhece todo mundo que é alguém em Londres, — ele insistiu.

Beatrice balançou a cabeça. O homem estava louco.

— Porque você pensaria isso?

— Os aristocratas vêm aqui, não é? Eu vi aquelas duas senhoras outro dia, aquelas que você expulsou com seu jeito *cortês de* vendedora. — Ele tossiu como se estivesse rindo dela. — Esta é a melhor confeitaria de Mayfair. Outro lojista me disse isso. E esta é a rua comercial mais exclusiva. Onde mais a classe alta iria comprar seus doces?

— Verdade, mas a nobreza geralmente envia seus servos. E quando eles chegam, não sou muito legal com eles, porque eles não são muito legais comigo. Ou para qualquer pessoa.

— Essas duas senhoras pareciam bastante agradáveis, — disse ele.

Beatrice ergueu as mãos. Ele não entendia como a nobreza podia ser desdenhosa, como alguns nem mesmo falavam com ela, mas insistiam que ela e suas irmãs falassem com seus servos. Era irritante, e ela, por exemplo, resistiu a tal grosseria.

— Sr. Carson, mesmo se eu soubesse como fazer você entrar na companhia da nobreza, você ficaria desapontado. Mulheres com títulos querem homens com títulos - ou, pelo menos, extraordinariamente ricos. Eu não suponho que você seja um desses.

— Eu sou, na verdade. — Ele afirmou isso claramente, sem se gabar ou levantar o queixo.

Ela deveria ter sabido. Ele era provavelmente o equivalente a uma rica herdeira americana, exceto por ser um homem bastante atraente e diabólico.

— Daí o lançamento inapropriado de suas moedas de ouro?

— Precisamente, — ele concordou.

— Então você provavelmente está destinado ao sucesso. Tenho certeza de que há um grande número de jovens nobres cujos pais não têm tanto quanto poderiam desejar, não o

suficiente para dotes maciços e, portanto, suas perspectivas são prejudicadas. É muito caro manter uma casa em Londres, bem como administrar uma casa de campo.

— Pretendo fazer as duas coisas, — disse Carson com segurança.

Beatrice considerou o homem sério ante ela.

— Então, você saiu do navio há alguns dias com um objetivo em mente: se casar com uma senhora inglesa?

— Ou escocesa, — acrescentou.

— Posso perguntar por quê? — Ela ficou quase surpresa consigo mesma por ter perguntado, mas não podia negar que sentiu um leve interesse. — Presumo que seja pela novidade de levar uma para casa em Nova York, como ir para a África e voltar com um tigre.

Ele sorriu, e isso o deixou ainda mais bonito.

— Não exatamente assim, e não pretendo levá-la a lugar nenhum. Pretendo morar aqui na Grã-Bretanha.

— Você ainda não me disse o porquê, — Beatrice persistiu.

— Tive um bisavô peculiar, que era dono de uma propriedade rural perto de Canonbie, na Escócia. Acontece que sou o descendente direto, embora haja um primo que poderia ter reivindicado. Estupidamente, ele cometeu o erro de se casar por amor.

Isso chamou sua atenção. Ela piscou.

— Como isso foi um erro?

— Sua esposa não tem título, e a propriedade só pode ir para um nobre ou uma nobre.

— Isso é um absurdo, — ela exclamou. — O que acontece se nenhum de vocês se casar com uma mulher com título?

Ele encolheu os ombros.

— Não sei, nem importa, já que vou fazer isso. Naturalmente, meu bisavô por parte de pai nunca sonhou que o último de seus filhos morreria sem descendência masculina viva. Era para sempre haver um Barão Carson. No entanto, se eu tiver um título e tal como minha esposa, aparentemente isso irá satisfazer.

— Absurdo, — Beatrice não pode deixar de murmurar de novo.

Ele a ouviu.

— Isso pode ser verdade, e eu posso ter que ir muito alto para minha noz. — Então ele sorriu. — Você vai me ajudar?

— Não posso. — *Como ela não pode?*

— Ou *será* que não quer? Não tenho amigos aqui, Srta. Rare-Foure. Mas talvez possamos fazer um acordo comercial. Talvez eu possa ajudá-la em troca.

— Não vejo como.

— Você não é casada, — disse ele, sabendo que ela era uma senhorita.

O atrevimento do homem, apontando uma coisa dessas!

— Não.

— Noiva? — Ele perguntou.

Ela sentiu suas bochechas esquentarem.

— Teria sido impróprio fazer isso *antes da* minha irmã mais velha. E ela se casou recentemente.

— Você é uma jovem adorável, que está presa nesta loja hora após hora, dia após dia. Temos grandes bailes na cidade onde jovens da alta sociedade de Nova York podem se mostrar uns aos outros. É chamado de baile de debutante. Você deve ter um em Londres para que as jovens possam conhecer os homens elegíveis.

Beatrice começou a rir.

— Sim, nós temos isso. Na verdade, acredito que nós o inventamos, como acontece desde o século XVII, quando seu país recém-nascido era um deserto. Você já leu Balzac?

— Confesso que não, — disse ele, sem parecer nem um pouco incomodado com sua própria ignorância.

— Há uma passagem que descreve perfeitamente o que acontece aqui. A personagem Madame de la Baudraye diz: “Londres é a capital do comércio e da especulação e o centro do governo. A aristocracia manteve um *cisco* ali por apenas sessenta dias; dá e pega as senhas do dia, examina a culinária legislativa, analisa as meninas para casar, as carruagens a serem vendidas, troca cumprimentos e parte novamente; e está tão longe de ser divertido, que não pode suportar mais do que os poucos dias conhecidos como 'a temporada'”.

A boca do americano estava aberta quando ela terminou.

— Isso é extraordinariamente impressionante. Para citar assim.

Beatrice encolheu os ombros, mas por dentro ficou satisfeita com o elogio.

— Eu leio muito, — ela confessou. — Em qualquer caso, nós o chamamos de *Temporada.* Ocorre, como disse Balzac, para que os homens examinem as mulheres que esperam pegar um marido. Mas ele estava errado sobre sua duração. Em vez de alguns dias, dura meses.

— Perfeito. Devemos ir juntos, — ele ofereceu. — Eu irei acompanhá-la e, assim, por ter um homem aparentemente já à sua disposição, você parecerá ainda mais desejável. Eu sei como funciona a mente de um homem, acredite em mim.

Foi a vez dela parecer surpresa. Ela estava começando a se lembrar de tudo que ouvira sobre americanos ousados.

— Se eu fosse fazer isso, teria feito no ano passado ou no ano anterior. Eu sou muito velha.

— Ridículo! — Sua expressão estava totalmente chocada. — Você não pode ter mais de dezessete, talvez dezoito. — Ele começou a olhar mais de perto para ela, fazendo sua pele formigar.

— Não é educado questionar sobre a idade de uma mulher, mas eu tenho vinte anos, muito velha para qualquer uma dessas bobagens. Além de que ter uma temporada é caro. Já disse aos meus pais que não quero que eles carreguem o fardo.

— Então eu suportarei por nós dois. Quando podemos começar?

Beatrice estava começando a achar que o Sr. Carson era um indivíduo muito determinado ou - e isso era bem possível - um idiota.

— Não é tão simples assim. Eu precisaria de vestidos novos para bailes e jantares. Você precisaria de novos ternos. Temos que comprar ingressos para alguns eventos. Para outros, devemos ter a sorte de receber convites ou conhecer alguém que já foi convidado. E ainda assim, não faria nenhum bem.

— Por que não? — Perguntou ele, parecendo pronto para comprar suas roupas novas imediatamente.

— Porque apenas os jovens Lordes e damas com títulos são apresentados à rainha na corte, bem como as filhas e filhos do clero e oficiais militares. Além disso, filhos de médicos e advogados, creio eu. Mas definitivamente não filhas de comerciantes, nem filhos de Nova York, nem mesmo aqueles com bisavôs escoceses que eram barões.

Ele não parecia impressionado com este impedimento.

— Então não iremos a corte. Não podemos assistir à temporada sem fazer isso?

— Não participaríamos dos mesmos eventos que aqueles que se apresentaram oficialmente perante a rainha e são, portanto, considerados aceitáveis para estar no mercado de casamento na sociedade educada. Em outras palavras, você

estaria com pessoas como eu e não com as damas nobres que deseja.

Beatrice não conseguia acreditar que ainda estava falando sobre isso, mas ele a intrigou. Ajudá-lo tinha algo a ver com um acréscimo acima do seu tempo livre com a leitura. Além do mais, na verdade, como dissera às irmãs, gostaria de ter um marido, tanto quanto os próprios filhos. Ela não era uma revolucionária que queria jogar a ordem da sociedade sobre sua cabeça. Se ela tivesse que permanecer uma solteirona, que fosse. Mas se ela não precisasse...

— Por outro lado, minha irmã mais velha é agora uma duquesa, — ela meditou.

Seus olhos se arregalaram com interesse renovado, e então ele sorriu.

— Você está zombando de mim. Puxando minha perna e tirando sarro de mim porque sou americano. Eu nasci à noite, mas não ontem à noite. Até eu sei que um duque não entra em uma loja de doces e se casa com a filha de um lojista.

Beatrice ficaria ofendida se o que ele disse não fosse normalmente a verdade. *Quem pode acreditar?*

— Você está correto, — ela concordou, — Casar com um duque é quase impossível. É como pegar uma estrela cadente em seu pote de picles. E fazer isso quando não é um membro da nobreza é quase impossível.

— E ainda assim sua irmã fez isso. — Seu tom estava devidamente pasmo quando percebeu que ela estava dizendo a verdade. — Como?

— Por um lado, o duque veio até nós em busca do melhor chocolate. Por outro lado, minha irmã é adorável e de temperamento doce. No entanto, visto que ele era o único duque no país na época com menos de quarenta anos e procurando uma esposa, foi uma façanha.

— Posso imaginar que a elite de Londres ainda está falando sobre isso.

— Eles estão. Ou, pelo menos, minha irmã mais nova que lê as páginas da sociedade me diz que sim. — Beatrice considerou o homem diante dela e sua própria situação. — Minha irmã, a duquesa, estará de volta de sua viagem de casamento a qualquer dia. Seu novo status certamente abre novos caminhos para o engajamento social. Embora você e eu ainda não possamos ser apresentados a corte, poderíamos assistir aos eventos dos titulares se o fizermos com minha irmã e seu marido, como seus convidados. Ninguém contestaria um duque e uma duquesa.

O Sr. Carson estava sorrindo de orelha a orelha.

— Eu sabia que vim ao lugar certo. Tive a sensação, Srta. Rare-Foure, de que você e eu seríamos um bom par.

— De fato, — veio a voz de sua mãe. — E quem em chamas azuis você pode ser?

Felicity Rare-Foure havia atravessado a cortina, trazendo consigo água do banheiro com perfume de rosas, e parou ao ver a filha e um homem, isolados na sala dos fundos, conversando sério.

Beatrice não se importava com a fanfarronice da mãe, mas podia parecer bastante formidável se não conhecesse sua natureza razoável, imperturbável, embora um tanto enérgica.

— Mãe, este é o Sr. Carson da América.

Felicity olhou para ele de cima a baixo, depois para a filha, antes de olhar novamente para o americano.

— Você está saudável? — Ela exigiu.

— Sim, senhora.

— Mãe, — Beatrice interrompeu, sabendo onde isso estava indo.

— Hm, e você não é nem noivo nem casado? Sem nenhuma esposa abandonada nos Estados Unidos?

— Mãe! — Beatrice tentou novamente.

— Não Senhora. Vim para a Inglaterra para encontrar uma esposa.

— Entendo. — Felicity olhou pensativa para a filha do meio.

Beatrice revirou os olhos para explicar a situação, mas o Sr. Carson mergulhou.

— Tenho o prazer de conhecê-la, Sra. Rare-Foure, — disse ele, estendendo a mão em sua maneira direta. — Lamento se minha presença aqui for inadequada, mas garanto que *não* vi o tornozelo dela.

Beatrice deu uma risadinha de suas palavras absurdas enquanto sua mãe o olhava longamente. No entanto, Felicity apertou a mão dele antes de se virar para ela.

— Ele é um jovem bonito. Boas maneiras também, exceto por estar a sós com você, o que é certamente inaceitável.

Como se ela tivesse dado motivos para sua mãe se preocupar!

— *E*u estava contando ao Sr. Carson sobre a temporada e...

Felicity olhou para o americano.

— Bem, você pode muito bem se resignar a se casar com minha filha, — ela o advertiu. — Foi o que aconteceu da última vez que um homem entrou na sala dos fundos - onde ele não deveria estar. Provavelmente é inevitável.

— Oh, não, — disse Beatrice, ouvindo o Sr. Carson dizer as mesmas palavras.

— Nós não somos... isto é... — ela parou de falar. Era inútil. Sua mãe descobriria em breve que ela não era elegível para aquele homem em particular.

— O último homem a vir aqui foi um duque, — acrescentou Felicity com prazer, — e agora minha filha mais velha é uma duquesa.

— Eu ouvi sobre isso. E parabéns a ambos, — disse Carson. — Eu mesmo preciso de uma esposa e sua filha concordou em me ajudar.

— Isso é exatamente o que o duque disse, também. Você tem meios para sustentar uma esposa?

— Sim, senhora. E mais.

Beatrice os deixou continuar. Era tudo *bobagem de* qualquer maneira.

— Então, boa sorte para você, Sr. Carson, — concluiu Felicity. — Contanto que você seja gentil e leal, tenho certeza de que será um excelente genro.

— Mas, senhora, receio que não...

— Bom dia para você. Beatrice, ele deve sair da sala dos fundos imediatamente, mesmo que seja seu prometido. E com isso, sua mãe saiu.

Eles se entreolharam. Antes que qualquer um pudesse falar, Felicity reapareceu.

— Você realmente deveria falar com o pai dela em seguida, Sr. Carson. Por que você não vem jantar esta noite? Podemos dizer sete horas? Minha filha vai lhe dar o endereço, se ainda não o fez. — E ela desapareceu novamente.

O silêncio ficou mais denso. Ele ofereceu a ela uma careta de sorriso.

— Isso saiu dos trilhos rapidamente.

— Não se preocupe, Sr. Carson. Vou explicar a ela mais tarde. Em qualquer caso, há pouco que podemos fazer até que minha irmã volte e abra as portas dos privilegiados para nós.

— Podemos preparar nosso traje. Vamos começar esta tarde?

— Estamos realmente fazendo isso? — Beatrice perguntou em voz alta, falando mais para si mesma do que para o estranho à sua frente. Certamente aliviaria o tédio que sentira recentemente, sem mencionar sua insatisfação com uma vida que se estendia diante dela sem nada mais emocionante do que fazer a próxima fornada de melado de caramelo.

Uma temporada em meio à nobreza sem dúvida seria emocionante, mesmo que ela acabasse sem nada mais para mostrar do que pés cansados de dançar. O Sr. Carson estava silenciosamente esperando por sua decisão. Ela mal conhecia o homem, exceto por seu óbvio bom humor, um distinto senso de seriedade e um bolso cheio de moedas. Se ele podia pagar pelo guarda-roupa dela, ele devia ser rico e, portanto, não um charlatão.

Talvez ao vê-la vacilar, ele disse:

— Eu prometo, não estou aqui para acordar cobras.

O que ele estava falando agora? Diante da expressão perplexa dela, ele disse:

— Não vou causar problemas.

Isso ainda estava para ser visto, mas ela se decidiu.

— Posso dar-lhe o nome de um alfaiate respeitável sempre mencionado nos jornais com roupas dos melhores cavalheiros. Obviamente, existem alguns aqui na Bond Street, mas você encontrará a mesma qualidade e um preço melhor na Savile Row.

— E quanto ao seu guarda-roupa?

Quase incapaz de acreditar que estava concordando com isso, ela disse:

— Vou perguntar à minha mãe sobre uma modista e se é tarde demais.

— Saia daí, Sr. Carson, — veio a voz de Felicity naquele momento. — Nenhum noivo respeitável faria uma coisa dessas.

— Noiva! — Ela ouviu Charlotte exclamar, seguido por seu assobio de felicidade ensurdecedor.

— Por favor vá. Assim que ela descobrir que não estamos noivos, minha mãe ficará satisfeita com a minha participação na temporada.

O americano sorriu de novo, e seus olhos azul-acinzentados pareceram se aprofundar em intensidade.

— Então você realmente vai me ajudar?

— Se você está realmente disposto a pagar pelo meu guarda-roupa e se minha irmã considera aceitável nos deixar participar das diversões da nobreza, então sim, por que não?

Greer realmente não esperava que a moça do caramelo concordasse tão facilmente quanto ela concordou. No entanto, descobrir que sua irmã era uma duquesa provou que sua sorte estava segura.

Ele saiu da loja, passando pelo olhar atento da mãe da garota e o olhar curioso de sua irmã, e se dirigiu diretamente para Savile Row e o alfaiate recomendado. No final das contas, o mesmo estabelecimento havia vestido o infame Beau

Brummel em pessoa, e Greer sabia que a srta. Rare-Foure o enviara ao melhor lugar.

Em poucas horas, ele pagou por um novo guarda-roupa esplêndido, com o primeiro terno pronto em uma semana. Ao voltar para seu hotel, o luxuoso Langham em Portland Place, tão satisfeito com as realizações do dia, Greer nem se importou de levar a Srta. Sylvia para um passeio. O gato de sua mãe tentou mordê-lo no elevador no caminho para a vegetação mais próxima, mas ele estava acostumado com isso. Em sua cabana na jornada através do Atlântico, ele se viu objeto de sua ira felina em mais de uma ocasião. Ele supôs que desde sua chegada à Inglaterra, ele havia negligenciado o gato um pouco.

— Pare de se preocupar, — ele ordenou, correndo pela Mortimer Street, e certificando-se de que a coleira e a guia dela estavam seguras, antes de colocá-la na base de uma árvore em Cavendish Square. Estranho pensar que ela era a última conexão com sua falecida mãe e sua vida na América. Seu pensamento seguinte foi como gostaria de apresentar a Srta. Rare-Foure à Srta. Sylvia e esperava que ela gostasse de gatos.

Capítulo Quatro

Beatrice não tinha pensado que iria gostar tanto desta parte da temporada, a parte da preparação exigente. No entanto, seguindo a costureira até o camarim da loja de Madame Solit enquanto sua mãe e o Sr. Carson esperavam por perto, ela se sentiu muito como uma verdadeira debutante - mesmo que, aos vinte, ela estivesse alguns anos acima da idade orvalhada de ser apresentada.

Naturalmente, sua mãe havia insistido em acompanhá-los. Felicity agora entendia a situação e o acordo que Beatrice havia feito, ajudar o americano em troca de uma escolta e um guarda-roupa. Irritantemente, entretanto, sua mãe continuou a especular sobre possíveis sentimentos românticos surgindo.

— Eu diria que é muito gentil da sua parte, Sr. Carson, — Beatrice ouviu a mãe do outro lado da cortina do camarim, — mas acho que é um dinheiro bem gasto com a mulher que inevitavelmente se tornará sua esposa. Se você deseja subir no mundo social, então ter uma noiva bem vestida é uma necessidade.

Revirando os olhos com a persistência da mãe, Beatrice ouviu o Sr. Carson tossir distraidamente. Apesar de explicar para sua mãe e Charlotte, eles concordaram em não contar a ninguém como eles usariam um ao outro para encontrar cônjuges. Embora sua mãe não aprovasse inteiramente o plano

um tanto desagradável, ela estava emocionada por sua filha do meio ter finalmente concordado em ir a uma temporada de bailes, jantares, eventos de barco, concertos e assim por diante. Além disso, sua excitação era contagiante.

— Se não fosse por sua questão de herança, Sr. Carson, eu o aconselharia a não ir atrás de uma dama de título. Não fiquei impressionada com aquelas que conheci.

— Mãe! — Beatrice gritou. — Você não pode basear sua opinião nos poucos encontros que tivemos na loja. Além disso, ela não pensaria nada em empurrar a ela ou Charlotte nos braços de algum jovem Lorde, desde que ele professasse ser rico o suficiente para sustentar uma esposa.

— Essa cor fica linda em você, — disse a costureira, virando Beatrice em direção ao espelho de corpo inteiro para que ela pudesse fechar os pequenos botões forrados de cetim nas costas. — Este vestido era para a esposa de um marquês, mas ela mudou de ideia quando descobriu que sua amante usava exatamente este tom de azul.

Olhando seu reflexo, ela teve que concordar com a mulher. Ela ficava bem de azul. E não era o azul pálido e piegas das debutantes mais jovens. Tinha um pouco de profundidade sem parecer berrante.

— Você está vindo para nos mostrar? — Veio a voz de sua mãe.

O olhar de Beatrice se fixou no espelho com o da costureira.

— Você deveria mostrar ao seu amigo cavalheiro, a mulher insistiu enquanto ela prendia ao longo da costura lateral, pegando o vestido por um centímetro. — Além disso, Madame Solit vai querer vê-lo nele. Ela é uma modista muito boa. Ela nunca vai lhe vender um vestido que não lhe faça justiça no estilo e na cor.

Em outro momento, Beatrice entrou pela cortina. O Sr. Carson levantou-se, uma expressão estranha no rosto. Pode ter sido admiração, e uma onda de autoconsciência estremeceu por ela. Não acostumada a ser o centro das atenções ou elogios, ela se viu olhando para o chão ao invés dos rostos extasiados de sua mãe e Madame Solit.

— Você tem uma filha linda, — disse a modista.

— Na verdade, tenho três, — disse Felicity. — Mas minha Beatrice é única.

Assustada, ela se perguntou o que sua mãe queria dizer com isso, mas não podia perguntar enquanto estivessem em companhia. O Sr. Carson ainda não disse nada, e ela se atreveu, por um breve momento, a fazer contato visual.

Mesmo que ela não o conhecesse, nem devesse valorizar sua opinião, seu olhar caloroso deu-lhe o maior incentivo. Afinal, se um homem achava que ela era atraente, provavelmente outros também o fariam. Possivelmente um marido - com título ou não - estava ao seu alcance. E, ao contrário de Amity, Beatrice não passaria pelo torturante aperto de mão, perguntando-se se poderia continuar a fazer caramelo depois do casamento. Embora gostasse de sua

habilidade na confeitaria, não era sua paixão como era a fabricação de chocolate de sua irmã mais velha. Claro, ela continuaria a fazer caramelo, mas ela não recusaria um homem que amava se houvesse uma escolha a ser feita.

— Esse azul fica bem com ela, não acha, Sr. Carson? — Sua mãe perguntou.

O americano assentiu, aparentemente com a língua presa pela primeira vez, outro bom sinal.

— Por que perguntar a um homem? — Zombou Madame Solit, arrancando pedaços de tecido da mesa baixa. — Sem querer ofender, monsieur, mas se você gosta de uma mulher, ela pode andar aqui de saco e você a achará bonita. Não é mesmo?

— Oh, bem, eu não sei, — ele disse e Beatrice quase riu de seu tom confuso.

— Por outro lado, se ela tivesse saído no tom errado de azul, talvez um verde turquesa com muito tom amarelo, nós mulheres saberíamos imediatamente que não combinava com ela.

Sua mãe acenou com a cabeça e Beatrice pegou o olhar do Sr. Carson enquanto as outras senhoras estavam de costas olhando para os tecidos. Ele revirou os olhos e franziu os lábios em tom de brincadeira, e qualquer tensão estranha entre eles desapareceu.

Beatrice riu, até que sentiu um dos alfinetes da costureira espetá-la na lateral. Ela engasgou e jurou se comportar com mais decoro, pelo menos até ficar longe dos alfinetes.

— Este vestido é obrigatório, — disse a mãe à Madame Solit. — Que outras cores você acha que complementam seu cabelo e olhos castanhos?

— Que tal vermelho? — Perguntou o Sr. Carson inesperadamente.

Sua mãe e Madame Solit engasgaram enquanto a costureira balançava a cabeça. Até a vendedora encarregada de manter suas taças de vinho cheias riu de seu lugar discreto do outro lado da sala.

— Vermelho! — Madame Solit exclamou. — Você deseja que sua adorável senhora seja marcada como uma mulher *fácil*? Depois do casamento, sim, você pode vesti-la com uma tonalidade viva, mas não antes.

Beatrice não se preocupou em corrigir a modista. As mulheres ficaram cegas pela noção de romance. Além disso, sua mãe presumiria que o Sr. Carson tinha um interesse pessoal em sua filha do meio até o momento em que cada um jurasse sua fidelidade a outra pessoa.

— Eu estava pensando em como o cabelo dela ficaria bonito em contraste com o vermelho, — disse ele, parecendo nem um pouco desconcertado e ignorando totalmente a inferência de que se casariam.

— Em qualquer caso, — disse Madame Solit, — eu sei que ela ficaria esplêndida em um rosa escuro, nem muito claro, nem muito pastel. Além disso, um verde frio, não muito vívido, nem muito escuro. — Ela segurou um tecido de cada para Beatrice.

— Sim, — sua mãe concordou. — Ambos.

— Com certeza é o suficiente, — Beatrice protestou, não querendo tirar proveito da generosidade do Sr. Carson, muito ciente de que ele teria, com alguma sorte, uma esposa para vestir em um futuro não muito distante.

— Você deve ter o suficiente para uma temporada inteira, — Felicity insistiu. — Nenhum de vocês podem esperar encontrar um parceiro adequado durante o primeiro baile, pelo amor de Deus, se esse for realmente o seu objetivo.

— Além disso, — disse Madame Solit, — eu tenho algo especial. Tecido de cetim fino, um pouco mais caro que os demais pela raridade da cor. Mas veremos se serve. — Ela estava se movendo pela loja enquanto falava, vasculhando cestas, procurando por baixo de peças de material.

— Ah ha! — Disse ela por fim, apressando-se para colocar um brilho de cobre nos ombros de Beatrice.

— Quão caro? — Beatrice perguntou, olhando para o tecido incomum cuja cor era quente e ardente. Quando ela ergueu os braços para olhar, parecia mudar de laranja dourado para mogno profundo com seus movimentos.

— Gracioso, — disse sua mãe. — É esplêndido.

— Não importa o quanto, — disse Carson, sua voz soando estranhamente grossa.

O olhar de Beatrice se fixou no dele e um arrepio de excitação passou por ela com sua expressão.

— Isso parece algumas abóboras! — Ele exclamou. — A senhorita Rare-Foure deve mandar fazer um vestido com ele, — ele insistiu. — Posso ser apenas um homem ignorante, mas até eu posso ver... — ele parou. Então ele piscou, desviou o olhar dela e esvaziou sua taça de vinho.

— Eu tenho que deixar você agora. Continue. — O Sr. Carson encaminhou-se para a porta. — Já são quatro vestidos, se estou contando corretamente pelas cores que você sugeriu e o que ela está usando atualmente. Ela vai precisar de pelo menos oito, não vai? Talvez dez. Envie a conta para o meu hotel. The Langham. Sr. Greer Carson. — Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Claro, você já sabe de tudo isso. — Ele alcançou a maçaneta da porta. — Vou parar na loja novamente em breve para discutir o que vem a seguir. Ótimo trabalho. Bom dia.

Ele correu para fora, evitando contato visual.

Beatrice observou sua mãe trocar um olhar presunçoso com a costureira. Elas pensaram que ele estava bem e verdadeiramente enlaçado por ela. Ela não queria chocá-las, mencionando como isso era praticamente um negócio. Com a ligação de Beatrice com o duque de Pelham, o Sr. Carson conseguiria sua nobreza e, com a ajuda do americano, ela arranjaria um marido... ou, pelo menos, ela se divertiria tentando por uma temporada.

— Algumas abóboras, — murmurou a modista, balançando a cabeça. — Esses americanos!

GREER NÃO ERA DO TIPO QUE SE deprimia ou se sentia sozinho. Normalmente satisfeito com sua própria companhia, se isso era tudo que ele tinha, nesta terra estrangeira, ele sentiu que estava ficando estranhamente ligado a Srta. Rare-Foure. Ademais, enquanto jantava sozinho no The Cock Tavern na Fleet Street, ele se sentia um pouco solitário. À sua volta, os homens riam alto, conversando, engolindo bebidas, fumando charutos, ocasionalmente gritando para a criada que trouxesse mais batatas assadas, cerveja ou vinho.

No restaurante, ele bebeu cerveja e se lembrou do momento em que a confeiteira saiu do camarim com um vestido azul de seda com renda e fitas. Ela tirou seu fôlego e ele tinha certeza de que nunca tinha visto uma garota mais bonita. E então, quando a costureira segurou o material de cobre cintilante perto do cabelo cor de caramelo da Srta. Rare-Foure, ela parecia uma deusa.

Ele teve que escapar do confinamento da loja de vestidos para recuperar o controle de seus sentidos e não parecer um novato babão ansioso. Ela não queria que um americano rude a arrepiasse com paixão e luxúria mais do que ele queria uma vendedora de classe média. Ele precisava de uma senhora com título, e ela provavelmente queria um inglês refinado e reservado como ela estava acostumada a encontrar.

Mas ela certamente mexeu com seu sangue de várias maneiras desde o dia anterior.

Ele jogou algumas moedas e se dirigiu para a porta quando esbarrou em um homem que se levantou abruptamente de uma mesa.

— Aqui agora! — O homem exclamou. — O que você está tentando fazer?

— Só estou tentando ir embora, — Greer disse a ele, esperando que o questionador não estivesse tão bêbado quanto uma cerca da Virgínia, como seu tio poderia ter dito, cambaleando de um lado para o outro. Ele também não imaginava um bando de cinco balançando em sua direção, caso o resto dos companheiros de bebida do homem decidisse que precisava ungi-lo nos métodos do pugilismo britânico.

— Americano? — Veio o próximo inquérito.

— Sim, — ele respondeu com firmeza. Ou isso lhe renderia rancor ou favor instantâneo, nunca se sabe com esses ingleses.

Pelo tapa forte, mas amigável nas costas, foi o último.

— Vamos tomar um drink e você pode nos contar tudo sobre você, — foi o convite do homem. — Estamos fartos de nossas próprias histórias.

Se Greer não estivesse se sentindo sozinho e indisposto - sem nenhum plano, exceto voltar para seu quarto de hotel, dar um pouco de atenção à Srta. Sylvia e ir para a cama - ele poderia ter dispensado o homem e continuado seu caminho. No entanto, nada o impedia de desfrutar de um pouco de camaradagem local.

Por outro lado, se ele sentisse que eles estavam tentando brincar com ele ou se envolver em alguma trapaça, ele iria embora.

— Parecia que você estava indo embora, — ele apontou para o homem grande que lhe deu o tapa caloroso.

— Nah, só vou urinar.

— Não consegue segurar a cerveja dele, — disse um dos outros.

— Ou suas mulheres, — disse outro, que olhou para Greer por cima de um copo de conhaque em vez de uma cerveja. Este homem com seu cabelo grisalho puxado para trás em uma cauda antiquada tinha uma aparência mais astuta. Todos riram das palavras, até mesmo o homem que agora estava se afastando, erguendo a mão para dar aos amigos uma saudação particularmente rude.

— Sente-se enquanto ele se alivia, — disse outro homem. — Ele vai encontrar um novo quando voltar e não ficará zangado, garanto-lhe.

Greer parou por um segundo, mas com exceção do bebedor de conhaque, todos os outros homens tinham expressões abertas e interessadas.

— Muito bem, — disse ele. — Devemos nos apresentar?

Em poucos minutos, ele sentiu como se conhecesse aqueles sujeitos a vida inteira. John Delorey, o homem com a bexiga pequena, trabalhava com tecidos como o avô escocês de Greer. Ele tinha mulher e dois filhos. O homem que bebeu

conhaque, Randall Molino, era um fornecedor de antiguidades, dono de uma loja a uma distância razoável da Rare Confeitaria ao norte de Hyde Park. Havia também George e Jeremiah, ambos os tipos amigáveis.

— Nos encontramos aqui na maioria das noites de quarta-feira, — disse John no final da noite. — Você é bem-vindo para voltar.

QUANDO GREER ENTROU na confeitaria, dois dias depois, tendo se dado uma pequena trégua da poderosa atração de Beatrice Rare-Foure, sentiu um vigor renovado. Com sorte, eles poderiam discutir o próximo passo em sua entrada conjunta na alta sociedade, e ele tinha que admitir, ele se sentia melhor por fazer isso com a franca fabricante de caramelo ao seu lado. Ela podia não ser a mais experiente das guias, mas ele sabia que ela seria uma companhia confiável enquanto tentavam se insinuar na arena desconhecida da aristocracia britânica.

A Srta. Charlotte estava em seu posto atrás do balcão, moldando algum tipo de massa entre os dedos ágeis.

— No que você está trabalhando aí? — Ele perguntou.

— Marzipan[1], — ela ofereceu com seu sorriso pronto. — De amêndoas moídas. Eu faço todos os doces de marzipan que vendemos. — Ela gesticulou para a prateleira na vitrine com pequenas frutas, flores e formas de animais habilmente feitas. Alguns foram pintados, se essa for a palavra certa, enquanto alguns foram adornados com nozes e sementes.

— Você é uma verdadeira artista. Você já trabalhou com argila?

Suas bochechas ficaram rosadas.

— Gosto de trabalhar com algo que agrada tanto a língua quanto os olhos. Não tenho certeza se ficaria satisfeita com um trabalho que fica parado, juntando poeira. Não quando posso ver o prazer no rosto de um cliente ao comer uma de minhas criações. Você já provou um?

Uma gargalhada veio da sala dos fundos, não a de Beatrice, se ele pudesse dar crédito a seus próprios ouvidos.

— Minha irmã mais velha voltou de sua viagem de casamento, — a Srta. Charlotte disse a ele, antes de pegar uma guloseima em forma de pera e entregá-la a ele. — A tonalidade verde é pistache.

Então, enquanto Greer se perguntava se ele gostaria de comer uma pera cor de pistache feita de pasta de amêndoa, a jovem à sua frente soltou um assobio estridente, que o fez pular ligeiramente e o silêncio descer até a sala dos fundos.

Passos se seguiram um momento depois, e a doceira apareceu com outra mulher, obviamente a outra irmã Rare-Foure por sua coloração de cabelo e semelhança.

— Oh, aí está você, — Beatrice disse.

Greer ficou satisfeito ao ouvir boas-vindas em sua voz, muito diferente dos primeiros encontros, quando ela desejou que ele saísse da loja e nunca mais voltasse. Ele não a via desde que ela apareceu como uma visão de beleza em um

vestido azul na costureira. E ele estava feliz por vê-la em um vestido normal, o que lhe causou uma reação visceral menos forte. Não seria bom permitir que sua beleza incomum e sua natureza espirituosa o atraíssem para uma ligação romântica impossível.

— Amity, — acrescentou ela, — este é o Sr. Carson. Sr. Carson, posso apresentar a Duquesa de Pelham.

A Srta. Charlotte riu das palavras de Beatrice e ele olhou para ela.

— Minhas irmãs e eu ainda estamos nos acostumando com o novo título, — disse a duquesa. — Tenho o prazer de conhecê-lo, Sr. Carson.

Ele estendeu a mão e hesitou.

— Existe uma maneira especial de cumprimentar uma duquesa?

— Claro, — Beatrice disse severamente. — Você deve cair de joelhos imediatamente e colocar a testa no sapato esquerdo dela.

Ele parou por uma fração de segundo, então todos riram.

— Honestamente, Sr. Carson, nos confins da Rare Confeitaria, eu sempre serei a Srta. Rare-Foure, a fabricante de chocolate. Fico feliz em apertar sua mão. — E eles fizeram isso.

— Mais do que isso, tenho o prazer de conhecer alguém que conseguiu convencer minha irmã a participar de uma

temporada. Ela tem me contado sobre seu plano de se infiltrar no nível mais alto da sociedade.

— Com sua ajuda, — ele interrompeu, — se você quiser.

— Não vejo razão para não. E voltando à sua pergunta sobre a saudação, quando você está em uma sala de estar, mesmo de meu marido, rodeada de senhores e senhoras, você deve se dirigir a todos adequadamente ou correr o risco de ostracismo e humilhação. Sei disso por experiência pessoal.

— Então vou precisar de algumas lições. Eu aprendo rápido e tenho uma boa memória.

— De fato, vocês dois precisarão de lições, — disse a duquesa. — Espero que venha à minha casa esta noite para começar. Vou lhe contar o básico do que aprendi durante meu noivado. E também pedirei a ajuda do meu marido.

— O duque é muito bom, — disse a Srta. Charlotte.

— De fato, — a recém-casada duquesa concordou, suas bochechas ficando vermelhas com a discussão sobre seu marido. Em seguida, ela olhou para Greer com um olhar perspicaz. — Ele também já pensou que precisava de uma dama com título para ser sua esposa.

Greer esperava que eles não pensassem menos dele por seu objetivo.

— Estou feliz que você o desiludiu dessa noção, minha senhora.

— Não, não, não, — disse Beatrice. — Esse é o seu primeiro erro. Ela não deve ser tratada como outra coisa senão *Sua Graça* ou *minha senhora duquesa.*

— Você também pode me chamar simplesmente de 'Duquesa'. Por exemplo, se estou de um lado da sala e você quer que eu... não sei... traga uma taça de vinho para você, então você deve dizer: 'Duquesa, você vai trazer uma taça de vinho para mim? '

— Isso é ridículo! — Charlotte exclamou. — Ele nunca pediria que *você* trouxesse uma taça de vinho para ele. Você tem muitos servos agora, não é?

Todos eles riram novamente.

— Sua irmã está certa, duquesa, — Greer concordou. — Temo que se eu gritasse 'Duquesa' e pedisse que você me trouxesse qualquer coisa, seu marido me daria um pisca-pisca em pouco tempo.

Três adoráveis irmãs Rare-Foure o encararam sem compreender.

— Um pisca-pisca, — ele repetiu. — Um olho roxo, sim?

— Oh, meu marido não é do tipo que recorre a brigas. — A campainha da loja tocou e os clientes entraram, fazendo com que a irmã mais nova se afastasse para atendê-los.

— Precisamos voltar a fazer doces, — declarou a duquesa. — Especialmente eu. A loja está terrivelmente sem chocolates. Agora, não se esqueça. Venha para minha casa para jantar,

seguido de aulas. Vocês dois virão juntos? — Ela se virou para Beatrice, que hesitou.

— Vou fazer meu próprio caminho até lá, — insistiu Greer, não querendo que nenhum deles tivesse a ideia errada de que ele a 'escoltou'.

— Muito bem. Sete horas no nº 35 da St. James Place, perto da St. James Street. Bom dia, Sr. Carson.

Com aquela dispensa, que parecia quase como uma duquesa, ela se virou e desapareceu pela cortina de veludo azul.

— Eu preciso voltar a fazer caramelos também, — Beatrice disse, embora ela hesitasse, e ele pensasse que ela tinha algo mais a dizer.

— Estou muito grato por sua ajuda, Srta. Rare-Foure, — disse ele. — Eu ainda estaria vagando pelas ruas...

— Procurando doces cozidos, — acrescentou ela.

— E não chegando mais perto do meu objetivo.

Ela deu a ele um sorriso genuíno, que transformou seu rosto de agradavelmente bonito para totalmente angelical diante de seus olhos.

Cuidado, ele avisou a si mesmo. Eles deveriam ser amigos e nada mais.

— Eu também quero oferecer minha gratidão, — disse ela. — Sempre pareceu uma imposição frívola aos meus pais investir em vestidos de uma temporada, sem falar nos ingressos que devíamos comprar. Você tornou isso possível e,

ao mesmo tempo, me deu uma escolta. Ainda precisaremos de uma acompanhante, provavelmente minha mãe, exceto quando estiver na casa da minha irmã.

De repente, os dedos de Greer coçaram para pegá-la e girá-la, ele se sentiu tão satisfeito.

— Parece que quase nunca saiu desde a primeira vez que vaguei por aqui, e agora, estamos indo para a casa de sua irmã esta noite.

Pela maneira como ela franziu a testa, ele sabia que havia usado um termo que ela não entendia.

— Quero dizer, — acrescentou ele, — vamos continuar como uma equipe, começando hoje à noite.

Sua carranca clareou e ela assentiu.

— Até esta noite, então.

Capítulo Cinco

Beatrice não conseguia acreditar como isso estava acontecendo com facilidade e rapidez, como manteiga derretida no fogão. Ou, como disse o Sr. Carson, — brilhar. — Ela achava que seus pais ou Charlotte também poderiam vir jantar, mas sua mãe tinha uma de suas infames reuniões de jardinagem, durante a qual ela e as outras mulheres bebiam pote após pote de escandalosa água para fofoca disfarçada de xerez. E sua irmã mais nova tinha aulas de pintura com sua amiga Viola e seu irmão, por quem todos suspeitavam que Charlotte tinha interesse.

Assim, seu pai a acompanhou. Ao entrarem na nova casa de granito e tijolo de Amity de quatro andares, Armand Foure jurou que ficaria apenas o tempo suficiente para abraçar sua filha mais velha, apertar a mão de seu genro relativamente novo e conhecer o americano.

Eles apertaram as mãos.

— Você adicionou uma pitada de emoção, Sr. Carson, assim que a última pitada estava passando, — disse o pai de Beatrice jovialmente, referindo-se ao recente casamento ducal.

— Estou satisfeito por ter conhecido todos vocês, — disse Carson. — Vocês são uma ótima família, e sua esposa e filhas são as pessoas mais gentis que conheci em Londres.

— Beatrice? Gentil? — Seu pai disse brincando.

Ela não corou, nem se preocupou em protestar. Era inútil. O Sr. Carson já havia testemunhado sua falta de cordialidade na loja. Ela jurou que se sairia melhor na sociedade.

— Em que hotel você mora? — Perguntou o duque, enquanto sinalizava para que taças de vinho fossem distribuídas entre a pequena reunião.

— The Langham, — afirmou o Sr. Carson.

— Uma escolha excelente, — disse o pai. — Um dos nossos hotéis mais modernos e bem equipados.

— Além de caro, — acrescentou o duque.

— É mesmo? — Perguntou o americano. — Não tenho nada com que possa comparar. O hotel foi recomendado pelo motorista de aluguel que me trouxe da estação de trem.

— Quanto? — Seu pai perguntou.

— Pai! — Amity exclamou.

— O quê? Um homem não pode perguntar? — O Sr. Foure tomou um gole de vinho, parecendo surpreso por estar em suas mãos, já que pretendia ficar apenas alguns minutos. — Nunca vou ficar no Langham, embora não me importe de saborear uma refeição lá. Ouvi dizer que a comida é excelente.

— As refeições são deliciosas, — concordou o Sr. Carson. — E eu não me importo de dizer a você, se eu calculei corretamente, custa quatorze xelins e seis pence.

— Condenação! — Disse o pai dela. — Para uma cama?

— Não, — explicou o Sr. Carson. — Esse é o custo de uma suíte, café da manhã com bebida quente e carnes frias, além de um farto jantar que inclui sopa e um baseado de carne, junto com um vegetal. E eu tenho meu próprio banheiro, ou casa de banho, como vocês chamam.

— Mesmo assim! — O pai de Beatrice disse, esvaziando o copo de espanto com o preço.

— Tenho a comodidade de uma lavanderia a vapor. O porteiro pode obter ingressos para qualquer teatro em Londres e até mesmo para a passagem da ferrovia. Existem tapeçarias persas por toda parte! O porteiro disse que vão colocar luz elétrica em todo o hotel no ano que vem.

— Eles poderão pagar com esses preços, — disse seu pai, balançando a cabeça.

— Gostaria de oferecer a você e sua família uma refeição na sala de jantar principal, a *salle à manger,* como a chamam, — insistiu Carson. — O lugar é algo para ver, eu garanto a você, fileiras de colunas perfeitamente simétricas e lustres cintilantes, lindos panos brancos e as palmas das quais você tanto gosta aqui na Inglaterra, eu percebi. E há uma sala de café com uma grande frente curvada de pelo menos sete janelas enormes.

— Tive o prazer de estar na sala de café, — o duque interrompeu. — Eles servem uma bebida excelente.

O Sr. Carson acenou com a cabeça.

— Espero que isso mostre a extensão da minha gratidão pelo que todos vocês estão fazendo por mim.

Seu pai pareceu encantado e aceitou a oferta. Depois de se recusar a ficar para o jantar, ele os deixou para a noite. Enquanto aguardavam a convocação do cozinheiro, Amity contou histórias sobre sua viagem de casamento, visitando fábricas de chocolate na Inglaterra e na França.

— Quando não comíamos nem bebíamos chocolate, tomávamos café em alguns dos cafés favoritos do meu marido. Como ele mencionou anteriormente, ele teve o prazer de tomar café em quase todos os lugares em que é servido. Você gosta de café, Sr. Carson?

— Sim, minha senhora... — Ele se interrompeu e levantou a mão antes que Beatrice pudesse corrigi-lo. — Quero dizer, sim, Duquesa. Nós gostamos muito de café em Nova York, de onde eu sou. Além disso, viajei muito pelos Estados Unidos e as pessoas bebem quase que exclusivamente, com praticamente ninguém bebendo chá.

— Sem chá? — Amity perguntou.

— Lembre-se, meu amor, — disse o duque, — depois que o chá foi jogado no porto de Boston por causa dos altos impostos, os americanos decidiram que o chá era inglês demais. O café é sua bebida favorita.

— E o chocolate? — Amity perguntou.

Beatrice observou o Sr. Carson balançar a cabeça.

— Não, senhora, quero dizer, Sua Graça. Não tenho visto muitas pessoas bebendo chocolate.

— E você está desistindo de sua casa na América pela Escócia? — Perguntou o duque.

— Não há mais nada para mim nos Estados Unidos, — disse Carson. — Aqui, procuro uma vida nova e um legado antigo. Assim que cheguei, fui diretamente para o sul da Escócia para ver a propriedade. Decidi que deixaria que fosse o fator decisivo se eu tentaria ganhar uma esposa com título ou deixá-lo sair da família.

— Acho que você gostou, — disse Beatrice. — Ou não estaríamos fazendo essa encenação.

Ele voltou seus olhos azul-acinzentados para os dela, e ela quase estremeceu com a intensidade de seu olhar.

— Eu adorei, Srta. Rare-Foure. Era diferente de tudo que eu já tinha visto, talvez porque eu soubesse que meu avô havia nascido lá. Logo depois da fronteira com a Escócia, após a bifurcação onde o rio Esk ramifica como Liddel Water, ele está localizado entre Canonbie e Rowanburn. Chama-se Carsonbank. — Ele riu, talvez constrangido com o nome. — Eu confesso que parte dela está abandonada, mas você pode discernir sua beleza anterior. Foi construído na década de 1720 no estilo neoclássico.

— Há alguém morando lá agora?

— Uma equipe muito pequena paga por um fundo criado por meu bisavô, que morreu trinta anos depois que meu avô se mudou para a América. Seu irmão mais velho, o único herdeiro que permaneceu na Escócia, morreu pouco depois disso. E não tem mais Carsons desde então.

— Você pensaria que eles apreciariam qualquer membro da família que desejasse retornar e renová-lo, — observou o duque.

— Meu bisavô era, segundo todos os relatos, um idiota irascível. Ele era um barão, seu pai era um barão e ele queria um herdeiro nobre morando na casa. Não acho que meu avô pensava que sua emigração para a América causaria tal problema. Se eu não acreditasse que valia a pena salvar a propriedade, eu me afastaria dela. Mas havia uma pintura em uma das salas que se parecia com meu pai, embora eu saiba que não era ele. Isso me lembrou que meu sangue está nessas paredes e naquela terra, algo que nunca senti em Nova York.

— Dá lucro ou fica mais endividado a cada ano? — Perguntou o duque, com a praticidade de um fazendeiro.

— Não pude acreditar, mas dá lucro, com os aluguéis da propriedade e com as ovelhas que ainda estão sendo cuidadas e uma quantidade enorme de lã vendida para engenhos. Mas não houve ninguém para colocar a receita de volta na casa principal, nem mesmo para consertar o teto. É tudo em uma confiança, à espera de um Carson vir e assumir.

— O jantar está pronto, Sua Graça, disse um lacaio que havia entrado em silêncio.

Beatrice olhou para Amity, incapaz de conter o sorriso, e sabia que elas estavam pensando a mesma coisa. Quão diferente foi o anúncio do jantar atual de sua irmã daquele em sua casa na Baker Street! Às vezes, o pai gritava com as meninas, às vezes Charlotte era convocada por ele para usar a

terrível habilidade que ele lhe ensinara, convocando suas irmãs com um assobio. Na falta de qualquer um deles, se seu mordomo indolente, o Sr. Finley, não se importasse em encontrá-las, elas poderiam perder o início do jantar.

Amity deu de ombros, parecendo tão doce que Beatrice sentiu seu coração apertar de felicidade pela sorte da irmã. E então seu pequeno grupo foi para a magnífica sala de jantar, ainda decorada como a duquesa viúva de Pelham a deixara antes de se mudar recentemente, dando privacidade aos recém-casados. O papel de parede era do verde brilhante de uma libélula, com detalhes em ouro. Beatrice se perguntou se sua irmã deixaria continuar assim. Parecia um pouco do século passado e espalhafatoso, não que ela fosse dizer alguma coisa.

Durante o jantar, o Sr. Carson contou-lhes histórias sobre andar nos trilhos, como ele chamou.

— Fui enviado pelo único irmão de minha mãe para aprender o negócio de ferrovias observando o ashcat, o lançador de insetos ou o Cérebro, também conhecido como o condutor. Eu me tornei um pobre diabo ferroviário, fazendo qualquer trabalho temporário necessário, e pude ver muitas das cidades que pontilham o oeste americano.

Beatrice entendeu pouco do que ele estava dizendo e pensou, pela maneira como sua irmã e seu novo cunhado assentiram educadamente, o mesmo se aplicava a eles.

— Sua mãe e seu pai não se importam que você aceite uma noiva inglesa? — Beatrice perguntou, tendo estado curiosa por dias sobre seus pais.

Ele olhou para ela e encolheu os ombros.

— Ambos estão falecidos. Minha mãe morreu há dois meses e, portanto, aqui estou, tendo percebido, por meio de documentos que vieram à tona após sua morte, como eu poderia me beneficiar com o instituto do casamento. Meu pai morreu na Guerra da Rebelião, nossa Guerra Civil, se você quiser, durante os meses finais dela, no início de 1865. Eu era jovem e tinha esperança de que, quando os homens voltassem para casa, ele também voltaria. Mas então recebemos a notícia de sua morte.

Se Beatrice o conhecesse melhor, poderia jurar que ouviu uma nota de amargura, mas pode estar enganada. É estranho pensar que seu pai, um americano de primeira geração, lutou e morreu por aquele país, mas Carson disse que se sentiu em casa na Escócia. Por sua vez, ela não conseguia se imaginar indo para um novo país e recomeçando, mas então, ela tinha seus pais e suas irmãs. O americano não tinha ninguém e ela estava mais determinada do que nunca a ajudá-lo.

Depois de oferecer condolências, o duque perguntou sobre a devastação de perder uma geração de jovens, até mesmo se perguntando se vinte anos depois, a América estava com falta de trabalho. O Sr. Carson ficou pensativo.

— Em muitas famílias, era decidido quantos irmãos enviar para a batalha. Os pais de minha mãe enriqueceram

com o petróleo da Pensilvânia e tiveram apenas um filho. Portanto, meu tio não teve que ir para a guerra, embora pagasse bem pelos uniformes e manutenção de três homens que foram em seu lugar. No final das contas, a família de minha mãe teve que se mudar para o norte, para Nova York, quando o Exército Confederado ocupou sua cidade de York. Eles perderam tudo. Quanto ao meu pai, como filho único com esposa e filho pequeno, sem falar que se casou rico, ele provavelmente também poderia ter comprado uma saída da guerra. No entanto, ele escolheu ir.

Mais uma vez, Beatrice pensou ter ouvido um tom de desaprovação pelas ações do pai. Talvez o jovem que ele era na época, pouco mais que um menino, não pudesse conceber um pai escolhendo a guerra em vez de sua família, se fosse possível evitar.

— Ele deve ter sido muito corajoso, — ela ofereceu. — E sua mãe deve ter ficado orgulhosa.

O Sr. Carson voltou seu olhar para ela novamente.

— Sim, ela deve ter ficado orgulhosa, — ele concordou em voz baixa. Após uma breve hesitação, ele sorriu. — Diga-me, qual é o primeiro passo para entrar na grande temporada social de Londres?

Ela percebeu que ele não queria mais falar sobre sua vida pessoal. Beatrice olhou para Amity.

— Acho que devemos perguntar a você.

Por sua vez, Amity olhou para o marido.

— Vamos começar com um baile aqui ou acompanhá-los a um evento em outro lugar?

O duque sorriu.

— Você soa como se estivesse com medo, meu amor.

Beatrice sabia como a irmã se sentia, como um peixe fora d'água. Nenhum deles poderia ter imaginado que estariam sentados em uma grande casa com Amity como esposa. E sua irmã não tinha mais ideia do que fazer do que ela.

— Não temendo exatamente, — disse Amity. — Estou feliz por ter você ao meu lado e por Beatrice ter o Sr. Carson. Não sei como essas jovens debutantes lidam com isso sozinhas.

Com uma expressão de solenidade, o duque disse:

— Essas debutantes foram ensinadas e treinadas com toda a dedicação e eficiência dos melhores militares de Sua Majestade. Elas são preparadas e preparadas cada centímetro de suas vidas, e o fracasso não é uma opção. Suas mães geralmente ficam um fio de cabelo atrás, empurrando-as para os braços de cada homem elegível. Elas devem deslumbrar enquanto dança, charme durante a conversa, e nunca, *nunca* ser encontradas tanto maçantes ou - muito pior - *incomuns.* Acima de tudo, elas devem firmar um compromisso com o casamento antes de permitir que o cavalheiro toque seus lábios nos dela.

Ele bebeu seu vinho enquanto Beatrice e os outros permaneceram em silêncio, olhando para ele, a fonte de todo o conhecimento aristocrático, bem como todas as coisas relacionadas com as peculiaridades da temporada de Londres.

Então o duque olhou para o Sr. Carson.

— Quanto aos homens, eles devem se gabar, dançar e flanquear todos os outros homens na sala. Ao mesmo tempo, eles devem apelar para a debutante de uma forma um tanto perversa e arrogante, embora pareçam tão pouco ameaçadores quanto um chinelo velho e seguro para a mãe. Cada mulher está tentando superar sua competição, e cada homem está tentando ser o rei da temporada. É uma guerra total, eu lhe digo.

Beatrice piscou para a irmã, e até o Sr. Carson pareceu perturbado com essa descrição.

Então o duque abriu um sorriso, com covinhas e tudo. Ele se recostou, fechou os olhos e riu. Ele riu tanto que Beatrice pensou que sua cadeira poderia tombar para trás.

No início, nenhum deles se juntou, apenas observando-o. Lentamente, porém, eles começaram a liberar a tensão palpável que suas palavras alarmantes haviam gerado.

Quando o marido abriu os olhos e olhou para os convidados, Amity perguntou:

— Então você estava falando de brincadeira, Henry?

Ele balançou sua cabeça.

— Oh, não, é tudo verdade. Absolutamente! Estou apenas aliviado - emocionado, na verdade! – em não ter mais um interesse fervoroso por nada disso. Eu capturei meu prêmio. — Ele olhou para Amity e seus olhares se encontraram. — Eu posso dançar com minha adorável esposa e não ter que

participar das maquinações, exceto quando eu quiser. É uma bênção, na verdade, e vou me divertir imensamente.

Beatrice esperou, mas ele continuou olhando para a irmã como se ninguém mais estivesse ali. Depois de um momento, ela bateu em sua taça de vinho com o garfo para quebrar o feitiço e recuperar a atenção do duque. Ele virou a cabeça lentamente, e então seus olhos se focaram novamente nela. Ele sorriu.

— É tudo verdade? — Beatrice repetiu. — Não vamos simplesmente dançar e beber champanhe? O Sr. Carson e eu temos que participar dessa guerra ridícula entre os sexos?

— E enfrentar as mães? — O americano acrescentou, parecendo um pouco abalado.

O duque encolheu os ombros, e Amity, com aqueles ricos olhos castanhos que haviam pulado Beatrice e ido para Charlotte, olhou com pena para os dois.

— E não mencione a Escócia, — acrescentou o duque, falando novamente ao Sr. Carson, — ou as mães das jovens vão pensar que você está tentando fazer com que suas filhas atravessem a fronteira para um casamento rápido e não autorizado.

O Sr. Carson acenou com a cabeça a este conselho, depois olhou para Beatrice.

— Não se preocupe, Srta. Rare-Foure. Duvido que possa ser tão assustador quanto entrar em um *saloon* em Spring City que acabou de ficar sem uísque.

Ela assentiu. Isso soou como uma dura realidade.

— Ou tão esmagador quanto ouvir uma senhora de nariz curvo que ela não se digna a falar com as vendedoras, e que devo falar apenas com sua criada.

— Ultrajante, — o americano concordou, o que ela apreciou enormemente. Foi uma situação surpreendente, não a primeira, mas a pior, e ela respondeu com uma réplica particularmente desagradável. Outro cliente foi perdido naquele dia.

— Bea, posso ver para onde estão indo seus pensamentos, — disse Amity, — mas lembre-se, você será uma convidada, irmã de uma duquesa e cunhada de um duque e, portanto, completamente aceita, não uma vendedora disfarçada de debutante.

Aceita talvez, mas ainda uma vendedora e definitivamente não uma debutante!

— Qual é a classificação para uma mulher *depois que* ela não é mais uma debutante? — Ela perguntou.

O duque bateu na mesa com os nós dos dedos.

— Solteirona, encalhada, bruxa.

— Henry! — Amity repreendeu, mas o Sr. Carson riu, irritando Beatrice.

— E ela permanece na prateleira, — continuou o duque sem piedade, — provavelmente porque ela é uma megera, uma harpia, uma...

— Henry! — Amity exclamou novamente, olhando para seu marido.

— Uma megera! — O duque terminou e riu de novo. — Venha, meu amor, sua irmã sabe que desta vez estou falando de brincadeira. Ela é mais jovem do que você, e você sabe que não acho que você seja nenhuma dessas coisas, apesar de estar na prateleira por mais tempo do que ela.

Beatrice decidiu que seria melhor começarem as aulas antes que essa linha de conversa abrisse caminho entre os felizes recém-casados.

— O que devemos fazer primeiro para nos prepararmos para este empreendimento delicioso?

Capítulo Seis

Depois do jantar, Greer seguiu seus anfitriões e a Senhorita Rare-Foure - *Beatrice,* como ele já pensava nela - em um salão de baile. *Droga!* Os Pelhams tinham um salão de baile em sua casa. Um tamanho decente também, embora ele supusesse que qualquer tamanho de salão de baile era impressionante o suficiente.

— Agora, — disse o duque, — vamos ver suas habilidades de dança.

— E a música? — Beatrice perguntou de onde ela se sentou perto da porta dupla, vestindo chinelos de dança junto com sua irmã. — Dançar é um desafio na melhor das hipóteses, mas fazê-lo em silêncio...

— Já cuidei disso, — prometeu a duquesa, levantou-se de um salto e tocou uma campainha discretamente enfiada em um canto.

Greer poderia se acostumar com esse estilo de vida, e uma senhora com título daria isso a ele. Embora no momento a propriedade da família na Escócia fosse um desastre violento, ele a traria de volta à sua antiga glória. Além disso, ele manteria uma casa confortável em Londres e permitiria que sua esposa organizasse festas e tudo o mais que ela quisesse. E então a alta sociedade seria a norma, e os salões de baile se tornariam comuns.

Uma senhora entrou e o duque cruzou para cumprimentá-la.

— Babá Beryl, que bom que você se juntou a nós.

— Hmph, — disse ela, e isso foi tudo, antes de ir para o piano que estava localizado em uma extremidade da sala. — Eu preciso de mais luz, — ela gritou quando alcançou o banco do piano e se sentou.

Enquanto o duque ia acender os dois lustres de gás pendentes centrais, a duquesa explicou:

— Babá Beryl era a babá da família. Ela ensinou Lady Penelope, irmã de meu marido, a tocar piano. Ela ficou por todos esses anos porque...

Na sequência, a irmã de Beatrice olhou para onde a senhora começava a se aquecer, tocando escalas.

— Não tenho ideia do motivo, para dizer a verdade.

— Você acha que ela será a babá dos seus filhos? — Beatrice perguntou.

Greer quase riu ao ver a expressão de horror no rosto da duquesa.

— Deus, espero que não! Ela é sempre tão rabugenta e velha. Não consigo imaginar deixá-la segurar um bebê com medo de deixá-lo cair de cabeça. Quando perguntei a Henry sobre música, ele mencionou que ela morava em algum lugar da casa, no porão ou no sótão. Pelo que eu sei, ela mora nas cavalariças nos fundos.

Beatrice riu deliciosamente e Greer ficou novamente feliz por ele ter insistido em conhecer a jovem. Ela seria uma excelente parceira neste empolgante empreendimento.

O duque voltou.

— Estamos prontos? Babá Beryl começará com uma valsa. Eu sei que minha esposa pode dançar muito bem. E você, Srta. Beatrice?

— Tão bem quanto minha irmã, aposto. E você, Sr. Carson? — Ela perguntou a ele por sua vez.

Ele teve que confessar.

— Eu nunca dancei valsa, nenhuma vez.

Greer desejou não ter visto uma breve expressão de desapontamento no rosto de Beatrice.

— Eu fiz polca, — ele ofereceu.

— A polca é uma dança a dois quartos, — disse o duque, — e a valsa é uma dança a três quartos.

Greer encolheu os ombros.

— Que tal se você e sua esposa começarem? Deixe-me observá-los por um minuto e com a ajuda da Srta. Rare-Foure, seguiremos atrás.

E foi exatamente o que eles fizeram. O duque fez uma reverência à duquesa e pegou sua mão. Ela fez uma reverência superficial e eles se afastaram alguns metros. A música já estava tocando e o homem pegou sua esposa nos braços.

— Um, dois, três, — disse o duque em voz alta, e o resto foi uma série de passos e voltas.

Greer não conseguia descobrir o que a duquesa estava fazendo sob suas saias volumosas, mas ele observou cuidadosamente os passos do duque - direita, esquerda, para frente, esquerda, direita para trás - mas, ao mesmo tempo, eles não permaneceram no mesmo lugar, parecia que formavam uma caixa. Eles se moviam como se fossem uma unidade, girando, pisando, deslizando.

Até Greer pode apreciar a graça do casal.

— Nossa vez, — ele disse, depois que ele pensou ter os passos. Ele estendeu a mão para Beatrice e ela a pegou. Instantaneamente, ele sentiu um calor feliz ao tocá-la, ainda melhor quando eles se posicionaram, com a mão direita pressionada nas costas dela e a esquerda segurando a mão dela. Eles começaram.

Imediatamente, ele pisou no pé dela. E de novo.

— Deixe-me ver o que você está fazendo, — insistiu o duque. E eles começaram de novo com o mesmo resultado.

— Sr. Carson, a valsa é uma dança fechada. Quando você der um passo à frente, seu joelho estará inevitavelmente perto da senhorita Rare-Foure, apesar dela estar coberta por uma quantidade infernal de tecido. Se você tentar mover seu pé direito mais para a direita para evitar tocar no dela, ou no de qualquer mulher, você colidirá com o pé esquerdo dela.

Com esse conselho, eles tentaram novamente obter melhores resultados, pelo menos por alguns passos. Quando eles se viraram e ele estava indo para trás, aconteceu de novo.

— A ferrovia, — Beatrice murmurou, provavelmente com os dedos do pé doloridos. — Pense em nossos pés em trilhas paralelas que não se cruzam. Continue no seu caminho, por favor.

Ele sorriu.

— Isso é brilhante. Vamos ser trens, Srta. Rare-Foure.

Greer ainda lutava, mas depois de meia hora ele tinha a caixa de passo, como o chamavam, e então o duque o ensinou a balançar, transferindo seu peso de um pé para o outro antes de virar sua parceira. Eventualmente, eles fizeram isso em todo o salão de baile.

— Bravo, — disse a duquesa.

— Lembre-se, é claro, você estará com muitos outros casais. Ocasionalmente, alguém colidirá com você. Simplesmente continue com um breve aceno de desculpas, mesmo que não tenha sido sua culpa, e ninguém se importará, — aconselhou o duque. — E nunca grite ou chame atenção para isso.

Greer concordou com a cabeça.

— Contanto que eu não seja derrubado, nós devemos seguir em frente.

Beatrice deu uma risadinha.

— Quantas danças devemos aprender?

— Naturalmente, você deve aprender a maneira adequada de fazer a abertura Grande Marcha e a quadrilha. Se você se sente confortável com a polca e a valsa, deve aprender a mazurca, o lancier e...

— Bom Deus! Pretendo apenas ir a alguns bailes e abocanhar a primeira moça disponível que aceitar, — insistiu Greer, — Depois disso, acho que acabarei com a dança.

— É melhor você fazer o que meu marido diz, Sr. Carson. Em cada baile, quase todas as danças populares são realizadas pelo menos uma vez. E se você examinar o cartão da senhora e descobrir que a polca e a valsa já foram reivindicadas?

— Acho que não posso riscar o nome do outro sujeito e preencher o meu próprio?

Todos eles riram de uma ideia tão insolente.

— Muito bem, — disse Greer. — Vamos tentar mais uma lição esta noite, mas se eu fizer mais do que isso, provavelmente irei confundir os passos na minha cabeça. Você se importaria de nos permitir voltar para mais instruções em outra hora? A Srta. Rare-Foure diz que temos algumas semanas antes que qualquer coisa espetacular seja esperada de nós.

— Certamente, — a duquesa disse, — você deve voltar. Acho mais gostoso dançar aqui em casa do que em um baile. Juro que da última vez que estivemos em um salão de baile, ouvi sussurros de 'chocolateira' em cada rotação na pista de dança.

O duque colocou um braço sobre os ombros de sua esposa.

— Provavelmente sim, meu amor, mas eram sussurros de ciúme ou admiração. Eu juro.

Beatrice colocou as mãos na cintura.

— Pense em como me sentirei quando ouvir murmúrios de 'caramelo de melado' enquanto eu circulo a pista de dança!

As mulheres riram de novo e Greer as considerou as duas mulheres mais alegres que ele conhecera em anos. Devem ser todos os doces.

— Eu acredito que você também precisará de um pouco de reforço escolar sobre saudações e classificação de títulos, — disse o duque. — Mas eu estarei lá para apresentá-lo, para que você possa seguir minha liderança.

— Não posso me apresentar às jovens?

Agora, todos os três britânicos riam dele com vontade.

— Oh, Sr. Carson, — a duquesa disse, — isso marcaria você firmemente como fora da sociedade educada. Nessas situações, você deve ser apresentado por alguém que conhece você e a senhora. Se meu marido não conhece a pessoa, então um de nós deve encontrar outra pessoa para apresentá-la a você. No entanto, como eu sou a anfitriã, poderei levá-la e apresentá-la também.

— Parece complicado, — queixou-se.

— Isso foi projetado para manter as pessoas perigosas que não pertencem longe das inocentes e vulneráveis, — explicou o duque.

Greer olhou para Beatrice e ela arregalou seus lindos olhos azuis. Nenhum deles pertencia aonde estavam tentando ir, mas também não eram perigosos.

— Novamente, a única coisa perigosa sobre mim é como posso pisar na ponta dos pés de uma senhora.

— Sobre isso, — disse o duque, subitamente parecendo sério, — sei que a senhorita Beatrice vai atestar a sua existência e você já começou a comprar o guarda-roupa dela, mas tem alguma carta de recomendação? Eu seria negligente em acreditar em tudo o que você diz.

— Henry, — sua esposa disse calmamente.

— Realmente, duque, — Beatrice acrescentou, — parece que você não confia no Sr. Carson. Eu vi suas moedas de ouro por mim mesma.

— E ele também gosta do seu caramelo, — concordou o duque. — Está tudo muito bem, mas mesmo assim... — o nobre se virou para Greer com expectativa, uma sobrancelha erguida.

Ele pensou no que havia trazido de casa.

— Recebi uma carta do meu tio dizendo que eu sou quem sou, assinada por ele como chefe de sua empresa ferroviária. Algumas pessoas tinham documentos de viagem, ou *passaportes,* como os chamamos, durante a guerra e alguns

anos depois, mas ninguém me disse para conseguir um para ir às Ilhas Britânicas. Não sei o que dizer, Sua Graça.

— Você tem ascendência escocesa e a família ainda está aí?

— Ancestrais, sim. Família, dificilmente. Nós praticamente morremos. Há o administrador em Edimburgo, que administra nossa propriedade.

— Muito bem, talvez seja hora de mandar uma carta para ele e receber uma em resposta. Além disso, você precisará de um advogado que se atreva a enfrentar a Divisão de Chancelaria do Tribunal Superior para resolver seus problemas patrimoniais. Você deve se considerar muito afortunado por não ter mais que lidar com o Tribunal de Chancelaria, um atoleiro de coisas inúteis que foi finalmente abolido alguns anos atrás.

— Eu já consegui um advogado e recentemente escrevi para o administrador.

— Bom. Tenho certeza de que não será um problema, então. Você entende, eu odiaria ser acusado de apresentar mulheres a um canalha da cidade de Nova York em busca de fortuna.

— Henry! — A duquesa exclamou novamente, embora a fabricante de caramelo risse.

— Pessoalmente, — disse ela, — acho que seria muito divertido se nosso Sr. Carson se casasse com alguma Lady "nariz empinado" apenas para ela descobrir mais tarde que ele era um mendigo dos Estados Unidos.

Greer não se ofendeu com nada disso.

— Sem a sua ajuda, tenho a mesma probabilidade de me encontrar casado com uma mulher que fingiu ser uma Lady com título e é realmente uma senhora comum.

Assim que ele disse isso, ele sabia que estava errado e desejou poder chamar as palavras de volta. Beatrice ficou tensa.

— De fato, como isso seria terrível, — ela retrucou. — Você acabar com uma esposa comum. — Virando-se para a irmã, ela disse: — Estou pronta para aprender a mazurca.

Greer ficou feliz quando eles pararam de falar e voltaram a dançar.

— Sinceramente, o duque os informou, — embora a contagem seja igual a uma valsa - um, dois, três - vocês descobrirão que a diferença, a meu ver, está na contagem oposta. A valsa é destacada no primeiro e no três, e a mazurca na segunda contagem.

— Oh, duque, — Beatrice gemeu.

— E pode parecer mais... nervoso, — a duquesa acrescentou. — Como se você estivesse pulando em vez de deslizar.

— Oh, Duquesa, — Greer repetiu, mas ele estava disposto a tentar.

Quando ele estendeu a mão, esperou que Beatrice aceitasse tão facilmente quanto antes de seu comentário imprudente. Afinal, ele não se referia a ela. Ela não era nada

comum. Muito pelo contrário, ela era especial, aberta para falar o que pensava e maravilhosamente perspicaz. Apesar de seu comportamento inicial, ela não era má, nem julgadora. Ela parecia ter encontrado alguma injustiça que a deixou uma marca duradoura, fazendo-a sentir-se menosprezada. Fora isso, ela era quase perfeita.

Principalmente seus olhos azuis, da cor de jacintos ou delfínios.

Ela pegou a mão dele e até sorriu para ele. Outra de suas boas características - embora ela parecesse rápida para se inflamar, ela foi mais rápida para se acalmar e recuperar seu bom humor. Eles seguiram o casal real para a pista de dança novamente.

— EU NUNCA PENSEI QUE ficaria tão feliz em voltar ao trabalho, — Beatrice disse a Charlotte na manhã seguinte enquanto limpava as vitrines de vidro. — Você já experimentou a mazurca?

— Infelizmente, não, — disse Charlotte, a cabeça apoiada em uma das mãos enquanto se apoiava no balcão.

— Bem, é difícil. Eu pisei nos dedos dos pés do Sr. Carson, ele pisou nos meus. Eu escorreguei uma vez. Eu até dei um soco no queixo dele. E uma vez, ele virou para um lado enquanto eu virei para o outro e ele torceu meu pulso.

Charlotte suspirou sem simpatia.

— Pelo menos você estava nos braços de um homem bonito e tem muito mais danças pela frente.

Ela não podia negar que o Sr. Carson era bonito. Ele também era engraçado e espirituoso. Além disso, ela gostava muito de sua companhia, muito feliz por ela não o ter assustado naquele primeiro dia, quando ele quis doces cozidos.

Foi fácil se deixar levar pela emoção do que estava à sua frente, algo que ela nunca pensou que queria até que foi colocado a seus pés. *Mas Charlotte!* Beatrice olhou para ela. Das três, sua irmã mais nova era a única que realmente queria uma temporada, e não para encontrar um homem, mas para a pompa disso. *Seria muito mais divertido ter Charlotte ao seu lado!*

— Vamos perguntar à mamãe se você pode se juntar a nós e participar dessa experiência miserável.

Charlotte suspirou novamente.

— As pessoas vão pensar que estamos nos escondendo para trazer a dupla beleza ao mundo desavisado.

Beatrice piscou.

— Querida irmã, não sei o que dizer sobre isso, mas não acho que temos que seguir as regras daquelas apresentadas na corte, que então fazem uma grande estreia ou dão uma festa de debutante em casa e tudo aquilo. Estamos escorregando *na mídia res,* por assim dizer, fingindo que já estamos na sociedade e nossa maravilhosa duquesa de irmã está simplesmente avisando as pessoas.

— Mas os vestidos e as passagens, — Charlotte protestou, mesmo quando seu sorriso voltou.

— Psiu, — Beatrice disse, esperando não estar criando falsas esperanças em sua irmã.

— É fácil para você dizer quando você tem o Sr. Carson com seu puro vigor e bolsos fundos, pronto para equipá-la e acompanhá-la.

Puro vigor? Primeiro comentando sobre sua beleza e agora isso. *Charlotte estava começando uma* tendência *para o americano?* Se fosse esse o caso, Beatrice cortaria tudo pela raiz, já que ele estava totalmente fora dos limites.

— O Sr. Carson, como acompanhante, pode muito bem ser uma velha ou um burro.

— O quê? — Charlotte disse com uma risada quando a porta da loja se abriu. — Pobre Sr. Carson.

— Pobre Sr. Carson, por quê? — Perguntou Felicity Rare-Foure. — O que Beatrice fez com ele agora?

— Nada, mãe. Eu estava explicando como ele é apenas um acompanhante e pode muito bem ser um burro, já que não posso ter planos para ele por causa de todo o seu rosto bonito e cabelos grossos.

Sua mãe olhou para a irmã, depois de volta para ela.

— *Você* tem planos para ele, querida menina?

Beatrice jogou as mãos para o alto.

— Alguém me escuta?

Naturalmente, ela notou seus olhos extraordinariamente cativantes, seu físico bem proporcionado e sua boca sensual. Claro *que* ela gostara de ser abraçada por ele no salão de baile

de Amity, mas isso não vinha ao caso. Ele precisava de uma senhora com título e não havia como contornar isso.

— Mãe, você deve deixar Charlotte ter uma temporada. Esta temporada! Comigo! Por favor diga sim.

— Sim, — disse Felicity.

— Mãe! Isso não é justo. Por que ela não deveria? Você economizou muito dinheiro com Amity e eu recusando nossas temporadas. E agora, Sr. Carson... — Ela se conteve quando Charlotte bateu palmas de alegria.

— Ela disse *sim,* — Charlotte disse a ela.

— Oh, você disse, não é? — Beatrice disse. — Devemos voltar à mesma modista esta tarde e fazê-la começar a fazer vestidos para Charlotte. Ela não pode usar nenhum dos meus vestidos sem rasgá-los todos, nem o de Amity sem afrouxar o corpete.

Sua irmã mais nova era a mais bem dotada e a mais capaz de chamar a atenção nessa área. Charlotte soltou um alto assobio de felicidade quando seu entusiasmo transbordou. Então ela respirou fundo e disse:

— Em meus vestidos, gostaria de muitas fitas e rendas e babados e laços e...

— A guarnição será adequada, Charlotte, — sua mãe disse. — No entanto, ordeno que não faça esse som de novo, ou mudarei de ideia.

— Sim, mãe. — Mas Beatrice poderia dizer que sua irmã não iria parar de sorrir pelo resto do dia.

— Você deve vir para o próximo ensaio de dança na casa de Amity amanhã.

— Vou precisar de um parceiro.

— Talvez um lacaio possa ajudar.

— Beatrice! — Sua mãe exclamou. — Charlotte não vai dançar com um lacaio. Além disso, ele também não conhece as danças.

— Verdade. Então Amity terá que compartilhar seu duque. Tenho certeza que ela não vai se importar.

NO FINAL, AMITY não se importou, mas o duque pareceu surpreso na noite seguinte quando Charlotte apareceu com Beatrice. O Sr. Carson chegou na porta da frente quase ao mesmo tempo e eles entraram juntos cerca de uma hora depois do jantar.

Ela e o Sr. Carson haviam concordado que não queriam ser um fardo tão pesado que precisavam jantar toda vez que aparecessem para uma aula. Não importava que Amity tivesse dito que não era problema, eles insistiam nas aulas sozinhos.

— Três de vocês agora, — observou o duque.

Beatrice não sabia se ele estava se sentindo prejudicado. Mas Amity abraçou as duas com alegria e deixou o Sr. Carson curvar-se sobre sua mão.

Eles subiram direto para o salão de baile e mais uma vez, Babá Beryl foi chamada.

— Portanto, também a estamos apresentando, Srta. Charlotte, — entoou o duque.

— Apresentação! — Charlotte disse, então riu. — Que palavra encantadora! — Ela girou em um círculo, tão animada quanto uma criança com um novo brinquedo. — Sim, estarei ao lado de minha irmã e talvez consiga meu próprio marido.

Beatrice teve um breve lampejo de preocupação. Charlotte tinha um encanto natural sobre ela, para não mencionar os lábios curvados com um sorriso doce e um par de outras qualidades que constantemente chamavam a atenção dos homens.

— Não precisamos estar uma ao lado da outra a cada minuto, — disse ela sem pensar.

Charlotte, parecendo confusa, inclinou a cabeça.

— Quero dizer, — Beatrice corrigiu, — você vai querer brilhar por conta própria e se divertir com muitos jovens arrojados. Se ficarmos conversando juntas, como parceiras de crime, podemos parecer inacessíveis.

A carranca de sua irmã mais nova desapareceu.

— Honestamente, estou muito mais interessada em dançar e socializar, sem falar em ver todo o espetáculo, do que em encontrar um marido, embora pretenda ajudá-la a encontrar um. Mas você pode estar certa sobre não ficarmos juntas o tempo todo. — Ela considerou um momento, então sorriu. — Devemos chegar e partir juntas e, no meio do tempo, faremos as rondas, circularemos nossas presas de duas frentes e compararemos as anotações no final da noite.

O americano deu uma gargalhada assustada.

— Parece mais rápido.

— Concordo, — disse o duque. — Os jovens cavalheiros não terão defesas contra as irmãs Rare-Foure. Devo avisá-lo, pode haver alguns sussurros desfavoráveis das outras senhoras.

— Por quê? — Perguntou Amity, quando a velha babá de seu marido chegou e foi direto para o piano.

— É considerado educado ter apenas uma garota da família estreando em um ano, a menos que sejam gêmeas. Não tenho certeza dos motivos, talvez respeito por uma irmã mais velha ou as tensões dos encargos financeiros em alguns casos. Não sei qual das irmãs é vista de forma desfavorável por causa de duas que se saíram, mas suspeito que a mais jovem é considerada impaciente.

Charlotte encolheu os ombros, destemida, já batendo o dedo do pé quando a valsa começou.

— Oh, bem, — disse Beatrice. — Nós não somos realmente debutantes de qualquer maneira, e, francamente, nós não nos importamos com o que a *ton* pensa sobre o nosso acordo privado.

— Se alguém olhar de soslaio para Bea, ela dirá aonde ir, — Charlotte disse antes de colocar suas sapatilhas de dança.

Amity balançou a cabeça.

— Espero que não.

— Não, — disse Carson, — isso não basta. — E ele olhou Beatrice diretamente nos olhos com seus olhos cinza-azulados

claros. — Até eu sei que devemos ser corteses e não insultar os outros convidados da festa como você faz na loja. Esses membros específicos da nobreza não vão exigir serviço ou amostras grátis.

O duque riu e Amity se juntou a ele. Eles riram demais, no que dizia respeito a Beatrice. *O comportamento dela não foi tão terrível, foi?*

Quando recuperou o fôlego, o duque perguntou ao Sr. Carson:

— Você testemunhou isso, não é?

— Testemunhou? — Ele repetiu. — Eu já experimentei! A Srta. Rare-Foure até jogou caramelo em mim.

O duque começou a rir novamente.

— Estava em um saco, — disse Beatrice em defesa.

— Vocês vão dançar? — Perguntou Babá Beryl. — Caso contrário, vou voltar para o meu quarto para colocar meus pés para cima.

— É melhor você começar, — disse Amity, — antes que ela vá embora.

O duque estendeu a mão para pegar a de Charlotte, e o Sr. Carson fez o mesmo com Beatrice. Eles mostraram a mazurca a Charlotte, então aprenderam a *lancier* e a *redowa* antes que o duque tomasse sua esposa em seus braços e a valsasse ao redor da sala sob os aplausos de todos.

— Estou muito feliz por eles, — disse Beatrice.

— Eu quero essa felicidade também, — Charlotte sussurrou alto do lado dela.

— Eu não me importaria com uma duquesa minha, — disse Carson do outro lado dela.

Beatrice revirou os olhos.

— O duque não escolheu uma duquesa, — ela o lembrou. — Ele escolheu uma chocolateira. — No entanto, ela sentia o mesmo que Charlotte. *Como seria maravilhoso ter um homem olhando para alguém com tanto amor.* Ela suspirou.

— Foi um grande suspiro, Srta. Rare-Foure.

— Eu não posso acreditar que vou dizer isso, Sr. Carson, mas eu mal posso esperar para a temporada começar.

Capítulo Sete

Greer conduziu sua carruagem de aluguel para a residência Rare-Foure na Baker Street. Esta noite foi sua primeira incursão na alta sociedade. Felizmente, seria em território familiar, na casa do duque e da duquesa de Pelham. Ele não se sentia nervoso, mas antecipado. Ele poderia encontrar sua futura esposa naquela mesma noite.

O mordomo Foure abriu a porta após uma longa pausa, mas Greer estava acostumado com o homem. Esta foi sua terceira visita em algumas semanas. Ele não sabia muito sobre mordomos, já que sua mãe e amigos em Nova York costumavam ter governantas ou criadas que atendiam suas portas. Mas ele sabia que o mordomo de Foure era muito mais casual do que o mordomo dos Pelhams e podia desaparecer completamente.

Os Foures não pareciam se importar e quase pareciam pensar que era um favor o homem ter atendido a porta.

Naquela noite, Greer não deixou o mordomo pegar seu chapéu ou casaco, já que eles deveriam chegar à St. James Place dentro de meia hora.

— Por favor, digam às irmãs Rare-Foure que vim buscá-las, — instruiu o homem, que assentiu e saiu andando pelo corredor.

Enquanto esperava, ele caminhou em círculos no piso polido do *foyer*, pensando nos passos de dança que havia memorizado, até que uma manada de búfalos desceu correndo a escada. O rebanho acabou sendo apenas Beatrice e Charlotte. Elas pararam repentinamente ao pé da escada, parecendo surpresas ao vê-lo.

— Vocês duas poderiam acordar os mortos, — Greer disse a elas, notando suas roupas elegantes. A fabricante de caramelo usava o vestido azul com renda prateada e fita que ele a tinha visto na costureira, e ela era facilmente a mulher mais atraente que ele já tinha posto os olhos. Sua irmã mais nova usava verde claro com detalhes em creme. Ambos tinham decotes baixos, não que ele estivesse olhando, e mangas curtas, exibindo seus braços graciosos. E cada uma tinha um ramo de flores enfiado no cabelo. O efeito era encantador.

Ele engoliu em seco.

— Espero estar bem vestido o suficiente para acompanhar vocês, duas lindas damas.

Beatrice lançou-lhe um olhar demorado e ponderado, observando seu terno preto, calças bem ajustadas, seu colete branco baixo, exibindo sua camisa nova e uma gravata preta.

No entanto, a Srta. Charlotte falou primeiro.

— Sr. Carson, você está muito bonito. Esse terno cabe em você na perfeição. — Então ela bateu palmas, já usando luvas curtas rendadas, assim como as de sua irmã. — Não é emocionante?

— É, — ele admitiu, desejando que Beatrice tivesse dito algo gentil sobre sua aparência, também. — Vocês estão prontas, garotas?

— Sim. Eu me pergunto onde nosso homem está, — a Srta. Charlotte meditou.

— Seu homem? — Greer perguntou. — Você quer dizer o mordomo?

— Meu pai acha que *mordomo* é um termo muito grandioso, — explicou Beatrice. — De qualquer forma, o Sr. Finley deveria ter trazido nossas capas, ou poderíamos pedir a Delia.

— Esse tal de Finley não disse que eu estava aqui? — Greer presumiu que ele tivesse subido a escada dos fundos para convocá-las.

— Não, — Beatrice disse, — mas tenho certeza que ele estava prestes a fazer isso. O Sr. Finley é tranquilo, mas geralmente confiável. De qualquer forma, Delia compensa qualquer folga de sua parte. Tenho certeza de que ela os colocou bem aqui.

Indo para o armário debaixo da escada, ela retirou duas capas. Elas não combinavam com seus vestidos, mas em vez disso eram pretas neutras. Ele supôs que elas foram projetadas para combinar com qualquer coisa.

— Fui negligente em não insistir que você comprasse uma capa especificamente para cada vestido?

As meninas se entreolharam e riram.

— Oh, Sr. Carson, — Charlotte disse, — que gentileza da sua parte pensar sobre tal coisa. Mas isso parece um desperdício, já que vamos deixá-los no vestiário de qualquer maneira. Além disso, o preto combina com quase tudo, não acha? Combinamos com o seu traje, pelo menos, e isso é o melhor que podemos esperar.

Outro elogio da irmã mais nova. Greer poderia se acostumar com suas boas maneiras. Ele colocou a capa de cada uma sobre os ombros dela, notando o cheiro quente de baunilha de Beatrice.

Ele queria dizer a ela o quão delicioso ela cheirava, mas isso parecia inapropriado. Ainda mais quando o fez querer enterrar o nariz no cabelo dela.

— E quanto aos seus sapatos de dança? — Ele perguntou, lembrando como eles mudaram para eles cada vez que se encontraram na casa dos Pelhams para praticar.

Em resposta, a Srta. Charlotte agarrou seu vestido e puxou-o alguns centímetros, projetando um pé delicado.

— Já estou usando, — disse ela, enquanto ele superava o choque dela levantar a saia, por menor que fosse.

— Charlotte! — Beatrice a advertiu. — Faça o que fizer, não faça isso na casa de Amity, e também não...

— Assobie. Eu sei, — Charlotte disse, pegando sua bolsa do corredor e entregando uma azul para Beatrice.

Beatrice se virou para ele mais uma vez.

— Eu sei que muitas vezes as mulheres mudam de calçado, especialmente se estiver molhado ou muito frio, mas como esta é uma viagem tão fácil para a casa da nossa irmã, decidimos usá-los. Se um acidente ocorresse com nossos sapatos, Amity teria extra.

Charlotte riu novamente.

— Seu pé nunca caberia em um dos sapatos de Amity, mais do que eu poderia caber em um de seus corpetes esguios.

Beatrice suspirou com exasperação exagerada e balançou a cabeça.

— E pensar que eu estava preocupada que *eu* poderia dizer algo desagradável.

— O que eu disse agora? — A Srta. Charlotte perguntou, e Greer decidiu fazê-las seguir em frente.

— Seus pais estão aqui para se despedir de vocês? — Ele perguntou.

— Papai e mamãe foram na frente, — respondeu Beatrice. — Eles decidiram que ver as três filhas em um baile era um evento notável demais para perder e queriam nos ver fazendo nossa grande entrada na sociedade.

— Eu gostaria de ter um homem meu e não ter que compartilhar o seu, — disse Charlotte.

No mesmo instante, as bochechas de Beatrice ficaram vermelhas e Greer foi apressadamente até a porta para abri-la, já que o mordomo não havia retornado.

— Sério, Charlotte, — Beatrice murmurou descendo o único degrau e ao longo do caminho. — Sr. Carson não é meu. E, afinal, esse é o objetivo desta noite e de toda a temporada, não é? Para nós encontrarmos homens próprios. Faça o que fizer, não...

— Assobie. Eu sei. Você já disse isso.

Ele as ajudou a entrar no carro e elas continuaram a conversar como se ele não estivesse ali.

— Eu não quis dizer que o Sr. Carson é seu, como *seu.* — Ela balançou as sobrancelhas. — Eu quis dizer como em *sua escolta.* Além disso, eu sou *não estou* à procura de um marido. Eu simplesmente quero dançar e olhar os outros vestidos. E ver *você não* gritar com ninguém, Senhorita Charlotte acrescentou.

Beatrice parou de arrumar as saias e olhou fixamente para a irmã.

Greer teve vontade de rir, mas desviou o rosto, olhando para a rua escura como se estivesse em uma carruagem completamente diferente.

Depois de um momento, com o canto do olho, ele viu Beatrice relaxar, recostando-se no assento.

— Suponho que seja justo você dizer isso. Vou tentar segurar minha língua, desde que ninguém diga nada rude ou cortante ou positivamente estúpido.

Com isso, Greer não conseguiu mais ficar em silêncio.

— Senhorita Rare-Foure, em uma reunião de qualquer tamanho, especialmente quando pessoas privilegiadas estão envolvidas como iremos nos misturar esta noite, é altamente provável que alguém faça pelo menos uma das coisas que fazem você desabar. Talvez devêssemos desenvolver um sistema pelo qual apagamos seu fogo antes que ele exploda.

— Apagar meu fogo? — Ela murmurou, levantando uma sobrancelha adorável, e ele se perguntou o que ela estava pensando. — Suponho que seja uma boa ideia, já que se conhece que meu temperamento atinge um ponto de ebulição mais rápido do que o leite não vigiado no fogão.

— O *Livro da Lady* de Godey diz que você não deve dar a menor indicação de mau humor. Talvez um de nós deva cutucar você nas costelas se você começar a ferver, — a Srta. Charlotte ofereceu.

— Ha! — Greer exclamou antes que pudesse se conter. — Ela estará preta e azul antes do intervalo do jantar.

Beatrice cruzou os braços até que a irmã a lembrou que ela poderia enrugar o corpete e então pousou as mãos graciosamente no colo.

— Falando em jantar, — disse a Srta. Charlotte, — O que faremos no décimo primeiro baile se não tivermos parceiros? Vamos jantar juntos?

Greer olhou para Beatrice e depois de volta para a Srta. Charlotte.

— Nosso objetivo é fazer parceria com outras pessoas. Cruzaremos essa ponte quando chegarmos a ela. Mais alguma coisa com a qual devemos estar atentos?

A Srta. Charlotte acenou com a cabeça sabiamente.

— Quanto a você, Sr. Carson, não fale com nenhuma senhora a quem não tenha sido apresentado. E a maneira adequada de convidá-la para dançar é algo como, 'Você vai favorecer-me com sua mão nesta ou na próxima dança?'

— Você vai favorecer-me? — Ele repetiu.

Charlotte continuou.

— Pelo amor de Deus, não se sente ao lado de uma senhora, mesmo que você tenha dançado com ela, a menos que ela o convide expressamente.

Beatrice riu, mas a Rare-Foure mais jovem ainda não havia terminado.

— Irmã, querida, não se esqueça das outras regras expressas no *Livro da Lady*. Em sua fala, evite afetação, e com sua expressão, você não deve parecer estar carrancuda ou questionadora.

— Isso é tudo? — Beatrice perguntou, parecendo mal-humorada com a noção de tais regras.

— Não, não é, — Charlotte disse. — Nada de risadas, conversas altas ou olhares fixos.

— O olhar fixo pode ser alto? — Greer perguntou.

Todos riram, e então Beatrice disse:

— Não parece divertido se não podemos rir, nem olhar um para o outro direito.

Greer não estava preocupado. Aquela noite era o início de todas as suas esperanças e sonhos, e mesmo que não encontrasse sua futura esposa, ele pretendia se divertir.

AMITY HAVIA TRANSFORMADO sua casa luxuosamente elegante em um palácio cintilante de velas e flores e champanhe espumante, pelo menos no salão de baile, e Beatrice se lembrou da extrema riqueza de um duque. O resto da casa estava imaculado, como de costume, com os funcionários pegando capas femininas e chapéus de cavalheiro assim que os convidados entraram no saguão, antes que mais funcionários os escoltassem para a festa.

Decidindo não fazer nada pela metade, o estimado mordomo dos Pelhams anunciou cada convidado que chegasse pela porta dupla do salão de baile.

— Eu não posso acreditar que fomos anunciados, — Charlotte murmurou enquanto eles cruzavam o chão em direção às janelas onde seus pais estavam esperando. Os músicos já tocavam baixinho, não música para dançar, mas apenas para manter os convidados entretidos.

— Espero que não muitas das pretensiosas percebam que somos balconistas da Rare Confeitaria depois de ouvir nosso nome. — Beatrice não pode deixar de se preocupar.

— Eu não estou envergonhada por nossa loja maravilhosa, — Charlotte retornou.

— Isso dificilmente é o ponto. Se parecermos inautênticas, prejudicaremos nossas chances e, possivelmente, as do Sr. Carson.

— Quase ninguém aqui ainda não ouviu seus nomes, — ressaltou o americano. — Acho que esse era o plano de sua irmã ao nos receber quando chegássemos.

Beatrice achou que ele estava certo, vendo como apenas duas das muitas mesas espalhadas pela sala haviam sido reivindicadas, e uma delas era de seus pais. Além disso, mais convidados eram anunciados a cada momento.

— Mas não vamos mentir, vamos? — Beatrice perguntou a Charlotte. — Não seria bom conhecer nossos futuros maridos e começar com uma mentira.

— Claro que não, — Charlotte disse. — Quero que meu marido se apaixone por quem eu realmente sou, onde quer que eu o encontre. Não é?

Beatrice assentiu, mas silenciosamente considerou a declaração de sua irmã. Ela fazia caramelo, uma irmã do meio comum e considerada irritadiça por muitos. Nada disso parecia particularmente digno de ser amado.

— Boa noite, — seu pai explodiu. — Vocês três estão esplêndidos. Usando sua melhor roupa!

— Estou feliz por vocês, — concordou a mãe. — Este é o tratamento perfeito para minhas garotas trabalhadoras. E você também está mais elegante, Sr. Carson.

— Obrigado.

— Vamos nos misturar e nos tornar escassos, — disse Armand Foure, — para que você possa ficar com nossa mesa.

— Por quê? — Beatrice perguntou.

— Se estivermos todos juntos, será mais difícil para o esquema de vocês funcionar.

— Nosso esquema? — Charlotte perguntou, parecendo encantada.

— Seu pai quer dizer que, se toda a família estiver por perto, é menos provável que vocês duas sejam vistas como herdeiras misteriosas, — disse a mãe.

— Mas não somos herdeiras misteriosas, — observou Beatrice, começando a sentir um pouco de pânico, mais uma vez se perguntando o que aconteceria se elas fossem rapidamente descobertas como balconistas entre os aristocratas da *ton.* Mesmo sendo a casa de Amity, ela e Charlotte não pertenciam. Elas deviam estar em um dos bailes regulares para plebeus, realizado no salão de baile de um hotel ou em um salão de música.

— Esta noite, na segurança da mansão ducal de sua irmã, você pode ser quem quiser, — disse sua mãe, estendendo a mão para tocá-la. — Beatrice, olhe para mim.

— Sim, mãe.

— Você é uma bela jovem com muito a oferecer a qualquer homem de sorte. E não se esqueça do Farrah's.

— Obrigada. — Ela continuaria se lembrando disso. Ela não era simplesmente alguém que conhecia as melhores

proporções de manteiga para melado e açúcar. Por outro lado, ela desejou que sua mãe não tivesse falado na frente do Sr. Carson. Beatrice achou que isso a fazia soar ligeiramente patética, sem força e vigor próprios.

— E você também, Charlotte, — sua mãe acrescentou. — Qualquer cavalheiro se considerará com sorte, uma vez que você decida sobre ele. — Então ela pegou a mão do marido. — Nos vemos na hora do jantar. Amity diz que será substancial, não meros biscoitos e queijo. — Então seus pais se afastaram em meio à multidão crescente.

— O que ou quem é Farrah? — Carson perguntou.

Distraidamente, olhando ao redor da sala para aqueles que entravam, Beatrice respondeu:

— Sr. Farrah começou a fazer caramelo em Harrogate em 1840, dando às pessoas algo para tirar o terrível sabor sulfúrico de sua conhecida água curativa.

O Sr. Carson piscou.

— Eles comeram caramelo por causa da água ruim?

Beatrice encolheu os ombros.

— Farrah's está vendido agora. Mamãe me lembra disso de vez em quando, como prova de que o caramelo não é apenas um doce frívolo. Mas é claro que é! É um doce delicioso, e usá-lo para limpar o paladar não o torna medicinal nem aumenta minhas habilidades de forma alguma. Quanta besteira! — Então ela respirou fundo. — Mas eu adoro quando mamãe diz isso, de qualquer maneira. É como um bálsamo calmante.

— A sala está enchendo, — Charlotte comentou, — e os cavalheiros solteiros vão começar a fazer a ronda e nos convidar para dançar. Espero que você tenha lembrado de um lápis sobressalente.

Beatrice sentiu uma pontada de nervosismo. Sua irmã, que era mais devota das páginas da sociedade e dos trapos de fofoca, sem falar que costumava lidar com vários estranhos na frente da loja, parecia muito mais composta.

— Todos nós sabemos como funciona, — disse Beatrice, voltando-se para envolver o Sr. Carson. — E sim, eu tenho um lápis para qualquer influência mal-educada que não trouxe um. Você tem um?

O Sr. Carson sorriu torto.

— Mesmo se eu tivesse esquecido, eu não contaria a você e correria o risco de ser rotulado de 'influente e mal-educado', certo? Além disso, aposto que nossos anfitriões têm muitos de sobra.

— Então você não tem um, — ela adivinhou. — Aqui, pegue o meu. Não vou dançar com uma gralha coberta de névoa que se esqueceu do seu.

Charlotte deu uma risadinha.

Beatrice suspirou.

— Exceto você, Sr. Carson, — disse ela, retirando o pequeno lápis de sua bolsa e entregando-o a ele.

— A melhor parte do nosso acordo, — Charlotte continuou, — é que nossos cartões não ficarão pateticamente

vazios. Quando outros homens derem uma olhada, teremos um parceiro já inscrito, se o Sr. Carson permitir e se você não ficar tão zangada — acrescentou ela, olhando brevemente para Beatrice. No entanto, como Charlotte nunca conseguia segurar um grama de raiva ou rancor por mais de um segundo, ela sorriu de novo quase que instantaneamente.

— Rápido, agora Sr. Carson, os cavalheiros começarão a vir a qualquer minuto.

Charlotte estendeu o cartão, e o americano rabiscou seu nome ao lado da polca, o quarto lugar na lista. Beatrice decidiu que também podia seguir o exemplo, pois a lógica da irmã fazia sentido.

— Vamos dançar? — Ela perguntou ao Sr. Carson.

— Devemos, — ele concordou. — E já que somos novos nisso, por que não me inscrevo para a Grande Marcha que leva à primeira quadrilha.

Isso era perfeito. Beatrice teve medo desde a primeira vez que pisou na pista com todos os Lordes e damas experientes, e estar com seu parceiro de dança habitual tornaria tudo menos estressante.

— Basta lembrar, — disse ela, repetindo as palavras de sabedoria do duque transmitidas durante as aulas, — O casal líder, ou seja, minha irmã e o duque, terão a lareira à sua esquerda.

— Certo, — Charlotte disse.

Beatrice franziu a testa.

— Você está concordando ou está dizendo que estou incorreta? — Ela perguntou.

— Incorreta. O casal líder ficará com a lareira à *direita,* ocupando a sala no sentido do comprimento, é claro. E o terceiro casal estará à direita do primeiro. Isso é o que o duque disse.

— E o segundo casal? — Beatrice perguntou com pânico crescente.

Os três se entreolharam sem expressão.

Charlotte de repente inclinou a cabeça.

— Claro, depende se é uma marcha em arquivo ou em coluna. Amity mencionou algo sobre ser uma marcha serpentina ou um caramanchão? Ela disse que pode ser uma cruz grega ou ...?

— Oh, pelo amor de Deus! — Beatrice tinha certeza de que uma gota de suor agora escorria por suas costas sob a camisola e as palmas das mãos estavam decididamente úmidas.

— Tenho certeza de que tudo ficará claro, — disse Carson. — Nós vamos nos misturar.

— E quanto a mim? — Charlotte perguntou, parecendo igualmente ansiosa e emocionada.

— Duvido que você tenha que se preocupar. É o trabalho do cavalheiro liderar, — Beatrice lembrou a ela. Para o americano, ela acrescentou: — É melhor você se mexer, ou os cartões das outras mulheres vão encher antes de você ter uma

chance. — Ela olhou ao redor. — Olha, aí está minha irmã, pronta para colocá-lo sob sua proteção e fazer as apresentações.

— Vejo você em breve, — ele prometeu. Com um aceno de cabeça para Charlotte e uma piscadela para Beatrice, ele foi até Amity, e eles desapareceram na multidão crescente.

Beatrice tentou respirar para relaxar, mas então ocorreu o momento mais assustador até agora - o duque se aproximou com um belo estranho.

Capítulo Oito

— Este jovem pediu-me para fazer as apresentações, — disse o duque. — Senhoras, este é o Visconde Beechum. — Ele se virou para o homem. — Lorde Beechum, estas são minhas cunhadas, Srta. Rare-Foure e sua irmã, Srta. Charlotte.

O visconde curvou-se para cada uma delas, perguntou se elas lhe dariam a honra de dançar e, obedientemente, preencheu uma única linha em cada uma das cartas antes de acenar com a cabeça e se afastar.

— Como podemos saber em qual de nós ele estava interessado? — Charlotte perguntou.

O duque de Pelham sorriu.

— Você não pode, ainda não. Ele provavelmente não tem ideia de si mesmo. Minha duquesa convidou principalmente debutantes e cavalheiros do primeiro ano, então nenhum malandro cauteloso estará perambulando por meu salão. No entanto, nenhum desses hóspedes se conhece, a menos que suas famílias estejam alinhadas de alguma forma. Depois de alguns bailes e jantares dançantes, você terá uma lista de favoritos guardados em segurança em sua cabeça, assim como esses cavalheiros.

— Como os doces favoritos em nossa loja, — Beatrice murmurou.

— Precisamente, disse o duque. Vou continuar a apresentá-las.

E ele fez. A cada poucos minutos, ele aparecia com um novo homem, Lorde Longden, Lorde Burtley e Lorde Abendee, e então, como anfitrião, ele tinha que levá-los para conhecer e apresentá-los a outras convidadas.

— Isso parece tão estranho, — disse Beatrice, por ter conhecido mais homens solteiros do que durante toda a vida.

— E maravilhoso, — Charlotte disse. — Suponho que seja a sorte da temporada encontrar um companheiro nesta safra de cavalheiros ou em um baile que tem a colheita do ano anterior, talvez até mesmo alguns daqueles malandros de que nosso cunhado estava falando.

— Talvez, — Beatrice não estava realmente ouvindo as palavras da irmã, algo sobre agricultura. Estudando seu cartão, ela esperava que pudesse fazer todas as danças sem fazer papel de boba.

Quando Amity apareceu, ela sabia que a primeira dança começaria em breve.

— Onde você esteve? — Beatrice perguntou, tardiamente percebendo que seu tom soou um pouco áspero. — Desculpe, — ela emendou. — Acho que estou um pouco nervosa.

— Não fique. Você está linda, — disse Amity. — Ambas estão, e suas danças melhoraram muito. Não se esqueça, qualquer erro será atribuído ao homem.

— Embora dificilmente pareça justo, — disse Beatrice, — confesso que estou feliz que seja o caso.

— Em resposta, eu estava apresentando o seu Sr. Carson a moças elegíveis, — Amity a lembrou. — Esse era o objetivo principal dessa empreitada, não era? Além disso, eu sabia que se Henry trouxesse rapazes para conhecê-las e mencionasse como vocês eram sua cunhada, isso as elevariam aos olhos da nobreza. Será muito mais útil para vocês do que se as pessoas começassem a associar nós três. Dessa forma, vocês podem ter suas próprias identidades e talvez até um pouco de fascínio.

As três riram. No entanto, Beatrice pensou que a verdadeira razão de Amity ter mantido distância era porque ela teve uma introdução dura na alta sociedade, devido ao simples erro de chamar o duque de — meu senhor— em vez de "Sua Graça". Provavelmente não teria importância para ninguém se a filha de um conde maldoso que queria o duque para si mesma não tivesse decidido fazer uma repreensão pública. Além do mais, tinha acontecido ali mesmo naquele salão de baile.

— Em qualquer caso, não importa o quão terrível possamos errar, — Charlotte disse, — eu pretendo ter uma boa noite. Além disso, você disse que aquele dia de sua humilhação também foi o dia em que seu marido soube que estava apaixonado por você.

As bochechas de Amity adquiriram um belo tom de rosa quando o violinista puxou o arco com força sobre o

instrumento, sinalizando o início da Grande Marcha. O duque veio um instante depois para reclamar sua esposa ruborizada.

— Venha, meu amor, temos um baile para apresentar. — Ele estendeu a mão direita e Amity colocou a dela sobre a dele, então ele a levou embora.

Enquanto caminhavam para o meio do piso polido, os outros convidados aplaudiram e os que iam dançar tomaram seus lugares atrás do duque e da duquesa de Pelham para a Grande Marcha.

O Sr. Carson reapareceu e pegou a mão de Beatrice, mas ela hesitou até que um homem alto com grandes costeletas apareceu para reivindicar Charlotte. Eles seguiram para a pista de dança quando a *Marcha Radetzky* começou, e todos seguiram no meio e se separaram de um lado para o outro. Beatrice acabou voltando ao longo da sala do lado oposto de Charlotte.

— Até agora, tudo bem, Srta. Rare-Foure, — disse Carson.

— De fato. Meu cartão de dança está cheio, eu acho. Você conseguiu reivindicar muitas mulheres nobres?

— Quanto a isso, com a ajuda de sua irmã mais velha, eu fiz. Eu estarei aqui no assoalho e pisando nos pés das mulheres a noite toda.

Então, essa seria sua única dança.

Por que isso a incomodaria? Sem dúvida, era simplesmente a familiaridade de estar com ele em comparação

com todos os outros homens estranhos na sala, sabendo que ele não a estava considerando para fins conjugais e, portanto, não julgando nenhuma de suas falhas.

— Espero que você encontre o que procura, — disse ela.

— Meu único pensamento neste momento é dançar com você, Srta. Rare-Foure, e passar pela quadrilha miserável.

Isso fez Beatrice rir, relaxando-a, e ela estava muito grata que o americano a tivesse arrastado para isso.

GREER SE SENTIU COMO A proverbial raposa em um galinheiro. Tantas mulheres bonitas, e tantas que na verdade eram "minhas senhoras". Ele estava cuidando de suas maneiras e de seus pés. Ele não tropeçou em si mesmo ou em qualquer outra pessoa, ou mesmo machucou qualquer dedo do pé delicado.

Estranhamente, ele não gostava de dançar com nenhuma dessas jovens como fizera com Beatrice nas últimas semanas. Ele supôs que era porque essas senhoras se comportavam de maneira tão formal. Quando ele se curvou e pegou a mão de uma mulher, não era realmente hora para discussões francas, piadas ou risadas. Acontece que não houve tempo para nada disso durante a dança ou depois, quando ele as devolveu à mesa. Tudo era curto e roteirizado.

Ele estava se tornando hábil no transporte de limonada e champanhe, também em acompanhar as mulheres dentro e fora da pista de dança, entregando-as ao próximo parceiro. Infelizmente, nesse ponto, ele prontamente esqueceu seus

nomes. Todos e cada um pareciam feitos do mesmo pedaço de tecido.

Mesmo quando ele dançou com Charlotte, não era o mesmo que com sua irmã. Em parte, porque aquela jovem senhorita estava com a cabeça girando. Sabendo que ele não estava interessado nela romanticamente, a garota Rare-Foure mais jovem passava o tempo espionando outros homens e até mesmo falando sobre quem ela considerava uma boa figura.

Foi um pouco irritante. Beatrice não se comportou da mesma forma. Ele achava que era porque eles haviam formado uma amizade. Pelo menos, ele sentiu que sim.

E então chegou a hora da última dança antes do intervalo para o jantar. Ele foi até a outra extremidade da sala para buscar sua próxima parceira, Lady Emily St. George, não se lembrando dela particularmente até que ele se aproximou de sua mesa, onde ela estava com sua acompanhante.

Ele se curvou.

— Eu acredito que nossa dança está chegando, — ele disse para a pequena mulher de cabelos escuros. Ela assentiu e pegou o braço dele. No mesmo momento, ele ouviu risadas vindas do outro lado da sala. *Beatrice!* Ele estava certo. Além disso, era a temida gargalhada que Charlotte os advertiu para evitar.

Greer não pode deixar de se perguntar o que havia despertado o bom humor da fabricante de caramelos, desejando que ele tivesse mais próximo para que pudesse ter compartilhado a brincadeira.

Lady Emily balançou a cabeça.

— Imagine!

Ele não tinha certeza de que resposta dar ou mesmo se ela queria uma, então ele continuou em direção à pista de dança. Já um pouco cansado de tentar tanto lembrar os passos, Greer ficou mortificado quando a música começou e ele não conseguia se lembrar do que fazer primeiro, até que viu outro cavalheiro pegar sua parceira e começar os passos.

— É um *lancier*, — sua parceira disse suavemente, o que ele apreciou.

— Peço desculpas, — ele murmurou, mas então eles já estavam acompanhando o resto. — Eu sou novo nisso.

— Da América, — ela adivinhou. — Eu gosto do seu sotaque.

Ele sorriu e realmente olhou para ela. Ela tinha um rosto bonito, ele decidiu.

— Obrigado. Eu gosto do seu sotaque também.

AMBOS A SALA DE JANTAR e a sala de estar foram preparadas com refrescos, com bastante espaço para todos para que pudessem manter o salão de baile limpo de migalhas e gordura. Naturalmente, havia chá e café, se os convidados estivessem cansados de limonada e champanhe. E em cada cômodo havia uma enorme quantidade de frios, sanduíches, frango, presunto, rosbife e pão. Tudo picado ou fatiado e posto no seu prato por um lacaio prestativo, se você apontasse para ele, e tudo facilmente comestível com apenas um garfo na mão.

Depois de terminar os petiscos, havia bolo fofo e açucarado, todos os tipos de biscoitos doces e, claro, bandejas de doces da Rare Confeitaria.

Greer observou os pratos com caramelo de Beatrice aninhados entre os chocolates e pequenos corações de marzipan com um sorriso. Ela deve estar na outra sala de refrescos porque ele não a viu nem a Srta. Charlotte.

— Posso sugerir que você coma um pedaço de caramelo ou um chocolate? — Ele aconselhou sua companheira.

Lady Emily assentiu.

— Eu estava prestes a ceder, — ela concordou. — O duque e a duquesa de Pelham nos deram as boas-vindas. Que grande começo de temporada.

Ela parecia uma Lady atenciosa de quem ele não conseguia encontrar falhas. Que sorte, e em seu primeiro baile também. Cada um deles colocou doces em pires pequenos e deixou a mesa.

Naquele momento, seus anfitriões entraram para se certificar de que seus convidados estavam se divertindo.

— Como está tudo, Sr. Carson, Lady Emily? — Perguntou a duquesa.

— Muito bem, — respondeu Lady Emily. — Obrigada, Sua Graça.

— Sim, — concordou Greer. — É o melhor fandango que já estive.

O duque riu alto, mas sua duquesa parecia perplexa e Lady Emily poderia até ter engasgado.

— Não é uma palavra que você normalmente usa, eu suponho. — Greer supôs que fosse um pouco informal.

— Não, — disse o duque, — não para um baile.

Greer tinha certeza de que Beatrice teria aprovado a palavra. Ele encolheu os ombros enquanto eles se afastavam. Lady Emily ainda o olhava com curiosidade.

— Suponho que seja como chamar um cotilhão da cidade de Nova York de dança do celeiro.

— Tenho certeza de que não saberia, — disse Lady Emily, colocando um chocolate na boca. Depois de mastigar e engolir, ela acrescentou: — Nunca estive na América ou dancei em um celeiro. Você vai me acompanhar de volta para minha mãe? Eu acredito que ela voltou para a nossa mesa.

Ele tinha certeza disso, já que a mulher em questão os observava como um falcão desde o momento em que Greer pegou Lady Emily na mesa de St. George para a dança. E os olhos de Lady St. George continuaram pousados nele durante a pequena refeição. Ele a viu ficar na ponta dos pés para vê-los melhor quando encontraram dois assentos na sala de estar.

— Eu gostaria que você tivesse outro lugar vazio em seu cartão, — ele disse a Lady Emily.

— Sr. Carson, embora você possa desejar e eu possa não me importar, geralmente não se diz essa preferência em voz alta, pelo menos não no primeiro encontro.

— Entendo. — *Ele deveria se desculpar? — P*osso esperar que, se nos encontrarmos novamente em outro baile, você verá com bons olhos que eu escreva em seu cartão de dança?

Ela sorriu.

— Você pode. Obrigada pela dança e pela companhia. — Acenando para ele, ela se sentou ao lado da mãe, e Greer sabia que ele havia sido dispensado, mas não colocado no chão. Lady Emily disse que não se importaria de dançar novamente, o que era uma coisa boa, já que, de todas as onze parceiras de dança que ele teve, ele gostava mais dela. Além de Beatrice, naturalmente.

Com tempo de sobra antes do final do intervalo, ele saiu em busca da fabricante de caramelo. Ele a encontrou nos braços de um homem que a conduzia para fora da sala de jantar.

— Agora você não precisa me levar de volta para o salão de baile, meu senhor. Este é meu próximo parceiro, — ela disse, mentindo escandalosamente.

— Muito bem, Srta. Rare-Foure. Agradeço a dança e a agradável companhia durante o jantar. — Ele se curvou, ela acenou com a cabeça e o homem saiu.

— Graças a Deus você apareceu, Sr. Carson. Essa foi a refeição mais longa que já tive. A única coisa mais interminável era a dança antes dela.

— Suponho que aquele jovem não era do seu agrado.

Ela suspirou e seus seios se ergueram deliciosamente. Greer fez um esforço para fixar o olhar em seus olhos azuis e mantê-lo ali.

— Ele estava extremamente seco, para dizer o mínimo. Pomposo, inadequado e cheio de si.

Ele sorriu.

— Acho que conheci algumas de suas irmãs gêmeas esta noite.

De repente, a senhorita Charlotte apareceu com seus pais.

— Todo mundo se divertindo? — Perguntou o Sr. Foure, segurando uma taça de conhaque que parecia além de convidativa.

— Sim, — Beatrice disse, não soando totalmente convincente. — No entanto, acho que Amity deixou o intervalo do jantar demorar um pouco a mais.

Charlotte riu.

— Não, foi aquele nariz de focinho pomposo que você estava com quem ficou para trás.

— Charlotte! — A Sra. Rare-Foure advertiu. — Podemos usar esse termo quando estamos sozinhos, mas não aqui.

— Por que não? — A mais jovem Rare-Foure perguntou.

— Porque há tantos deles espreitando.

O Sr. Foure tossiu.

— Vejo que está de olho na minha bebida, Sr. Carson. Infelizmente, não é para convidados. Apenas para sogros. Venha, esposa. — Ele levou a Sra. Rare-Foure embora.

— Eles parecem muito satisfeitos consigo mesmos esta noite, — observou a Srta. Charlotte.

— Eles não ficaram presos a Lorde Prig nas últimas três horas, — disse Beatrice.

— Foram quarenta minutos, eu acho, — Greer disse a ela.

Beatrice revirou os olhos.

— Como está se saindo, Sr. Carson?

Seu olhar parecia fixá-lo no lugar, uma sensação desconcertante.

— Eu gostaria de ter reivindicado outra de suas danças, — ele se ouviu confessar. — E sua também, — ele acrescentou tardiamente à Srta. Charlotte. Quando as duas levantaram sobrancelhas idênticas, — ele explicou: — É bom relaxar por um momento e falar livremente.

— Concordo, — disse Beatrice.

— E eu? — Charlotte exigiu sua vez.

— Muito bem, como *você se* saiu? — Sua irmã perguntou a ela. — Alguma conquista?

Charlotte abanou a cabeça.

— Ninguém chamou meu interesse particular, mas eu continuo dizendo a você, eu não estou em uma caça ao marido.

Em qualquer caso, eu não sairia da minha maneira de dançar com qualquer um deles novamente.

— Não se precipite em julgar. Não é assim tão fácil descobrir a natureza de alguém enquanto dança, — disse Greer. — Eu mal ouvi a maioria das minhas parceiras falarem, mas gostei do intervalo com Lady Emily.

— A senhora de cabelos escuros com vestido creme? — Beatrice perguntou.

— A mesma. — Estranho que a Srta. Rare-Foure tivesse notado com quem ele dançou e jantou desde que eles estiveram em salas diferentes.

— Eu acho que dancei com o irmão dela, — Charlotte meditou, — ou talvez fosse um primo. Ele era perfeitamente capaz de falar na pista de dança. Muito capaz!

— O que você quer dizer? — Beatrice perguntou, enquanto caminhavam juntas pelo corredor em direção ao salão de baile, carregadas pelos outros convidados.

— Fazendo perguntas.

Ele notou Beatrice enrijecer.

— Que tipo de perguntas? — Ela perguntou.

— Curiosos. Sobre mim e você, — Charlotte acrescentou.

— O que você disse? — Beatrice perguntou, sua voz cheia de pavor.

— Eu disse que era a irmã mais nova de uma duquesa e uma herdeira, feliz por estar em...

— Uma herdeira! — Beatrice parou no meio do caminho e Greer parou com ela, assim como Charlotte. Quase foram pisoteados pelos convidados atrás, até que o fluxo de pessoas se reorganizou e começou a contorná-los. Greer se sentiu como uma mula teimosa parada em um pequeno riacho.

— O que você quer dizer? — Beatrice perguntou, mantendo a voz baixa, mas parecendo exausta.

A Srta. Charlotte parecia tão alegre como sempre.

— Eu disse às pessoas que perguntaram, que você é uma herdeira de caramelo. Posso ter mencionado melado também.

Mesmo Greer não tinha palavras para isso, observando Beatrice lutar para não se despedaçar de fúria no local. Isso poderia se tornar uma discussão barulhenta e inapropriadamente desagradável, fortemente reprovada por aquele livro feminino que a Srta. Charlotte tinha citado.

— Eu não me preocuparia, Srta. Rare-Foure, — ele disse, esperando acalmá-la. — Quase ninguém que está aqui esteve em sua loja. Como você me disse, a maioria da nobreza manda seus criados. E mesmo que eles tenham entrado, geralmente você está atrás. Além disso, sua irmã é uma duquesa. Eu duvido que eles conheçam suas origens também.

Eles haviam passado por tudo isso antes, mas ela tinha o rosto vermelho e estava bastante pálida.

— Você é louca, — disse Beatrice com os dentes cerrados. — Insana, eu digo. Vocês dois! As pessoas realmente acreditarão que minha família secreta acumulou uma fortuna com caramelo? Como isso seria possível?

Senhorita Charlotte, colocou a mão sobre coração, e começou a rir, parecendo totalmente despreocupada com a angústia de sua irmã.

— Bem, eles quase morreram, não é? — Greer apontou. — Uma fortuna em confeitaria.

— Não, Sr. Carson, não uma fortuna. Esse termo implica uma grande quantidade de dinheiro, tal como o duque de Pelham poderia reivindicar ou o visconde com quem eu estava dançando antes. Isso não indica o modo de vida modesto de meus pais. E o que isso tem a ver comigo? Como isso me tornaria uma herdeira em qualquer caso?

— E se sua família tivesse alguns desses poços de mel de que ouvi falar? — Ele perguntou.

Com sua pergunta, as duas meninas ficaram em silêncio, olhando para ele com os olhos arregalados, e então Charlotte caiu na gargalhada, embora Beatrice apenas balançou a cabeça. Ele pensou ter ouvido ela murmurar algo muito desagradável sob sua respiração.

Então ela o olhou diretamente nos olhos.

— Isso é um mito, uma história, um conto contado por bêbados e idiotas, — ela sibilou, — ou por oradores astutos, geralmente para jovens desavisados que não têm a menor ideia do que é hora, muitas vezes em alguma fraude destinada a separá-los de sua riqueza. Posso dizer exatamente como o melado é feito, e garanto que não vem de um poço!

— Então eu fui vítima de uma maldade, — ele meditou.

A senhorita Charlotte, que estava enxugando os olhos, fez uma pausa ao ouvir a palavra, fazendo-o supor que ela não estava familiarizada com ela, mas tudo o que ela disse foi:

— Melaço de poço!

O Sr. Carson encolheu os ombros.

— Então o que são?

— O melhor que posso determinar, — disse Beatrice, — É que a confusão vem de um erro etimológico entre a palavra do inglês médio *treacle* e o *triacle do* francês *antigo,* que tinha a ver com cura, e então qualquer um dos poços de cura na Inglaterra tornou-se poços de melaço, como o famoso da igreja de St Margaret em Binsey.

Greer considerou o que ela disse.

— Então, o rato no livro do Sr. Carroll sobre aquela garota Alice?

Beatrice parecia quase apoplética.

— Se você vai aceitar a palavra de um rato falante de uma história infantil em vez da minha, então não posso ajudá-lo, — disse ela.

— E as minas? — Ele persistiu.

— As minas, Sr. Carson? — Ele esperava acalmá-la, mas quando ela disse essas palavras, ela parecia quase à beira de um ataque.

— Na minha primeira noite aqui, fui a um pub, — disse ele as duas jovens — e o barman me contou sobre as minas de melaço.

Com isso, a fabricante de caramelo bateu a mão na testa. Charlotte encolheu os ombros com delicadeza, batendo no dedo do pé quando a música recomeçou.

— Sr. Carson, melado é xarope de açúcar fervido, — Beatrice anunciou cada palavra com cuidado, como se ele fosse um estúpido. — Se você deseja persistir em acreditar que sai da terra como carvão, ou de um poço como a água, que seja. Eu não posso te ajudar. Mas as minas de melado são conhecidas por serem uma farsa absoluta, uma piada, e um mineiro de melado significa simplesmente um preguiçoso e desempregado que não faz nada. Por quê? Porque não há mina de melaço! — Ela levantou a voz junto com seu aborrecimento. — E nada disso me ajudou a me sentir melhor por ser rotulada de 'herdeira do caramelo'.

— Na verdade, uma 'herdeira de caramelo de melado', — corrigiu Charlotte.

Beatrice cerrou os punhos e ele tinha certeza de que sua cabeça explodiria.

— Por que você está tão preocupada? — Charlotte perguntou. — O que há de errado em ser conhecida como a misteriosa herdeira do caramelo de olhos azuis?

Beatrice gemeu.

— Alguém pode ir para a prisão por se passar por nobreza.

Charlotte balançou a cabeça.

— Então é uma coisa boa você não estar fazendo tal coisa. Uma herdeira não é nobre e você não fez nenhuma reclamação. Eu fiz.

De repente, Amity estava no meio deles, e o Sr. Carson percebeu que ela estava zonza de tanto aborrecimento, esperançosamente não sobre sua irmã ser uma herdeira.

— Vocês três estão em apuros terríveis. Você perturbou toda a reunião.

Capítulo Nove

Beatrice sentiu o chão se mover ao ouvir essas palavras. O olhar no rosto de sua irmã mais velha não era o que ela já tinha visto antes.

— O que nós fizemos? — Ela perguntou, olhando de soslaio para Charlotte, que a olhou boquiaberta. — Foi o absurdo da herdeira do caramelo?

Amity franziu a testa.

— Felizmente, não tenho ideia de que bobagem você está falando. Mas todos vocês, — ela incluiu o Sr. Carson em sua censura, — deixaram seus parceiros parados na beira da pista de dança esperando por vocês quando a quadrilha começou.

Charlotte engasgou, o estômago de Beatrice afundou e o Sr. Carson pareceu abalado. Com sua primeira incursão na alta sociedade, eles cometeram um dos piores erros.

— A parceira do Sr. Carson ficou com um de seus cavalheiros - de Charlotte, eu acho - e eles tentaram entrar quando a dança já havia começado, causando confusão por alguns momentos. O outro cavalheiro se destacou como um cachorro em uma corrida de cavalos. Foi terrível. — A duquesa balançou a cabeça consternada. — Ele fez uma reverência desajeitada para ninguém em particular e se afastou dos dançarinos. Tentei alcançá-lo para ser sua parceira, mas ele já

havia se mudado para o outro lado da sala e muito da dança havia acontecido.

— Oh céus! — Charlotte disse.

Beatrice agarrou seu cartão de dança, ainda em seu pulso. Esse era o nome, Lorde Beechum.

— Raios! — Ela exclamou. — Eu irei imediatamente e pedirei desculpas, mas não poderemos dançar esta noite porque o resto do meu cartão está cheio.

— Às vezes, os anfitriões acrescentam danças, — disse Amity, — mas isso sempre é feito antes do intervalo, pois faria com que mais pessoas ficassem de fora se tentássemos fazer uma no final agora. — Ela torceu as mãos. — Henry também está um pouco irritado.

— Oh céus! — Charlotte disse novamente.

— Pare de dizer isso, — Beatrice estalou. — Isso faz minhas entranhas se contorcerem cada vez que você faz isso.

— Vou até a beira da pista de dança, — disse Carson, — para me desculpar com minha parceira assim que a vir. Se eu pudesse apenas lembrar como ela era. Eu sabia aproximadamente em qual mesa ela estaria, mas..., — ele parou incerto.

— Ela tem cabelo castanho claro, um vestido rosa e é mais alta, como Beatrice. Além disso, ela está com o parceiro de Charlotte, então vocês dois podem ficar juntos na vergonha.

Eles saíram apressados, e então Amity olhou para ela novamente.

— Isso foi mal feito, Bea.

— Eu sei. Estávamos conversando sobre melado e não ouvimos a música começar. Ou, pelo menos, não o fiz. Eu estava muito ocupado criticando o Sr. Carson, mas na verdade era tudo culpa de Charlotte. Ela...

Amity ergueu a mão e Bea pode ver o anel de noivado cintilante e a grossa faixa de ouro em seu dedo anelar. De alguma forma, sua irmã mais baixa e dócil tinha se tornado mais dominante e até formidável desde que se tornou uma duquesa.

— Não importa agora. Antes que a dança termine e você seja abordada por seu próximo parceiro, você deve ir se reconciliar com Lorde Beechum e implorar seu perdão.

— Implorar? — Beatrice murmurou.

— É apenas uma expressão, — disse Amity, empurrando-a para a frente.

Com seguramente pouco tempo antes de ela dançar com - ela olhou para seu cartão - *Lorde Tuppence?* Isso não poderia estar correto, mas era o que a letra parecia. Com provavelmente um ou dois minutos de sobra, ela iria, de fato, pedir perdão a Lorde Beechum e esperar que ele não fosse um dos cavalheiros para quem Charlotte havia mentido.

— Ah, aqui está ela, a herdeira rebelde, ela mesma.

Droga! Ele já havia dançado com Charlotte. Talvez Beatrice devesse espalhar o boato de que sua irmã mais nova era a marzipan. Mas isso poderia colocar as duas em apuros.

— Meu senhor, por favor, aceite minhas mais sinceras desculpas — disse ela, tentando uma reverência profunda, mas graciosa, que esperava ser apropriada nas circunstâncias. — Eu não teria perdido nossa dança por nada neste mundo. Eu me descobri — *por que ela não inventou uma desculpa?* — presa em... — Ela dificilmente poderia dizer o quarto das senhoras, pois isso trouxe uma imagem vívida que ela preferia não colocar na mente de sua senhoria.

— Em caramelo, — ele sugeriu, um brilho diabólico em seus olhos. — Você ficou presa no caramelo, talvez?

Ela riu levemente, embora sentisse vontade de vomitar em suas botas perfeitamente brilhantes.

— Seria esse o caso, meu senhor. Eu estava presa em uma conversa com dois patifes, como descobri. Embora meu cartão de dança esteja cheio esta noite, espero que você me permita compensá-lo em outro baile.

— Muito bom de sua parte oferecer. Por favor, não se preocupe muito com isso, disse ele, sem aceitar nem recusar. — A dança está acabando, então é melhor encontrarmos nossos próximos parceiros. — Com uma reverência superficial, ele se afastou.

Seu ego provavelmente estava um pouco machucado. Ela deveria ter dito que realmente estava presa no caramelo, porque saber que ela estava tagarelando o insultou ainda mais. Ela era uma idiota fanática, com certeza. Agora, teria que encontrar Lorde Tuppence.

BEATRICE NÃO PODERIA ESPERAR para falar com o Sr. Carson no dia seguinte, certo de que ele viria à loja. Com certeza, logo depois das três horas, ele chegou. Com a loja momentaneamente vazia, Charlotte assobiou com uma nitidez irritantemente alta, chamando-a da sala dos fundos.

— Você costumava fazer isso apenas para expressar felicidade, — ela comentou com Charlotte enquanto abria a cortina, — não para chamar as pessoas. Eu não ligo para isso, nem um pouco.

Ela olhou para o americano. Lá estava ele, bonito como sempre, sorrindo e parecendo mais relaxado do que em qualquer momento da noite anterior.

— Talvez eu esteja simplesmente feliz em ver o Sr. Carson, — Charlotte protestou. — Mas vou tentar parar. É tão fácil ser ouvido. Se Amity tivesse assobiado daquele jeito ontem à noite para chamar nossa atenção, não teríamos perdido o início daquela dança.

— Nós cometemos um erro grave com isso, não foi? — Sr. Carson disse com sua facilidade bem-humorada. — Vou mandar uma garrafa de conhaque ao duque para agradecê-lo por tudo, se você acha que é a coisa certa a fazer. Ou é um gesto muito pequeno? Devo enviar um cavalo ou algo assim?

Beatrice deu uma risadinha.

— Eu sei que meu cunhado gosta de um bom copo de conhaque francês. Tenho certeza que será bem-vindo.

— E a sua irmã? Posso enviar algo para a duquesa também? Ou isso é considerado muito ousado?

— Tenho certeza de que ela apreciaria qualquer gesto. — Beatrice teve que admitir para si mesma que ficou impressionada com a consideração do Sr. Carson.

— Eu sei que ela gosta de chocolate, — disse ele, — mas isso parece impróprio.

— Verdade. Talvez um buquê de flores, — ela sugeriu.

— Por que vocês dois não entregam o sinal de *nosso* agradecimento esta noite, — Charlotte interrompeu, — e jantam com eles?

Beatrice trocou um olhar com o Sr. Carson e sabia que ele estava pensando o mesmo que ela.

— Acredito, querida irmã, que devemos deixar Amity e o duque em paz esta noite. Eles nos viram muito ultimamente, com todas as aulas de dança e etiqueta. E ainda assim, administramos nosso erro flagrante.

— Eu concordo com a Srta. Rare-Foure, — disse o Sr. Carson a Charlotte. — Deixe-me enviar flores e conhaque por meio de correio, e deixe os Pelhams em paz. — Ele se virou para ela novamente. — Como você se saiu o resto da noite?

Ela e Charlotte foram para casa com os pais, e o Sr. Carson voltou para o hotel em um carro alugado, sem dar a eles chance de se falarem depois de sua *gafe.*

— Lorde Beechum mencionou caramelo, — ela confessou, enviando um olhar para Charlotte, que parecia imperturbável por qualquer repreensão implícita. — E ele não aceitou

calorosamente minhas desculpas ou meu pedido para dançar em outro momento.

— A perda é dele, — disse Carson. — Algum outro cavalheiro em potencial?

— Alguns dos cavalheiros foram agradáveis. Nenhum pisou em meus pés. Não tenho certeza se poderia colocar a maioria de seus nomes em seus rostos se minha vida dependesse disso.

— Eu senti o mesmo, — Charlotte disse. — Mas haverá novos rostos em cada baile, especialmente os maiores, englobando os cavalheiros elegíveis da temporada anterior.

— Hm, — disse Carson. — Os homens podem estar bem da última temporada. No entanto, de minha parte, vou me perguntar por que as senhoras foram deixadas na prateleira e não arrebatadas.

— É uma coisa terrível de se dizer, — Beatrice defendeu seu sexo. — 'Arrebatadas.' Talvez uma jovem perfeitamente maravilhosa não achou nenhum dos homens de seu agrado no ano passado e, portanto, se guardou em vez de se permitir ser sequestrada pelo homem errado.

— Talvez, Srta. Rare-Foure. Não se irrite. Nem mesmo estamos falando sobre pessoas que conhecemos.

Ele estava certo, mas ela não gostou do sentimento mesmo assim. Isso a lembrava muito de sua própria situação, guardada mesmo sem uma temporada. Mas isso foi no passado. Graças a Amity, seu futuro se abriu mais uma vez.

Ela supôs que também era graças ao Sr. Carson por convencê-la.

— Como você se saiu ontem à noite? — Ela perguntou a ele. — Você conseguiu acertar com a senhora que teve que dançar com o parceiro pretendido de Charlotte?

— Na verdade, não. Aparentemente, a duquesa estava certa em estar angustiada com o que tínhamos feito com seu baile. A senhora me esnobou espetacularmente. E cada uma das minhas próximas sete parceiras fez menção disso, dizendo como elas estavam felizes por eu ter cumprido minha promessa a elas. Você pensaria que eu tinha renegado uma proposta de casamento.

— O duque me pegou entre as danças e me deu um olhar muito severo, — Charlotte disse com um suspiro.

— Isso é tudo? — Beatrice perguntou. — Antes de partirmos, quando você foi procurar mamãe e papai, Sua Graça me disse que hesitaria em apresentar-me mais cavalheiros se fosse assim que eu me comportasse. Tentei explicar que acontecimento singular foi esse, mas acho que Amity terá de acalmar as coisas com o marido se quisermos receber mais ajuda daquela região. Tratamos o duque como um de nós, mas esses nobres nascidos e criados realmente pensam de maneira diferente de nós.

— Concordo, — disse Carson. — Ele também me disse que eu nunca pegaria uma dama se as tratasse tão mal. Ele calculou que eu não poderia escapar impune nem mesmo com

mais um passo em falso, e era melhor que fosse o meu primeiro e o último.

Todos eles suspiraram juntos.

— Devo colocar a chaleira no fogo? — Charlotte perguntou.

— Eu preferiria um copo de uísque, francamente, — disse Carson.

— Desculpe, — Beatrice disse a ele, com uma expressão exagerada de tristeza, — todos nós estamos sem ânimo.

— Muito bem, — Charlotte disse. — É hora de eu ir embora. Eu limpei. Tudo o que tem a fazer é...

— Eu sei como trancar, — ela retrucou.

— Ela também sabe como afugentar seus clientes, — disse Carson, não muito cavalheirescamente.

— Por favor, Bea, não faça isso, — disse Charlotte, indo ao quarto dos fundos tirar o avental e pegar o casaco e o chapéu.

— Você está muito bem vestida hoje, — disse o Sr. Carson, e ela girou na frente dele, corando lindamente, até que Beatrice se perguntou por que alguém não havia *agarrado* sua irmã na noite anterior.

Provavelmente porque a maioria dos cavalheiros não tinha sido capaz de ver muito além de seus próprios narizes arrebitados!

Talvez essa coisa toda fosse uma perda de tempo, colocar as vendedoras de classe média junto com a nobreza, exceto que

o Sr. Carson ainda tinha todos os motivos para esperar o sucesso.

— Eu tenho minha aula de arte esta noite, — Charlotte disse, explicando por que ela parecia melhor do que suas vestes normais de todos os dias. — Eu provavelmente não vou te ver até o café da manhã.

— Divirta-se. — Beatrice a observou partir.

— O que você está pensando? — Carson perguntou.

— Todos nós nos perguntamos se ela tem sentimentos para o irmão de sua amiga que também frequenta aulas de arte. Isso explicaria sua falta de interesse em encontrar um marido durante a temporada.

No mesmo instante, Beatrice desejou poder evocar suas palavras. Ela não tinha nada que fofocar sobre sua própria família.

— Eu sinto muito. Eu não deveria ter revelado tal intimidade sobre minha própria irmã.

— Talvez porque estejamos extremamente acostumados um com o outro agora, Srta. Rare-Foure. Sinto como se a conhecesse a mais tempo do que realmente é, e considero você minha amiga. Eu nunca quebraria sua confiança revelando qualquer coisa que você me diga.

— Obrigada. Eu entendo como você se sente e me sinto da mesma maneira.

Sua declaração gerou um silêncio que quase desmentiu suas palavras de amizade. Beatrice achou que não era

totalmente confortável, mas também não era muito estranho. E o estranho interlúdio passou rapidamente.

— Você terminou de fazer caramelo para hoje? — Ele perguntou, quebrando a estranha tensão entre eles.

— Acontece que sim.

— Bom. Ele olhou ao redor da loja, e ela se perguntou se deveria lhe dar algo para provar. Suas irmãs eram muito mais amigáveis a esse respeito, mas ela contornou o balcão e considerou suas opções.

— Eu estava cheia de produtividade energética hoje, fazendo meu caramelo. Provavelmente devido ao nosso grande *triunfo* da noite passada, — ela acrescentou ironicamente, colocando um doce de marzipan em forma de flor e um chocolate simples com recheio de pasta fundente em um pequeno prato de porcelana. Ela olhou para ele por cima do balcão e ele sorriu.

— Para a frente e para cima, como dizem, Srta. Rare-Foure.

— Eu suponho. — Sem dizer nada, ela ofereceu-lhe as amostras, e ele as comeu pensativamente.

— Neste caso, entretanto, as vendas caíram um pouco nas últimas semanas, — ela admitiu, — então não precisei trabalhar tanto quanto no passado.

— Não é bom, — disse ele, entregando-lhe o prato.

— Como você pode dizer isso? Esse é o melhor marzipan e chocolate de Londres! — Ela estava pronta para lhe dar um soco no nariz em nome de suas irmãs.

— Eu quis dizer a queda nas vendas, *não* os doces. Verdade seja dita, porém, eu prefiro seu caramelo a qualquer um deles.

Ela sentiu suas bochechas aquecerem, imensamente satisfeita e esperando que ele não estivesse dizendo isso apenas porque ela estava parada na frente dele. De qualquer forma, ela voltou à vitrine, colocou um pouco de caramelo simples em uma sacola e entregou a ele.

— Quanto? — Ele perguntou.

— Sem custos, Sr. Carson, — disse ela, e pela primeira vez sentiu a alegria de dar seu ofício para o prazer de outra pessoa.

— Obrigado. — Ele colocou um pedaço na boca, tomando o cuidado de chupar enquanto colocava a bolsa no bolso do casaco.

Ela observou sua boca enquanto ele apreciava a confecção dura, uma boca muito atraente, com certeza. Quando ele começou a mastigar, ela levantou a mão.

— Melhor para chupar, Sr. Carson.

— Meus dentes são fortes, garanto a você.

Mesmo assim, ela notou que ele empurrou o pedaço de caramelo na bochecha para derreter e continuou falando.

— Posso perguntar se sua família anuncia?

— Nós fazemos. Talvez não seja o suficiente ou talvez nossos anúncios precisem ser alterados. Meu pai cuida de tudo isso. Você entende sobre essas coisas?

— Um pouco. — Ele não a esclareceu mais. — Você usou a nova conexão da sua irmã?

— *Usou?* — Ela perguntou, se perguntando se ela iria gostar de onde isso estava indo. — Se você não está com pressa, pode me dizer o que quer dizer. Não posso fechar por mais uma hora. Você gostaria de uma xícara de chá?

Ele não hesitou.

— Sim, eu gostaria, — e sem mais discussão, ele a seguiu até a sala dos fundos.

Colocando a chaleira no fogo, Beatrice reprimiu a noção de que havia algo vagamente impróprio na loja vazia, o homem solteiro, seu isolamento e a sala dos fundos. No entanto, ela não se sentiu ameaçada por ele por um instante. Em mais de uma ocasião no passado, ela sentiu apreensão quando um casal entrou imediatamente antes de ela fechar e pareceu demorar muito. Ela estava feliz por Charlotte manter a caixa de dinheiro debaixo do balcão fora de vista. O Sr. Carson, entretanto, não deu a ela tais noções alarmantes, nem para seus lucros, nem para sua pessoa.

Atrás dela, ela ouviu sons altos de sucção e sorriu para si mesma.

— Você estava dizendo, Sr. Carson?

Ele mastigou por alguns momentos e engoliu em seco.

— Eu me pergunto se seus anúncios poderiam dizer algo como 'os doces favoritos do duque de Pelham'.

Beatrice assentiu.

— Isso certamente não é uma mentira. Vou mencionar isso ao pai.

— Suponho que você não queira dizer 'Nosso chocolate é feito por uma duquesa' ou algo parecido, a fim de atrair as pessoas para a novidade absoluta.

Isso a fez rir enquanto colocava o chá no bule.

— Não, eu não acho que minha irmã iria querer isso. Ela estava preocupada desde o início se ela poderia manchar o verniz polido do duque, e virar toda a *ton* de Londres de pernas para o ar com a infração maciça de um nobre se casando com a filha de um lojista. Amity esperava que as mulheres desmaiassem e os homens empunhassem as armas contra ela.

O Sr. Carson não o descartou imediatamente.

— Eu posso ver onde ela pode ter tido preocupações. Talvez se seu marido fosse um aristocrata inferior, seus medos poderiam ter se tornado realidade. Mas, pelo que entendi, dificilmente se pode evitar um duque, ou pelo menos o faz por sua própria conta e risco. Ele é praticamente o maior sapo da poça.

Ela piscou para ele. *O maior sapo?* Era uma maneira tão boa quanto qualquer outra, ela supôs, de descrever um duque.

— Você está certo. Mesmo os outros nobres devem ter cuidado para não ofendê-lo. É por isso que irritar o duque foi

uma coisa tão terrível de se fazer. Ele realmente pode destruir seus planos se falar mal de você, e certamente pode nos ajudar a todos com uma boa palavra.

Depois de despejar a água fervente na chaleira marrom, ela puxou o tecido de malha azul por cima e deixou o chá em infusão enquanto pegava duas canecas e as colocava no balcão de cobre ao lado do fogão.

— Nada de xícaras e pires refinados aqui, Sr. Carson, — ela disse a ele. — E apenas um banco.

— Por favor, sente-se se quiser, — ele ofereceu. — Estou feliz por estar de pé.

Ignorando sua oferta - *ela era uma vendedora, mas não uma bárbara que aceitaria o único banquinho,* ela enfiou a mão na caixa fria para *pegar* leite e despejou um pouco no fundo de ambas as xícaras.

— Com certeza vou falar com meu pai sobre nossos anúncios. Talvez você gostaria de vir jantar em breve e contar a ele mais de suas ideias. Suponho que você tenha algum conhecimento, talvez até mesmo experiência.

Ele encolheu os ombros largos e ela suspirou interiormente. Se ele não precisasse de uma senhora com título, ela poderia tentar atrair seu interesse. Ele certamente pegou o dela.

— Ajudei meu tio com a propaganda de seu negócio.

— Anúncios de ferrovias? — Ela perguntou.

Ele assentiu.

— Garantir aos clientes a segurança e o conforto na linha. Esse tipo de coisa. — Mudando de assunto, ele perguntou: — Posso servir para uma senhora tão graciosa?

— Obrigada, — ela disse, batendo as pálpebras com velocidade extra, esperando que ele estivesse brincando do jeito que ela estava. No entanto, seu olhar intenso parecia totalmente sério.

— Essa é exatamente a oferta que você deve fazer a uma senhora se a visitar em sua casa.

Ele tossiu.

— Eu sei disso. Lembro-me das aulas de sua irmã, Srta. Rare-Foure. Estou oferecendo com sinceridade. — Com isso, ele pegou o bule e serviu em ambas as xícaras sem espirrar uma gota.

— Muito bem, — disse ela.

— E açúcar, minha Lady?

Ela congelou assim como ele.

— Desculpe, estou praticando. — Sem esperar por uma resposta, ele despejou uma colher de chá em cada uma das xícaras e mexeu.

— Melhor esperar por uma resposta, *meu senhor,* — ela zombou dele, levantando sua caneca em saudação. — Algumas pessoas não tomam com açúcar ou tomam com cem colheres. Você pode ter estragado meu chá.

— Verdade. — Ele ergueu sua xícara e bateu contra a dela. — E com quantas você normalmente toma?

— Exatamente uma, — ela admitiu.

— Ah ha! — Ele exclamou, enviando a ela um sorriso maroto.

Eles beberam em silêncio, e ela desejou poder pensar em uma história engraçada. Ou melhor ainda, Beatrice quase desejou poder se sentir mal por ele como no passado. Em vez disso, seus pensamentos sobre ele eram calorosos e felizes. Ele era terrivelmente legal, atraente demais para ela ignorar sua aparência e, além disso, ele cheirava bem. Sabonete de peras, se ela não estava enganada.

Ela pigarreou.

— Claro, esse negócio de tomar chá é mais fácil quando sentado e com uma mesa entre eles.

— É bom *não* ter uma mesa entre nós, — disse ele.

Novamente, ela congelou. Olhando por cima de sua xícara, ela encontrou os olhos treinados sobre ela e sentiu uma pontada estranha em seu estômago. Ela esperava sentir o mesmo com algum cavalheiro na noite anterior, mas, infelizmente, não.

— Um biscoito? — Ela ofereceu para ter um motivo para se virar.

— Eu não direi não. Embora quando eu sair daqui, eu acredito que terei comido todas as coisas doces que posso aguentar por um dia.

Ela encontrou uma lata dos biscoitos com cobertura de chocolate Cadbury favoritos de Amity e ofereceu-lhe um. Eles

mastigavam felizes, e ele observou enquanto ela mergulhava no chá.

— O que você está fazendo? Isso é algo que apenas mulheres podem fazer, ou posso fazer isso?

— Claro, — ela disse e riu. — Não mergulhe muito tempo ou você terá migalhas e gordura flutuando em cima do seu chá, mas um pouco de calor torna o sabor do chocolate ainda melhor.

Ele fez o que ela disse, deu uma mordida e fez uma careta.

— E isso dá a você um biscoito empapado.

— Eu disse para você não mergulhar por muito tempo.

— Existem regras na Inglaterra para tudo, — disse ele.

— Provavelmente é verdade, — ela concordou.

— Tenho certeza de que existem regras contra eu estar aqui neste exato momento, tomando chá com uma mulher bonita.

Ela abriu a boca, depois fechou. *Ele a achava uma mulher bonita?*

— Provavelmente, — ela disse finalmente, pensando que deveria dizer a ele como, se descoberto, ele poderia prejudicar suas chances de segurar uma dama. E se a mãe dela os descobrisse novamente, ele poderia levar um forte golpe com a vassoura da loja.

— Desculpe, eu te envergonhei, — ele disse, esvaziando sua xícara. — Eu deveria deixar você voltar para o que quer que você faça quando o caramelo for feito.

Ela assentiu. Seria melhor se ele fosse embora. Quando eles estavam sozinhos, sem a distração das aulas de dança, sem Charlotte para intervir de vez em quando, havia muito tempo para simplesmente contemplar o próprio homem.

Ele entregou a ela a xícara e seus dedos se tocaram. Ambos olharam para suas mãos, e a próxima coisa que Beatrice percebeu, ele colocou a caneca na mesa e a puxou para seus braços.

Em um piscar de olhos, ela foi puxada contra o peito largo do Sr. Carson e, instintivamente, ela levantou as mãos até os ombros, sentindo sua força sob seus dedos.

Olhando para ele, Beatrice sabia o que aconteceria a seguir. E se não acontecesse rapidamente, o momento estaria perdido. Ela se afastaria e ele provavelmente murmuraria um pedido de desculpas.

O americano reivindicou sua boca rapidamente, seus lábios quentes e firmes cobrindo os dela. Foi como se alguém tivesse atiçado as brasas de uma fogueira. Num momento ela estava placidamente bebendo chá, e no próximo, seu corpo formigava com o calor escaldante.

Seus braços a envolveram e suas mãos repousaram sobre suas costas, apertando-a contra ele.

Ela se concentrou em saboreá-lo, respirá-lo - *sim, o cheiro fresco e amadeirado do sabonete de pera* - e memorizar cada segundo de seu primeiro beijo de verdade. Sua cabeça inclinou-se e, naturalmente, ela inclinou-se também. Na

direção errada, como se viu, pois, seus narizes esbarraram desajeitadamente.

Rapidamente, antes que ele desistisse, ela inclinou-se para o lado oposto, e suas bocas pareciam se encaixar perfeitamente. Seus lábios se moveram contra os dela como se a estivesse consumindo. Chocada até os dedos dos pés, mas encantada, ela fez o mesmo. Foi terrivelmente excitante.

E então ela ouviu a campainha da loja.

Capítulo Dez

Se separando como se estivessem literalmente em chamas, Beatrice levou o dedo aos lábios, certificando-se de que o Sr. Carson não dissesse uma palavra. Ela sabia que havia um motivo pelo qual ela não gostava dos clientes!

Seus adoráveis olhos azul-acinzentados estavam arregalados, provavelmente como os dela, e ela poderia dizer que ele percebeu o perigo da situação deles. Eles nunca deveriam ter ido para os fundos, nem mesmo para tomar chá. Ela sabia disso, e ainda assim ela flertou de bom grado com o desastre.

Olhando para o vestido, certificando-se de que o avental ainda estava reto, ela saiu correndo pela cortina.

— Bom dia. — Greer ouviu Beatrice cumprimentar o cliente, parecendo muito mais animada do que de costume.

Ele não se moveu um centímetro, não se atreveu a fazer o menor som.

— O que você quer? — Ela disse, parecendo um pouco apressada.

— Não tenho certeza ainda, — veio uma resposta masculina, e Greer podia imaginar essa resposta irritando a fabricante de caramelos. — Ouvi dizer que você faz uma excelente confeitaria e, portanto, aqui estou, Lorde Dunlop, ao seu serviço.

— Não, meu senhor, estou a *seu* serviço, — ela entoou, e ele sabia o que isso lhe custou. Qualquer homem que entrasse em uma loja de doces e tivesse que promover seu título provavelmente era uma camisa de pelúcia de grande magnitude.

— Sim, naturalmente, — respondeu o homem.

— Temos muitos chocolates finos, alguns com sabor, outros não. Temos caramelo com nozes e sem nozes, envolto em chocolate e puro. E temos marzipan em muitos formatos e tamanhos.

Greer podia imaginá-la apontando cada prateleira de confeitos para o senhor.

— Posso colocar uma quantidade menor em um saco, ou se você preferir uma quantidade maior, temos latas bonitas.

— Você é uma garota prestativa, não é? — Ele disse.

Isso não gerou nenhum comentário audível, então Beatrice deve estar simplesmente olhando para o homem, felizmente sorrindo, mas não carrancuda.

Depois de outro momento, o cliente acrescentou:

— Você realmente tem latas bonitas.

Espere, o quê? Greer achou que a voz do homem assumira um tom nitidamente lascivo.

No entanto, em uma voz normal, Beatrice perguntou:

— Você se importaria de provar algo, meu senhor?

O homem deu uma risadinha.

— Definitivamente. Quanto isso vai me custar?

Os cabelos da nuca de Greer se arrepiaram.

— As amostras são gratuitas, meu senhor. Talvez um chocolate?

Ele riu novamente.

— Sim, deixe-me começar com um chocolate.

Houve um movimento quando Beatrice pegou um na vitrine. Ele sabia que ela iria colocá-lo em um de seus pratos delicados e entregá-lo ao cliente.

No entanto, o homem perguntou:

— Você colocaria na minha língua?

O malandro! As mãos de Greer já estavam fechadas em punhos antes que ele percebesse.

— Não, meu senhor. Isso seria anti-higiênico.

Pela primeira vez, ela parecia irritada.

— Essa é uma palavra nova e inteligente, não é? Entendo o que você quer dizer, senhorita, e posso pensar em mais coisas anti-higiênicas que poderíamos fazer e desfrutar muito mais do que comer chocolate.

Ele ouviu Beatrice bater o pé.

— Duvidoso, — foi sua resposta insolente. — Você deseja comprar algo, meu senhor, ou não?

Greer tinha que admitir. Ela manteve a calma e até parecia entediada com seu torturador lascivo.

— E se eu chegar a este balcão e acariciar seus seios? Apenas para provar, é claro. De graça, como você prometeu.

— Devo pedir que você saia, veio seu tom, calmo e firme.

— Sou um barão, — disse ele.

— E eu sou a cunhada de um duque, — ela atirou de volta, rápido como um chicote.

Greer queria vibrar.

— Mentirosa, — disse o homem, sem parecer nada satisfeito, talvez por medo de que ela estivesse dizendo a verdade. Mas então, sem dúvida pensando que as chances de um parente nobre trabalhando em uma loja eram mínimas, seu tom meloso e lânguido estava de volta. — Para essa prevaricação, vou pedir mais do que uma pequena amostra. Parece que você tem uma sala nos fundos.

Greer respirou fundo. Naturalmente, ele resgataria Beatrice se o canalha tentasse arrastá-la para os fundos, mas sua reputação seria destruída por sua presença já escondida. E esse parecia exatamente o tipo de vilão que tentaria usá-lo contra ela, e talvez voltasse farejando em um momento mais adequado para pegá-la sozinha.

— Essa é uma sala de trabalho para os funcionários, — ela disse mordaz. — Parece que você não está interessado em nossos doces, então devo pedir-lhe novamente para sair. Estou fechando a loja agora.

— Por que você não fecha e tranca a porta, e eu vou deixar você ter um gostinho de mim.

Era isso! Ele não podia acreditar que qualquer homem - muito menos um barão - entraria em uma loja em plena luz do dia e assediaria uma vendedora daquela maneira.

Silenciosamente e o mais rápido possível, ele tirou o chapéu, tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa branca. Então, lembrando-se de seu lenço, ele o soltou e jogou-o de lado. Ele gostaria de ter algo parecido com um avental de açougueiro, mas teria que se esforçar ao máximo.

— Eu terminei de fazer o inventário, irmã, — Greer proclamou em voz alta enquanto abria a cortina, tentando um sotaque inglês, — e eu varri o chão.

O chamado barão ficou branco como um lençol.

— Oh, bom, outro cliente, — disse Greer, como se só então o notasse. — Você chegou na hora certa, bom senhor. Estamos prestes a fechar.

Ele olhou para Beatrice, que parecia com as bochechas vermelhas, de raiva do barão ou embaraço com a aparição repentina de Greer, mas ela respirou fundo e voltou à sua tez cremosa normal em segundos. Até seus adoráveis olhos azuis dançavam de alegria.

— Obrigada, *irmão.* Acredito que este senhor estava prestes a fazer uma grande compra, de fato. Felizmente, você ainda não foi ao Teavey's para seu treino de pugilismo. O barão, aqui, pode precisar que você cumpra seu pedido.

— Estou ansioso para derrubar alguém em um chapéu armado, com certeza, — disse Greer, flexionando as mãos na

frente dele. — Mas posso esperar um minuto e realizar as compras de sua senhoria.

— Não... não, isso não será necessário, — disse o ladino. — Dê-me um quilo de caramelo.

Mas Beatrice estava balançando a cabeça.

— Não, — corrigiu o barão. — Meio quilo de cada um de chocolates e caramelos, e o que você disse que era isso?

— Marzipan, — Beatrice disse secamente.

— Meio quilo disso também.

— As latas são extras, — disse ela, — e só aceitamos dinheiro pronto de novas contas. Você não pode colocar a crédito.

— Naturalmente. Crédito, de fato! — Ele disse como se nunca fosse fazer tal coisa.

Beatrice identificou o custo enorme, o suficiente para três jantares fora se Greer se lembrasse de sua primeira lição sobre moedas corretamente.

O barão hesitou.

— Estou ansioso para bater em alguém no Teavey's, — disse Greer. — Mal posso esperar para começar.

A bolsa de moedas do homem saiu imediatamente e ele colocou a quantia no balcão. Beatrice puxou-o em sua direção e então começou a preencher o pedido em silêncio. Pareceu um tempo longo e tenso enquanto ela enchia três latas do tamanho de um quilo, que finalmente colocou no balcão.

Pegando-os e sem uma palavra de despedida, o barão saiu, deixando a porta aberta.

Greer foi fechá-lo, com a certeza de que aquele patife em particular não voltaria para assediar sua fabricante de caramelo. *Sua? De onde veio esse pensamento impróprio e impreciso?*

Em qualquer caso, ele esperava que ela não estivesse muito chateada. A ideia de uma Beatrice chorosa e assustada fez seu estômago embrulhar.

Quando ele se virou para ela, no entanto, ela sorriu e começou a rir. Ele observou seu belo rosto, relaxado e feliz depois do que acabara de acontecer, e não conseguia imaginar outra mulher que reagisse daquela forma.

Depois de recuperar o fôlego, ela pegou as moedas à sua frente e se abaixou. Ele ouviu a caixa abrir e fechar. Quando ela se endireitou, ela olhou diretamente para ele.

— Você foi inteligente, Sr. Carson, mesmo que eu não tenha ideia do que um chapéu armado tem a ver com isso, ou bater alcatrão. Alguns provérbios americanos, suponho. Quando eu vi você emergir, pensei que você estava aumentando minhas aflições, e então percebi que você me chamou de 'irmã'. As mangas enroladas eram um toque excelente. Pena que não tínhamos um avental adequado para você.

— Isso é o que eu estava pensando. — Ele queria rir de todo o incidente, mas no fundo, ele estava perturbado por isso. — E se eu não estivesse aqui?

— Eu teria lidado com isso como antes.

— *Antes?* Isso acontece com frequência?

— Não, mas cada uma de nós experimentou alguns avanços indesejados, mesmo quando somos duas aqui. Devo admitir, me senti confortada e encorajada, sabendo que você estava na sala dos fundos... fazendo um inventário! — Ela sorriu amplamente.

— Eu não conseguia pensar no que mais poderia estar fazendo, — admitiu. — Confesso que estou preocupado com o que poderia ter ocorrido.

— Como eu disse, não foi a primeira vez. — Beatrice se abaixou e pegou algo. — Usamos um bastão quando necessário, embora isso tenha acontecido algumas poucas vezes. Estendendo a mão, ela empunhou um bastão de críquete, acenando-o sobre a cabeça.

— A maioria dos homens lascivos são papagaios e não aceitam ameaças. Às vezes, acho honestamente que os nobres como o de hoje acreditam que serei honrada em prestar qualquer serviço que eles exigirem, simplesmente porque eles têm um título. Aquele idiota fez questão de me dizer que era um barão, e pareceu ir de mal a pior rapidamente depois disso.

— Sim. Peço desculpas em nome de minha espécie. — Greer sentiu uma sensação de indignação. Ela deveria ser capaz de vender doces sem medo de agressão.

— Sua espécie? — Ela perguntou, parecendo divertida.

— Homens, em geral, particularmente aqueles que tiram vantagem de... — ele interrompeu, lembrando o beijo que agora parecia ter sido uma vida inteira atrás. Com vergonha, ele se lembrou de segurá-la e beijá-la, a sensação de seu corpo quente pressionado contra ele e seus doces lábios sob os dele.

Obviamente, Beatrice poderia dizer para onde os pensamentos dele foram, pois ela balançou a cabeça ligeiramente e corou. Ele esperava que ela não o incluísse entre os homens lascivos que tentavam se aproveitar dela - ou, no caso dele, conseguissem fazê-lo.

Ele engoliu em seco.

— Agora, eu devo me desculpar por meu próprio comportamento. Não foi bem feito de mim. Você provavelmente deveria dar um tapa na minha cara. — Ele deu alguns passos em sua direção para que ela pudesse fazer isso se quisesse.

— Provavelmente, — ela concordou, parecendo solene, mas não com raiva.

— Eu preferia que você não usasse o bastão, no entanto.

Em resposta, ela o guardou atrás do balcão.

— E não devemos ficar sozinhos de novo se vou me comportar como um animal incivilizado, — acrescentou.

— Você está? — Ela perguntou. — De novo, quero dizer?

Ele gemeu. Ela pensou mal dele por beijá-la. *E por que ela não deveria?* Ele tinha o objetivo de se casar com uma dama e Beatrice sabia disso. *Isso mudou?* Não. Qualquer relacionamento que ele tivesse com ela tinha que parar na

amizade. Beijá-la, não importa o quão compelido ele se sentiu antes, estava além do permitido e não poderia acontecer novamente. Ele só podia culpar um remorso esmagador uma vez e tinha sido realmente opressor. Em um momento, ele estava bebendo chá, e a próxima coisa que ele sabia, quando seus dedos se roçaram, o desejo por ela cantou através de seu corpo. Ele cedeu sem pensar.

Se o beijo deles deu a ela uma ideia errada, seria sua própria culpa. Além disso, a última coisa que ele queria fazer era levá-la adiante. Uma vez que uma segunda ocorrência deve ser interpretada como deliberada, ele nunca permitiria que isso acontecesse.

O que ele poderia dizer?

— Eu realmente sinto muito.

— Você deveria ter colocado a caneca de volta na bancada e isso não teria acontecido, — disse ela. — No futuro, evite tocar nas mãos das mulheres, especialmente quando elas não estiverem usando luvas.

Ele passou a mão pelo cabelo.

— Como eu suspeitava, — ele disse. — Existem regras para tudo, até para xícaras de chá.

Ela suspirou e encolheu os ombros ligeiramente.

— Posso fechar mais cedo, Sr. Carson. Acho que minha mãe vai entender. Chegar a casa nas primeiras horas da manhã não é favorável para trabalhar em uma loja o dia todo.

— Não, eu imagino que não. Eu confesso que dormi.

— Eu confesso que eu também, — disse ela. — Mesmo assim, estou cansada de qualquer maneira.

— Muito bem. — Ela estava certa. Ele deveria ir embora, principalmente porque ficou tão surpreso com o forte desejo de beijá-la que não tinha certeza de que não voltaria a acontecer. Portanto, era prudente não colocar nenhum deles em risco.

— Vou pegar meu casaco.

Com o silêncio dela como acordo, ele passou pela abertura entre os balcões e foi para a sala dos fundos. Agarrando o casaco, ele o vestiu rapidamente, decidido a voltar para a frente antes que alguém entrasse. Pegando o chapéu, ele passou pela cortina, para ver que ela não havia se movido.

— Dois dias até o próximo baile, — ele a lembrou.

— Sem o benefício de estar no território familiar da casa da minha irmã.

— Tenho certeza de que vamos nos acertar, — prometeu Greer, sem nenhuma certeza. Batendo no bolso, ele acrescentou: — Obrigado pelo caramelo. — E mordeu a língua antes de agradecê-la pelo beijo mais esplêndido que já tivera.

ASSIM QUE A PORTA SE fechou atrás do Sr. Carson, Beatrice inspirou profundamente e piscou para conter as lágrimas inesperadas. Então ela, de fato, trancou e virou a placa pendurada em uma linda fita azul para indicar que eles não estavam mais abertos para negócios. Afinal, ela ganhou mais com aquele piolho horrível de barão do que nos dois dias anteriores. Ela podia se dar ao luxo de fechar a loja mais cedo.

Mesmo se ela não tivesse recebido a sorte inesperada, ela teria que fechar. Ela precisava de um silêncio pacífico para domar suas emoções ardentes. Aquele beijo pelo qual o Sr. Carson se desculpou tão alegremente foi sublime e comovente. Sozinha, ela poderia reviver isso, a maneira como ele a puxou para sua pessoa, passou os braços fortes em torno dela, segurou-a com as mãos sem luvas. Quando seus lábios quentes e firmes tocaram os dela, o mundo encolheu para a sala dos fundos da Rare Confeitaria, e nada mais existia.

Se aquele terrível senhor não tivesse se intrometido, eles ainda poderiam estar se beijando.

Ela riu nervosamente com o pensamento ridículo. Claro, eles não estariam ainda se beijando. No entanto, pode ter demorado um pouco mais. Talvez o suficiente para o Sr. Carson perceber que combinavam perfeitamente um com o outro, independentemente de seu estado sem título.

Afinal, com sua riqueza pessoal, ele poderia comprar alguma outra casa de campo. Ele não precisava daquela velha mansão escocesa abandonada. *Ele precisava?*

As lágrimas picaram seus olhos novamente. Seu encontro e o conhecimento de que isso nunca poderia levar a nada a entristeceu. Tendo já limpado sua estação de trabalho e tudo mais, exceto as canecas sendo lavadas, ela as colocou na pia e despejou nelas o resto da água com sabão de uma panela no fogão. Charlotte lidaria com isso pela manhã ou deixaria para ela fazer quando Beatrice entrasse mais tarde no dia seguinte. Não importa.

Derramando o resto do chá pelo ralo, ela jogou as folhas no fogão para ajudar a acondicionar as brasas e então terminou o trabalho. Felizmente, ela deu uma caminhada de quinze minutos antes de chegar à porta, tempo suficiente para acalmar seus pensamentos e perceber que nada havia mudado.

Antes de sair da sala dos fundos, ela avistou um pano branco no chão ao lado do banquinho. Pegando-o, ela percebeu que era o lenço do Sr. Carson. Sem pensar, ela enterrou o rosto no material macio, respirando seu cheiro familiar. Seu corpo formigou novamente.

Raios! O americano abriu caminho em seu coração e mente. Ela não podia negar. Enfiando o lenço no bolso de costura de seu vestido diurno, ela se endireitou. Ela iria encontrar um marido em um desses bailes horríveis. E mesmo se ela não encontrasse, o Sr. Carson nunca seria dela.

Capítulo Onze

Beatrice ficou de olho no Sr. Carson de uma mesa perto das bebidas. Este era um baile muito maior do que a de sua irmã. O fato de que eles precisavam fornecer bebidas em dois lugares ao redor da borda da pista de dança indicava a diferença. Não haveria refeição farta como Amity havia preparado, embora Beatrice pudesse ver em seu cartão de dança que haveria um intervalo para alguns lanches servidos em outra sala.

Charlotte em cetim pêssego claro e Beatrice em um azul acinzentado que a lembrava dos olhos do americano, junto com sua mãe, haviam chegado separadamente do Sr. Carson pela única razão de Felicity Rare-Foure querer comparecer. O baile daquela noite foi em Sandrall Hall, um lugar do qual ela ouvia falar desde jovem, mas nunca tinha entrado e decidiu levar as meninas em sua própria carruagem.

— Costumava ser considerado *um* lugar para dançar, — disse a mãe, já tendo expressado sua decepção com a aparência um tanto precária no local. — Suponho que, como muitas coisas, exceto por nossa confeitaria, as reputações às vezes sobrevivem à verdade. Ouvi dizer que temos pão seco para esperar mais tarde, e este champanhe é aguado e quente.

— A limonada também, — disse Charlotte, mas parecia menos incomodada do que a mãe. Ela tinha a intenção de

garantir que seu cartão de dança fosse preenchido pelos jovens cavalheiros que ainda chegavam.

Beatrice também se importava com isso, mas ela se sentiria melhor quando o Sr. Carson chegasse e incluísse seu nome em seu cartão. Apenas no caso de todos os outros parceiros virem a ser um tédio terrível.

Então ela o viu. Ele parecia mais animado, mais bonito, mais atraente do que todas as outras pessoas ao seu redor. E quando ele olhou através da sala, seu coração acelerou. *Oh céus!*

Ele a viu quase imediatamente, sorriu abertamente e ergueu a mão. No entanto, em vez de correr, ele caminhou lentamente, assinando os cartões de outras mulheres até alcançá-las.

— Saudações, — disse ele, curvando-se a cada um, começando pela mãe. — Esta é uma reunião maior do que eu poderia ter imaginado. E tantas mulheres solteiras em um só lugar.

— E pensar, — Charlotte entrou na conversa, — alguns vêm aqui todos os sábados até o fim da temporada.

— Excessivo, — Beatrice retrucou, sentindo-se irritada. Então ela se lembrou de uma coisa. — Você deve caçar com mais cuidado esta noite, Sr. Carson. Muitas mulheres aqui não têm título. Eu acredito que é o único em nossa lista que tem tantas pessoas dos níveis de classe alta e média da sociedade.

— Eu me lembro, Srta. Rare-Foure, mas agradeço o aviso. Esta noite, terei que simplesmente me divertir dançando e

conhecendo pessoas, praticando minha etiqueta e não me preocupando tanto em encontrar uma dama. A menos que haja uma maneira fácil de determinar isso.

— Eu presumo que a introdução faria isso, — disse ela, percebendo que nem seu humor nem seu tom haviam melhorado.

— Há gerentes de pista aqui, — apontou sua mãe, falando com o Sr. Carson. — Eu já vi dois. Eles têm cravos brancos nas lapelas. Se alguém se recusar a abordá-lo sem apresentação prévia, embora esse pareça ser o modo normal em Sandrall Hall, então você deve pedir a um desses homens para apresentá-lo adequadamente.

— Obrigado, Sra. Rare-Foure. Vou procurar um agora mesmo.

Ele se curvou para cada uma delas e se afastou antes que Beatrice pudesse encontrar sua voz. Ele já estava a alguns metros de distância quando ela falou.

— Sr. Carson, você não vai dançar comigo e minha irmã?

Ele parou, virou-se e, com seus olhos não encontrando os dela, disse:

— Não queria ocupar espaço em seus cartões e impedir qualquer uma de vocês de encontrar parceiros mais desejáveis.

Você é o parceiro mais desejável para mim. Felizmente, esse pensamento impossível permaneceu escondido em seu próprio cérebro.

— Isso é muito atencioso de sua parte, — Charlotte disse. — E acredito que nossos cartões estão quase cheios.

— Verdade, — Beatrice murmurou.

— Então, espero vê-las no intervalo, — disse Carson. Depois de se curvar novamente, ele foi embora.

Ela sabia que sua mãe estava olhando para ela, e ela propositalmente olhou para outro lugar.

— Ele é um jovem atencioso, — disse Felicity Rare-Foure calmamente, e Beatrice manteve os olhos fixos nos últimos retardatários que entravam na sala.

— Mm, — Beatrice concordou, enquanto mais dois homens se aproximavam de sua mesa e preenchiam seus cartões.

Enquanto Charlotte fervia de excitação, mal conseguindo esperar pela primeira dança, Beatrice sentiu-se repentinamente cansada e desejou que a noite acabasse. Ela deu uma olhada nos olhos de cada homem que assinou seu cartão. Ela havia medido o melhor que podia. Nenhum deles poderia se comparar ao Sr. Carson. E pela vida dela, ela não conseguia descobrir o porquê.

Talvez fosse simplesmente saber que ela não poderia tê-lo que o tornava cabeça e ombros acima do resto. Ou talvez tenha sido aquele beijo! Um pensamento a atingiu. Ela deveria beijar mais alguns homens, como aconselhou Amity uma vez, para que pudesse ter certeza da natureza espetacular de um beijo sobre o outro.

Com isso em mente, ela se animou. Algumas notas em uma trompa francesa anunciaram o início da dança.

— Deseje-nos sorte, mãe, — exclamou Charlotte, e no instante seguinte, elas foram recebidas por seus parceiros e indo para a pista.

A NOITE AVANÇOU como ele havia imaginado. Greer desejou não ter visto a expressão magoada nos olhos de Beatrice. *Esses olhos lindos!* Queria poupar os dois da tentação de ficar perto um do outro ou, Deus me livre, da emoção de uma valsa. Então ele foi embora.

Cada dança se tornou uma distração enquanto ele caçava para ver onde ela estava, com quem estava e se ela parecia estar feliz. Para sua satisfação - e estranhamente, para seu desapontamento - ela parecia perfeitamente satisfeita, girando em torno do velho piso de carvalho.

Por sua vez, as mulheres estavam um pouco mais ansiosas para perguntar sobre seus antecedentes do que no baile exclusivo do duque de Pelham. Ele percebeu que a maioria estava caçando uma fortuna se não pudesse pegar um Lorde, e ele não tinha encontrado uma única dama com título a noite toda. No entanto, o que ele disse a Beatrice estava correto, cada evento era uma boa prática. Ele não deixou ninguém pendurada sem um parceiro ou cometeu quaisquer outros erros terríveis, pelo que ele poderia dizer, e sua dança melhorava a cada vez que ele pisava na pista de dança.

No entanto, ele não gostaria de assistir a um baile como este novamente, um que acabou não tendo a herdeira que

procurava. Além disso, ele havia aprendido algo que o duque de Pelham lhe dissera e que ele já havia dispensado - não se deve inscrever-se para todos os bailes. Tornou-se tedioso.

No intervalo à meia-noite, Greer estava cansado de sorrir educadamente e manter até mesmo a menor conversa durante o breve tempo que ele e sua parceira andaram de um lado para o outro no piso de carvalho, bem como o período ainda mais curto na mesa quando ele voltou com uma mulher para seu acompanhante. Cada discurso era semelhante, começando por onde ele veio quando a jovem ouviu pela primeira vez seu sotaque: Qual era o negócio de sua família? Ele pretendia ficar na Grã-Bretanha? Ele tinha dinheiro para comprar uma casa em Londres?

Ele se considerava uma pessoa franca e aberta, mas as questões pessoais pareciam intrusivas e mercenárias. Depois de comer algo, ele poderia sugerir um novo grupo de respostas para se divertir. Ele era da Alemanha, um criador de cabras, sem um centavo em seu nome.

— Sr. Carson, — veio a voz alegre da Srta. Charlotte ao lado dele.

Ele se virou para encontrá-la sozinha, o que o deixou momentaneamente desapontado enquanto tentava se abster de procurar por sua irmã.

— Como você está se saindo? — Ele perguntou a ela.

— Bem, obrigada. Tive alguns bons parceiros de dança.

— Estou feliz que você esteja se divertindo. Você já comeu? E sua mãe e a Srta. Rare-Foure estão aqui também?

— Não é um banquete muito bom, receio. Apenas alguns petiscos leves. Minha família está ali. — Ela gesticulou por cima do ombro, fez uma reverência superficial e caminhou em direção a uma mesa de bebidas.

Ele olhou para onde ela havia apontado, e nenhum dos outros Rare-Foures parecia tê-lo notado. Girando, ele foi para a outra ponta da mesa, onde pegou um prato de uma pilha alta e pegou alguns biscoitos e alguns pedaços de queijo para matar a fome até que ele voltou para seu hotel mais tarde naquela noite. O porteiro estava começando a considerá-lo um residente permanente e permitiu que ele guardasse um pouco de comida no quarto. Ele tinha algumas maçãs e algumas sobras de torta de porco, e ele ainda tinha seu saco de caramelo.

Com a promessa de tudo isso mais tarde, ele comeu seu magro lanche e se afastou de Beatrice e de sua mãe. Não era a coisa desejável, mas era a coisa certa a fazer. Ele encontrou outro solteirão e discutiram as notícias do dia e o preço do carvão, sobre os quais Greer sabia alguma coisa, já que os trens de seu tio eram feras famintas a esse respeito. Eles propositalmente não discutiram sobre nenhuma das mulheres ao redor deles, já que isso seria não apenas pouco cavalheiresco, mas também perigoso, no caso de um deles já ter formado um apego por alguém que o outro também queria.

Greer estava pronto para voltar ao salão de baile, terminar e voltar para casa. Ele faria isso antes, se não tivesse escrito seu nome com tanto entusiasmo nas danças até a última.

Com oito para o intervalo, ele não pode deixar de contá-los. Quando eles chegaram ao décimo sétimo baile com dois para ir, ele percebeu que nada daquilo era mais divertido e tinha sido divertido *porque* ele tinha estado com Beatrice e Charlotte, ou pelo menos topando com elas a cada poucas danças.

Depois de levar sua décima sexta parceira de dança de volta para a mesa dela, ele escondeu um bocejo e se virou para ver sua máquina de fazer caramelo parada, incerta, não muito longe. Ele ficou impressionado com a aparência dela. Seu vestido, um tom agradável de cinza - *ou era azul? - se* encaixava perfeitamente, abraçando seu seio, beliscando sua cintura, antes de alargar os quadris suavemente curvos. Com sua graça e estatura, um pouco mais alta do que a mulher média, ela parecia majestosa.

De repente, ele se sentiu orgulhoso de ter comprado a vestimenta para ela, bem como com ciúme de que dezesseis homens gostaram de dançar com ela enquanto ela a usava.

E então seu décimo sétimo parceiro apareceu, disse algo a ela, apontou para trás dele e saiu disparado.

Que diabo? Ele sabia que precisava encontrar sua próxima parceira, mas Beatrice estava parada olhando... sozinha. Ela era sua amiga. Ele cruzou os poucos metros entre eles.

— Sobre o que era tudo isso? — Ele perguntou sem preâmbulos.

— Você estava me espionando, Sr. Carson? — Ela perguntou, humor brilhando em seus olhos.

— Claro. Você é a senhora mais adorável aqui. — Ele franziu a testa para si mesmo. Ele queria dizer algo ultrajante para provocá-la, mas acabou falando a verdade. Seu sorriso vacilou.

— Meu próximo parceiro teve uma emergência. Sua irmã desmaiou e sua mãe exige que eles saiam imediatamente.

— O canalha! — Ele disse sem calor.

— Oh não, está tudo bem. Ele é um bom irmão e pelo menos veio me encontrar e não me deixou parada na beira da pista de dança como fizemos no baile de Amity.

— Verdade. O canalha está perdoado.

— Eu posso entender a irmã do canalha desmaiando, também. Está ficando cada vez mais quente nesta sala, e eles deveriam abrir algumas janelas.

— Se não fosse quase o fim, eu encontraria um daqueles gerentes de pista e exigiria que ele permitisse que um pouco de ar denso e fuliginoso de Londres entrasse aqui imediatamente.

Os dois riram e foi o melhor momento que ele teve durante toda a noite.

— Posso ter essa dança, já que você está sem um parceiro? — Greer perguntou antes de ele considerar, mas mais do que qualquer coisa, ele queria tomá-la nos braços e respirar sua fragrância de baunilha.

— Eu não permitiria que você cometesse o mesmo erro duas vezes, Sr. Carson, não por todo o mundo. Mesmo que este seja um grupo decididamente diferente de dançarinos, a notícia se espalhará e você terá a reputação de ser um péssimo parceiro. As mulheres deixarão de permitir que você coloque seu nome em seus cartões de dança. Então você realmente seria considerado um canalha.

— Você está correta, como de costume, mas odeio deixá-la aqui.

— Vou voltar para a nossa mesa, mas é melhor você agir rapidamente. A música começou.

Sentindo-se um idiota por se afastar, ele correu para encontrar sua última parceira esperando por ele perto da mesa dela.

— Oh, você me deixou mal, senhor. Achei que você pretendia me abandonar.

Agradecendo silenciosamente a Beatrice por sua sabedoria, ele arrastou a jovem para a pista de dança e alcançou os outros. Quando ele olhou para trás, para onde ela estava, ela havia sumido.

No próximo baile, ele não seria tão tolo a ponto de negar-se totalmente à companhia dela. Ele escreveria seu nome em seu cartão de dança. Afinal, não poderia haver mal nenhum em uma dança?

ÀS DUAS DA MANHÃ, enquanto voltavam para casa, Beatrice e Charlotte compararam seus cartões de dança e discutiram com a mãe os modos gerais e a qualidade de seus

parceiros. Cada uma havia dançado com pelo menos um homem com quem não se importariam de fazê-lo novamente, mas não se tivessem que suportar um local como Sandrall Hall. Estava muito quente e lotado.

— Éramos como peixes em um barril, — disse Charlotte.

— É uma pena, — disse a mãe. — E pensar que as pessoas costumavam disputar ingressos para aquela assembleia.

— Sr. Carson provavelmente teve muito pouca sorte, — Beatrice acrescentou. — Acho que a maioria das moças não tinha mais títulos do que nós. Mas encontrei um ou dois senhores.

Sua mãe franziu os lábios em desaprovação.

— Por que você está assim? O que há de errado? — Beatrice perguntou a ela.

— Acho que aqueles homens foram justamente porque vocês, meninas, *eram* como peixes em um barril, facilmente capturadas. Naquele lugar, um homem só precisa se referir ao nível mais baixo da aristocracia e as meninas estão se atropelando para garantir um baile.

— O que há de errado com isso, mãe? — Charlotte perguntou.

Beatrice e Felicity se entreolharam.

— Porque, filha querida, aqueles homens podem usar sua posição para conduzir uma garota crédula pelo caminho do jardim.

— O caminho do jardim, — Charlotte repetiu suavemente. Então seus ricos olhos castanhos se arregalaram. — Oh, e sem nenhuma boa intenção, eu suponho. Sem promessa de casamento.

— Exatamente, — disse a mãe. — Na maioria desses eventos, não haverá mistura de classes, como deveria ser.

— Mãe! — Ela exclamou, pensando que seria estranho para sua própria mãe acreditar em tal divisão.

— Pelo bem dos mais vulneráveis, — esclareceu Felicity. — Em uma sala com toda a nobreza e suas filhas, tais senhores inescrupulosos não seriam capazes de tirar vantagem.

— Se as garotas não estivessem tentando obter um título, — observou Charlotte, — elas não estariam em perigo de entrar no jardim com o homem errado.

Todos eles ponderaram sobre isso, tentando decidir se a maior parte da culpa pela ruína de uma jovem poderia ser colocada nos pés de um homem se aproveitando ou de uma mulher tentando usar seus artifícios femininos para escalar seu caminho para a próxima aula.

Beatrice sorriu de repente.

— E nós? Estamos nos misturando onde não pertencemos. Esse foi claramente o caso no baile de Amity.

— Pish, — disse a mãe. — Claro que você pertence. Seu avô era um barão francês antes de seu tio receber o título. Além disso, não tenho nada contra a mistura de classes, desde que

a potência seja razoavelmente igual. Se um senhor realmente ama uma jovem, então deixe-o se casar com ela, e vice-versa.

— E se o Sr. Carson se apaixonar por uma dama nobre que não se importa que seus bolsos chacoalhem com moedas de ouro, — acrescentou Charlotte, — então deixe-o se casar com ela, mas *não* se ele não a ama.

— Exatamente, — disse a mãe. — Felizmente, ele não se casará simplesmente para obter a propriedade de sua família.

— Com sorte, — Beatrice concordou.

Sua mãe tentou fixá-la com um olhar, mas na escuridão da carruagem, Beatrice poderia facilmente desviar o olhar.

— Fico feliz que amanhã seja domingo, — Charlotte disse alegremente. — Tenho medo do próximo baile na quinta-feira.

— Aquele é só vaidade, — Beatrice apontou. — Você e eu seremos os únicos convidados a pensar em levantar para trabalhar no dia seguinte.

— Vai valer a pena, — insistiu a mãe. — Somente pelo favor de seu cunhado, vocês duas e o Sr. Carson foram convidados para a festa do Conde de Clarendon.

Capítulo Doze

Naturalmente, Beatrice escolheu o novo vestido de cobre para o baile do Conde de Clarendon. Parecia o mais impressionante dela, e este era o maior evento deles - um baile em Piccadilly, a oeste de Devonshire House, com um jantar à mesa. Não que o baile de Amity não tivesse sido maravilhoso, mas o de sua irmã tinha sido um evento novo, enquanto o de Clarendon era antigo e, portanto, de prestígio, sem falar que estava totalmente coberto por todos os jornais diários da manhã seguinte.

— Sinto um formigamento total, — disse Charlotte, ao entrarem na Clarendon House, entregarem os casacos e receberem os tíquetes numerados. — Olha, eles até nos deram lápis.

Beatrice deslizou a fita branca segurando seu cartão no pulso e colocou o lápis e o bilhete em sua bolsa. Em seguida, examinou o maravilhoso saguão de entrada do conde - bastante cavernoso, provavelmente ornamentado e dourado - com sua grande escadaria que conduzia às salas públicas. Convidados lindamente vestidos subiam, divergindo na metade do caminho, indo tanto para a esquerda quanto para a direita até o próximo nível.

— Olha, — Charlotte disse, esticando a cabeça enquanto olhava boquiaberta para o teto que realmente parecia se esticar para o céu.

Beatrice, embora não quisesse parecer uma garota jovem do campo quando nascida e criada em Londres, também não pode deixar de olhar para cima. O Sr. Carson prontamente esbarrou nas costas dela, quase a fazendo voar. Felizmente, Charlotte estendeu a mão e agarrou seu braço salvando-a de uma desgraça desajeitada. Ambos se voltaram contra ele.

— O que na Terra? — Beatrice sibilou.

Desde que os recolhera em sua casa, ele tinha sido além de afável, dizendo a elas como estava feliz por se juntar a elas mais uma vez. Sorrindo para ela - seu sorriso torto fazendo seu coração apertar - ele se desculpou.

— Desculpe, eu dei a eles meu chapéu e pensei que vocês, senhoras, estivessem em movimento, mas vocês pararam antes que eu percebesse.

— Quase dei um espetáculo, — ela retrucou, — e ainda nem cheguei ao salão de baile.

Ele estremeceu e disse:

— Lembre-se de Farrah's, como sua mãe disse. Isso ajuda? Como um bálsamo calmante?

Ela revirou os olhos, mas perdeu o brilho de raiva com a excelente lembrança dele. Além disso, o aperto rápido de Charlotte a salvou de suportar uma cena de ignomínia. Caso

contrário, Beatrice sem dúvida ficaria louca com um rasgo em seu vestido novo, ou pior, suas anáguas à mostra.

— Vamos lá para cima, vamos? — Ela perguntou civilizadamente. Ela ficou emocionada quando o Sr. Carson insistiu que iria buscá-las, quando sua mãe disse que não tinha interesse em ir, apenas para ser a égua velha entre as potras de olhos arregalados, Beatrice aceitou a oferta.

— Eles me deram um lápis, — ela o ouviu exclamar atrás deles enquanto subiam as escadas.

— Esquerda ou direita? — Charlotte perguntou quando chegaram ao patamar.

Beatrice não achou que houvesse uma resposta correta, nem que isso importasse, mas o Sr. Carson disse:

— Direita, é claro.

— Por que você diz 'é claro'? — Charlotte perguntou, mesmo enquanto cooperava e subia pelo lado direito.

— Porque se você for destro, como a maioria de nós, você vai querer agarrar o corrimão com a mão direita.

— Muito prático, disse Beatrice, e eles começaram a subir a próxima escada que os colocava na frente da casa novamente. Virando à esquerda, eles caminharam ao longo da galeria capazes de ver todos aqueles que ainda estavam entrando ou para cima no teto abobadado com uma visão muito mais próxima do que antes.

— Ora, posso ver pequenas luas e estrelas pintadas no teto. Não é inteligente?

— Pelo amor de Deus, Charlotte, não demore, — Beatrice brincou, — ou o Sr. Carson vai acabar com você.

O salão de baile era muito parecido com o de Amity, exceto muito maior, e do outro lado do corredor, uma sala de recepção secundária estava aberta com portas em cada extremidade.

— Eu acho que podemos dançar de uma sala diretamente para a outra, — Charlotte disse com admiração, sua voz caiu para um tom baixo.

— Por que você está sussurrando? — Beatrice perguntou.

— Porque é tão opulento, tão grandioso. Parece que vamos passar a noite no St. Paul's.

Eles entraram no salão de baile e os gerentes de salão os cumprimentaram imediatamente. Apesar de não haver aglomeração de pessoas como no Sandrall Hall, mesmo assim, este baile teria uma equipe melhor do que em qualquer outro local.

Quando o Sr. Carson perguntou a um dos gerentes onde estava o conde, esperando que ele estivesse saudando seus convidados, o homem fez uma reverência superficial.

— Fui informado de que sua senhoria comparecerá a uma parte desta noite. — Então ele se virou e foi embora para ver outro convidado.

— Não entendo, — disse Carson. — É o baile do conde, mas ele pode ou não estar aqui?

Beatrice estava tão no escuro quanto ele. No entanto, Charlotte, como sempre, sabia mais sobre a alta sociedade lendo os trapos de fofoca.

— É mais um baile da Clarendon House do que o evento deste conde em particular. Ele está dando continuidade a uma tradição iniciada por seu pai, mas além de fornecer o local e o terreno e emprestar seu nome, o baile é dirigido por outros, e o preço que pagamos pela entrada cobrirá os custos dos músicos e da comida. Olhe ao seu redor, — disse Charlotte, e eles o fizeram, observando a ampla sala com uma linha impressionante de lustres no centro e doze janelas com cortinas do chão ao teto ao longo do comprimento. Um grupo de músicos quase do tamanho de uma orquestra foi montado em uma extremidade, e o salão de baile ainda parecia espaçoso.

— Não se pode esperar que o conde de Clarendon fosse o anfitrião da mesma forma que Amity e o duque fizeram em seu caso mais íntimo, — concluiu Charlotte.

Beatrice olhou para a irmã.

— Você sabe muito mais do que eu imagino, querida.

Charlotte sorriu, e isso lembrou Beatrice de um gato que comeu o canário. Sua irmã mais nova pode ser insuportável pelo resto da noite. Imediatamente, Charlotte disse:

— Vamos colocar uma mesa do lado oposto, longe das portas, para que possamos ver mais. — E ela caminhou pelo assoalho como se fosse a dona do lugar.

— Não haverá mais como viver com ela agora, — Beatrice meditou.

O Sr. Carson as acompanhou até uma mesa e escreveu seu nome em cada um dos cartões antes de sair correndo para garantir seu lugar com as outras.

— É mais divertido quando ele está conosco, — Charlotte disse, lendo a mente de Beatrice um pouco mais de perto.

— Ele mal está *com* nós, em qualquer caso, — ela protestou. E então ela não conseguia pensar mais em seu amigo americano, conforme as apresentações e os novos rostos começaram a circular.

Em vinte minutos, o cartão de Beatrice estava quase cheio.

— Senhorita Rare-Foure, — um cavalheiro desconhecido a cumprimentou. Ela olhou ao redor em busca de um gerente, mas nenhum estava à vista. — Por favor, não se assuste. Peço desculpas por minha ousadia, mas senti falta de dançar com você no baile do duque de Pelham e não queria que isso acontecesse de novo.

Ela não se lembrava de tê-lo visto na casa de Amity e Henry. Ele era alguns anos mais velho que o Sr. Carson, feições mais finas, olhos castanhos dançantes e cabelos castanhos grossos. Ela tinha estado extremamente nervosa em seu primeiro baile e mal conseguia se lembrar dos rostos daqueles com quem ela havia realmente dançado.

— Eu sou o visconde Melton, — ele continuou, curvando-se para ela e para Charlotte, mas ele dirigiu sua próxima

pergunta apenas a Beatrice. — Posso ter a honra de uma dança?

— Sim, — disse ela, estendendo o pulso para ele.

Erguendo o cartão, ele o examinou e rabiscou seu nome.

— Estou muito aliviado em ver que você ainda tinha espaço, Srta. Rare-Foure. Estou ansioso para nossa dança.

Com isso, ele desapareceu na multidão crescente.

— Eu acho que ele estava principalmente interessado em você, — Charlotte meditou.

— Por que você diz isso? — Beatrice perguntou.

— Porque ele não colocou seu nome no meu cartão.

— Oh! — Beatrice ficou surpresa. Foi a primeira vez, quando ela e Charlotte estavam juntas, que um cavalheiro não queria dançar com cada uma delas.

— Você gosta dele? — Sua irmã perguntou.

Lorde Melton não se comparava ao Sr. Carson. Beatrice descartou esse primeiro pensamento. Isso era como dizer que Lorde Melton não se comparava a Zeus, César ou algum antigo Faraó. *Qual era o sentido de comparar um homem que estava ao alcance com outro que era uma impossibilidade?*

— A aparência dele era agradável, você não acha? — Beatrice voltou com cuidado.

Charlotte concordou.

— Uma boa cabeleira.

Quando a dança começou, Lorde Melton a reivindicou para a quinta dança. Eles tiveram muito pouco tempo para falar, mas depois da dança, ele disse que esperava que ela concordasse em permitir que ele a visitasse em sua casa.

Tão chocada com seu primeiro acordo real com um homem, e um visconde, Beatrice ficou em silêncio por um momento.

— Eu deixei a herdeira caramelo sem palavras, — ele disse, e ela se assustou. *Como diabos ele ouviu a história boba?* Mas ele inclinou a cabeça, e ela gostou da centelha de humor em seus olhos. — Espero que não por desdém.

— Não, claro que não. — *Ele realmente pensava que ela era uma herdeira?* Nesse caso, ela deve avisá-lo do erro imediatamente. No entanto, ela não achou que ele pudesse estar falando sério.

— Você é bem-vindo para me visitar, meu senhor. No entanto, não estou sempre em casa.

— Não durante o horário comum de visita? — Ele franziu a testa ligeiramente, talvez incapaz de imaginar o que ela poderia estar fazendo.

Ela presumiu que ele quisesse dizer entre onze e três horas, como em todos os romances de boas maneiras que lera em que os horários de convocação da nobreza eram mencionados.

— Não, especialmente não então. Seria melhor se você me enviar uma nota, e eu responderei quanto à minha disponibilidade.

— Entendo.

Ele pareceu desapontado e ela reconsiderou.

— Ou você pode me pegar em casa até as dez e meia.

Sua expressão se iluminou.

— Muito bem então. Espero vê-la a essa hora assustadoramente cedo algum dia desta semana. — Curvando-se sobre a mão dela, ele se afastou.

Antes que ela pudesse passar outro instante pensando em como um cavalheiro iria visitá-la em casa, seu próximo parceiro de dança apareceu, e a dança número seis começou.

Quando o Sr. Carson veio reivindicá-la uma hora depois, ela havia perdido a noção do tempo e estava tão distraída com novos rostos que havia se esquecido completamente de qual dança ele havia reivindicado.

— Mas isso é antes do jantar — protestou Beatrice, enquanto ele a colocava no chão para dar a partida de um lancier.

— Eu sei. Achei que gostaríamos muito mais de nosso rosbife sem ter que lutar com sutilezas e perguntas.

Ela se sentia da mesma maneira, mas não pode evitar protestar.

— Não quer conhecer melhor alguma jovem? Não é esse o ponto?

Ele encolheu os ombros.

— No momento, estou contente em dançar e jantar com você, a menos que você prefira outro companheiro de jantar.

Absolutamente, ela não queria.

— Não acredito que vamos comer rosbife em vez de biscoitos secos!

Ele riu, mas não perdeu um passo.

GREER INTENCIONALMENTE colocou seu nome no cartão de Beatrice antes do intervalo. Mesmo que eles não pudessem ter uma amizade fora do salão de baile, ele poderia desfrutar de sua companhia no relativo paraíso de uma sala de jantar com sopa e ostras.

Por que pelo menos não apreciar isso? Afinal, ele teria uma vida inteira jantando com qualquer senhora que se tornasse a Sra. Carson, mas ela provavelmente não permitiria que ele continuasse sua associação com a Srta. Rare-Foure.

Além disso, Beatrice era sem dúvida a mulher mais desejável do lugar, e enquanto desciam a grande escadaria para a sala de jantar do andar de baixo e a sala de recepção, que também haviam sido preparadas para o jantar, ele se sentiu o homem mais sortudo da Clarendon House.

— Não há outro vestido com a sua impressionante cor de cobre.

Ela olhou para ele, suas bochechas ficando rosadas e o azul de seus olhos se aprofundando.

— Eu acredito que me convém.

Ela parecia tão modesta que ele não achava que ela tinha a menor ideia de sua beleza. Mesmo se ela estivesse envolta em uma bolsa branca da Rare Confeitaria, ela seria mais bela do que qualquer outra mulher no baile. Naquela noite, ele achou difícil considerar qualquer uma de suas parceiras como uma esposa em potencial, quando todas elas empalideceram ao lado de sua máquina de caramelo com aroma de baunilha.

— Estou faminta, — disse ela de repente, enquanto os aromas da ceia que os aguardava subiam pela escada.

— Achei que sua irmã - a duquesa, quero dizer, não a Srta. Charlotte - disse que você tinha que comer antes do tempo e mal comer em um baile para parecer uma dama. Ou era como um pássaro?

— A mesma coisa, eu acredito, — ela brincou. — No entanto, meu entendimento foi que eu não deveria comer muito para não me sentir mal pelo resto da dança.

— Isso também, — ele concordou.

Ela encolheu os ombros deliciosamente.

— Talvez se *você* não fosse meu companheiro de jantar, Sr. Carson, eu faria um esforço para parecer um pássaro, feliz com o menor pedaço do meu prato. No entanto, como é você, devo comer o assado quando eles o oferecerem, bem como o pudim de Yorkshire, se tivermos tanta sorte.

— Acho que você não vai bancar a dama para mim. — Ele achou isso imensamente gratificante. A última coisa que ele queria era um falso verniz entre eles.

Ela se virou e olhou para ele, sem perder um passo enquanto ele a guiava para a sala de jantar e encontrava dois lugares para eles. Os pensamentos por trás de seus olhos eram um mistério.

No entanto, quando ele puxou uma cadeira para ela, ela disse:

— Naturalmente, não vou fingir nada perto de você. Você já sabe que não sou uma Lady.

Um casal que passava atrás dela ouviu as palavras e trocou um olhar. Uma parte de Greer queria rir. A mulher estava pingando de joias e obviamente se escandalizou que possível ralé estava entre sua espécie. Outra parte dele queria socar o cavalheiro por ousar olhar por cima do ombro de Beatrice e para baixo em seu decote.

Não percebendo como suas palavras mais suaves podiam causar um escândalo, ela esticou a cabeça.

— Eu me pergunto onde Charlotte foi parar. Espero que ela esteja com alguém legal.

— Podemos pedir a ela que nos avise com seu assobio encantador se ela estiver em perigo.

— Bom Deus, não! Ela nunca deve ser encorajada com esse hábito horrível. Isso iria arruiná-la.

Olhando para ele, ela percebeu que ele estava falando em tom de brincadeira.

— Eu gostaria de poder beliscar seu ombro, — disse ela, — por me provocar.

Eu gostaria de poder beijar você, pensou ele, e demorou a arrumar as luvas no colo para não ter que olhar para o rosto adorável dela e cair ainda mais sob seu feitiço.

AO FIM DO BAILE, ÀS duas da manhã, Greer relembrou três pontos altos: dançar com Beatrice, jantar com ela e dançar com Lady Emily St. George, que ele teve o prazer de encontrar entre os rostos mais desconhecidos quando ele chegou primeiro. A dança deles veio no meio do segundo set, e ela parecia feliz em vê-lo também.

Ela foi graciosa na pista de dança, murmurou suas respostas, fez algumas perguntas educadas e não o fez sentir como se ela estivesse tentando descobrir quanto havia em sua conta bancária. Além disso, ela cheirava bem. Não da mesma forma que Beatrice - mais floral - mas ele gostou.

Ele sabia que eles poderiam continuar assim durante toda a temporada, tendo muito poucas chances de se conhecerem melhor, a menos que fizesse um movimento ousado.

— Posso visitar você em sua casa?

Ele esperava ter perguntado corretamente, pensando que deveria ter trabalhado nas palavras *honra* e *favor,* como os britânicos pareciam frequentemente fazer.

As bochechas de Lady Emily ficaram ligeiramente rosadas.

— Normalmente, esperamos até que saímos da pista de dança, — disse ela, embora sem ser indelicada.

Ele estava prestes a perguntar o porquê, quando os passos dela na quadrilha a afastaram dele.

Então foi por isso. Ninguém gostava de ficar pendurado enquanto o parceiro girava com outro homem.

Quando ela voltou para ele, ela ainda não respondeu, e ele sabia que ela iria mantê-lo esperando até o final do baile. Enquanto ele a acompanhava de volta ao seu acompanhante, no breve espaço entre onde eles dançaram e sua mesa, ela parou seus passos.

— Você pode me visitar, — ela disse sucintamente, olhando-lhe com seus suaves olhos castanhos.

— Obrigado, — ele disse rigidamente, sentindo-se um pouco nervoso. — Devo... isto é, posso sugerir um dia e uma hora, ou...? — Ele parou, desejando ter pedido ao duque um pouco mais de orientação, agora que havia chegado ao ponto em que queria começar a visitar mulheres.

— Você pode perguntar a outra pessoa onde é a residência do meu pai, — disse ela. — E normalmente, as boas maneiras ditam que você viesse com seu cartão pessoal no horário de visita, esperando que eu estivesse, ou enviaria um pedido bem escrito.

Ele sabia que seus olhos provavelmente estavam arregalados, e Greer fez um esforço para relaxar como se conhecesse todas as civilidades que ela mencionou.

— Claro, — ele disse. — No entanto, já que estamos aqui, falando um com o outro, — ele parou.

Lady Emily sorriu.

— Já que estamos, de fato, aqui, então direi que vou receber visitantes às onze horas de amanhã. E agora, devo retornar à minha mesa para que meu próximo parceiro possa reivindicar sua dança.

Logo, era hora de levar as irmãs Rare-Foure para casa, na Baker Street, para um descanso muito necessário. Provavelmente eram as únicas mulheres no baile que precisavam se preocupar em se levantar em algumas horas. Quanto a ele, esperava ansiosamente o dia seguinte em que visitaria Lady Emily St. George e talvez começasse a procurar uma esposa para valer.

Capítulo Treze

— Amity tem muita sorte, — disse Charlotte, bocejando por trás da mão enluvada enquanto caminhavam para o trabalho. Sua mãe havia aberto a loja para que pudessem dormir mais, mas elas não tinham intenção de se esquivar de seus deveres depois de serem abençoadas com um baile tão maravilhoso. — Ela pode dormir quando quiser.

Beatrice assentiu.

— Mesmo assim, ela vem fazer chocolate conosco quase todos os dias.

— Verdade! — Charlotte disse isso maravilhada, como se não tivesse pensado nisso antes.

— Se você se casasse com um aristocrata ou alguém bem de vida, você ainda trabalharia aqui? — Beatrice perguntou, abrindo a porta e deixando o delicioso aroma encher sua cabeça. Depois de alguns minutos na loja, ela mal notou o rico aroma de chocolate e doces açucarados, mas a primeira respiração era sempre inebriante.

Charlotte não respondeu imediatamente.

— São minhas garotas, beldades do baile, — entoou Felicity, apesar de ter duas clientes no balcão.

As duas mulheres se viraram e Beatrice ficou feliz em ver que, por suas roupas, não eram membros da aristocracia. Ela

não tinha vergonha de ser uma confeiteira, mas ela não queria jovens damas da alta *sociedade* com quem ela esfregou os cotovelos na noite anterior a reconhecê-la. Esse seria um momento estranho, de fato.

— Minhas meninas estiveram na Clarendon House ontem à noite, — continuou sua mãe descaradamente, enquanto entregava a cada mulher uma sacola com suas compras.

— Que emocionante, — disse uma.

— Maravilhoso, — disse a outra, e elas deram a Charlotte, já tirando o chapéu, e Beatrice, ainda parada na porta, uma segunda olhada.

— Vocês são meninas afortunadas! Imagine, — disse a mulher à amiga, — trabalhando aqui durante o dia e depois dançando a noite toda com cavalheiros ricos.

— Como a Cinderela de Perrault, — disse a primeira.

— Elas não só trabalham aqui, — disse Felicity, — minhas filhas fazem nossos doces deliciosos.

— Eu faço o Marzipan, — Charlotte ofereceu.

— Muito inteligente, — disse a segunda senhora. — Comprei dois que parecem peras.

— Então você deve fazer os chocolates que provamos, — disse a outra. — Comprei pelo menos cinco tipos diferentes.

Beatrice balançou a cabeça, odiando desapontar as mulheres. Antes de dizer qualquer coisa, sua mãe respondeu:

— Não, nossa chocolateira é minha filha mais velha, recentemente casada com o duque de Pelham.

— Gracioso! As duas mulheres exclamaram animadas ao mesmo tempo.

— Esta é realmente uma confeitaria especial, — acrescentou a primeira. — Devemos contar a todos os nossos amigos.

E elas saíram conversando sozinhas sobre nobres e chocolate.

Eu faço o caramelo, Beatrice quase as chamou. Talvez elas nem tivessem comprado nenhum. Charlotte desapareceu na sala dos fundos para tirar o chapéu e o casaco, mas Beatrice se aproximou do balcão.

— Você acha que é perfeitamente normal contar às pessoas sobre nossa nova conexão com a classe alta? — Ela perguntou.

— Eu acho que a publicidade de nossa nova duquesa na família, bem como de vocês, meninas, esfregando os melhores cotovelos de Londres, sem dúvida ajudará nossa loja, — sua mãe disse.

— Onde *está* nossa nova duquesa? — Beatrice perguntou, ainda pensando que seria humilhante ter um bom cavalheiro da noite anterior vindo comprar doces dela.

— Ela e o duque tiveram um almoço de caridade para ir, e Amity levou nossos doces, é claro. Vai ser muito bom para os negócios.

Aparentemente, até Amity mudou de ideia. Anteriormente, ela praticamente se proibia de se apaixonar

pelo duque por medo da diferença de classe e do que isso poderia significar. No entanto, agora, sua irmã mais velha parecia estar exibindo seu passado de vendedora. Beatrice pretendia manter os dois papéis - de confeiteira e de debutante - separados pelo maior tempo possível.

— Quando é o próximo evento da temporada? — Ela perguntou, tirando as luvas.

— Dois dias.

— Outro baile, — Beatrice murmurou, não tão emocionada como deveria estar. Ela estava começando a entender como, apesar da mudança no local ou na música, eles eram uma experiência semelhante. Ela supôs que depois de mais alguns, ela até começaria a reconhecer os mesmos rostos.

— Quando o tempo esquentar um pouco, o primeiro passeio de barco será em Richmond, — disse sua mãe. — E haverá um piquenique em breve também.

— Parece estranho, — disse Charlotte, depois de colocar o avental e voltar, — fazer um piquenique com estranhos.

— Frequentemente, primeiro há um passeio pelo parque ou uma caminhada, talvez até um passeio pelos Jardins Kew, — disse a mãe. — Você não vai simplesmente chegar ao Tâmisa e se jogar na grama para comer sanduíches.

Todas elas riram.

— Pelo menos o rio não é tão fedorento em Richmond, — disse Beatrice. — Você pode imaginar andar de barco pelo Palácio de Westminster ou descer por Blackfriars?

Ela começou a remover sua capa quando sua mãe a parou.

— Eu preciso que você leve amostras para um hotel chique.

Congelando, Beatrice adivinhou imediatamente.

— Para o Langham?

— Sim, — sua mãe disse, olhando para ela como se ela tivesse se tornado uma necromante. — Como diabos você sabia?

— Isso tem a ver com o Sr. Carson?

Sua mãe franziu a testa.

— Acho que não. Por que você pergunta?

— Na noite em que o Sr. Carson e eu fomos a casa de Amity pela primeira vez, ele disse que estava hospedado no Langham. Naturalmente, quando você disse ostentoso, presumi que fosse o mesmo. Não consigo pensar em um hotel melhor em Londres.

— O gerente do Langham fez um pedido de amostras de praticamente tudo e estamos cobrando o hotel também.

— Faturamento por amostras? — Charlotte perguntou, seu tom pasmo. — Isso dificilmente parece justo.

— Com a quantia que seu pai me disse que eles cobram de seus hóspedes, ser justo não tem nada a ver com isso. Eles podem pagar por cada doce de sua preferência de *maître d'hôtel.* Se gostarem, os nossos doces serão oferecidos no

restaurante e também para os hóspedes levarem para os quartos.

— Por que não posso ir? — Charlotte protestou.

— Porque você é melhor com os clientes aqui na loja. E Beatrice fica melhor com, — sua mãe fez uma pausa, — com o transporte de amostras.

Beatrice revirou os olhos. *Que coisa para sua mãe dizer!*

Em qualquer caso, Felicity tinha uma sacola de bom tamanho pronta atrás do balcão.

— Dois tipos de caramelo, um quarto de libra cada, doze chocolates diferentes, dois de cada, e seis formatos de marzipan. Você pode pegar um bonde ou uma carruagem de aluguel, se quiser.

— Não, obrigada, mãe. Eu prefiro caminhar. São apenas dez minutos. — Ela colocou as luvas de volta e pegou a bolsa.

Saindo da loja, Beatrice pensou como era preferível estar caminhando quando se sentia um pouco preguiçosa, em vez de ficar sentada na sala dos fundos, onde sem dúvida cairia no sono em seu banquinho em uma hora. Ela não hesitou desde que passou pelas mesmas lojas uma centena de vezes e sabia o que havia em cada janela. Seguindo pela New Bond Street, ela virou à direita na Maddox Street. Depois de uma rápida esquerda, ela cortou Hanover Square e passou pelo magnífico edifício do Conde de Harewood. Ela se perguntou se ele iria segurar um baile naquela temporada, já que o conde supostamente tinha uma bela coleção de porcelana antiga em exibição.

Depois de atravessar a movimentada Oxford Street, em outro minuto, Beatrice estava caminhando pela Cavendish Square. Ela já podia ver o elegante Langham assomando em Portland Place, depois do canto nordeste da praça.

Ao mesmo tempo em que avistou o hotel de arenito amarelo de seis andares, ela reconheceu o Sr. Carson se aproximando ao longo do caminho entre os arbustos e a grama bem cuidada. As batidas familiares de seu coração se seguiram ao vê-lo, seguido rapidamente por uma explosão de felicidade.

Um momento depois, ele a viu, e no instante seguinte, ela percebeu que ele estava passeando com um gato.

Incapaz de sequer pensar em não rir, Beatrice deu uma gargalhada ao ver o homem alto segurando uma das pontas de uma guia longa e fina com uma bola de penugem cinza na ponta. Além do mais, essa penugem empinava com a cauda para cima, uma cauda quase tão grande quanto o gato inteiro.

— O que na Terra...? — Ela perguntou quando eles se aproximaram.

Enquanto o Sr. Carson parava na frente dela, o gato não queria parar seu passeio. Ele puxou a coleira, antes de se virar para olhar para ele, os bigodes tremendo em desaprovação.

— Posso acariciá-lo? — Ela perguntou a ele.

— Ela é capaz de arranhar ou morder você, — alertou.

— Então vou arranhar ou morder as costas dela, — Beatrice prometeu. Largando sua bolsa, ela se abaixou e tocou o topo da cabeça do gato antes de esfregar um pouco atrás de

suas orelhas. Ele se inclinou em sua mão, apreciando a atenção. Ela podia até o ouvir começando a ronronar.

— Ela parece ter gostado instantaneamente de você, — disse Greer, — talvez sentindo uma alma gêmea.

— Você quer dizer uma mulher de temperamento explosivo.

— Precisamente. Senhorita Rare-Foure, posso apresentá-la à Senhorita Sylvia, a gata da minha mãe?

— Você a trouxe da América? — Beatrice não conseguia tirar o olhar do rosto da doce gatinha. Ela havia fechado os olhos agora e ronronava alto.

— Sim. Eu não tive coragem de deixá-la. Tudo que ela conhece é ser mimada, mimada e totalmente mimada. Acredito que o choque de um lar normal com pessoas que não a idolatram poderia tê-la matado.

Ela se levantou novamente.

— Por que, Sr. Carson, acredito que você tem um coração terno e gosta profundamente dela.

— Dificilmente, Srta. Rare-Foure. Se você quer saber, o testamento de minha mãe exigia que eu cuidasse dela.

— Duvido que o último testamento de sua mãe tenha ordenado que você trouxesse o gato dela para a Grã-Bretanha com você, em uma cabine de primeira classe, garanto, e depois a colocasse no hotel Mayfair mais caro e a conduzisse pela Cavendish Square em uma coleira. — Ela olhou para a Srta. Sylvia novamente, vendo o que parecia ser rubis e diamantes,

safiras e esmeraldas circundando seu pescoço, piscando à luz do sol.

— Bom Deus! São pedras preciosas?

— Claro que não, — disse ele, e seu coração desacelerou. — Esta é a coleira dela, então são apenas vidro.

— Isso faz sentido, — disse ela. *Que pessoa em sã consciência teria uma coleira de gato que valeria uma fortuna?* — Que tolo da minha parte!

— Naturalmente, deixo sua coleira de joias no meu quarto para o caso dela escapar de mim.

Ela olhou novamente para a Srta. Sylvia enquanto o gato tentava capturar um pequeno gafanhoto na grama ao lado dela e Greer deu um passo para o lado para lhe dar mais liberdade. Atacando, ela teve o inseto sob suas patas em um flash.

Beatrice balançou a cabeça.

— Você quer dizer que ela realmente tem uma coleira com diamantes e rubis e outros enfeites?

Quando ele riu, ela percebeu que ele estava brincando.

— Minha mãe estragou este gato, mas isso seria além do limite.

Beatrice assentiu.

— Além disso, esse tipo de estrago é para o dono, não para o animal.

— Eu não posso discutir. A senhorita Sylvia prefere sardinhas a safiras. — Greer olhou para sua bolsa. — O que

você está fazendo na nossa pequena praça? — Ele perguntou, dando mais alguns passos na grama enquanto a Srta. Sylvia o puxava.

Beatrice pegou sua bolsa, saiu do caminho e o seguiu.

— Eu acredito que você é responsável por eu estar aqui.

— Realmente? — Ele perguntou, mas ele tinha um brilho nos olhos.

— Você solicitou que o Langham Hotel tivesse nossos doces?

— Agora sou considerado um residente de longa duração. Eles querem me manter feliz. Eles trouxeram peixe fresco para a Srta. Sylvia outro dia. O mínimo que podem fazer é fornecer confeitos decentes aos seus convidados.

— Mamãe está obrigando-os a pagar pelas amostras, — disse ela.

— Bom. Eles podem muito bem pagar.

Os dois olharam para a gata, que agora estava na base de uma árvore e, por seus modos curvados e olhos semicerrados, cuidando de seus assuntos particulares. Eles fizeram contato visual e riram do absurdo de levar um gato para passear. Ela adorou quanto bom humor eles compartilhavam.

— Duas vezes por dia, estou aqui com ela, — disse ele. — Embora se estiver chovendo muito, eu coloco o rosto dela na janela, e você deve sentir a pequena besta recuar. Então ela usará jornais rasgados em uma caixa no meu banheiro. Ela protesta, mas ela vai usar.

— Você parece um dono de animal de estimação especialista, Sr. Carson.

Ele encolheu os ombros.

— Agora que ela concluiu sua tarefa, voltaremos com você.

— Muito bem. — Beatrice observou enquanto ele puxava a guia. No início, a gata parecia plantar as patas e se recusar a se mover, fazendo Beatrice rir novamente, mas então a Srta. Sylvia começou a andar na direção certa. O avanço era lento e às vezes muito rápido se o gato de repente perseguisse uma borboleta perdida ou uma folha.

— Por que eles chamam este parque circular de quadrado? — Greer perguntou.

Beatrice abriu a boca para responder quando um cachorro apareceu na entrada do parque. Um momento depois, ela percebeu que também estava na coleira.

A Srta. Sylvia, entretanto, não sabia de nada do tipo e começou a sibilar e puxar na direção oposta. Em um piscar de olhos, Greer pegou a gata e colocou-a debaixo do braço, apesar dela lutar e suas perninhas arranhando seu casaco.

Ele tem um coração mole, ela pensou, *e cuida daquela gata.* Isso deixou seu próprio coração feliz. O cachorro e seu dono passaram sem incidentes e atravessaram a rua na diagonal para entrar no hotel por uma das portas traseiras.

— Devo me encontrar com o *maître d'hôtel* sozinha, — disse ela. — Como você já disse que queria o nosso chocolate,

acho que seria um pouco suspeito se você estivesse ao meu lado quando eu entregar as amostras. Eles podem pensar que você tem um interesse especial em nosso sucesso.

— Como quiser, — disse ele. — Além disso, embora eles tolerem a Srta. Sylvia, eles não me querem vagando pelos corredores com ela, caso ela faça algo desagradável em seus tapetes persas. — Ele fez uma pequena reverência, olhando-a diretamente nos olhos enquanto o fazia. Algo sobre ele ultimamente nunca deixava de fazer seu estômago dar uma pequena sacudida de excitação.

— Boa sorte, — disse ele. — Tenho certeza de que eles vão adorar tudo que você trouxe e farão muitos pedidos grandes.

— Obrigada, — ela disse, mas nenhum deles se moveu. Ela estendeu a mão para acariciar a cabeça da Srta. Sylvia novamente. — Se acontecer como você diz, minha mãe ficará satisfeita em ter um cliente constante como o Langham.

— Sem falar de todos os convidados que vão querer levar doces para casa. Eles provarão enquanto estiverem em Londres e então correrão para New Bond Street para que a Srta. Charlotte empacote uma lata para eles.

Ela sorriu para ele.

— Eles vão se precipitar, não é? Eles provavelmente vão, no mínimo, pegar uma carruagem de aluguel.

— Certifique-se de que o gerente do hotel concorda que o nome da sua loja seja associado a cada doce. Conheci muitos europeus na sala de jantar e até mesmo alguns americanos, e

tenho certeza de que muitas pessoas importantes ficam aqui o tempo todo, algumas cheias de riquezas.

— Como você e a Srta. Sylvia? — Ela brincou.

— Exatamente assim. Alguns provavelmente têm joias de verdade em seus colarinhos também.

— As pessoas ou seus animais?

Eles riram, mas a Srta. Sylvia começou a lutar, então era hora de se separar.

— Não entramos pela grande entrada, mas você precisa ir naquela direção, — explicou ele, — para que alguém na recepção possa chamar o gerente geral. Siga este corredor, — ele disse, — passando por todas aquelas pequenas salas de estar intermináveis à esquerda e a biblioteca das mulheres à direita, embora eu aposto que você pode querer dar uma olhada lá algum dia. Vire à direita na escada da família. Você não encontrará nenhum estranho cavalheiro solteiro desse lado.

— Homens estranhos como você, segurando gatos?

— Novamente, correto, — disse ele. — Você verá o foyer de entrada à sua frente. Passe por ele, passe as portas para o pátio central. A Srta. Sylvia é conhecida por fazer seus negócios lá em apuros, mas ela foi encontrada mexendo nas flores uma vez e bebendo da fonte em outra, então fomos praticamente proibidos.

— Naturalmente, — disse ela, imaginando o horror de um hóspede pagando caro por um quarto opulento e olhando de

cima para o pátio exclusivo do hotel para ver um gato defecando nos vasos de flores. Ela sorriu com o pensamento.

— Você encontrará uma sala de recepção à sua direita, logo após as portas do pátio. Se o gerente não estiver por perto, eles vão buscá-lo.

— Tenho certeza de que vou administrar muito bem.

— Não tenho dúvidas, — disse ele. — Você sempre me pareceu a mulher mais capaz.

— Obrigada, Sr. Carson. — Ele tinha dado a eles uma ação tão boa, não havia nada mais que ela pudesse dizer.

— Vejo você no próximo baile, — acrescentou ele enquanto ela se afastava.

Capítulo Quatorze

Três noites depois, Beatrice saiu da carruagem para participar de mais um baile cintilante, embora menor do que o maciço evento anterior em Clarendon House. Ela estava flanqueada por Charlotte de um lado e o Sr. Carson do outro, parecendo cada vez mais elegante no que lhe dizia respeito. *Isso era possível?*

— Sem cartões. — Charlotte disse, sua voz alta com entusiasmo.

Ao verificar seus mantos e o chapéu do Sr. Carson, eles pararam para aguardar a distribuição das cartas de dança, para perceber tardiamente que nenhuma estava chegando.

A anfitriã, a duquesa viúva de Eastley, vestida como se ainda fosse algumas décadas mais jovem do que realmente era, estava perto da entrada do salão de baile, conduzindo os convidados para dentro como um mordomo. Ela ouviu a exclamação de Charlotte.

— Sem cartões esta noite, queridos. Tão antiquado, eu acho, e restritivo. Dance com seus corações, — ela adicionou através de lábios com muita cor falsa estampada neles. Sua peruca loira com cachos e suas bochechas rosadas lembravam a Beatrice uma boneca de porcelana de criança com cabelo perfeitamente enrolado e ruge habilmente aplicado. No caso de

uma senhora idosa de carne e osso, entretanto, a tentativa de uma fachada de juventude cheirava a desespero.

— Obrigada, Sua Graça, — Charlotte disse primeiro. Beatrice e o Sr. Carson fizeram o mesmo e cruzaram o piso do assoalho.

— Quais são as regras? — O americano perguntou sem rodeios assim que eles encontraram um lugar para ficar em frente às cortinas. As cadeiras estavam alinhadas ao longo das paredes, mas era muito cedo para querer sentar.

— Cada um de nós tem a honra de dançar com muitos, — recitou Charlotte.

— Isso é do mesmo *livro* enfadonho de *Lady* que você mencionou antes?

Charlotte sorriu.

— Não seja uma idiota, Bea, mas você ainda deve dançar com aqueles a quem foi devidamente apresentada. — Então ela franziu a testa. — Embora eu ache que eles podem se apresentar neste caso.

Todos consideraram aquilo por um momento, perceberam o absurdo e começaram a rir.

— O que estou percebendo, — disse Carson, — é que devemos conversar mais em grupos e fazer menos rondas e sair correndo em busca de parceiros? Cada dança é uma nova oportunidade de humilhação ou triunfo? Isso o torna um pouco mais interessante.

— Mais estressante, você quer dizer, — Beatrice disse com uma bufada. — Que ideia boba, ter que cuidar de nós mesmos e garantir um parceiro para cada dança que vem. Estarei em suspense à noite toda.

— Eu não vou deixar você ficar sem um parceiro quando quiser dançar, — disse o Sr. Carson suavemente ao lado dela, e ela olhou para ele. Seus olhares se encontraram e ela relaxou.

— Pish, — Charlotte disse. — Beatrice não vai deixar você sacrificar sua própria noite de caça à esposa para ser babá dela. Você poderia?

Beatrice quase rosnou para ela cuidar da própria vida. No entanto, Charlotte estava certa.

— Claro que não. Sr. Carson, se você está livre e eu estou livre, então terei prazer em dançar com você como sempre. No entanto, você deve se esforçar para garantir seus próprios parceiros entre as muitas Ladys com títulos aqui esta noite.

— Oh, eu vou, — ele prometeu. — Posso começar com nossa anfitriã. Ela parece ter mais ou menos a minha idade, você não concorda?

Eles tentaram não rir.

— Prometa-me, — disse Charlotte, — se algum dia eu tentar parecer trinta anos mais jovem do que sou, você vai me impedir.

— Eu prometo, — Beatrice disse. — Eu nunca deixaria você aberta a tal ridículo. Eu me pergunto que ela não tem um

amigo ou ente querido para sugerir que nem a maquiagem nem o decote exagerado lhe façam qualquer gentileza.

— Então você não aprova minha tentativa de assegurá-la como minha noiva? — Carson perguntou.

— Ela certamente tem um título, — Charlotte disse, então perdeu o interesse quando viu um desfile de servos entrando com bandejas carregadas. — Oh, eles estão trazendo champanhe no início. Este é um tipo diferente de baile.

Mesmo assim, Beatrice teve uma pontada de alarme, mesmo quando cada uma pegou um copo da bebida francesa borbulhante da bandeja. *Ela deveria dar voz à sua preocupação?* Felizmente, Charlotte escolheu aquele momento para espionar um novo amigo.

— Eu a conheci no baile da Amity. Devo dizer olá e voltar em breve. — Então ela parou. — Sr. Carson, pode me acompanhar até minha amiga?

Ele pareceu surpreso e Beatrice inclinou a cabeça questionando.

Charlotte encolheu os ombros.

— Estou tentando estar no meu melhor comportamento. O livro de etiqueta diz que não devo vagar sozinha e que os homens devem fazer qualquer favor razoável que uma senhora peça.

— Claro, — ele disse, pegando o braço dela.

— Não fale sobre caramelo de melado, — Beatrice avisou, tarde demais porque sua irmã já estava a alguns passos. O Sr.

Carson olhou por cima do ombro fazendo uma careta para ela por esse aceno um tanto bobo à etiqueta. Afinal, ele só precisava levar Charlotte alguns metros para alcançar o outro grupo de jovens.

Beatrice o observou cumprimentar cada uma delas, enquanto Charlotte fazia as apresentações. Era o melhor, Beatrice supôs, já que agora ele poderia convidar qualquer uma delas para dançar.

— Não se preocupe, — disse Carson, assim que voltou para ela. — Tenho certeza de que ela se comportará bem.

Beatrice só podia revirar os olhos e ter esperança. Mas agora eles estavam sozinhos, ela poderia expressar sua pergunta.

— Você não vai conseguir uma esposa apenas pelo título dela, não é?

Claramente, ele foi pego de surpresa. Então ele sorriu, e seu coração pareceu pular uma batida ao vê-lo.

— Você não achou que eu estava falando sério sobre a viúva, não é?

— Não, — ela retrucou, — claro que não. Seu idiota! *Então, o que a estava incomodando?* — Eu não gostaria que você... se contentasse com menos do que minha irmã e seu marido têm, apenas por causa de um título. — *Isso soou muito pessoal.* — Não que seja da minha conta, — ela acrescentou rapidamente.

— Por que, Srta. Rare-Foure, você está preocupada com o meu futuro?

Ele estava brincando com ela de novo, mas ela simplesmente não conseguia fazer uma piada em troca. Admitir para si mesma que nutria sentimentos muito fortes pelo homem era difícil e humilhante o suficiente. No entanto, se ele estava determinado a ficar com uma senhora que poderia não o apreciar como ela, então era melhor pelo menos amar aquela mulher como o diabo ama os pecadores.

Claro, ela não poderia dizer nada disso, mas ela poderia defender a futura noiva.

— Eu não acho que seria cavalheiresco da sua parte tomar uma dama como sua esposa, a menos que a amasse. Ela merece isso, você não acha?

Ao ouvir seu tom sério, ele parou de sorrir.

— Espero que você me conheça bem o suficiente para acreditar que não brincarei com os afetos de uma dama, nem ligaria nenhuma mulher a um casamento sem amor, tanto por ela quanto por mim. Cada um de nós merece encontrar o amor apaixonado, — ele acrescentou, seu olhar fixo no dela. — Além disso, já descobri uma senhora com quem posso me apegar.

A sala pareceu encolher para os dois, enquanto ficava sem ar ao mesmo tempo. Por um instante ridículo, ela pensou que ele poderia estar se referindo a ela.

— Já dancei com ela em dois bailes, — acrescentou.

A decepção caiu por dentro dela. Depois de um momento, ela conseguiu recuperar o fôlego e oferecer-lhe um aceno útil. *O americano havia encontrado alguém!*

No fundo, ela ouviu o som leve e arejado de um flajolé, avisando que a primeira dança estava para começar.

Ela engoliu em seco, sentindo-se quente.

— Estou feliz por termos esclarecido isso então.

Por alguma razão, sua declaração colocou a alegria de volta em seu olhar.

— A parte mais legal desse baile até agora é que não preciso sair correndo em busca de parceiras. Estou livre para te convidar para dançar. Agora, na verdade.

Beatrice deixou o Sr. Carson segurar sua mão, embora ainda se sentisse atordoada. Como se estivessem em uma situação formal, ele fez uma reverência e ela retribuiu com certa rigidez, e eles assumiram suas posições.

Os músicos tocaram algumas notas, depois pararam, dando aos convidados tempo para perceber que tipo de dança era, e se não o fizeram, a duquesa viúva de Eastley anunciou em voz alta:

— Uma quadrilha para começar. — A senhora idosa pretendia se divertir com seu próprio baile e tinha um homem mais jovem a postos.

Todos com um parceiro se aproximaram da pista de dança, e o gerente da pista se certificou de que havia o número correto de casais em cada grupo. Houve uma breve pausa,

preenchida com a expectativa da primeira dança da noite, enquanto dançarinos esperançosos oravam para não dar um único passo em falso. Parceiros de última hora foram garantidos, até que retângulos de quatro casais foram dispostos para cima e para baixo no salão de baile.

Beatrice trocou um olhar com o Sr. Carson e então eles começaram. Ela não podia acreditar o quão longe eles haviam chegado em um mês e meio, mas ela se sentia confiante em seus passos e particularmente confortável como sua parceira. Se recuperando do choque de seu anúncio, agora que eles estavam dançando, ela começou a relaxar. Além disso, para seu deleite, ela viu que Charlotte tinha seu próprio belo parceiro na formação ao lado dela.

Beatrice gostaria de ter tido tempo de perguntar ao Sr. Carson se a senhora em quem ele estava interessado estava presente. Como não o fez, ela não pode deixar de olhar ao redor, imaginando qual das senhoritas com título poderia ter chamado sua atenção.

E então, quando ela deu uma volta no meio com o Sr. Carson, outra senhora e seu parceiro, seu pé escorregou.

— Uau! — Ela exclamou antes que pudesse se conter, soando como se estivesse controlando um cavalo enquanto estendia a mão para firmar o passo. Algo tinha deixado seu chinelo direito torto. Olhando para baixo enquanto recuperava sua posição, ela notou um dos cachos extraordinariamente louros da viúva. Com um movimento rápido do dedão do pé,

Beatrice o lançou o mais longe que pode, observando-o desaparecer entre os pés de um casal no anel externo.

Olhando para cima, ela pegou o olhar do Sr. Carson. Ele tinha visto a coisa toda. Além do mais, fez cócegas em seu osso engraçado. Vê-lo reprimir um sorriso e lutar para não rir causou uma onda de alegria inesperadamente. Se ele não conseguia se controlar, ela iria rir. Afundando os dentes no lábio inferior, ela se concentrou na dança.

Desviando o olhar dele, com as bochechas salientes de bom humor, Beatrice ouviu a risada profunda do americano e se perdeu. Uma risada escapou dela como o latido de um cachorro, e depois outra. O outro casal dançando com eles no meio vacilou e ficou olhando.

— Sinto muito, — disse ela, sua voz pouco mais que um sussurro. Levando a mão à boca, ela abaixou a cabeça e tossiu violentamente, como se não tivesse rido, mas simplesmente estivesse com a garganta seca. No entanto, isso não ajudou, pois, seus passos estavam todos distantes da música e dos outros dançarinos.

Enquanto toda a formação deles chegava a uma parada humilhante, o Sr. Carson pegou sua mão e a escoltou para fora da pista, com os outros infelizes dançarinos de seu grupo também tendo que encerrar sua dança.

De volta ao lugar deles perto da janela onde Charlotte poderia encontrá-los, ela se sentou em uma das muitas cadeiras alinhadas na parede e gemeu. Ela queria colocar as

mãos sobre o rosto de bochechas vermelhas, mas não se atreveu a fazer tal exibição pública.

— Não se preocupe, Srta. Rare-Foure. Duvido que alguém tenha notado.

— Você está louco? Estou totalmente mortificada. A partir daquele maldito livro sobre o qual Charlotte sempre fala, uma regra afirmava claramente que nunca se deve chamar a atenção para um erro, nem mesmo o seu. Não só tropecei nas mechas caídas de nossa anfitriã, como ri e arruinei uma dança para seis outros convidados.

— Não foi sua culpa, — disse Carson. — Era minha.

— Verdade, — ela concordou irritadamente.

Isso o fez rir novamente, sem ninguém ser capaz de ouvir por cima do som da música e dos muitos dançarinos.

— É melhor eu ir para casa. Ninguém vai ser meu parceiro pelo resto da noite.

— Não é verdade, — ele a assegurou. — A maioria não saberá o que aconteceu, e apenas as formações perto de nós sabiam que rompemos as fileiras e saímos.

— Silêncio, — ela ordenou. — Você não pode fazer isso melhor. Vá arranjar uma esposa, se ainda não o fez, e deixe-me em paz.

— Venha agora, Srta. Rare-Foure.

— Venha agora, — ela imitou indelicadamente, o que não fez nada para tirar o sorriso de seu rosto. — Pelo menos encontre um pouco de champanhe para nós, — ela sibilou,

desejando que ela pudesse ir para o jardim atrás da casa e gritar para os céus.

Ela examinou os dançarinos em busca de Charlotte e a encontrou, parecendo feliz e caminhando alegremente. O nó em seu estômago diminuiu. Mesmo que Beatrice tivesse arruinado suas próprias chances de encontrar um par neste agradável baile, parecia que sua irmã não tinha sido manchada. As pessoas não a chutaram do chão por ser parente da ridícula herdeira de caramelo.

— O que você está pensando? — O Sr. Carson perguntou quando ele voltou e se sentou ao lado dela. — Seu rosto geralmente adorável parece uma nuvem de tempestade. Ele entregou a ela um copo.

— Obrigada pelas suas palavras gentis. Como me sinto melhor sabendo que estou como um pouco de mau tempo. Que coisa para dizer!

Ele estava completamente imperturbável por sua língua megera, o que a fez querer criticá-lo ainda mais.

— Pelo menos você é bom para buscar uma bebida, — Beatrice acrescentou asperamente, tomando um gole apressado. Imediatamente, ela começou a tossir violentamente. O Sr. Carson levantou-se novamente e, após uma breve hesitação, começou a bater nas costas dela, tornando quase impossível recuperar o fôlego.

Finalmente, ela ergueu a mão e ele parou.

— O que diabos você está fazendo? — Ela exigiu, esperando que ele não tivesse rasgado a parte de trás de seu vestido ou a deixado com hematomas.

— Ajudando você, — disse Carson, incerto.

— Sente-se imediatamente. — Beatrice estava prestes a dizer algo mais quando Lorde Melton do baile da Clarendon House se aproximou. *Ele tinha visto sua primeira dança desastrosa ou como ela mal conseguia bebericar champanhe sem quase se sufocar?*

Pelo olhar conhecedor de seus olhos, ele tinha. No entanto, com a maior propriedade, ele permaneceu a uma distância adequada, curvou-se levemente, fez algum floreio formal com a mão direita que a cativou momentaneamente, e então finalmente falou.

— Se desejar, Srta. Rare-Foure, posso ter a honra de dançar com você quando a próxima dança começar?

Ele permaneceu ligeiramente curvado até que ela respondeu. Ela sabia que deveria dizer algo floreado sobre como estava satisfeita.

— Sim, — ela deixou escapar de uma vez, tentando não olhar para o Sr. Carson. Seria uma boa ideia ficar longe do homem que a afetou tanto, tanto para o bem quanto para o mal. — Com prazer, — ela adicionou.

Ao contrário dos bailes anteriores, depois de garantir seu acordo, Lorde Melton não foi embora imediatamente. Ele apenas ficou ali amigável. Ela sabia que cabia a ela, como

mulher, iniciar uma conversa leve e agradável, outra dica do livro de Charlotte.

— Você não dançou a quadrilha de abertura? — Beatrice transformou isso em uma pergunta e então torceu para que não fosse impróprio perguntar. *E se ele não conseguiu uma parceira?* Nesse caso, sua pergunta pode ser imperdoavelmente rude.

O visconde balançou a cabeça.

— Cheguei um pouco tarde.

Mas não tão tarde para ter perdido sua humilhação. Ela sorriu para ele, tomou um gole de champanhe mais devagar e sentiu como se quisesse que o chão a engolisse. *O que se dizia a um homem que mal conhecia?* Ela olhou para o Sr. Carson se perguntando se ele poderia ajudar a iniciar uma conversa. Ele ergueu uma sobrancelha sarcástica.

— Agora que você tem uma escolta, Srta. Rare-Foure, vou me despedir para encontrar minha próxima parceira. — O Sr. Carson levantou-se. — Obrigado pelo..., — ele parou abruptamente, incapaz de agradecê-la pela dança que tinha sido tão terrivelmente abandonada.

Seu olhar pegou o dela com alguma mensagem não dita, talvez um pedido de desculpas.

Ela franziu os lábios quando ele fez menção à dança e desviou o olhar.

— Obrigado, — ele repetiu, curvou-se levemente e foi embora.

— Americanos, — brincou Lorde Melton. — Nunca se sabe onde se está com eles.

Pelo contrário, Beatrice pensou. A franqueza de Carson foi excepcionalmente revigorante, especialmente nesta arena da classe alta de civilidade exagerada, controlada por tantas restrições e regras. Qualquer evento envolvendo a nobreza provou ser muito mais complicado do que o que ela teria que enfrentar em um jantar dançante oferecido por seus pais para seus amigos de classe média.

No entanto, a capacidade do americano de irritá-la e a maneira como ele incitava suas emoções à tona, à vista de todos, quando ela estava mais bem servida se eles permanecessem enterrados, eram características que ela poderia dispensar - especialmente no baile de uma duquesa viúva. Ela suspirou.

— Posso me sentar? — Ele perguntou.

— Por favor, faça, — ela respondeu, e ainda, quando ele sentou na cadeira do outro lado dela, parecia estranho realmente ter um homem estranho tão perto de sua manga roçando seu ombro.

Nunca pareceu estranho com o Sr. Carson, e ela imediatamente sentiu a perda dele. Beatrice teve que se conter para não esticar o pescoço para ver para que lado ele tinha ido e descobrir com quem estava falando. Em vez disso, sorrindo educadamente para o visconde, ela vasculhou seu cérebro para algumas das conversas fúteis em que ela sabia que deveria se envolver.

— Uma bela noite, não é? — Ela perguntou. Como não havia chovido, parecia o assunto perfeito

— Você está muito bonita, — disse ele, surpreendendo-a, pois isso não parecia condizer com o discurso leve e banal que ela esperava.

— Obrigada, meu senhor. — Ela sabia que deveria direcionar a conversa de volta para tópicos neutros. — Esta é a minha primeira vez num baile sem cartas. Geralmente há uma ordem para os tipos de danças, semelhantes aos outros bailes? — Enquanto quase bocejava de tédio com sua própria pergunta, pela vida dela, Beatrice não conseguia pensar em nada melhor.

— Na verdade, não, — disse ele. — É inteiramente com a anfitriã. Se ela quiser, podemos dançar quadrilhas a noite toda. Se tivermos sorte, iremos dançar a valsa. Eu gostaria muito de dançar uma valsa com você.

Ela assentiu com a cabeça, então percebeu que talvez ele estivesse sendo atrevido de novo. As valsas eram mais íntimas do que as quadrilhas, com certeza. Virando-se ligeiramente na cadeira, ela observou os outros dançarinos, dando a ele mais de seu ombro e perfil.

— Estou feliz por ter um momento para falar a sós com você, — acrescentou Lorde Melton. — Devo oferecer minhas sinceras desculpas.

Seu olhar estalou de volta para o dele. Ele tinha sua atenção total.

— Por quê?

— Ora, por dizer que a chamaria e não o fiz. Eu temi que você pudesse estar chateada comigo, mas quando você concordou em uma dança esta noite, posso esperar que você tenha perdoado minha infração.

Beatrice dificilmente poderia dar crédito a qualquer uma daquelas tagarelices prolixo, principalmente porque ela tinha esquecido sua existência assim que o último baile terminou. No entanto, ela dificilmente poderia dizer isso. Ela formou seus pensamentos.

— Eu ouso dizer que fiquei maravilhada com a sua... — *atrevimento* parecia uma palavra muito forte, assim como *grosseria* — com sua falta de atenção, meu senhor. Eu estava preocupada que algum infortúnio tivesse acontecido com você. — Ela teve que se impedir de revirar os olhos diante de seu próprio absurdo!

Incrivelmente, ele assentiu como se ela tivesse dito precisamente a coisa certa.

— Fui chamado de Londres a negócios, ou não a teria deixado esperando e se perguntando. Não por nada no mundo.

Ela sorriu para ele, porque ele parecia sério e, como Charlotte havia assinalado, tinha um cabelo bonito.

— Então não há nada para eu perdoar. Vamos começar de novo? — Beatrice achou que estava ficando muito boa nessa conversa educada e rezou para não soar como uma dama de companhia do século XVIII.

Mais uma vez, Lorde Melton parecia perfeitamente feliz com suas palavras. Um minuto depois, a quadrilha longa com

suas seis partes terminou e o parceiro de Charlotte acompanhou-a.

— Este é Lorde Feymor, — ela disse, apresentando-o a Beatrice.

— Encantado, — disse o homem, curvando-se ligeiramente, e Beatrice acenou com a cabeça em resposta, não se sentindo particularmente encantadora.

— Como você chegou aqui tão rápido? — Sua irmã perguntou. — O baile acabou de terminar e você já tem champanhe.

Suspirando, Beatrice esperava não ter o desastre exposto.

— Sua irmã estava com cócegas na garganta que, infelizmente, a forçou a sair da pista de dança mais cedo.

A resposta diplomática de Lorde Melton surpreendeu Beatrice, e ela o olhou com mais ternura. Em seguida, de volta para Charlotte.

— Estou surpresa que você não me viu sair, mas fico feliz que isso não atrapalhou aqueles de fora da minha formação.

— Não, eu estava tão decidida a dançar que não percebi. Lorde Feymor é um dançarino muito bom, — acrescentou ela, enviando ao jovem seu sorriso cativante.

— Assim como você, Srta. Rare-Foure, — ele respondeu. — Posso voltar mais tarde para outra?

— Certamente, — Charlotte concordou.

O cavalheiro fez uma reverência elegante e se afastou.

— Vocês são novas nesta temporada, — Lorde Melton falou de repente. — Duas irmãs ricas, ambas de rosto bonito, desconhecidas para qualquer um de nós e que não nos conhecem, em troca.

Beatrice olhou rapidamente para Charlotte, perguntando como processo de classificação do visconde de todos os outros no quarto como — nós — e mais seguramente não os incluindo. E mais uma vez, ela se perguntou se deveria esclarecer a ideia de que sua família tinha uma fortuna para conceder a ela e Charlotte.

Lorde Melton continuou:

— Vocês, senhoras, devem ser cautelosas durante a temporada. Infelizmente, existem os desprezíveis entre nós fingindo ser quem não são. No entanto, não estou fornecendo um aviso, já que nunca lançaria calúnias sobre Feymor ou qualquer outra pessoa, apenas uma observação do fato - algo que eu sei tão bem quanto a maioria das senhoras aqui, mas que você, — ele se dirigiu exclusivamente a Charlotte agora, — provavelmente não. Feymor foi noivo de duas senhoras no ano passado em uma sucessão bastante rápida, mas aqui está ele, solteiro.

Beatrice observou sua irmã assimilar essa informação. E então, sem parecer de forma alguma consternada ou duvidosa, Charlotte sorriu, parecendo tão alegre como sempre.

— Obrigada pela informação, meu senhor. Não procuro ser a noiva número três de Lorde Feymor, nem mesmo a número um de ninguém. Estamos aqui principalmente para...

Beatrice tossiu ruidosamente, sem saber se sua irmã iria falar sobre a caça do Sr. Carson por uma dama com título ou sobre sua própria tarefa de encontrar um marido. No caso do primeiro, seu senhorio poderia ficar ofendido com a ideia de um americano rico vindo para roubar um membro mais justo da nobreza. Quanto a este último, ela não se importou particularmente com o visconde sabendo que ela estava caçando marido.

Apesar de todos saberem que a temporada era basicamente um mercado de casamento, não era algo que se desejasse reconhecer ou discutir abertamente. E então houve a terrível percepção de que ela e Charlotte eram precisamente as *pessoas desprezíveis* que ele mencionou.

— Desculpe, — Beatrice disse no silêncio abrupto. — As cócegas voltaram momentaneamente. Talvez devêssemos todos beber mais champanhe. — Percebendo que ainda tinha um pouco no copo, ela bebeu rapidamente e deu a Lorde Melton seu melhor olhar suplicante.

— Íamos dançar, — ressaltou.

— A próxima dança já começou. Quando tivermos um pouco de champanhe, estaremos em tempo perfeito para a seguinte.

— Muito bem. — Não demorou muito para ele agarrar um criado e conseguir mais três copos.

— Está perfeitamente gelado, — disse Charlotte. — A viúva é uma anfitriã maravilhosa.

Exceto pelos cachos de cabelo incômodos, Beatrice pensou.

Capítulo Quinze

Lady Emily chegou atrasada ao baile da duquesa viúva. Por ficar de olho, Greer conseguiu ser uma das primeiras a cumprimentá-la e pedir o favor da próxima dança. Enquanto a girava no chão, ele notou Beatrice com Lorde Melton. Aquele sujeito parecia ser o único com quem a vira mais de uma vez. Ele esperava que o homem fosse um bom tipo.

Enquanto Greer fazia Lady Emily fazer uma curva, ele quase tropeçou nos próprios pés, fazendo seu coração disparar. A última coisa que ele queria era envergonhar a Lady e arruinar suas chances com ela.

Talvez ele devesse manter o nariz fora dos negócios de Beatrice. Além disso, ele deve manter o foco em sua parceira de dança.

Como Lady Emily sugeriu no baile anterior, Greer a havia visitado no início da semana, resultando em um encontro muito desconcertante. Como prometido, ela estava na sala recebendo visitas, mas sua mãe também. Assim, ele não podia falar em particular com ela, nem eles falavam muito sobre qualquer coisa além do tempo e quais shows e peças estavam atualmente nos teatros de Londres. E sua mãe falava tanto quanto Lady Emily. Em seguida, outro visitante apareceu - um rival, Greer percebeu, - mas ele não se preocupou muito com isso. Se o próximo cavalheiro tivesse que refrear sua conversa

da mesma forma, então esse negócio de visita não trouxe ninguém mais perto de formar um apego do que dançar uma quadrilha.

Depois de cerca de quinze minutos, sem tornar isso muito óbvio, a mãe da Lady o fez entender que deveria ir embora. Ele nem tinha recebido o chá.

O próximo passo, supôs Greer, seria enviar-lhe um convite formal pedindo para acompanhá-la a um baile ou mesmo a uma das peças que sua mãe havia discutido. Se fosse para um baile, então Lady Emily e sua acompanhante estariam sob sua proteção durante a noite. Eles iriam cavalgar em sua carruagem e, entre as danças, ela voltaria para ficar com ele durante a noite, mesmo quando seria esperado que dançasse com outros.

Todo o processo estava fazendo sua cabeça girar. Na cidade de Nova York, ele ouviu falar de casamenteiros que cuidavam de tudo isso por uma boa soma. Ele não tinha pensado em perguntar a Beatrice se tal coisa existia em Londres, embora ele não pudesse imaginar a nobreza se inscrevendo em um método tão direto. Eles pareciam gostar de enviar mensagens com seus fãs bobos - outra lição da duquesa de Pelham que ele quase não conhecia. Se uma senhora colocava o leque na bochecha ou na orelha, ele presumia que ela estava coçando. Como ele poderia saber se ela estava lhe dando atenção especial?

E eles tinham horas de visita para ficarem sentados, olhando fixamente um para o outro e discutirem o céu sempre

chuvoso. Por que eles não podiam simplesmente jogar pacotes de caramelo um no outro? Quem quer que eles batessem se tornaria seu companheiro escolhido.

Quando a dança terminou, Greer olhou ao redor em busca de Beatrice e a viu voltando para as cadeiras perto das cortinas. Naturalmente, ela estava segurando o braço de Lorde Melton. Rapidamente, Greer acompanhou Lady Emily de volta à mãe, fez uma reverência e correu para reivindicar uma dança com sua fabricante de caramelo.

— Vamos tentar de novo? — Ele perguntou depois que o visconde foi embora.

Beatrice ofereceu a ele seu sorriso atrevido.

— Eu suponho. Espero que não seja outra quadrilha miserável.

— Por quê? Dominamos as etapas, não acha?

— Mas com uma valsa ou uma polca, se bagunçarmos, não afetamos mais ninguém. Muito menos estressante para a minha maneira de pensar.

— É verdade, mas não há razão para pensar que vamos errar novamente, a menos que a viúva esteja se casando.

A risada explodiu dela, e ela colocou a mão sobre a boca.

— Não faça isso! — Ela repreendeu. — Não *me* faça rir.

— Eu gosto quando você ri. O flajolé soprou sua bela melodia.

Ela suspirou quando ele pegou sua mão.

— Eu sou a única mulher aqui que está zurrando como um burro. Você deve parar de ser tão charmoso.

Ela o achou encantador! Ele gostou imensamente, principalmente porque ele nem estava tentando. Foi fácil com Beatrice. Muito fácil.

— Você tem o seu desejo, — disse ele quando eles se posicionaram. — Não é uma quadrilha, mas uma valsa, a mais rápida vienense.

Greer a varreu sem esforço pela pista de dança, a única parceira com quem ele se sentia completamente à vontade. A curva natural, a curva reversa, a mudança intermediária - eles se moviam como um só, seus corpos nunca perdiam o contato. Por outro lado, com uma dança fechada como esta, ela também era a única mulher que o deixava bem ciente de sua palma pressionada em suas costas, sua mão macia agarrada na outra mão.

Apesar de estarem cercados por outros, eles se moviam como se estivessem em uma bolha de sua própria criação, os dois e a música, e o lindo vestido dela balançando em suas pernas quase o fazendo tropeçar.

Se ele contasse isso, ela riria, então ele não o fez.

— Eu poderia dançar assim a noite toda, — disse ele, a exuberância da valsa elevando seu espírito, a beleza dessa mulher tocando seu coração.

— Não devemos falar, — disse ela, — mas eu concordo.

Essa era outra regra, não falar enquanto dançava? Ele não conseguia se lembrar.

— Não podemos falar ou é uma sugestão para não perdermos a concentração? Porque eu, pelo menos...

— Silêncio, Sr. Carson. — Ela deu a ele outro sorriso para suavizar a repreensão, e eles terminaram a dança em silêncio com ele sendo capaz de sentir seu coração batendo contra ele enquanto sua fragrância de baunilha o envolvia. *Que magnífico!*

Quando a dança terminou, ele não queria abandoná-la. Ao ver outro homem já parado perto das cortinas, obviamente esperando sua vez, Greer fez o impensável. Ele levou Beatrice para o outro lado da pista como se estivessem prestes a se juntar para uma dança, em vez de terminar.

— O que você está fazendo? — Ela sibilou, parecendo alarmada por eles estarem quebrando alguma regra.

— Estou dançando com você de novo.

Ela franziu a testa ligeiramente e depois relaxou.

— Acho que está tudo bem, já que não temos nenhum compromisso anterior. Você tem?

— Nenhum. — Ele não mencionou o homem que ele viu que agora ficaria extremamente desapontado. Enquanto outros formavam pares para uma polca, Greer explicou: — Já dancei com Lady Emily St. George, alguém que estou considerando como uma esposa em potencial. E não sei se ela consideraria incivilizado ou possivelmente a ruína da

sociedade educada se eu pedisse a ela para outro baile esta noite.

— Entendo, — foi tudo o que Beatrice disse, e então a música começou.

BEATRICE SENTIU COMO SE tivesse levado um soco no estômago. *Lady Emily St. George!* Agora ela tinha um nome para a mulher em quem ele estava interessado. Estava acontecendo muito rápido. A temporada estava acontecendo há apenas algumas semanas. A tristeza tomou conta dela com a ideia de perder seu amigo, como certamente aconteceria. E enquanto ele estava ansioso para dançar com ela pela segunda vez consecutiva, já que se tratava de sua amiga, o Sr. Carson não correria o risco de manchar sua reputação com uma segunda dança a noite toda.

Vagamente, ela sabia que deveria se sentir insultada. Por outro lado, ninguém se importava com uma herdeira de caramelo desconhecida e um americano, enquanto um boato sobre a filha de um conde podia se espalhar como fogo em gravetos secos. E ela sabia quem era Lady Emily, pois Lorde St. George tinha aparecido nos jornais ao longo dos anos por seu apoio vociferante ao Ato Médico de 76 e à Lei da Prisão no verão passado. Além disso, ela não se sentia nem um pouco injustiçada, não enquanto fosse permanecer nos braços fortes do Sr. Carson para outra dança.

Ela poderia muito bem desfrutar do melhor parceiro de dança que tinha experimentado até agora. Os outros seguraram sua mão com muita força, como Lorde Melton havia

feito, ou desinteressadamente. Alguns a moviam pelo chão como se poderia esperar que um general comandasse seus soldados, enquanto outros pareciam totalmente desconectados. Alguns parceiros pareciam passar o tempo olhando por cima da cabeça dela e mal pareciam notar a quem estavam conduzindo.

Com o Sr. Carson, a dança era animada e calorosa. E embora ela soubesse que não deveria ter tais sentimentos, também era romântico. Cada vez mais, ela achava essas emoções difíceis de controlar. Onde a mão dele pousou no meio de suas costas, ela sentiu seu calor queimando-a através das finas camadas de seu vestido de baile. E onde suas mãos se cruzavam, era como um vínculo forjado com afeto.

Com seus corpos em um estado constante de movimento e se tocando, roçando um no outro repetidamente, Beatrice pensou que poderia derreter com as sensações fervilhantes percorrendo antes de terminarem a polca.

Não era nada parecido como dançar com Lorde Melton, nem com qualquer um dos outros homens em bailes anteriores. No entanto, quando a dança terminou, ela agradeceu friamente e deixou que ele a acompanhasse de volta para a lateral da sala, onde outro homem rapidamente lhe pediu à mazurca que estava por vir.

Algumas danças depois, quando o fim da noite estava próximo, o Sr. Carson voltou novamente, desta vez com uma expressão tímida e esperançosa em seu belo rosto. Beatrice descobriu que não queria tentar dizer não. Se esta fosse sua

única temporada, e se o Sr. Carson em breve estivesse cortejando uma dama a sério - talvez ficando noivo - então Beatrice iria gostar dele enquanto ela ainda pudesse.

Quando a dança final veio e ela foi convidada por Lorde Longden, a quem ela conheceu semanas antes no baile de Amity, ela observou o Sr. Carson se aproximar de Lady Emily. Aparentemente, ele decidiu que poderia arriscar a reputação dela, afinal.

E se isso doía mais do que deveria, Beatrice pelo menos tinha a lembrança de ter sido sua amiga e confidente. Teria que ser o suficiente.

BEATRICE ESTAVA ZUMBINDO quando entrou na confeitaria quase na hora de fechar no dia seguinte. Ela tinha feito algo que quase nunca fazia - dormiu o dia inteiro, sabendo que suas irmãs poderiam cuidar da loja. Muitas vezes Charlotte abria, então Amity vinha fazer chocolates, enquanto Beatrice aparecia ao meio-dia, indo diretamente para a sala dos fundos. Mais tarde, ela se fecharia sozinha ou com Amity, se ficasse o dia todo. As três dificilmente ficavam ali ao mesmo tempo por mais de uma ou duas horas, a menos que fosse um feriado, como a Páscoa e o Natal sendo os momentos mais ocupados.

Assim, quando Charlotte pediu a Amity que fizesse chá, apesar de estar quase na hora dela ir embora, e Amity concordou em beber a bebida em vez de chocolate quente, Beatrice sabia que algo estava acontecendo.

— Você passou a maior parte da noite dançando com o Sr. Carson, — Charlotte disse, uma vez que eles tinham suas canecas de chá fumegante nas mãos.

Então, suas irmãs estavam preocupadas com ela se apegando ao único homem no baile que ela não deveria e que ela nunca poderia ter.

Sinceramente, durante a emoção do evento, ela mesma se preocupou com isso. Em casa nas primeiras horas, ela lutou com seus pensamentos e sentimentos, finalmente concluindo que ela confundiu amizade com algo mais. E embora tivesse sido mais fácil conversar e dançar com Greer, como ela passara a pensar nele, do que com qualquer outro homem, ela devia atribuir isso à familiaridade de um com o outro. Isso não significava que ela estava desenvolvendo um afeto profundo e duradouro por ele.

No entanto, quando ela deitou a cabeça no travesseiro e tirou o lenço do americano de baixo, dando uma cheirada forte, as lágrimas arderam em seus olhos.

— Eu fiz? — Ela perguntou, mantendo seu rosto plácido.

— Você sabe que fez isso — disse Charlotte, depois se virou para Amity. — Ela fez.

— Nós não tínhamos cartões, — Beatrice apontou, — então eu realmente não conseguia acompanhar. Eu também dancei com um visconde de nome... — Sua mente se esvaziou, e tudo que ela conseguia pensar era em Greer, com seu cabelo levemente despenteado enquanto ele a girava pela pista de dança.

— Lorde Melton, — Charlotte forneceu, enquanto Amity a perfurava com aqueles ricos olhos castanhos, sábios e calorosos.

— Sim, claro. Lorde Melton, — Beatrice concordou. — Ele também era bom. Eu dancei com ele quase tanto quanto eu fiz com o Sr. Carson, eu acredito.

— Ela não fez isso, — disse Charlotte a Amity.

— Pare de fazer isso, — Beatrice repreendeu. — Eu não sabia que você estava me espionando. — Ela olhou para sua irmã mais nova fofoqueira.

— Eu não estava, — Charlotte protestou calorosamente. — Nós deveríamos cuidar uma da outra, não é? Em qualquer caso, tudo o que fiz foi procurá-la ocasionalmente e sempre parecia vê-la com o Sr. Carson.

— No próximo baile, tentarei não dançar com ele de forma alguma, se isso te deixar feliz.

— Não acho que Charlotte esteja preocupada com sua própria felicidade — Amity disse baixinho, e Beatrice se sentiu devidamente castigada.

— Eu sei. — Ela olhou para sua irmã mais nova, que parecia estranhamente taciturna. — Peço desculpas. Tirando um cacho do cabelo de trás da orelha de Charlotte, ela acrescentou: — Mas você não precisa se preocupar, pelo menos não comigo e com o Sr. Carson. Ele me disse que está perseguindo Lady Emily St. George.

— Que legal! — Charlotte disse, voltando ao seu entusiasmo habitual. — Pensar que seu plano pode dar certo.

— Sim, para pensar. — Beatrice tomou um gole de chá e evitou o olhar questionador de Amity até que sua irmã mais velha deu de ombros e deixou de lado quaisquer pensamentos que estavam girando em seu cérebro inquisitivo.

— Mamãe disse que você terá uma bela surpresa no final da temporada. Na verdade, todos nós temos, pois, Henry e eu também iremos. É um baile à fantasia.

— Que legal! — Charlotte exclamou de novo, desta vez com um bater de palmas, e então, incapaz de conter sua felicidade por mais um instante, ela assobiou sua nota mais feliz.

— Bom Deus! — Beatrice disse com um aceno de cabeça. — Você ouviu cães latindo em resposta?

Todos riram e imediatamente, seu interesse se voltou para quem iria usar qual fantasia.

Enquanto isso havia mais eventos a serem enfrentados e, cada vez mais, era esse o sentimento que Beatrice tinha - que ela deveria perseverar, suportar e superar cada um. Greer costumava ter Lady Emily em seus braços, e Beatrice achava que Lorde Melton era persistente em sua perseguição, embora tivesse o cuidado de não enganá-lo, já que sua consideração pelo visconde não havia crescido. Ela nem queria tentar um beijo com ele. Na verdade, ela se sentia mais desanimada à medida que a temporada avançava, ansiando pelo fim dela.

Charlotte, entretanto, parecia estar sentindo o oposto, ficando cada vez mais confortável e feliz.

Naturalmente, Greer ainda as acompanhava, mas não falava com ela de maneira diferente do que falava com Charlotte. E quando eles dançavam, como se por um acordo tácito, ele permanecia educadamente distante, sem gargalhadas entre eles, e nunca mais de uma dança. No final de um evento, quando ele as levou para casa, ele as deixou com a mais breve das palavras de despedida.

Assim que o sol ficou forte o suficiente e nenhuma ameaça de chuva, eles compareceram a um evento náutico. Com lilases em flor e violetas espiando por baixo de cada arbusto em Syon Park, nas margens da casa do duque de Northumberland, eles foram ajudados a entrar em longos barcos a remo, movidos por homens fortes do Clube de Remo de Londres.

Beatrice se sentou em um banco estofado com Charlotte atrás dela, cada uma delas em parceria com um único cavalheiro de boa reputação. Lorde Melton não estava à vista, o que não incomodou Beatrice em nada. Como de costume, sua atenção estava em Greer em outro barco, sentado com ele inevitavelmente estava com Lady Emily.

Rio abaixo, eles viajaram em direção à ponte Kew e por baixo dela, e então foram conduzidos a remos de volta à casa do duque. Embora não fossem bem-vindos na Syon House, seu grupo de debutantes e homens elegíveis de tamanho médio teve permissão para visitar o Grande Conservatório

neoclássico, projetado, como todos sabiam, por Charles Fowler, que também deu aos londrinos à grandiosa Piazza em Covent Garden.

Segurando o braço de Charlotte, Beatrice saiu do conservatório com cúpula de vidro para o passeio exploratório pelos jardins. Em algum lugar próximo, eles deveriam encontrar um piquenique idílico já preparado para eles por sua anfitriã, uma amiga do sexto duque de Northumberland e sua gentil duquesa.

Com certeza, em torno de um bosque de árvores, Lady Anne Gravens, sua anfitriã, estava com aquelas almas intrépidas que já haviam feito isso para o local do almoço, incluindo Lady Emily e Greer. Cinco longas mesas com toalhas brancas e cadeiras dobráveis de madeira, com um dossel branco brilhante acima, essa foi a ideia de Lady Gravens de um piquenique rústico.

— Vamos torcer para que não seja um evento de quatro horas, — Beatrice resmungou, vendo Greer sentar-se na ponta de uma mesa e certificando-se de apontar para Charlotte uma mesa o mais longe possível dele. Naturalmente, os homens com quem haviam navegado agora as procuravam para aumentar a agonia sentando-se com elas para o piquenique.

— Mas viemos de trem, — lembrou Charlotte. — Não levaremos praticamente nenhum tempo para chegar em casa. Podemos ficar aqui o dia todo.

Pareceu a Beatrice como se ela já tivesse estado lá o dia todo, enquanto, pãezinhos, frango assado, presunto frio e

tortas de carne eram servidos junto com todo tipo de vegetal, ela ansiava por subir de volta em uma carruagem para um rápido passeio até Estação ferroviária de Kew Bridge, depois embarque no trem e vá para casa.

— Não é divertido? — Perguntou o homem que se sentou ao lado de Charlotte no barco a remo.

— É isso? — Beatrice retrucou, pousando o copo de limonada com um baque. — A ameaça de chuva parece estar crescendo, e quanto mais tempo esse alimento fica do lado de fora, mais aptos estaremos para encontrar moscas se alimentando dele. Todos devem comer rápido para que possamos ir para casa em um horário razoável. Tenho certeza de que nenhuma das mulheres aqui quer sair da estação Charing Cross na escuridão.

Charlotte suspirou e balançou a cabeça, fazendo Beatrice se sentir infantil e dramática. Ela tentaria fazer melhor. Para isso, ela ofereceu aos seus companheiros silenciosos o mais leve dos sorrisos, que foi tudo o que ela conseguiu reunir.

— A refeição parece deliciosa. Decididamente saborosa, — ela concedeu. — O fornecedor de Lady Gravens se saiu muito bem.

No entanto, alguns minutos depois, ver Greer e Lady Emily rindo de alguma piada particular a fez quase perder o almoço e arruinou qualquer prazer com o pão-de-ló com creme que estava prestes a comer. Ela largou o garfo.

— Qual é o próximo? — Ela perguntou a Charlotte.

— Eu acredito que eles estão servindo chá, — Charlotte disse, apontando para os servos que caminhavam pelo gramado de um anexo onde estavam cuidando de todos os preparativos do almoço.

— Droga! — Beatrice exclamou, incapaz de manter seu comportamento agradável quando a harpia dentro dela estava se sentindo ferida e com inveja. O serviço de chá poderia estender o passeio em uma hora.

— Se você me der licença, — disse ela, abrangendo tanto a irmã quanto seus acompanhantes, — vou dar um passeio.

Caminhando pelo Syon Park, Beatrice se perguntou se ela seria jogada para fora em sua azáfama caso tentasse entrar na magnífica casa do duque. Talvez ela pudesse explicar como ela tinha um duque em sua família, então eles eram todos como um só.

Divertida com seus próprios pensamentos, Beatrice logo alcançou a beira da água onde eles haviam lançado os barcos a remo horas antes, e então ela se dirigiu a um mirante com vista para o Tâmisa.

Era surpreendentemente tranquilo, parecido com a sala dos fundos da Rare Confeitaria, quando todos os outros haviam saído e nenhum cliente incômodo havia entrado. Apesar do rio correndo a cinco metros de distância, cheio de barcos de todas as formas e tamanhos, e apesar de saber que havia um grupo de solteiros ansiosos bebendo chá e se empanturrando de pão-de-ló, Beatrice sentia-se sozinha. Ao mesmo tempo, ela não estava sozinha, apenas contemplativa.

Sentada no banco embutido que circundava o interior do gazebo, ela inclinou a cabeça para trás e olhou para os sons arrulhados. Pombos empoleirados nas vigas acima. Naquele momento, um decidiu soltar uma bagunça cinza-esbranquiçada desagradável que se estatelou ao lado dela.

— Dane-se, — ela murmurou, imaginando se arriscava sentar-se embaixo deles ou tentar fazer com que desocupassem a estrutura. — Xô, ela gritou, mas, exceto por eles se acotovelando e mais das fezes nojentas, nenhum deles lhe deu a mínima.

Talvez se ela jogasse algo neles, mas ela não conseguia ver nada à mão, e ela não estava prestes a quebrar galhos dos arbustos do duque, mesmo se pudesse.

De repente, ela teve a resposta. Uma de suas botas de cano baixo faria com que eles mudassem para que ela pudesse sentar-se sem medo que eles arruinassem a saia e jaqueta azul justa que ela usava. Com essa intenção, ela desamarrou uma de suas botas, subiu no banco que acabara de desocupar e atirou-a nos pássaros agitados.

Duas coisas aconteceram ao mesmo tempo - todos os pombos levantaram voo, indo diretamente em sua direção, e enquanto ela gritava alarmada, ela ouviu a voz de Greer Carson:

— O que diabos você está jogando?

Acenando com as mãos sobre a cabeça, os olhos fechados, ela teve certeza de que sentiu um bico ou uma garra roçar em suas mãos enluvadas e agarrar as lindas fitas de seu

chapéu e, de repente, elas desapareceram. Quando Beatrice abriu os olhos com o silêncio, o americano parou na frente dela e algumas penas flutuaram no ar.

— Eu simplesmente queria assustá-los, — disse ela, com o coração disparado tanto para os pássaros quanto para Greer olhando para ela.

Depois de olhar para ela por um longo momento, ele ofereceu a mão para que pudesse ajudá-la a descer, mas ela olhou por cima do ombro.

— Onde está Lady Emily?

— Bebendo chá, como deveria, como toda moça inglesa deveria.

Seu sorriso fez seu estômago revirar.

— Pegue minha mão, Srta. Rare-Foure, e desça.

Ela o deixou agarrar os dedos dela, mas enquanto ia pular, ele se aproximou e a segurou pela cintura, deixando-a escorregar à frente dele. Os pés dela pousaram em cima das botas de couro dele, e os dedos do pé direito dela podiam sentir o couro duro através de suas meias.

Olhando para ele, ela sabia que eles estavam perto demais para o bem da civilidade. Se alguém os encontrasse assim - qualquer pessoa que se importasse com o decoro - ele ou ela poderia ter uma impressão errada. Beatrice podia ver manchas prateadas profundas em seus olhos azul-acinzentados e cheirar seu aroma fresco de sabonete de cedro. Além do mais, seu olhar penetrante travou no dela antes de

cair em sua boca. Ela lambeu os lábios repentinamente secos e suas pupilas dilataram.

Oh céus!

Capítulo Dezesseis

Greer não poderia ter imaginado quando saiu em busca de sua confeiteira, que ele notou vagando sozinha em direção ao rio, que um minuto depois ele a teria em seus braços, olhando para ele com aqueles olhos azuis vívidos.

Mas ele era um cavalheiro, e a senhora que ele estava tentando cortejar não estava longe. Depois de dar aos lábios tentadores de Beatrice uma boa e longa olhada, quase gemendo quando ela os lambeu, ele deu um passo para trás.

Ou ele tentou, mas ela veio com ele, seus pés delicados - *pequenos,* ele pensou, *para uma mulher da altura dela* - estavam plantados em cima de suas botas.

— Minha bota, — disse ela, antes de finalmente recuar para que pudesse se sentar no banco.

— Sua bota? — Ele perguntou, ainda hipnotizado por seus olhos e sua boca e o quão duro ele teve que lutar para não a beijar

Ela levantou a perna direita e puxou a saia, fazendo com que a pele dele ficasse quente e espinhosa até que ele percebeu que ela estava mostrando o pé de meia.

— Joguei minha bota para cima para me livrar dos pássaros e ela não voltou.

Ambos ergueram os olhos. Com certeza, lá estava sua bota de tornozelo, no alto das vigas, apoiada em uma viga transversal.

Ele queria rir, mas não tinha certeza se ela achava a situação engraçada.

— Você provavelmente não poderia ter feito isso se tivesse tentado muito e quisesse.

— Tenho certeza de que não poderia. Devo tentar com o meu outro par?

Ele ficou feliz em saber que ela *achava* isso divertido.

— E eu consegui assustar os pombos, embora eles me tenham dado um grande susto no processo.

— Eu ouvi você gritar, — ele disse.

— Eu fiz? Eu não tinha percebido isso. Que mulher estúpida, eu sou!

— Deixa para lá. Acho que você foi bastante engenhosa. Mas vamos começar a trabalhar.

Ele poderia fazer seu chapéu voar, mas duvidava que tivesse peso suficiente. Por outro lado, se ele mandasse o casaco para lá e pendurasse, nada do que ele tivesse além de jogar Beatrice para o alto o derrubaria.

— Meu chapéu ou meu casaco? — Ele ponderou em voz alta, tirando o chapéu e refletindo.

— Duvido que seu chapéu chegue lá, — disse ela, chegando à mesma conclusão que ele.

Concordando, ele o colocou no banco ao lado dela e tirou o casaco e começou a amassá-lo em uma forma redonda.

— Mas seu casaco pode ficar sujo com fezes de pombo, — disse ela. — Deve haver esterco por todas as vigas. É melhor você usar seus calçados como eu fiz.

Greer sentou-se ao lado dela e tirou suas novas botas de meia de bico quadrado.

— Esses são bons, — ela comentou.

— Obrigado. Gosto muito deles.

Ela riu.

— Não acho que será danificado.

Ele revirou os olhos.

— Você não poderia simplesmente ficar no piquenique e tomar uma xícara de chá com todo mundo.

Sentindo-se estranho por estar em público com um pé só de meia, ele mirou na bota dela e soltou a dele. Isso derrubou a dela da viga de madeira e caiu perfeitamente a seus pés, enquanto o dele saiu voando pela abertura entre o telhado e as vigas. Ele observou sua bota bater na grama do lado de fora e rolar na direção do rio.

— Oh! — Beatrice exclamou. — Acho que você jogou com muito entusiasmo, Sr. Carson.

Ele olhou para ela, vendo uma expressão de alegria em seu rosto bonito. Curvando-se, ele pegou a bota dela e a colocou no chão na frente dela.

— Eu volto já. — Ele correu para fora do gazebo, pensando que era realmente estranho sentir grama sob sua meia.

Felizmente, sua bota parou antes de entrar no Tâmisa, caída de lado na beira da água. Pegando-o, Greer voltou-se para o gazebo, erguendo-o em triunfo. Então ele viu Lady Emily e sua anfitriã, bem como a Srta. Charlotte e dois estranhos. Eles se aproximaram do outro lado e agora observavam enquanto ele caminhava de volta pela margem com uma bota, sem chapéu e em mangas de camisa.

Os olhos da Srta. Charlotte estavam arregalados.

— Você ia dar um mergulho, Sr. Carson?

— Não, eu tive que recuperar minha bota, — disse ele.

A expressão de Lady Emily foi cautelosa.

— Sem seu casaco e chapéu, senhor?

Beatrice apareceu na grade do gazebo.

— Ele gentilmente recuperou minha bota, — ela explicou, e Greer sabia que tornara a situação ainda mais opaca.

— Por causa dos pombos, — acrescentou ela, gesticulando para trás para onde obviamente não havia pássaros. Ainda mais contundente, ela segurou sua jaqueta e seu chapéu. Em sua opinião, parecia que ele havia se despido na presença dela, o que realmente aconteceu.

Apressando-se o resto do caminho, ele recuperou seus pertences.

— Obrigada, Sr. Carson, — disse ela, depois de entregá-los a ele. Com isso, ela segurou o braço de Charlotte e se afastou, seus dois companheiros masculinos a reboque.

— Você ficará bem, Lady Emily, se eu deixá-la e voltar para os outros convidados? — Lady Gravens perguntou, olhando-o com cautela enquanto ele tirava o chapéu e começava a enfiar os braços nas mangas do casaco.

Greer observou a filha do conde hesitar.

— Sim, eu acredito que vou, ela disse por fim.

Claro que ela faria! Greer queria rir de seus dramas idiotas, mas não ousou. Estranhamente, ele nunca sentiu nenhum escrúpulo em se comportar de maneira inadequada com a filha do conde como fazia com Beatrice.

Em qualquer caso, ele se curvou à Lady Gravens quando ela se despediu. Se sua fabricante de caramelos ainda estivesse lá, ele poderia ter mencionado uma certa fruta seca, especificamente uma ameixa, mas com Lady Emily, ele permaneceu sério.

— Você veio me encontrar? — Ele perguntou. Ele deveria se sentir lisonjeado. *Por que não?*

— Naturalmente. Não esperava vê-lo naquele estado de nudez. No entanto, tenho certeza de que há uma explicação razoável.

Ele devia uma a ela?

— Eu estava ajudando a senhorita Rare-Foure a tirar sua bota das vigas do gazebo. Mas a história é tão inconsequente, acho que devemos deixar por isso mesmo.

Ele não tinha sido pego com a saia de Beatrice levantada e as calças abaixadas, pelo amor de Deus. Lembrando-se de como ele a abraçou e quase a beijou, entretanto, ele pensou que seria melhor acrescentar algo.

— Eu estava indeciso quanto a usar minha própria bota, chapéu ou casaco como projétil.

— Isso faz todo o sentido, — disse Lady Emily. — Eu aprecio sua maneira cavalheiresca em ajudá-la.

Aliviado, ele sorriu e segurou-a pelo braço.

Em seguida, ela acrescentou:

— A única coisa sem sentido é como a bota dela subiu nas vigas em primeiro lugar. Ela o estava usando para atrair um homem para ajudá-la? Se sim, funcionou.

Greer congelou no meio do caminho.

— Garanto-lhe, minha senhora, a Srta. Rare-Foure não tinha como saber que alguém viria atrás dela, especialmente um homem.

— Hm, — disse ela. — Se você diz. Em qualquer caso, ela não deveria ter se afastado sozinha de um piquenique em grupo. Isso é simplesmente rude e não é feito na sociedade educada.

Ele começou a andar novamente sem resposta. Na verdade, não foi a coisa mais inteligente que Beatrice já tinha

feito, embora ele não conseguisse entender por que era falta de educação ela querer um pouco de tempo sozinha com seus pensamentos. Ninguém se importaria se ele fosse dar um passeio sozinho.

Eles voltaram para a área de piquenique e ele percebeu que as pessoas estavam começando a sair. Carruagens pararam na estrada do outro lado do gramado, esperando para levá-los à estação de trem.

— Foi um dia muito agradável, — disse Lady Emily.

— Espero que você não tenha perdido o chá para vir me encontrar.

— Isso é bom. Estou feliz por ter vindo e visto com meus próprios olhos. Se surgir um boato sobre você estar meio vestido nas margens do Tamisa com uma mulher por perto, pelo menos eu saberei a verdade.

— Um boato, — ele ecoou. — Você acha que pode haver? Isso prejudicará a reputação da Srta. Rare-Foure?

Ele sentiu Lady Emily enrijecer onde seus braços se tocaram.

— Eu não deveria me preocupar, — disse ela, mas ele não estava convencido. Ele nunca deveria ter tirado o casaco. *Que trapalhão!*

— Você acha que Lady Gravens vai dizer algo?

Lady Emily fez um som de tut-tut.

— Duvidoso. Isso refletiria mal em seus deveres de anfitriã, especialmente porque há debutantes presentes.

— Então está tudo bem. A irmã dela não fala nada, nem o cavalheiro com quem ela fez parceria o dia todo. Um cavalheiro nunca começaria uma fofoca vil, não é? E eu certamente não direi nada, já que foi tudo culpa minha, em primeiro lugar. Eu deveria ter tirado minha bota imediatamente ou encontrado uma pedra.

Restava Lady Emily, e ele não conseguia acreditar que ela diria alguma coisa.

— NÃO POSSO ACREDITAR QUE ESSA senhora de nariz curvo fez uma montanha com uma toupeira! — Beatrice fumegou no café da manhã no dia seguinte. — Ela deve ter ido para casa em um cavalo de corrida para colocar sua história desagradável nos ouvidos certos antes de os impressores irem para a cama.

— Não temos certeza, — Charlotte começou, sentada em frente a ela no café da manhã.

No entanto, Beatrice estava convencida. Os jornais mencionaram uma Srta. RF pega longe de seu grupo com um Sr. A se despindo por perto.

— Por que ela diria alguma coisa? — Charlotte meditou, colocando geleia de morango em sua torrada.

— Não foi você, nem eu. Não foi o Sr. Carson, e eu duvido que seja nossa anfitriã, já que eu deveria estar sob seu olhar vigilante. E duvido que nossos dois parceiros se importassem ou mesmo soubessem quem era o Sr. Carson.

— Mas por que alguém iria chamá-lo de Sr. A? — Charlotte perguntou.

Beatrice deu uma mordida em sua fatia de bacon.

— Eu acho que foi Lady Emily. Ela está formando um apego por ele, então ela escondeu seu nome verdadeiro, não querendo maculá-lo e, portanto, a si mesma por conexão. No entanto, ela sabe que ele é um americano, daí o A. Em última análise, acho que foi uma mensagem para mim.

Charlotte franziu a testa.

— Diga.

— Ela nos viu juntos em mais de um baile, então ela está me avisando.

Sua irmã assentiu.

— Isso é possível.

— O que é possível? — Perguntou a mãe, entrando em uma nuvem de água de banheiro com perfume de rosas, um cheiro familiar e reconfortante.

— Que o interesse amoroso do Sr. Carson tem ciúme de Beatrice, — Charlotte ofereceu.

Beatrice serviu uma xícara de chá para a mãe e desejou que a irmã ocasionalmente pensasse antes de falar.

— O Sr. Carson tem uma esposa em potencial em mente tão rapidamente? — Felicity Rare-Foure perguntou.

— Sim, mãe, — Beatrice disse a ela. — Esse era o seu objetivo, e ele o perseguiu admiravelmente. Ele já dançou com muitas mulheres, e então, quando encontrou uma que tinha um título, atraente e não se importava que ele fosse americano, ele se aproximou dela.

Charlotte deu uma risadinha.

— Como um spaniel em uma caça ao faisão.

— Alguém de uma família que eu conheço? — Felicity perguntou.

— Lady Emily St. George, — Beatrice disse a sua mãe. — Você conhece os pais dela?

— Não. Acho que nunca fizeram um pedido em nossa loja. Você gosta dela?

Que pergunta estranha para sua mãe fazer.

— Não me preocupa, exceto desejar ao Sr. Carson boa sorte.

— Entendo, — sua mãe disse, dando a ela um longo olhar. — Nesse caso, não dê à senhora nenhum motivo para sentir ciúmes. Se ele fez um casamento, suponho que você e o Sr. Carson deveriam se separar. Vou acompanhar você e Charlotte pelo resto da temporada.

— Você está dizendo que eu não posso mais ser amiga dele? — Beatrice sabia que era o melhor, mas mesmo assim ficou chocada.

Sua mãe parecia pensativa.

— Os homens casados não têm amigas solteiras. Essa é simplesmente uma verdade conhecida, um fato tão irrefutável quanto à grama ser verde. Além disso, é irresponsável, imprudente e parece sórdido mesmo quando não é. Enquanto o Sr. Carson ainda não estiver comprometido, você pode chamá-lo de seu amigo, mas assim que ele se oferecer para

Lady Emily, seria sensato retirar-se de qualquer associação com ele.

Beatrice sentia-se taciturna e sua expressão deve ter demonstrado isso.

— Mamãe está certa, — Charlotte entrou na conversa. — Você não vê Amity tomando chá com seu antigo pretendente, o Sr. Cole, desde que se casou com o duque.

— Isso porque o duque não aprovaria e Amity não iria querer ferir os sentimentos de seu marido, mesmo que ele o fizesse.

— Exatamente, — disse a mãe. — Lady Emily merece o mesmo respeito concedido ao duque. Além disso, o Sr. Carson não gostaria de ser colocado em uma posição em que deva escolher entre vocês. Se ele realmente pretende se casar com a Lady, então você, querida filha, estará no caminho, e eu não quero ver você magoada.

— Muito bem, disse Beatrice. — Devo manter distância. Afinal, eu também não desejo me machucar.

— É uma pena, — Charlotte disse, então ela suspirou. — Ele é uma boa companhia no transporte e nos eventos.

— Ele é, — Beatrice disse, tentando não soar melancólica.

Nas três semanas seguintes, apesar de sua agenda social muito ocupada, ela quase não viu o americano. Toda a diversão acabou com a temporada. Lorde Melton parecia estar sempre zunindo como uma abelha em uma flor. Ele era geralmente espirituoso e às vezes fazia um comentário divertido, embora

muitas vezes fosse cortante ou sarcástico, um tipo de humor diferente da tolice despreocupada de Greer Carson.

E Greer não a convidou para dançar nenhuma vez. Ele manteve distância, como sua mãe previu que deveria. Nem voltou à loja para comprar caramelo ou para bater um papo. Foi como se depois do incidente no gazebo, eles tivessem deixado a amizade que florescia nas margens do Tâmisa.

Beatrice precisava ficar se lembrando de que era o melhor. Afinal, ela gostava tanto dele que era difícil vê-lo com outra mulher. Agora que ela se acostumou com isso, não doeu tanto vê-lo valsar com Lady Emily. Se ela fosse pressionada, no entanto, Beatrice juraria que Greer e ela dançava mais suavemente do que ele com a filha do conde.

Apesar de tudo, ela esperava um anúncio no jornal a qualquer dia. Ela esperava que ele não se sentisse enganado, tendo pago por todos os seus vestidos e passagens para que ela pudesse convidá-lo como convidado da irmã da duquesa de Pelham para os melhores bailes da temporada. No final das contas, uma vez que ele colocou o pé na porta do *haut ton,* ele foi bem capaz de manter o pé e o resto de sua pessoa por dentro sem a ajuda dela.

Mas ainda havia o baile à fantasia em Marlborough House, oferecido pelo filho da rainha e sua esposa, e nenhum deles iriam sem o benefício particular do marido de Amity.

— Tenho uma coisa para contar a vocês, garotas, — disse sua mãe ao entrar na Rare Confeitaria certa tarde. Beatrice

colocou a cabeça para fora da sala dos fundos com uma declaração tão séria.

No dia anterior, eles estiveram no Lorde's Cricket Ground em St. John's Wood. Beatrice e Lorde Melton e Charlotte e Lorde Alguém-ou-Outro - ela não conseguia lembrar quem exatamente - tinham sido parceiros para assistir ao jogo. Ela viu Greer e Lady Emily comendo sorvete com sabor sob um guarda-chuva próximo. A certa altura, o americano olhou para ela e a notou.

Mortificada por ser pega espionando, Beatrice assentiu e rapidamente olhou para além deles, apontando para algo à distância que não existia e cutucando Charlotte para olhar também. Com sorte, Greer acreditou em sua pretensão boba de que ele e sua amada não haviam sido objeto de seu escrutínio.

Tendo pensado em pouca coisa, exceto no casal feliz o dia todo, Beatrice agora esperava para ouvir notícias do noivado de seu ex-amigo.

— Seu pai e eu estamos indo para a França para ver a família dele, — sua mãe disse inesperadamente. — Se precisar de alguma coisa, Amity e o duque esperam que vocês recorram a eles. E se você deseja ficar no St. James Place, serão bem-vindas.

Beatrice olhou para Charlotte, já com os olhos brilhantes de antecipação com a ideia de eles estarem sem supervisão por...

— Quanto tempo você vai ficar fora? — Beatrice perguntou.

— A melhor parte de duas semanas, eu espero. — Ela olhou ao redor da loja. — Espero que não, mas nunca se sabe. Suponho que devo levar para meus sogros alguns de nossos melhores doces. Obviamente, eles têm Debauve e Gallais à disposição, mas não têm minhas garotas espertas, não é?

Felicity sorriu para elas e o coração de Beatrice se aqueceu.

— Charlotte e eu faremos algumas latas especiais para você levar. Quando vocês sairão?

— Você sabe como seu pai gosta de fugir por capricho. Ele recebeu uma carta da vovó Foure e vamos embora. Ele queria sair de manhã, mas insisti em um dia para fazer as malas e preparar-me.

— Muito tempo para juntarmos nossos melhores doces para vocês, — Charlotte disse, com um brilho nos olhos.

Beatrice e sua mãe viram.

— Estou muito feliz por você não ter um pretendente, — disse Felicity a sua filha mais nova. Então ela hesitou. — Você não quer, minha querida menina?

— Não, — Charlotte disse com um revirar exagerado de seus lindos olhos castanhos.

— Bom, ou temo não poder ir embora.

— Mãe! — Charlotte disse exasperada. — Você não confia em mim?

— Você é uma bela jovem com homens esperando pegá-la desprevenida. Não é função da mãe confiar. É minha função nutrir e proteger. Falando nisso, quem irá acompanhá-la aos eventos enquanto eu estiver fora? Deve haver pelo menos cinco nas próximas semanas. Talvez eu não deva ir, ela se preocupou.

Sabendo como seus pais gostavam de viajar juntos, Beatrice interveio.

— Podemos perguntar a Amity. Tenho certeza de que ela não se importará e, se estiver ocupada, vamos ignorá-los.

— Pular eles? — Charlotte exclamou.

Beatrice poderia facilmente ignorar todo o resto da temporada. A diversão havia desaparecido inteiramente. No entanto, pelo bem de Charlotte, ela se recuperaria.

— Certamente Amity agora é considerada uma acompanhante adequada, como uma senhora casada e uma duquesa.

— Sim, claro, — sua mãe concordou. — Caso contrário, eu sugeriria entrar em contato com o Sr. Carson.

— Absolutamente não, mãe. Você estava certa ao dizer que devo manter distância dele. — Sua veemência parecia suspeita. — Quero dizer, pelo bem dos sentimentos de Lady Emily, é claro.

— Claro.

Mesmo assim, quatro dias depois, o americano estava na Rare Confeitaria e não estava lá para comprar caramelo.

Capítulo Dezessete

— Sr. Carson! — Beatrice ouviu a exclamação de alegria de Charlotte depois que o sino tocou, e sua respiração parou por um momento.

Levantando-se abruptamente de seu banquinho favorito, com as mãos engorduradas da manteiga que estava usando para cobrir as forminhas de caramelo, demorou alguns minutos para se limpar. Ela deixou o avental, no entanto. Ele já sabia que ela era confeiteira. Não havia sentido em fingir. No entanto, seu coração estava batendo forte quando ela finalmente passou pela cortina de veludo azul e o viu. Ele ficou parado com uma de suas mãos largas apoiada no vidro enquanto conversava com Charlotte.

Vou ter que pegar o vinagre e limpar isso, ela pensou.

— Sim, — ele estava dizendo, com alegria em seu tom profundo, — eu pensei que os violinistas estavam tocando rápido demais. Quase girei Lady Emily em uma grande samambaia.

O último baile deles foi na Clyethen House, em um grande jardim de inverno transformado em salão de baile. Foi uma ideia fantasiosa de sua anfitriã que os participantes pudessem todos fingir estar ao ar livre em algum clima tropical enquanto as últimas noites frescas de primavera davam lugar ao verão.

Beatrice achou que estava um pouco quente dentro da enorme estrutura de vidro e ferro e, como Greer acabou de mencionar, os músicos tocaram todas as músicas rápida demais. Ela achou divertido na época, embora Lorde Melton tivesse se agitado e fumegado. Eventualmente, ele falou com a anfitriã, mas os músicos não diminuíram o ritmo. Talvez eles também estivessem aquecidos e ansiosos para sair da estufa fechada, úmida e pungente.

Greer se virou para ela, seus olhos azul-acinzentados medindo-a, sua expressão tão familiar que a fez ansiar um mês antes, quando eles riram juntos e conversaram sobre qualquer coisa.

— Olá, Srta. Rare-Foure, — ele cumprimentou.

— Olá, Sr. Carson. Você está aqui para confeitaria? — *Que coisa mais pretensiosa de se perguntar!*

— Sim e não. Quer dizer, vou comprar algo enquanto estou aqui porque o aroma atraente já me dá água na boca, mas vim falar com vocês duas sobre o baile à fantasia.

Charlotte bateu palmas.

— Eu não posso esperar. Vai ser muito divertido, não acha? Beatrice e eu já planejamos nossas fantasias.

— Bom, então você pode me dizer onde comprar a minha e o que é apropriado. Além disso, devemos estar disfarçados?

Beatrice estava distraída, observando sua boca. Mas sua pergunta foi dirigida a ela.

— Não, — ela disse a ele. — Não é um baile de máscaras.

Charlotte suspirou.

— Acho que também teria sido muito empolgante.

— Muito emocionante, — disse Beatrice. — Minha mãe me disse que eles pararam de realizar bailes de máscaras para os quais qualquer debutante era convidada, pois era considerado um convite para travessuras.

— Travessura? — Sua irmã perguntou, parecendo perplexa.

Beatrice trocou um olhar com Greer, que parecia entender exatamente que tipo de travessura os jovens anônimos podiam fazer.

— Não se preocupe com isso, — disse Beatrice. — Um baile à fantasia vai ser emocionante de qualquer maneira.

— Verdade, — Charlotte concordou, voltando-se novamente para Greer. — Eu vou ser uma senhora turca. Tenho calças de seda para usar sob uma saia de comprimento médio. É tão colorido, e devo deixar meu cabelo solto.

Beatrice escondeu o sorriso ao ver a maneira como a irmã disse isso, como se fosse a coisa mais escandalosa que já fizera. Então ela percebeu, provavelmente era.

— E você, Srta. Rare-Foure? — Greer perguntou.

Por um momento, ela pensou que ele estava perguntando sobre a coisa mais escandalosa que ela já tinha feito. Com certeza, isso foi beijá-lo! Mas ela percebeu um segundo depois que ele estava perguntando sobre sua fantasia.

— Estou planejando ser a porcelana de Dresden.

Ele balançou sua cabeça.

— Você vai tomar uma xícara de chá?

Ela e Charlotte começaram a rir, e Beatrice achou que era muito bom fazê-lo, especialmente quando Greer se juntou a ela.

— Você vai ter que segurar seu braço assim à noite toda para uma alça? — E ele pousou a mão no quadril.

— Suponho que se eu esticasse meu outro braço, poderia ser um bule de chá, — disse ela. — A *porcelana de Dresden* significa um caráter pastoral, como uma daquelas figuras que você vê em um *bric-a-brac* ou loja de curiosidades. Como uma menina que cuida de ovelhas.

Uma expressão confusa cruzou seu rosto.

— Você está se vestindo como uma pastora? Sem ofensa, Srta. Rare-Foure, mas os garotos e garotas da fazenda não usam algo mais parecido com trapos do que trajes de salão de baile?

— É verdade, mas meu traje será a imagem idealizada da nobreza de uma jovem pastoral, ou pelo menos a visão fantasiosa da modista.

— Oh, sim, Sr. Carson, — Charlotte entrou na conversa. — Ela vai ter uma peruca loira encaracolada e muitas anáguas de renda branca e uma saia azul que só chega aos tornozelos.

Ele ergueu as sobrancelhas e olhou para ela.

— Você vai ter que carregar um cajado também e ter um cordeiro ao seu lado?

— Não, embora você verá fantasias com as quais as pessoas seguram e carregam todo tipo de coisas. Apenas espere. Pessoalmente, espero estar confortável e desimpedida, — Beatrice insistiu.

— Talvez você devesse pelo menos ter uma cesta de palha no braço, — Charlotte considerou.

— Veremos. — Beatrice não tinha intenção de ter um cajado ou uma cesta. — Quanto a você, Sr. Carson, já pensou nisso?

— Um cavaleiro ou Shakespeare, — ele ofereceu.

— A fantasia de um cavaleiro com armadura seria muito desconfortável, para não mencionar cara, e você não seria capaz de dançar, — Beatrice apontou. Lady Emily não conseguia chegar perto dele. *Talvez fosse o traje ideal!*

— Shakespeare pode ser bom, — Charlotte disse, — mas chato. Algumas pessoas vão como coisas, como uma pega, ou mesmo noções abstratas, como música ou à noite, mas acho que geralmente são fantasias para mulheres.

— Como alguém incorpora a música ou à noite? — Ele perguntou. Ele e Beatrice buscaram respostas em Charlotte.

— Já vi nas revistas de moda. Imagine uma mulher com um vestido azul meia-noite com um painel de estrelas e uma lua, e um cocar de estrelas também. E para a música, a senhora da revista usava um traje grego costurado com notas musicais e segurando uma lira.

Beatrice torceu o nariz.

— Eu odiaria segurar isso a noite toda. Além disso, algum idiota iria me pedir para jogar, eu garanto. Eu teria que bater na cabeça dele com minha lira. — Mas isso não estava ajudando Greer. — O que você viu em suas revistas de moda para homens arrojados?

— Sim, — ele concordou, — quero ouvir sobre roupas elegantes apenas para homens elegantes.

Sem falar, Charlotte enfiou a mão na caixa e pegou três chocolates e entregou um a cada um deles. Beatrice normalmente não era indulgente, mas recebia com prazer a doce delícia de uma das guloseimas de Amity.

— Cremoso e... é café que estou provando? — Greer perguntou maravilhado.

— Sim, — disse Charlotte, — é o famoso Pelham de Amity. O duque adora café. Isso dá uma tarde para te pegar, especialmente se todos nós comermos outro.

Com isso dito, ela entregou outro para os dois e então comeu um.

— Quanto a homens elegantes, — ela meditou, — as revistas não têm fim para o que você pode alcançar. Eu os vi vestidos como cruzados, e cada rei ou príncipe, e como bandidos e como cavaleiros, mas apenas com uma couraça. Claro, alguns vão como um tolo ou palhaço de Shakespeare com roupas vistosas.

— Provavelmente é melhor ficar longe desses últimos, — Beatrice o aconselhou, — visto que você já é um americano entre nós.

— Bea! — Charlotte advertiu.

— Está tudo bem, Srta. Charlotte, — disse Greer, — entendo o que sua irmã quer dizer. Sou visto por muitos como um estranho do outro lado do oceano. Melhor não se vestir de idiota.

— Exatamente, — disse Beatrice. — Isso é tudo que eu quis dizer. De qualquer forma, o problema de se vestir como um rei ou mesmo um soldado famoso é como alguém saberá quem você deveria ser? Acho que algo condizente com sua herança seria bom. — Ela o imaginou em um kilt como um guerreiro escocês. Além disso, ela gostaria de ver suas pernas.

— Uma boa ideia, — ele concordou. — Vocês, senhoras, me deram muito em que pensar. Comprarei meio quilo de caramelo, por favor. E dois chocolates em forma de coração.

Por sua amada, Beatrice percebeu, e todo o seu bom humor desapareceu tão rapidamente quanto o sol de Londres em qualquer tarde.

— Eu preciso voltar ao trabalho, — ela disse secamente. — Bom dia, — e girou nos calcanhares. Quando ela abriu a cortina, ela percebeu que seu coração doía.

Mordendo o lábio inferior para não chorar, ela praguejou silenciosamente! Ela estava indo tão bem, e agora era como se ela tivesse acabado de perder o amigo novamente e tivesse que se recuperar mais uma vez.

Ouvindo o sino tilintar quando ele saiu, ela chutou seu banquinho no chão.

CHARLOTTE JÁ ESTAVA na sala de jantar tomando café da manhã quando Beatrice entrou. Ela estava desenhando, e Beatrice olhou por cima do ombro da irmã quando ela passou por trás da cadeira para ver qual era o tema - uma mulher em um traje turco.

— Juro que cada evento agora parece uma sombra pálida do baile à fantasia, e falta apenas uma semana! — Charlotte cantou.

Mais tarde naquele dia, na cozinha da loja, Beatrice estava em frente ao fogão, mal prestando atenção ao que fazia. Ela quase desistiria da experiência maravilhosa à frente deles em Marlborough House se pudesse se aposentar da temporada, ficar em casa e cuidar de suas feridas invisíveis. Ela não podia mais negar que estava com o coração partido, uma palavra que ela nunca pensou em aplicar a si mesma. De que outra forma ela poderia descrever a dor em seu peito ou as emoções perturbadas e a sensação de desespero? Além disso, um nó de tristeza parecia firmemente preso em sua garganta, e as lágrimas faziam seus olhos ficarem quentes enquanto ela trabalhava com determinação para não deixá-las transbordar. Não havia sentido em chorar, não havia sentido em querer o que ela não poderia ter.

Beatrice e o adorável Greer Carson haviam entrado em acordo com um falar franco e honesto, sabendo que não iriam acabar juntos. No entanto, como os dias se transformaram em semanas e depois em meses, parecia que o único homem que ela tinha interesse em conhecer melhor e em passar mais tempo era ele.

Agora o americano havia alcançado seu objetivo. Ele encontrou sua cobiçada senhora com título.

Quanto a Beatrice, bem, ela conheceu um homem, ou talvez três, que bastaria se tudo o que ela quisesse fosse um sorriso agradável, uma conversa comum e um marido normal. Provavelmente gerariam seus bebês perfeitamente comuns também. Lorde Melton encabeçou a lista por ser persistente e atencioso.

Mesmo assim, ela queria Greer e seu sorriso torto. Ela queria seu jeito engraçado e com sotaque de falar e o senso de humor que eles compartilhavam. Ela queria um marido incomum exatamente como ele e os bebês únicos que eles criariam.

Ela estava olhando para sua área de trabalho por dez minutos pelo menos com olhos cegos, e balançou a cabeça. Ultimamente, seu caramelo tinha caído. Ela teve um lote cristalizado, tornando-se uma bagunça granulosa. Um estava mole demais e precisava ser fervido novamente. Outro tinha coalhado, e ela experimentou a gordura separada do resto da mistura em um lote que mexeu muito rapidamente. *Como um confeiteiro iniciante!*

Pegando meio quilo de manteiga, ela deixou cair a esmo na grande panela no fogão, tardiamente percebendo que ela não tinha ligado as chamas. Ela começou a mexer a manteiga até amolecer e então acrescentou três xícaras de açúcar, junto com uma boa quantidade de leite e baunilha. Ela mexeu sem pensar por alguns minutos, nunca parando seus movimentos.

Mantendo o açúcar fora dos lados, ela trouxe toda a mistura até a temperatura certa. Usando uma colher longa, ela levantou um pouco da mistura no ar para se certificar de que tinha a consistência correta. Ela sabia quando estava exatamente certo. Mais e iria queimar.

Coisa estranha sobre o caramelo - mesmo quando cozido por muito tempo, não pareceria queimado, embora para seu olho treinado, pareceria um tom muito escuro, tendo passado da cor de mel para carvalho. O caramelo ainda ficaria igual em sua bandeja, mas com a primeira prova, saberia que tinha cozido um minuto a mais.

Do lado de fora, ela meditou, nunca se poderia dizer que seu coração estava doendo também.

Trabalhando em silêncio, Beatrice não percebeu que estava chorando até que, afastando-se do calor do fogão com a panela pesada, sentiu o ar mais frio nas bochechas manchadas de lágrimas.

Ignorando suas próprias emoções sentimentais, ela despejou o caramelo nas duas bandejas preparadas. Cheirava a céu. É melhor que seja celestial, pois esta pode ser sua tarefa todos os dias pelo resto de sua vida.

No final das contas, ela sabia que nunca se contentaria com um dos outros homens que conheceu naquela temporada. Se ela não pudesse ter Greer, ela esperaria até que outro homem tocasse seu coração do jeito que ele havia feito, não importa quanto tempo levasse, não importa se nunca

acontecesse. E enquanto ela estava esperando, ela continuaria fazendo seu caramelo o melhor que pudesse.

Ela recuperou o lenço enfiado na manga e enxugou o rosto. Então ela assoou o nariz.

De repente, Charlotte veio para trás e congelou no meio de um passo.

— Você esteve chorando?

— Claro que não, — Beatrice retrucou. — Eu acendi o fogão e um pouco de pó de carvão entrou em meus olhos. Fez meu nariz escorrer, só isso.

Charlotte acenou com a cabeça, parecendo não estar convencida, então disse:

— Quase na hora de fechar. Estou contando agora.

Frequentemente, depois que fechavam e Charlotte ia embora, Beatrice ficava para fazer lotes extras de caramelo. Ela não tinha certeza se estava disposta a ficar sozinha na loja naquela noite.

— Eu provavelmente irei com você, — Beatrice disse, tendo o cuidado de restaurar seu tom para o agradável que sua irmã mais nova merecia. Nada desse afeto horrível e extraviado era culpa dela. Além disso, a temporada não tratou Charlotte melhor - ela não tinha feito um casamento por amor, e ainda assim ela não estava chorando em seu melado.

Melado! Bom Deus! Beatrice havia se esquecido de adicioná-lo. Virando-se, ela viu a lata dele, ainda fechada, ao lado do fogão.

— Acontece que eu tenho que ficar mais tempo, — ela emendou. — Estarei em casa para o jantar.

Inesperadamente, Charlotte deu um passo à frente e a abraçou. Beatrice enrijeceu e, depois de um momento, retribuiu o abraço. No instante seguinte, sua irmã mais nova tirou a capa do gancho e desapareceu pela cortina de veludo azul para terminar suas tarefas antes de sair.

Beatrice pegou mais duas panelas das prateleiras e as cobriu com manteiga. E então ela começou de novo. As pessoas gostavam de saborear o sabor característico do melado, e ela teria que vender as duas últimas bandejas como um novo caramelo mais suave.

— Vejo você em casa, — Charlotte gritou ao sair.

Casa. Beatrice poderia permanecer uma solteirona e a casa de seus pais sempre seria dela também. Ela colocou a panela no fogão com mais manteiga. Então, ela ouviu o sino familiar tilintar a chegada de alguém.

Droga! Ela deveria ter seguido a partida de Charlotte fechando a porta da loja.

Desligando o fogão, ela abriu a cortina azul e saiu da frente.

— Senhorita Rare-Foure.

Sua voz familiar e bem-vinda apunhalou seu coração e a fez prender a respiração no peito. Mesmo assim, ela tentou lhe dar um sorriso de boas-vindas.

— Assim como na minha primeira vez na Rare Confeitaria, quando você estava vagando na sala dos fundos como um cachorro perto da porta do açougueiro e eu pensei que não havia ninguém aqui.

— Sr. Carson, — ela disse, alisando seu avental, esperando seu coração parar de bater. — Estamos fechados.

Com isso dito, a porta se abriu novamente, mas Beatrice não estava com humor.

— Sinto muito, estamos fechados, — disse ela apressando-se entre os dois contadores para bloquear a entrada da mulher.

— Mas eu preciso de algum...

— Você deveria ter vindo mais cedo, — disse ela bruscamente. Com um rápido olhar, ela confirmou, e com certeza, Charlotte já havia mudado o sinal de fechado. — Você terá que voltar amanhã.

— Acabei de sair do trabalho e corri todo o caminho até aqui. A mulher olhou para além dela para notar Greer, mas sabiamente, ela não disse nada.

— A caixa registradora já foi contada e colocada de lado.

— Por favor, quero apenas uma caixa de seu caramelo para meu filho, — disse a mulher. — É o aniversário dele.

Beatrice deu um passo para trás.

— Aguarde, por favor. Alcançando ao lado dela o topo do display de vidro, ela agarrou uma de suas melhores latas com Rare Confeitaria estampada em tinta azul.

— Ai está. Meio quilo de caramelo puro.

— Oh, querida, — disse a mulher. — Eu não posso pagar uma libra inteira de uma vez. Um quarto é tudo que consigo.

— Pegue — insistiu Beatrice, empurrando-o nas mãos. — Cumprimentos de nosso fabricante de caramelo residente. Aproveitem! E, por favor, diga a seu filho que espero que ele tenha muitos retornos felizes do dia.

— Por que, obrigada, isso é tão tipo...

Beatrice conseguiu empurrá-la para trás e fechar a porta. Então ela fechou a cortina, se virou e encarou o homem que a sacudia como sementes em uma casca de noz.

— Você deve ter visto a placa de fechado, — disse ela, gesticulando para trás, mas imediatamente desejando não soar zangada com ele.

— Eu fiz, mas se a porta se abrisse, então eu sabia que você ainda estaria aqui. Foi muita gentileza sua dar caramelo àquela mulher.

Beatrice encolheu os ombros, satisfeita por ele considerá-la como ela.

— O aniversário de um menino, — ela murmurou.

Então Greer balançou a cabeça, seu sorriso aparecendo em seu rosto.

— E ainda assim, você conseguiu ser gentil *e* rude com ela ao mesmo tempo. — Ele começou a rir.

Prestes a se ofender, ela percebeu que ele falava a verdade. Além disso, ela realmente não se importava que ele dissesse o óbvio.

— Ela teve sorte de você ter entregado a lata a ela e usado apenas para empurrá-la para a calçada. Eu estava esperando que você jogasse na cabeça dela. Uma lata de libra pode tê-la matado. — Ele estava rindo mais forte, dobrando-se ao meio.

Beatrice franziu a testa, lutando contra a bolha de alegria que lutava para se expandir e fazê-la rir.

— Morto por uma lata de caramelo, — acrescentou. — Você pode imaginar?

Isso foi o suficiente! Ela começou a rir também. E nenhum deles parou por minutos. Minutos bons, refrescantes e relaxantes que Beatrice apreciou muito.

— Para que saiba, nunca matei ninguém, com uma lata de caramelo ou qualquer outra coisa. Além do mais, você é a única pessoa para quem já joguei qualquer um dos nossos doces.

Ele se endireitou, ainda sorrindo.

— Então, estou honrado.

Ela revirou os olhos.

— Claro, *você é*, embora eu não possa imaginar o porquê.

— Porque desde o início você me tratou como se já fôssemos amigos. Pelo menos, você não fingiu polidez rígida ou falsa simpatia.

— Então, você está dizendo que eu era insolente e muito familiar, desde quando nos conhecemos?

Ele assentiu.

— Algo assim, sim.

Era possível que ela tivesse visto algo nele desde os primeiros momentos? Greer certamente a irritou com sua aparição inicial na loja. Isso tinha sido um tanto aceitável. Foi quando ele abriu caminho em seu coração que ela percebeu o perigo de se aproximar dele.

— Eu tenho outro lote de caramelo para fazer. O que você quer?

— Ah, aí está minha garota atrevida.

Ela quase engasgou com o fragmento de dor cortando por ela.

— Eu não sou nada desse tipo, nem atrevida, nem sua garota. — Com isso, ela o contornou para ficar do outro lado do balcão, com a cortina de veludo nas costas.

— Diga-me o que você quer e então você deve ir, — ela insistiu.

— Está quase na hora do baile à fantasia. Nós três vamos juntos?

Seu estômago doeu e o arrependimento a invadiu.

— Nestas circunstâncias, não acho que seria prudente, não é?

Seu belo rosto parecia genuinamente surpreso.

— Por que não? Fomos juntos para tudo o que era importante.

Ele iria fazê-la soletrar?

— Isso foi antes. Caso você realmente não entenda como essas coisas funcionam, você deve enviar um bilhete para a sua acompanhante e pedir para acompanhá-la ao baile à fantasia. Eu me ofereceria para ajudá-lo com a missiva, mas como não sei nada sobre como convidar uma jovem, seria melhor se você perguntasse ao duque. Ou até meu pai. Ou talvez o porteiro do seu hotel, — ela terminou asperamente.

Na verdade, ela nunca tinha recebido um convite, muito menos um escrito. Lorde Melton tinha ido duas vezes à casa dela, cada vez com uma conversa normal, ficando dez minutos e depois saindo, como se cumprisse algum tipo de dever. Ela esperava que ele nunca voltasse novamente.

— Entendo. — Ele fez uma pausa, cruzando os braços. — Mesmo assim, pensei que ainda iríamos juntos. Uma vez no baile, posso simplesmente aproximar-me de Lady Emily e perguntar se poderia escrever meu nome em seu cartão de dança três vezes. Isso sinalizaria meu desejo de cortejá-la, não é?

— Novamente, você provavelmente deveria perguntar ao duque. — Beatrice sentiu as lágrimas rolarem de novo e, com as mãos escondidas nas saias, cravou as unhas nas palmas até se controlar. — Eu não acho que você chegar comigo seja uma boa ideia. Não mais. Isso pode danificar seu avanço com ela e atrapalhar minha própria busca de casamento.

Ele descruzou os braços, sua expressão solene.

— Realmente? Como assim? Que homem chamou sua atenção? Achei que você e Charlotte indicaram que a temporada tinha sido uma perda nesse aspecto até agora.

— Não vou falar pela minha irmã e, na verdade, nem mesmo vou falar por mim. Vocês americanos discutem tudo e qualquer coisa, não importa o quão pessoal seja, mas não sou obrigada a dizer qual cavalheiro chamou minha atenção, nem você deve perguntar, já que você não é da família. — Ela soltou as palmas das mãos. — Em outras palavras, não é da sua conta.

— O inferno que não é, — ele disse um pouco rispidamente, surpreendendo-a. Então ele tossiu e deu de ombros, como se não estivesse realmente pressionando-a para obter informações. — Começamos isso com um acordo de trabalharmos juntos para ajudar um ao outro a encontrar cônjuges.

— Conseguimos isso. Você tem sua Lady com título.

— E você tem quem? Diga-me, pelo bem do nosso pacto. É aquele visconde?

Ela apenas olhou para ele.

— Nosso pacto! Você está simplesmente sendo um atiçador curioso, como uma velha *biddy* com um pote de água de fofoca realmente quente.

Como ela poderia dizer a ele o nome de qualquer homem quando todos eram iguais para ela? Ela não preferia um ao outro.

— Um atiçador de nariz! Eu pensei que estava sendo um amigo. Talvez eu tenha encontrado seu pretendente fora dos limites civilizados do salão de baile e saiba que ele é um grosseiro ignorante, escondendo suas falhas de mulheres inocentes.

— Você o faz parecer deliciosamente tortuoso. Até empolgante.

— Quem? — Ele pressionou novamente.

— Quem quer que seja este 'ele', claro!

— Então você não vai me dizer?

Ridiculamente, a conversa tinha passado de uma discussão sobre o que sua verdadeira amada poderia querer para a natureza nefasta de seu pretendente fictício.

— Você deve sair agora. Felizmente, desliguei o fogão quando a campainha tocou, mas preciso voltar a trabalhar se espero estar em casa na hora do jantar.

— Eu vou escoltar você para casa. Pode ser perigoso para uma mulher sozinha.

Novamente ela deu a ele seu longo olhar.

— Venho fazendo isso há alguns anos e provavelmente farei por muitos mais.

— Seu pretendente permitirá isso? Você vai continuar a fazer caramelo?

Suas perguntas repetidas a irritaram profundamente. Tudo em que ela conseguia pensar era no visconde Melton e no outro. *Qual era o nome dele?* Donnelley, Longley, Dongley? Raios*!* Todos falavam e se vestiam da mesma maneira, e todos a faziam sentir o mesmo - francamente, nada.

— Suponho que sua senhoria possa me pedir para parar de fazer caramelo, mas devo apontar como minha irmã é uma duquesa, e se ela pode fazer isso, então eu também posso.

— Sua senhoria, — ele repetiu, levantando uma sobrancelha.

— Você vai me deixar ver você sair e trancar para que eu possa voltar ao trabalho? Ou você vai atrasar ainda mais meu jantar depois do meu longo dia?

— Eu também estava ocupado. Eu tive que cuidar da Srta. Sylvia.

Beatrice revirou os olhos.

— Ela cuida de si mesma.

— Fiz algumas pesquisas em uma imobiliária sobre casas geminadas em potencial para venda. Com sua economia deprimida como a nossa desde 73, poderei conseguir uma casa por um preço justo, talvez até um roubo.

Ela podia imaginá-lo e a bela Lady Emily St. George morando em uma das elegantes praças de Mayfair com um parque central, deixando a Srta. Sylvia brincar do lado de fora na vegetação. Ou talvez eles tivessem um quintal privado grande o suficiente para o gato entrar.

Beatrice não sabia se eram as caminhadas com seu gato ou qualquer outra coisa que lhe dera uma bela figura, musculosa e esguia. Ela engoliu em seco, sabendo que não deveria estar pensando em sua pessoa privada de forma alguma, e absolutamente não em sua figura.

Levantando as mãos ante sua obstinação e imobilidade, ela voltou para a sala dos fundos e acendeu o fogão. Com o canto do olho, ela o viu entrar.

Estava na ponta da língua dizer a ele o quão impróprio era para ele estar ali sozinho com ela, mas ela se conteve. Ele sabia disso e não estava incomodado, então obviamente não tinha más intenções.

No entanto, quando ela acrescentou os ingredientes, incluindo o melaço, quando ele vasculhou a sala, movendo-se atrás dela para alcançar a outra extremidade, seu pescoço formigou com a consciência quando ele passou.

Ela não pode deixar de recordar seu primeiro beijo. Foi espontâneo, ultrajante e maravilhoso. E nunca foi mencionado nem repetido, apesar de terem estado a sós algumas vezes desde então.

Não era como se eles não pudessem manter as mãos longe um do outro quando estavam sozinhos.

Ela se mexeu com mais vigor quando ele abriu a caixa fria contra a parede oposta.

— Feche, — ela ordenou, exatamente como sua mãe costumava dizer quando Beatrice olhava para dentro quando era uma garotinha. Ele fez isso imediatamente.

— É uma invenção inteligente.

Beatrice não disse nada sobre isso, mas percebendo que ele estava olhando para ela, confuso, ela jogou a colher na panela de caramelo respingando a mistura quente em sua mão e avental.

— Ow! — Disse ela, escovando rapidamente as costas da mão para tirar a substância pegajosa de sua pele.

— Você se queimou? — Ele perguntou, vindo rapidamente para o lado dela. — Deixe-me ver.

— Estou bem, — disse ela, desligando o fogão. Mas doeu, e ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha sido tão descuidada. O caramelo era uma substância perigosa, e ela só teve permissão para criá-lo depois de muito treinamento e muitos avisos.

Antes que ela pudesse impedi-lo, Greer segurou sua mão e a inspecionou.

— Um pouco de água fria ajudaria a aliviar sua dor e refrescar sua pele, — ele insistiu. Voltando-se para a câmara frigorífica, tirou a jarra de água que Amity sempre mantinha dentro. — Coloque sua mão sobre a pia.

Ela fez o que ele instruiu e o deixou derramar a água felizmente gelada sobre sua mão até que sua pele ficasse dormente. Depois de derramar metade do jarro, ele parou. Virando-se, ele olhou em volta e pegou uma das tigelas de Amity, despejando o restante nela.

— Venha aqui e molhe sua mão por um tempo. — Ele tirou seu banquinho azul de debaixo do balcão de mármore e ela se sentou. Sua mão já estava latejando de novo, então ela mergulhou na água e sibilou com a sensação de queimadura.

Então ela se lembrou de sua confecção.

— O caramelo! — Ela exclamou, começando a se levantar.

Capítulo Dezoito

Greer sabia que ela iria tirar a mão da água e tentar terminar o trabalho.

— Eu cuido disso, — disse ele. — Me diga o que fazer.

— Você pode pescar a colher sem tocar no caramelo? Ainda vai estar escaldante por um longo tempo.

— Não, não posso.

— Aqui. — Beatrice pegou outra colher do balcão ao lado dela e entregou a ele. — Use isso para puxar a outra. Não se preocupe com a bagunça, basta colocá-lo no balcão.

Ele fez o que ela pediu.

— Por favor, volte a ligar o fogão e comece a mexer. Tenho certeza que podemos resgatar esse lote.

Assentindo, ele acendeu a chama sob o caramelo e começou a mexer.

— Certifique-se de que todo o açúcar tenha dissolvido e não haja nenhum subindo pelos lados, — ela instruiu. — Caso contrário, os lados mais frios da panela irão cristalizá-lo.

Mexendo intensamente, ele sentiu a tensão de não querer decepcioná-la, embora fosse simplesmente um pote de doces. Ele mexeu por dez minutos antes que ela lhe pedisse para levantar um pouco no ar.

— Tudo bem, — disse ela. — Despeje nessas duas bandejas, é fácil.

Ele serviu enquanto ela o observava com um olhar crítico, e então ela suspirou.

— Pelo menos meu segundo lote da tarde foi salvo. Obrigada. Se você pudesse colocar tudo na pia e abrir um pouco de água na panela, eu agradeceria.

— Você tem água quente? — Ele perguntou.

Ela parecia confusa.

— Aquecemos a água do fogão a uma temperatura boa e depois lavamos a louça na pia.

— Eu pergunto porque algumas das casas em Nova York adicionaram bobinas na parte de trás de fogões a carvão como este, para aquecer água. Funciona como um encanto.

— Se eles fazem isso na América, tenho certeza de que há lugares na Inglaterra que fazem o mesmo. Em qualquer caso, pelo menos temos torneiras em vez de uma bomba.

Ele sorriu com sua constante tentativa de provar a superioridade da Grã-Bretanha.

— Meu pai gostaria de trocar isso, — acrescentou ela, apontando para o fogão de ferro fundido, — por um a gás o mais rápido possível, só porque o carvão faz uma bagunça quando despejado.

Ambos olharam para o tiro de carvão no beco nos fundos.

— As entregas são feitas duas vezes por semana no depósito de carvão, — disse ela, — E se deixarmos o depósito

aberto, assim que desce pela rampa, o pó de carvão vai para todo lado.

Para ele, o lugar parecia limpo como um apito, e ele não conseguia imaginar pó de carvão cobrindo o balcão de mármore branco ou o piso polido.

— De qualquer forma, você não pode colocar as mãos na água que está nem um pouco quente. Vai doer como o diabo. Vou limpar tudo, — ele prometeu à bela mulher que estava lidando com a dor.

— Basta aquecer a água na panela de caramelo para limpar. Se endurecer, você terá que usar tijolo para retirá-lo, aconselhou.

Ele fez o que ela sugeriu. Enquanto ele esfregava com uma escova de cerdas de javali e enxugava e secava as panelas e colheres, ele não pode deixar de conversar com ela sobre suas aventuras na ferrovia para fazê-la rir. Eventualmente, ele perguntou:

— Quantos anos você tinha quando começou a fazer caramelo?

Ela franziu a testa ligeiramente, mas isso não estragou sua beleza. Seus olhos azuis olharam para ele, pensamentos insondáveis piscando em suas profundezas.

— Cerca de oito ou nove, eu suponho.

— Parece uma coisa arriscada de se fazer em uma idade tão jovem.

Ela sorriu então e foi um sorriso glorioso, mesmo sendo pequeno.

— Isso é uma coisa boba de se dizer, — ela advertiu.

— Isso veio da mulher com a mão queimada, — ressaltou.

Ela encolheu os ombros.

— Minha mãe nos observou cuidadosamente nos primeiros anos. Além disso, depois de ser queimado uma vez, você é muito cuidadoso.

— Uma vez, hein? — Ele não pode deixar de provocá-la

Suas bochechas ficaram rosadas.

— Quase nunca fui tão descuidada. A culpa é inteiramente sua.

— Minha? — Greer mal podia esperar para saber como isso era possível.

— Por me distrair enquanto eu estava no fogão quente.

— Entendo. Confesso que não sabia que era uma distração tão tentadora.

Suas bochechas coraram ainda mais, levando-o a brincar um pouco mais.

— Terei de tentar diminuir meu apelo altamente potente.

— Oh, — ela exclamou. — Potente apelo, de fato! Você é insuportável. Nunca disse que você era tentador. Foi a maneira como você estava abrindo a caixa de gelo, deixando todo o frio sair e espreitando atrás de mim.

— Espreitando? — Ele não pode deixar de rir, mas, na verdade, Greer gostava de estar perto dela. Ela o fazia se sentir... feliz, mesmo quando estava rabugenta. — Eu não acho que já fui acusado de espreitar antes.

— Bem, você estava, — ela insistiu. — Em qualquer caso, estou pronta para ir para casa.

Ela tirou a mão da água. Não havia bolhas, o que ele considerou um bom sinal.

— Quando eu cuidava de trilhos para o meu tio, inspecionando pegadas e tudo mais, encontrei um monte de pessoas feridas, como você pode imaginar, e quem morava perto da terra pedia pela planta aloe vera[2] para queimaduras. Eles obtiveram o conhecimento dos nativos. Suponho que você não tenha nenhum.

— Não. Nunca ouvi falar disso. — Ela se levantou.

— É um cacto, — explicou.

Beatrice franziu a testa para ele novamente.

— Sr. Carson, como você pode imaginar que eu teria um cacto espinhoso no meio da Inglaterra? Em qualquer caso, eu não colocaria tal coisa na minha mão.

— Você corta e... deixa para lá, — ele disse quando confrontado com o olhar dela. — Quais remédios você usa?

— Eu não sei. Minha mãe faria, mas ela ainda está longe, mais do que o esperado.

— Quando as pessoas não têm aloe vera, elas usam mel. Você tem isso pelo menos? E então colocaremos um pano limpo ao redor.

— Sim, temos mel. — Ela estendeu a mão sobre o topo de mármore para a prateleira e pegou um frasco. — Não consigo imaginar como isso vai fazer bem.

Abrindo o frasco, ele segurou a mão dela e cuidadosamente derramou um pouco do líquido âmbar claro sobre ele. Ela estremeceu e ele olhou em seus olhos brilhantes.

— Você não está com frio, está?

— Não. Parecia estranho. O que é suposto fazer? — A voz dela tinha ficado calma e rouca.

Ele próprio tinha uma sensação estranha. Algo sobre segurar sua mão macia e ficar perto, olhando para ela. Foi uma sensação inebriante, de fato. Ele podia até cheirar sua fragrância doce e fresca.

— Eles dizem, sejam *eles* quem forem, que o mel acalma as queimaduras.

— Eles? — Ela perguntou, seu olhar fixo no dele.

— Sim. — Ele mal falava agora enquanto seu olhar se movia para os lábios dela. Tão bonita, tão adorável. *Como ele poderia resistir a esse anjo com cheiro de baunilha?*

Ainda segurando a mão dela e segurando o pote de mel, ele não conseguiu puxá-la para si com nenhuma das mãos, mas baixou a boca para a dela. Ela poderia recuar facilmente se quisesse, mas não o fez.

Greer a beijou e, surpreendentemente, ela o beijou de volta, seus lábios macios como cetim aplicando uma pressão firme. Inclinando a cabeça, ele abriu um pouco a boca, tornando mais fácil envolver a dela completamente. E então, maravilhosamente, seus lábios se separaram ligeiramente, e o beijo rapidamente aumentou para um novo nível de excitação.

Se ao menos ambas as mãos não estivessem ocupadas! Ele queria segurar sua cintura, ou pelo menos sua cabeça, e segurá-la no lugar. Ele a segurou com o único apêndice que podia, sua língua, sentindo seu suspiro contra sua boca quando ele acariciou sua língua com a dele. Ela acariciou de volta, não corajosamente, mas hesitantemente, com uma carícia exploradora ao longo de seu comprimento.

Com sua retaliação surpreendente, ele gemeu, rompendo o silêncio, e Beatrice deu um passo para trás, como ele esperava que ela fizesse desde o início.

Já que ele ainda segurava sua mão, ela não foi longe, olhando para ele com uma expressão confusa.

— Sr. Carson, você está brincando comigo?

Divertindo-se? Ele estava?

— Eu... eu..., — ele não conseguiu terminar. Ele tinha gostado da companhia feminina antes, mas beijar uma garota que não era paga pelo prazer ou não se mostrava pronta para uma brincadeira no feno de algum celeiro do meio-oeste para afastar a pura solidão das planícies - não, ele nunca tinha feito algo assim antes!

Mas ela o beijou de volta.

— Você *está* brincando *comigo,* Srta. Rare-Foure?

Ela estreitou aqueles lindos olhos.

— Absolutamente não. Eu estou indo para casa. E se nossa empregada Delia disser que este mel foi um erro, vou estrangulá-lo na próxima vez que o vir, mesmo que seja em um baile e eu esteja com meu melhor vestido.

Ele estava em apuros, com certeza. Ele ainda pretendia vê-la em casa, mas gostaria de poder conversar com ela sobre o beijo, se ao menos soubesse o que dizer. Pedir desculpas seria mentira, então ele decidiu fingir que nunca aconteceu.

— Você normalmente anda. Deixe-me chamar uma carruagem de aluguel e levá-la para casa mais rápido e com conforto.

— Eu gosto de andar, — ela insistiu.

— Muito bem, vou acompanhá-la. Há mais alguma coisa que precisamos fazer aqui para fechar a loja?

— Sim, — ela disse. — Devo cobrir as bandejas de caramelo, se estiverem frias o suficiente, e colocar as brasas no fogão, mas como minha mão agora está coberta de mel, não vejo como posso ajudar. E como posso colocar minha luva sem estragá-la?

— Mantenha o mel até que sua empregada diga a você o que mais fazer. E esqueça sua luva. Devemos envolver sua mão em um pano limpo.

Ela indicou a gaveta embaixo de um armário e ele puxou um pano branco.

— Você tem certeza? — Ela perguntou. — Se o pano grudar no mel, não rasgará minha pele quando eu o retirar?

— Deixe-me pensar um momento. — Greer olhou em volta e viu um pote de manteiga. Levantando a tampa, ele cravou os dedos na graxa cremosa e clara e, antes que ela pudesse contradizê-lo, ele cobriu o mel com a manteiga espessa. Ela permaneceu em silêncio, provavelmente com total descrença, enquanto ele envolvia sua mão frouxamente com o pano.

— Agora, vou cobrir o caramelo e seguiremos nosso caminho. Quatro bandejas, — ele murmurou. — Você esteve ocupada.

Ela não disse nada, ainda olhando para o embrulho em sua mão.

Ele usou folhas planas de estanho para cobrir as bandejas, empilhando uma sobre a outra, e então acumulou as brasas, sentindo-se mais útil desde que saiu do navio.

— Pronto? — Ele perguntou.

— Você pode pelo menos puxar minha luva para a minha outra mão? Vou me sentir exposta de outra forma.

Greer pegou a luva branca que Beatrice estendeu. Ela ergueu a mão para ele, e ele deslizou o algodão macio sobre as pontas dos dedos e puxou para baixo. Inesperadamente, ele sentiu um aperto em suas virilhas no ato íntimo, algo que ele nunca tinha feito para qualquer outra mulher.

Quando ele olhou da luva para o rosto dela, o intenso olhar azul dela pegou o seu e capturou-o, e mais do que

qualquer coisa, ele queria beijá-la novamente. Se o fizesse, certamente poderia ser acusado de flertar com ela, e um flerte inútil, pois os dois sabiam que ela não poderia ser sua esposa.

Ela lambeu o lábio e ele gemeu, fazendo com que seus olhos se arregalassem e seu olhar caísse para sua boca.

Isso era loucura, pura loucura, pois ambos sabiam que estavam destinados a outras pessoas. Ele foi compelido, da mesma forma.

— Lamento que você tenha se queimado, — ele disse, sua voz baixa, áspera, desconhecida para seus próprios ouvidos.

Ela assentiu levemente, ainda olhando para sua boca e então seus lábios se separaram.

Greer teve que ceder ao que quer que houvesse entre eles. Inclinando-se para frente, desta vez com as mãos livres para afundar em seu cabelo, o que ele fez, ele segurou sua cabeça firme e capturou sua boca macia sob a dele.

Beatrice não protestou. Ela serpenteou uma mão boa em seu peito e atrás de seu pescoço para agarrá-lo. O beijo deles durou mais do que o primeiro, e mesmo quando acabou e seus lábios não se tocaram mais, ele apoiou a bochecha na dela, relutante em quebrar o contato físico.

— Isso é errado, — ele professou suavemente.

— Concordo, — ela disse, sua voz um sussurro ofegante que inflamou seu desejo.

Ele reivindicou seus lábios novamente, acariciando a costura com sua língua até que ela se abriu para ele. Com

expectativa, desta vez, suas línguas se tocaram em uma dança delicada. Ele inclinou a cabeça para o lado e aprofundou o beijo.

Pode ter se passado apenas um minuto ou mais, mas parecia que o tempo havia parado e eles pararam junto à cortina de veludo com as bocas fundidas para a eternidade. Seu corpo vibrou de prazer, imaginando levar Beatrice para a cama, adorando-a como ele queria, dando-lhe prazer como ela merecia. Ele sabia que sua união seria gloriosa.

Os dedos dela deslizaram de seu cabelo e ela se afastou, mas as mãos dele ainda seguravam sua cabeça suavemente.

Ela parecia confusa, o que não era surpresa, já que esse desejo impossível era um assunto totalmente confuso.

— Eu acredito que naquela vez eu estava brincando com você, Srta. Rare-Foure.

— E eu com você, — ela confessou. — Mas eu sei que era terrivelmente errado.

Por tantos motivos, ela estava absolutamente correta.

— Sem dúvida, errado, — concluiu. — Provavelmente foi o fato de estarmos sozinhos em ambientes fechados que fez isso. Fomos dominados por um magnetismo fervoroso.

— Sim, — ela concordou. — Magnetismo. Isso nunca precisa acontecer novamente. Quer dizer, não *deveria.*

— Claro que não, — disse Greer, soltando-a, tentando ignorar a sensação de seu cabelo sedoso, pele macia e lábios carnudos. Mas por dentro, alguma parte dele estava

protestando contra a ideia de nunca mais beijá-la. *E por que ele não iria querer?* Ela era tudo o que ele gostava e queria em uma mulher.

— Deixe-me levá-la para casa, — ele insistiu, no caso de ela começar a se comportar de maneira estranha com ele.

Ela assentiu.

— Meu chapéu, — disse ela. — Você sabe como colocar um?

Ele teve a terrível ideia de esfaqueá-la.

— Não, mas vou segurá-lo no lugar e você pode prendê-lo com uma mão, não pode?

Eles conseguiram e ele tentou evitar olhar em seus olhos ou cheirar seu perfume delicioso. Ela olhou no espelho embaixo da prateleira que continha mais luvas e alguns alfinetes de chapéu perdidos.

— Não estou terrivelmente desarrumada, estou?

— Não, — ele a assegurou, sentindo um nó na garganta. Ela parecia perfeita para ele, mas parecia inapropriado expressar tal opinião.

Finalmente, ele colocou a capa dela em volta dos ombros e pegou uma bolsa de couro, que ela começou a remover de um gancho.

— Eu carrego, — disse Greer.

Do lado de fora da porta, depois de girar a chave na fechadura, ela a entregou para que ele colocasse na bolsa e eles começaram a caminhar para o norte pela New Bond Street.

— O que você guarda aqui? — Ele perguntou, imaginando se ele ousaria pegar o braço dela e enfiá-lo sob o seu e decidir contra isso. — É um pouco maior do que aquelas sacolinhas que você e sua irmã levam para dançar.

— Bugigangas e moedas, — disse ela. — Às vezes, tenho um livro ou jornal comigo se acho que vou terminar o trabalho mais cedo, mas tenho que ficar até a hora de fechar para clientes irritantes.

Ele sorriu da piadinha dela.

— Como história de quadrinhos sensacionalistas? — Ele brincou.

Ela deu a ele um olhar de soslaio, e ele esperava que não a tivesse insultado.

Depois de um segundo, Beatrice admitiu:

— Ocasionalmente.

Ele gostou do fato de que ela confessaria uma indulgência tão pecaminosamente frívola. Ele não conseguia imaginar Lady Emily dizendo que ela leu um livro horrível, mesmo se ela tivesse lido.

Ele também não conseguia imaginar Lady Emily permitindo que ele tomasse liberdades com sua pessoa da mesma forma que fazia com Beatrice, e isso o deixou em silêncio.

Capítulo Dezenove

Beatrice sabia que deveria ficar embaraçada ou até com vergonha de se deixar beijar, não uma, mas duas vezes. E ainda assim, ela não estava. Ela tinha gostado muito de ambos os beijos. Além disso, eles não prejudicaram ninguém no processo, embora se tivessem sido pegos, a história seria totalmente diferente.

Imagine se sua mãe tivesse exigido que Greer se casasse com ela e arruinasse todos os seus planos! Beatrice não teria cooperado, mas isso teria acabado com a amizade deles. Era bom que Felicity Rare-Foure estivesse na França.

Em todo caso, Beatrice não sentia como se ele estivesse brincando com ela. Ele parecia tão compelido a beijá-la quanto ela a aceitar suas atenções inadequadas. Se ele tivesse tentado fazer mais enquanto eles estavam isolados, ela o teria reconhecido como um trapaceiro, mas ele mal a tocou, exceto pelas mãos quentes em sua cabeça.

O toque de suas mãos causou uma pontada de excitação em seu estômago. E a sensação de sua boca na dela... que fez todas as suas entranhas esquentarem e se tornarem manteiga derretida.

Ela esperava que seu cabelo não estivesse bagunçado. Com o pretexto de olhar para a próxima vitrine da loja, Beatrice observou seu reflexo. Seu chapéu estava um pouco torto, mas

sua capa escondia qualquer roupa amarrotada. *A empregada notaria? Ou Charlotte?*

— É apenas uma caminhada de quinze minutos, — ela disse de repente, esperando que ele não a achasse estranha por andar quando todo mundo estava louco por carros de aluguel. — Não muito longe do Museu de Cera Madame Tussaud. Você já visitou?

— Não. Certamente já ouvi falar. Tem uma sala horrível, eu entendo.

— De fato, a Câmara dos Horrores. Não é para os fracos de coração, a menos que você continue se lembrando de que, afinal, é cera. Por outro lado, uma vez que a chamada masmorra representa eventos reais, quando você olha para tais figuras realistas durante a Revolução Francesa, dá um arrepio. Há também imagens maravilhosas no andar de cima, como Jorge IV, em seus magníficos mantos de coroação, e a própria rainha, abençoada seja, junto com o falecido príncipe consorte.

— Eu gostaria de ver, — disse ele. — Você irá comigo? Por minha conta.

Ela hesitou, não porque custasse um xelim e seis pence para entrar em todo o museu, mas porque parecia o tipo de coisa que ele deveria fazer com sua nova amiga.

— O que você está pensando? — Ele perguntou.

— Que você deveria levar Lady Emily.

Ele ficou quieto por alguns momentos. Por fim, ele perguntou:

— Você acha que é um lugar particularmente romântico?

Beatrice riu.

— Dificilmente isso.

— Então não vejo razão para não podermos ir como amigos. Lady Emily pode não achar que seja do seu agrado, e eu preferiria ir com você.

— Por quê? — Ela não estava esperando um elogio, mas sabendo que Greer era franco, ela estava curiosa para ouvir sua resposta.

— Porque você é divertida. Tenho certeza de que riríamos muito até mesmo na masmorra.

— O museu exibe os 'célebres' assassinos e também suas vítimas. Você sabe que a própria Madame Tussaud quase foi para a guilhotina? Se não fosse por um amigo influente, essa grande artista estaria morta há muito tempo, e não teríamos bonecos de cera na perfeita semelhança de Luís XVI e Maria Antonieta.

— Estou ansioso por isso, — disse ele.

— Definitivamente vale a pena ver, — ela admitiu, ainda sem se comprometer. Ela se lembrou de que sua mãe lhe disse para ficar longe de Greer Carson para não irritar Lady Emily.

— Podemos ir amanhã ou no dia seguinte, — propôs Greer, — ou quando quiser.

Ele certamente estava sendo complacente.

— Veremos. Enquanto isso, diga-me, o que mais você viu.

— Abadia de Westminster, naturalmente, a Catedral de São Paulo, as Casas do Parlamento e a Torre.

Ela assentiu.

— Todos os pontos turísticos dignos. E muitos mais para ver. Parques e museus, palácios e London Bridge. E temos alguns teatros adoráveis.

Então ela considerou sua nova posição como um pretendente.

— Eu acho que a maioria dessas você vai achar romântica e perfeita para acompanhar sua nova dama.

— Veremos, — ele disse, tão evasivamente quanto ela.

— Talvez Lady Emily goste da cripta no Gerard's Hall, — ela disse, provocando.

Ele tossiu.

— Possivelmente.

— Ou a cripta em Guildhall ou St. John's.

Ele começou a rir.

— Não consigo imaginar a reação se eu aparecesse para acompanhá-la e dissesse a ela e a sua acompanhante que íamos visitar criptas.

Ela riu, feliz por ele achar isso divertido.

— Ouvi dizer que vale a pena dar uma olhada nos mármores de Elgin, — acrescentou.

— Definitivamente. Bem como os mármores de Townley. Não sei por que todo mundo se concentra no roubo inteligente de Lorde Elgin aos gregos.

— Precisamente porque era muito inteligente, eu suspeito. Mas também gostaria de ver o que Townley trouxe da Itália.

Ela falou com cuidado, medindo suas palavras.

— Acredito que os museus, exceto de Madame Tussaud, são considerados como tendo uma aura de romance. Pelo menos, acho que sim. As pinturas e esculturas podem trazer um sentimento bastante apaixonado, melhor experimentado com alguém por quem você tem emoções profundas.

Greer parou no meio do caminho.

— Ora, Srta. Rare-Foure, essa é a coisa mais surpreendente que você já me disse.

— Realmente? — Beatrice não conseguia imaginar por quê.

— Você não tem um grande apreço pelas artes?

— Eu tenho, de fato. Embora eu tenha sentido aquele *sentimento apaixonado* que você mencionou ao olhar para o céu espaçoso sobre as planícies da América em um dia ensolarado, tão azul quanto seus olhos e tão profundo.

Engraçado ele mencionar os olhos dela, que ela pensava serem quase uma falha em sua família de pais e irmãos ricamente afetuosos de olhos castanhos.

— Ou as montanhas do Colorado, ou mesmo as ondas do mar. Suponho que nunca se possa imaginar onde ou o que pode fazer com que a paixão surja em alguém. No entanto, suponho que você acredita que eu deveria ir aos museus apenas com Lady Emily, caso eu esteja encantado.

Ela riu do quão ridículo ele fez aquele som.

— Eu posso desmaiar nos braços dela na frente de uma obra-prima holandesa, — ele continuou. — Ou desmaiar aos pés dela ao ver o busto de algum rei morto há muito tempo.

— Nunca se sabe, Sr. Carson. Melhor estar com a pessoa certa na hora.

— Mesmo assim, eu arriscaria ver os mármores de Elgin com você, Srta. Rare-Foure, porque você é uma boa companhia.

Ela estava toda quente.

— Vamos ao Tussaud e ver como estamos. Naturalmente, precisaremos de uma acompanhante. Charlotte, pelo menos.

Ele balançou sua cabeça.

— No entanto, estamos caminhando sozinhos no momento.

— Quase sozinhos, — ela ressaltou, enquanto eles lutavam contra a onda de pedestres. — Cercado por londrinos abastados em uma rua de lojas de luxo. Podemos nem estar associados um ao outro, mas simplesmente permitir que o acaso nos empurre no mesmo caminho.

— Eu me perguntei se seria apropriado pegar seu braço, — ele ofereceu.

— Não, obrigada. Isso implicaria em um acordo entre nós, um entendimento do tipo que você busca com Lady Emily.

O tipo que ela esperava ter com algum solteiro elegível, mas não conseguia mais imaginar com ninguém que não fosse Greer Carson. Era totalmente irritante! Ele era um americano rude e ela dançou com os melhores de Londres. E ela os achava carentes, ou pelo menos não tão atraentes em comparação com o homem que ela conhecia. Ela supôs que Lorde Melton era o menos questionável de todos.

— Eu acho que quanto mais você se dedica a Lady Emily, ou eu passo com um visconde ou outro, - *não importa qual deles!* Melhor será. Sinceramente, acho que você deve reservar todas as idas a museus e outros passeios para alguém que está tentando conquistar.

— Exceto pela Madame Tussaud, — ele persistiu, e ela olhou para ele. Greer estava sorrindo para ela.

— Exceto por isso, sim, — ela concordou.

E então, ele deu de cara com um casal vindo na outra direção, derrubando a mulher, enquanto o homem que estava segurando o braço dela quase caiu também.

— Meu bom Deus! O homem exclamou, enquanto seu chapéu voava. Imediatamente, ele se virou para ajudar a mulher a sair da calçada.

Greer mergulhou para frente, agarrou a outra mão dela e a colocou de pé. Beatrice levou a mão à boca, ofegante. Ele não deveria ter tocado a senhora tão informalmente sem nem mesmo pedir licença. Além do mais, ela viu quando o chapéu do homem rolou alguns metros e desapareceu no mar de pernas de calças e vestidos.

Correndo para frente, ela tentou recuperá-lo apenas para espiá-lo no exato momento em que um homem o pisou sem saber. Olhando para baixo, ele o chutou para o lado e continuou.

— Dane-se! — Beatrice murmurou baixinho. Um segundo depois, um rosto familiar se abaixou e recuperou o chapéu.

Apressando-se em direção a ele, Beatrice disse:

— Lorde Melton, que gentileza de sua parte pegar o chapéu.

Quando ele hesitou, ela temeu que ele não tivesse ideia de quem ela era fora do salão de baile e de um vestido lindo. Ela viu o instante em que ele percebeu que era ela, usando um vestido simples de dia. Sorrindo, ele se curvou e ela acenou com a cabeça em resposta.

— Senhorita Rare-Foure. Quão inesperado e muito afortunado neste caso. Nós dois estávamos fazendo algumas compras, aparentemente.

Ela não corrigiu sua suposição, o que era perfeitamente sensato ao ver alguém na New Bond Street, exceto que ela não tinha um pacote ou sacola como evidência de tal passatempo ocioso.

Mantendo a mão enrolada sob a capa para o caso de ele fazer perguntas, ela gesticulou com a outra para o chapéu de feltro achatado.

Lorde Melton examinou o chapéu amassado em suas mãos, virando-o para olhar dentro.

— Uma vergonha. Foi um bom filme de Lock, — ele proclamou. Então ele deu a ela um olhar interrogativo. — Este chapéu arruinado não pode ser seu.

— Felizmente, não. Mas eu vi sair da cabeça de um cavalheiro ali, — ela apontou para trás, — e estava esperando recuperá-lo para ele.

— Ouso dizer que o homem não ligará para a sua volta em tal condição, mas vamos tentar.

Caminhando ao lado dela, eles voltaram para a cena em que a senhora estava girando em círculos para que seu marido, como Beatrice supôs que ele fosse, pudesse determinar se ela havia rasgado ou sujo suas saias. Infelizmente, ela fez as duas coisas. Greer estava proferindo palavras de desculpas, que foram ignoradas.

— Meu chapéu! — O homem exclamou, olhando tristemente para o item danificado que Lorde Melton lhe entregou.

— Foi pisado antes que eu pudesse resgatá-lo, — explicou Beatrice.

— Esta senhora está certa, — disse Lorde Melton. — Parece que você precisa cuidar melhor de seu chapéu e de sua companheira.

Enquanto Lorde Melton dizia as palavras insultuosas, ele nem sequer esboçou um sorriso. Greer, no entanto, cometeu o terrível erro de rir. Beatrice se encolheu por dentro. O americano aparentemente pensou que todos iriam dar uma risada boa e amigável sobre o acidente do casal.

Ele estava errado.

O homem com o chapéu arruinado começou a gaguejar. A senhora cujo vestido estava rasgado, com as anáguas à mostra, começou a chorar, e Beatrice desejou poder se afastar da bagunça, mas Greer ainda segurava sua bolsa.

Lorde Melton, por outro lado, foi capaz de partir. Inclinando-se para perto do casal afrontado, o visconde disse conspiratoriamente, mas para que todos pudessem ouvir:

— Você deve perdoá-lo. Ele é americano.

Com isso, ele se virou para Beatrice.

— Verei você no baile a fantasias, espero. — Então ele acenou com a cabeça e se afastou. *Sorte ser nobre,* ela pensou.

— Meu amigo fará restituições por qualquer dano, — ela ofereceu.

— Sim, sim, é claro, — disse Greer alegremente. Para seu horror, ele começou a mexer no bolso. Rápida como um relâmpago, ela colocou a mão em seu braço e parou seus movimentos.

— Se você nos der o seu cartão, — disse ela ao homem, — meu amigo vai...

— Não se *você* tiver um cartão? — Perguntou a mulher afrontada, com o nariz empinado.

Greer não se ofendeu.

— Sim, mas não adianta nada, já que minha última morada fixa foi na cidade de Nova York. Meu nome é Carson, e estou hospedado no Langham, se você quiser me enviar uma conta lá.

— O Langham! — Repetiu o homem. Então ele olhou para sua esposa, parecendo mais respeitoso quando Beatrice notou a insinuação de dinheiro que muitas vezes fazia as pessoas mudarem as atitudes. — Muito bem. Enviarei a você um relato da minha compra de um chapéu novo e de tudo o que minha esposa precisar.

— Bem, não *tudo* o *que* sua esposa precisa, — brincou Greer.

Beatrice quase tapou a boca com a mão. Ele realmente estava além do permitido.

— Ele está brincando, — disse ela. — Ele é da...

— América, — repetiu a esposa. — Sim, nós ouvimos. Tenho certeza de que vou precisar de uma saia nova e talvez de uma anágua. Bom dia. — Ela agarrou o braço do marido e eles partiram.

— Você provavelmente vai acabar comprando um guarda-roupa novo para os dois, — disse ela. — Você realmente não deve brincar com as pessoas erradas.

— Todos por aqui parecem ser as pessoas erradas, exceto você. E eles podem tentar, mas não sou idiota. Vou pagar pela saia e pelo chapéu e só.

Ela suspirou.

— EU NÃO ACREDITO QUE A MAMÃE está perdendo tudo isso, — disse Charlotte enquanto estava com suas duas irmãs fantasiadas em Marlborough House, — incluindo nos ver. — Ela girou feliz onde estava.

Como eram vizinhos do príncipe e da princesa de Gales, Amity e o duque evitaram a carruagem e foram até o baile à fantasia vestidos como o rei Luís XVI e Maria Antonieta.

— Não sei como você consegue manter a cabeça erguida com aquela monstruosidade empoada na cabeça, — disse Beatrice à irmã mais velha, cujo vestido de seda rosa e dourado consistia em um painel frontal rígido do século XVIII incrustado com sementes de pérolas, um decote baixo e quilômetros de seda enrolados em seus quadris para mostrar suas anáguas combinando.

— Você poderia estar em um dos famosos *bal poudré* da Rainha Vitória sobre os quais lemos quando ela era uma jovem noiva, — concordou Charlotte.

— Não é tão ruim, — disse Amity, levantando a mão adornada com joias para tocar a peruca alta na qual

penduravam pérolas. — Mas eu mal posso respirar neste corpete.

A própria peruca de cachos louros de Beatrice era muito mais simples e gerenciável. Vendo-se no espelho em casa enquanto Charlotte a ajudava a aplicar rosa em suas bochechas e pintar perfeitamente os lábios, ela se permitiu um sorriso satisfeito. Então Delia colocou um chapéu pastoral em cima da peruca e ofereceu a ela uma cesta. Ela recusou, com flores e tudo.

— Não se esqueçam de levar mantos, — a empregada os lembrou, embora eles tivessem decidido não usá-los até depois do baile. — Mantenha-os sobre os braços por agora, — disse Delia, — mas use-os em casa, ou você vai pegar um resfriado.

Beatrice revirou os olhos. A carruagem de seu cunhado era aquecida com tijolos para passeios noturnos, e ele a mandara buscá-los.

— Não vamos voltar para casa esta noite, — ela lembrou Delia. — Estaremos na casa de Amity depois do baile, então, por favor, não se preocupe ou espere.

Finalmente encontrando Amity e o duque em Marlborough House, Beatrice achou isso de tirar o fôlego, mal acreditando que ela e Charlotte eram parte deste evento extravagante. *As irmãs Rare-Foure! Filhas de um lojista!*

O fingimento não estava apenas em seus trajes, mas em até mesmo estarem em um lugar assim com o mais alto escalão da sociedade britânica, para não mencionar alguns dos chefes

de Estado da Europa. Elas eram intrusas, exceto Amity, que pertencia legitimamente.

— Como estou? — Charlotte perguntou pela enésima vez. — Vai ser muito divertido dançar vestida assim. E ela deu alguns passos e fez uma reverência diante deles.

— Eu gostaria de poder mover-me tão facilmente, — Amity disse, permanecendo rigidamente em pé enquanto Lorde Pelham voltava para seu pequeno grupo seguido por um criado carregando taças de champanhe. — Mas vou dançar, — acrescentou ela, olhando para seu amado marido.

— Minha esposa nunca perde um momento para estar em meus braços, — disse ele, seu traje real tão impressionante quanto o de Amity, até o casaco de saia completa na altura do joelho, calça até o joelho e colete longo, tudo em rosa claro seda para complementar o vestido de sua rainha.

— Perucas combinando, que adorável, — Beatrice brincou, embora a do duque caísse até os ombros e parcialmente coberta por um chapéu tricorne gigante. Esse foi o único evento em que os homens usaram chapéus de todos os formatos e tamanhos e não os tiraram, nem mesmo para dançar.

— Como *estou?* — Charlotte repetiu.

— Como uma verdadeira camponesa turca, — Amity assegurou-lhe, embora Beatrice duvidasse muito se alguma delas parecia autêntica. Certamente o corpete escarlate de Charlotte era muito fino, para não mencionar decotado, para ser usado diariamente, e a saia curta azul meia-noite de sua

irmã mostrava um pouco demais de suas calças de seda coloridas. Um pequeno turbante azul e chinelos escarlates com biqueiras enroladas, adquiridos especialmente para a ocasião, completavam seu traje.

As próprias pantalonas de algodão branco de Beatrice também estavam em exibição com sua saia de algodão azul escovado enrolada para revelar suas anáguas encurtadas, consistindo de muitas camadas de volumosa renda belga. Com mangas fofas de algodão branco e seu corpete azul simples amarrado na frente, ela era a ideia da modista de uma pastora.

— Só espero não parecer uma idiota, — ela meditou. — Acho que a maioria das fantasias aqui foi feitas para engordar as contas bancárias dos alfaiates e costureiras, mais do que para fazer qualquer um de nós parecermos bem.

— Eu estou bem, — Charlotte insistiu.

— Você está, — disse o duque. — Mesmo assim, sua irmã está certa. Este único baile impulsionou a economia de Londres, bem como a de Paris e Bruxelas.

Eles olharam para o mar de festeiros, as classes altas vestidas com os melhores trajes, nenhum dos quais provavelmente jamais seria usado novamente.

De repente, eles foram cercados pela nobreza. Os amigos do duque de Pelham, Lordes Waverly e Jeffcoat, que não haviam comparecido a nenhum dos eventos durante toda a temporada, compareceram a este. Lorde Waverly era um Viking, com um capacete com chifres, tiras de couro que iam para cima e para baixo em suas mangas e um manto de pele

que ia até o chão. E Lorde Jeffcoat estava vestido com botas até os joelhos, meia verde e uma túnica até a coxa. O pequeno boné arrogante com uma pena dentro da cabeça, a aljava pendurada no ombro e o arco tornavam evidente sua identidade.

— Robin Hood, — Charlotte exclamou, e ele colocou sua bota pontuda, curvando-se para ela com uma saudação exagerada de seu chapéu roçando seu tornozelo estendido.

Olhando os dois homens de cima a baixo, o duque riu.

— Você não pode achar nossos trajes divertidos, — observou Waverly, — não quando você está vestido como um homem que não consegue manter a cabeça.

— Se eu tivesse que usar aquela coisa ridícula com chifre, eu não *gostaria* de manter minha cabeça, — o duque retornou. — Nem as meias verdes de Jeffcoat, também.

Depois que todas as senhoras foram elogiadas, os três homens começaram a conversar sobre a recente Lei da Água, felizes por ela ter sido aprovada. Com Amity e Charlotte discutindo as danças que seriam executadas por membros da família real e seus amigos antes que o resto dos convidados tomasse a palavra, o olhar de Beatrice vagou pela multidão crescente.

Felizmente, como o duque já havia estado dentro da Casa de Marlborough em ocasiões anteriores, ele foi capaz de dar a ela um marco de onde eles ficariam - no Salão de Blenheim, como era chamado, por causa da pintura da Batalha de Blenheim. Muitos o chamaram de - cômodo mais bonito de

Londres. O piso de mármore preto e branco lembrava a Beatrice um tabuleiro de xadrez, mas ela permaneceu à esquerda da grande lareira, pois era o local que dera a Greer. Caso contrário, considerando como o palácio, elegantemente projetado pelo famoso Sir Christopher Wren, tinha crescido para algo na ordem de duzentos quartos, Beatrice sabia que seria altamente provável que ela e o americano nem mesmo se encontrassem naquela noite. E isso faria todo o evento parecer quase uma perda de tempo.

Ela lembrou a si mesma que também havia prometido uma dança a Lorde Melton, que havia aumentado sua perseguição por ela recentemente, visitando-a em casa novamente no dia seguinte ao incidente do chapéu, felizmente antes de ela ter que sair para a loja. Estranhamente, ele presumiu que ela tocava piano, cantava como um pássaro ou ambos, e ficou perplexo com a má preparação dos pais dela para o futuro da filha como esposa e anfitriã quando ela lhe disse que não podia fazer nada.

— Como você vai entreter os convidados do jantar? — Ele perguntou, parecendo perplexo, inclinando sua cabeleira boa para o lado.

Ela parou por um momento.

— Suponho que você não aprove uma rodada de Famílias Felizes?

Ele franziu a testa e repetiu:

— Famílias felizes?

— É um jogo de cartas, — Beatrice disse a ele. Suas sobrancelhas se juntaram em consternação.

O que Amity faz para divertir seus convidados? Beatrice presumiu que ela e o duque contrataram músicos, já que sua irmã também não sabia tocar nem cantar.

— Eu poderia levar os convidados para a cozinha e mostrar a eles como fazer caramelo, — ela ofereceu, meio brincando, na esperança de descobrir se ele ainda a considerava uma herdeira.

— Verdadeiramente? — Lorde Melton parecia interessado em fazer caramelo como se presumisse que era uma habilidade bastante difícil, quase mágica, ao invés de algo que qualquer cozinheiro decente poderia fazer, em sua opinião. Não tão bem quanto ela poderia, naturalmente, mas razoavelmente.

— Ou eu poderia recitar uma passagem, — Beatrice ofereceu. — Tenho boa memória e leio bem.

— Embora eu ache que recitar seja um bom exercício, temo que sua literatura feminina possa não ser apreciada por todos os nossos convidados.

— Você quer dizer pelos homens? — Ela perguntou, um pouco distraída pelo uso de - nosso. *Ele presumiu que eles tinham um entendimento?* — Não sabia que os cavalheiros não gostariam de ouvir as aventuras de Odisseu, talvez no grego original, ou uma passagem do *Hamlet* de *Shakespeare.*

Ele tossiu, colocado firmemente em seu lugar. *Literatura feminina, de fato!* Ela mostrou a porta a ele logo depois, já que ela tinha que começar a trabalhar.

Como se pensando no visconde conjurou o homem, Lorde Melton apareceu no meio deles. Ele cumprimentou a todos.

— Boa noite, senhorita da porcelana de Dresden.

Ela o olhou de cima a baixo.

— Boa noite, Ali Baba. Ele parecia exótico em seu turbante e sedas, e até mesmo um tanto atraente.

— Você parece perfeita, — comentou ele. — O cabelo loiro fica muito bem em você. — Ela se acostumou com ele e seus costumes nas últimas semanas. Ele era atencioso quando dançavam e, durante a conversa, costumava fazer um elogio a respeito de sua aparência, como se presumisse que isso a agradaria mais do que qualquer outra coisa.

Por outro lado, ele costumava ser aristocraticamente frio, e Beatrice percebeu que não sabia dizer se ele estava se apegando a ela. *Ele estava realmente interessado?*

Ela prometeu-lhe uma dança após a abertura das quadrilhas reais e ele disse que voltaria no tempo devido, claramente incomodado se conversassem ou não nesse ínterim. Enquanto ela observava sua figura se retirando, a ideia de que Lorde Melton tentaria beijá-la ou que ela sentiria uma paixão escaldante emanando dele parecia risível.

Depois que ele saiu, ela esperou os três Lordes respirarem antes de interromper.

— Diga-me, Sua Graça, os membros da alta sociedade se comportam de maneira fria e desinteressada até o momento em que pedem a mão de uma mulher?

Junto com Waverly e Jeffcoat, o marido de Amity ficou surpreso, sua boca abrindo e fechando, enquanto a duquesa esperava por sua resposta junto com Beatrice e Charlotte.

— Eu ouvi o flautim? — O duque perguntou inclinando a cabeça, seus olhos parecendo ligeiramente selvagens.

— Não, — disse Lorde Waverly, sua boca trabalhando em um sorriso perverso. — Você não ouviu. Quando os primeiros dançarinos saírem, acredite em mim, será como se o Mar Vermelho tivesse se partido, e seremos esmagados como camisas em um manguito de valete. Responda à senhora, Pelham.

Sua Graça franziu a testa e Amity pôs a mão em seu ombro.

— Tenho certeza de que minha irmã está tentando descobrir os modos estranhos dos nobres, assim como eu ainda estou fazendo.

O duque revirou os olhos enquanto Lordes Waverly e Jeffcoat riam.

— Estranhas maneiras de nobres, de fato, — disse o último.

No entanto, como as três irmãs Rare-Foure, incluindo sua esposa, ainda o olhavam, o duque encolheu os ombros.

— Suponho que somos aconselhados a permanecer impassíveis até que tenhamos uma ideia de que uma senhora retribui nosso afeto.

— Concordo, — disse Jeffcoat. — É prudente fazer isso e evitar constrangimento de todos os lados. Lorde Waverly concordou com a cabeça.

— Então, um Lorde pode realmente estar interessado em nossa Beatrice, — perguntou Charlotte, — Mesmo que ele tenha todo o calor de um peixe morto?

Todos os homens riram ainda mais.

— Inadequado, — Beatrice repreendeu-a e depois olhou para o duque. — Ele pode?

Seus olhos se arregalaram.

— Eu garanto que não tenho ideia. De qual cavalheiro estamos falando?

Percebendo que Sua Graça aparentemente não tinha notado a chegada e partida rápida de Lorde Melton, Beatrice abriu a boca para dizer a ele quando Charlotte suspirou alto.

— Espero que seu visconde esteja interessado. Que emocionante para você e em apenas uma temporada!

— Possivelmente. Talvez não, — disse Beatrice, pensando ser improvável que Lorde Melton despertasse inesperadamente o interesse dela ou se declarasse. — Mas ainda podemos apreciar o sucesso do Sr. Carson. — Ela olhou ao redor e aqueles ao seu redor também. — Não quero dizer no momento, porque não tenho ideia de onde ele está. O que quero dizer é que ele parece ter arranjado uma esposa.

As palavras saíram parecendo descontentes, fazendo com que Amity lhe enviasse um olhar penetrante.

— Uma boa senhora, eu entendo, — Beatrice corrigiu em um tom mais amável. — Você conhece Lady Emily St. George, duque?

— Eu não sei, embora eu saiba da família St. George. Nada escandaloso ou particularmente interessante que eu possa trazer à mente.

Ele olhou para seus amigos que deram de ombros em concordância.

— Acho que dancei com ela uma vez, — acrescentou Waverly.

— Acho que você já dançou com todo mundo uma vez, — brincou Jeffcoat.

— De qualquer forma, — continuou o duque, — o conde é ativo no Parlamento e eu concordo com muitos de seus pontos de vista.

— Bom, — Beatrice disse suavemente, como se isso a preocupasse. Não foi. Ela não tinha certeza se estava com ciúme o suficiente para ter esperança de um copo de água quente para fofoca, que ela poderia contar a Greer, talvez para encerrar sua busca por Lady Emily ou se ela estava simplesmente cuidando de seu amigo. Além disso, ela não queria examinar seus motivos muito de perto.

— Não deveríamos nos misturar antes da dança? — Charlotte perguntou. — Quero ver o Príncipe e a Princesa de Gales de perto, se possível, e o máximo de fantasias que puder.

— Sim, vamos, — Amity concordou, e os seis começaram a ronda pelas grandes salas abertas para o baile, cheias de foliões vestidos para cada época e lugar na terra, ou assim parecia.

— Dizem que haverá 1.400 pessoas aqui esta noite, — observou Lorde Jeffcoat.

— Não me surpreenderia, — respondeu Lorde Waverly. — A realeza sempre tem que fazer isso melhor do que ninguém.

Beatrice foi atrás, relutante em deixar o local de encontro previamente combinado. Quando Amity voltou para trás com suas irmãs, elas deixaram os três homens caminharem na frente.

— Os amigos de Henry são agradáveis, — disse ela.

Beatrice franziu a testa. Nenhum homem a interessou.

— Eles são? — Ela perguntou rabugenta.

Embora olhando de lado, ela notou que Charlotte corou com o comentário da irmã. Talvez ela *estivesse* interessada em um dos Lordes.

Antes que ela pudesse se intrometer mais, Beatrice sentiu um toque em seu ombro. Girando, finalmente estava Greer Carson.

Capítulo Vinte

— Boa noite. — Greer Carson fez uma reverência. — Estou feliz por ter alcançado você, boneca de porcelana, claramente a pastora mais bem vestida que já tentou pastorear ovelhas.

Beatrice teve a visão bem-vinda dele, com seu coração batendo imediatamente mais rápido e seu nível de felicidade disparando.

— Um selvagem! — Ela exclamou.

— Natural do meu país, — confirmou.

— Bem feito! Ela nunca tinha visto nada parecido, exceto em um livro. Ele usava um cocar que era tão alto quanto a peruca de Amity, mas feito de penas, e um colete de couro por cima - *um peito inteiramente nu!* - e calças de couro macio. Até seus pés estavam calçados com sapatos estranhos com borlas de contas, mais parecidos com chinelos femininos de dança do que qualquer coisa que ela já vira em um homem.

— Mocassins, — disse ele, levantando um pé. — Muito confortável.

Eles sorriram um para o outro, mas ela não pode evitar o olhar voltando para o peito dele. Pelo que ela podia ver, era bom, não que ela fosse um juiz. Ela queria estender a mão e escovar os fios de cabelo visíveis onde o colete de pele de gamo

dele não fechava, e ela apertou as mãos ao lado do corpo. *Imagine o escândalo se ela cedesse ao impulso!*

Arrastando o olhar de volta para o dele, Beatrice se lembrou da discussão sobre fantasias semanas antes.

— Eu pensei que você não queria chamar muita atenção para si mesmo por não ser daqui, — ela desafiou.

— Mudei de ideia, — disse ele. — Meu sotaque denuncia-me de qualquer maneira, e a maioria das pessoas tem sido receptiva.

Beatrice pensou em Lorde Melton, que havia dito algo ligeiramente depreciativo em mais de uma ocasião a respeito dos hábitos dos americanos. No entanto, desde que Lady Emily não se importasse com a estranheza de Greer, ela supôs que era tudo o que importava.

Olhando-a de cima a baixo com um brilho nos olhos, ele perguntou:

— Então, nada de cajado ou cordeiro? Que decepção.

Ela encolheu os ombros.

— E você não tem um búfalo. Outra decepção.

— Suponho que poderia ter colocado uma fantasia na Srta. Sylvia e trazido ela como minha companheira.

Eles sorriram um para o outro com a ideia.

Como de costume, ele perguntou sobre a mão dela, que tinha curado bem devido aos cuidados dele - seguida por Delia embebendo a mão de Beatrice em leite antes de limpar suavemente a manteiga e o mel e, em seguida, aplicar um

cataplasma de folhas de chá no lugar com um pano limpo bandagem de linho, que ela manteve durante a noite.

— Perfeitamente bem, graças a você, — Beatrice respondeu como sempre que ele pedia.

Greer acenou com a cabeça em satisfação.

— Você está indo para a pista de dança? — Ele perguntou.

— Não, íamos fazer as rondas. — Olhando para trás, ela percebeu que o resto de seu grupo continuou andando e agora estava perdido de vista. — Você se importaria de me acompanhar?

— Eu ficaria honrado. — Ele a pegou pelo braço, e ela podia sentir o calor que emanava dele, particularmente ciente de seu peito nu tão perto dela.

— Você conseguiu encontrar um traje muito autêntico, — ela administrou.

— Na verdade não. Se eu tivesse a ousadia de um guerreiro indiano, não estaria usando esse colete. O alfaiate que procurei sugeriu que eu não teria permissão para entrar sem ele, ou se fosse, o foco estaria totalmente em mim, e não no Príncipe e na Princesa de Gales.

O homem estava certo sobre isso. Do jeito que estava, Beatrice mal podia acreditar que estava caminhando por uma das casas mais opulentas de Londres, se não de toda a Inglaterra, com um homem seminu e sem camisa.

Em voz alta, ela meditou:

— Eu me pergunto o que Lady Emily terá a dizer.

Ele deu uma risadinha.

— As chances de eu mesmo vê-la esta noite são muito pequenas. Eu mal posso acreditar que encontrei você nessa multidão. Outro momento em que você se afastou daquela lareira gigantesca, e eu não o teria feito.

— Quando o flautim tocar, ou o que quer que eles estejam usando aqui esta noite, talvez uma trombeta

— Ou vinte, — ele brincou.

— De fato! Terei de voltar ao Blenheim Saloon se quiser encontrar minhas irmãs novamente. É para lá que eles irão procurar, talvez depois da dança. — Ela apertou o braço dele e apontou. — Olha essa fantasia.

— A mulher vespa? Muito esperto. Eles observaram a senhora passar com um painel frontal preto e amarelo pontiagudo em seu vestido e pequenas asas projetando-se de seus ombros.

Greer apontou para o próximo impressionante, uma mulher vestida como um floco de neve.

— Agora posso realmente dizer que vi o elefante.

— Onde? — Ela exigiu, esticando o pescoço. Alguém vestido de elefante seria muito mais impressionante do que uma vespa.

Ele deu uma risadinha.

— Só um ditado. Acho que é americano, se você não souber.

Ela franziu a testa, balançando a cabeça ligeiramente.

— Você já viu um? — Ele perguntou.

— Um elefante? Claro. Esta é Londres. Não há quase nada que você não possa encontrar aqui. Dez anos atrás, nossa Sociedade Zoológica trocou um rinoceronte com os franceses por um elefante. Você não acha que isso foi bobagem dos franceses? Quer dizer, um elefante! É a criatura mais incrível.

— E é isso que a frase significa. Não consigo imaginar ver um baile ou mesmo um grupo de pessoas mais espetacular do que este.

— Muito bem, Sr. Carson. Eu gosto disso. *Para ver o elefante.* Vou usá-lo no futuro.

Eles continuaram seu passeio. Beatrice não pode deixar de notar que mais de uma senhora deu a seu acompanhante uma segunda olhada e uma terceira. Não era todo dia que se via tanto a parte superior do corpo de um homem. Na verdade, nunca.

Havia tantas fantasias ousadas e inventivas que Beatrice se sentiu quase deselegante.

— Aquela senhora é um arco-íris, — Greer dirigiu seu olhar. — E aquele homem só pode ser Henrique VIII. E você disse que eu não distinguiria um rei de outro.

— Eu deveria ter pensado em algo mais emocionante, — Beatrice se preocupou.

— Você está absolutamente perfeita, — ele disse a ela, parando seu progresso e olhando para ela. — Sua costureira

capturou a cor de seus olhos perfeitamente em seu vestido, e todo o efeito me faz sentir como se você tivesse trazido um dia de verão, completo com campos verdes e ovelhas, bem aqui neste palácio, mesmo sem um trapaceiro sua mão.

Suas bochechas aqueceram.

— É muita gentileza da sua parte. Certamente mais atencioso do que o que Lorde Melton disse.

Ela mordeu a língua por sequer mencionar o homem. Ela não estava tentando deixar Greer com ciúme. *Ela estava?*

Ele franziu a testa.

— Estou surpreso que o homem foi capaz de encontrar você. O que o vilão disse?

Ela deu uma risadinha.

— Ele não é um rude, pelo amor de Deus. Simplesmente reservado e um pouco...

— Sem vida. — Seu antebraço se apertou e se inchou sob seus dedos, fazendo com que sua atenção ficasse completamente cativada por um momento. Ela nunca teria imaginado que Greer estava escondendo um físico tão musculoso sob suas roupas.

— Você merece alguém mais revigorante, — ele continuou.

E mais divertido, ela pensou. *Como o homem cujo braço ela estava segurando.*

De repente, uma trombeta forte soou, significando o início do entretenimento da noite e uma onda de convidados avançou sobre eles, correndo na direção da buzina.

Greer apertou o braço dela com mais força e Beatrice ficou grata por não ser afastada dele por uma maré de perucas, saias gigantescas e sabres de capitães do mar.

— Acho que devemos voltar para onde minhas irmãs possam nos encontrar.

Greer liderou o caminho e o segurou com firmeza, temendo que, se perdesse o controle de seu braço, nunca veria ninguém que conhecesse pelo resto da noite. Uma porcelana de Dresden perdida, sem seu rebanho.

— Contanto que possamos ver algo desse ponto de vista, — disse ele. — Vamos nos manter um pouco longe da parede.

De repente, a música começou, e a multidão voltou a subir para dar espaço para os dançarinos entrarem em formação.

Beatrice e Greer eram ambos altas o suficiente para ver o que estava acontecendo, mas ela temia que Amity e Charlotte sentiriam falta da dança da realeza, a menos que estivessem bem na frente da plateia extasiada. Com todos os participantes da primeira dança vestidos como personagens venezianos, incluindo a Princesa de Gales em um vestido de cetim cor de rubi, com frente de painéis azuis e mangas de cetim bufantes com orlas de ouro e pérolas, a primeira quadrilha estava em andamento.

Com o canto do olho, Beatrice viu um pequeno grupo se aproximando. Supondo que fossem suas irmãs e o duque, ela se virou com um sorriso de boas-vindas.

Lorde Melton, com uma expressão furiosa, parou, colocando as mãos nos quadris. De todas as pessoas, Lady Emily o acompanhava. Ela estava vestida como a Marguerite de Fausto, com um decote quadrado revelador e mangas com bufês horizontais, parecendo muito mais sofisticada do que Beatrice, ela notou com consternação. Com eles estava o primo de St. George com quem Charlotte dançou uma vez, vestido como um gondoleiro com calças compridas listradas e um boné.

Aquele que fez perguntas, como Beatrice lembrou com um sobressalto. Ela prendeu a respiração, sabendo pelos semblantes de Lorde Melton e dos dois St. Georges que a dança estava para cima.

— Você é uma impostora! — Lorde Melton disse com evidente virulência enquanto ainda estava a dois metros de distância, em uma voz alta o suficiente para rivalizar com os músicos à distância e fazendo com que um círculo de espectadores recuasse e abrisse espaço para este último entretenimento. — Fui enganado durante toda a temporada por esta mulher. — Ele ergueu a mão e apontou para ela, como se houvesse alguma dúvida sobre a quem ele se referia.

Beatrice sentiu o sangue sumir de sua cabeça. Finalmente, o visconde gelado mostrou um pouco de coragem. Infelizmente, foi dirigido a ela. Ela desejou que ele mantivesse

sua cabeça fria e aristocrática ao invés de demonstrar que ele tinha uma profundidade de emoção, afinal.

Olhando ao redor, talvez medindo a atenção que estava atraindo, ele pareceu satisfeito por ter atraído pelo menos alguns para ouvir sua crítica.

— Ela é uma enganadora, uma avarenta caçadora de esposos. Uma *vendedora* comum! — Ele mordeu com escárnio absoluto.

Beatrice engoliu em seco, pensando ter ouvido um suspiro coletivo. Ela estava meio convencida de que o visconde sabia o tempo todo. Aparentemente, ela se enganara, pois ele estava genuinamente irado. Além disso, pela expressão presunçosa no rosto do primo de Lady Emily, parado assistindo com diversão e braços cruzados, ele tinha sido o árbitro das notícias que levaram à sua denúncia.

— Uma vendedora como convidada em Marlborough House, — Lorde Melton continuou furioso. — Alguém mais pode imaginar tal atrevimento?

O que ela poderia dizer? Ela certamente não poderia se defender, pois tudo o que ele disse era descaradamente verdade. Lady Emily, para seu crédito, não estava gostando nada da cena. Ela parecia tão chocada quanto Beatrice se sentia, o rosto pálido e contraído.

— Você está fora de controle, — disse Greer, dando um passo à frente para colocar sua personalidade vestida de couro entre sua tola personagem pastoral e o visconde indignado.

Beatrice havia esquecido que ele estava ali, pois todos os olhos estavam sobre ela. Mulheres vestidas como temas de pinturas famosas olhavam e gesticulavam com seus leques, e homens como bufões da corte e soldados mortos há muito tempo faziam cara feia. Alguém vestido como Zenobia se virou e deu-lhe o corte direto, uma ousada Cleópatra zombou dela e um cavaleiro a olhou como se ela fosse um animal de fazenda que alguém tivesse deixado entrar para correr furiosamente no baile.

Se ao menos os ladrilhos do piso se abrissem e a deixassem deslizar por baixo deles!

— Você está se comportando mal, senhor, — disse o americano acaloradamente. — Este não é o momento nem o lugar para suas acusações cruéis.

Lady Emily, com o olhar cortando Beatrice e Greer, deu um passo em sua direção, talvez se perguntando se ele também não era quem dizia ser.

— Ela *não* é uma herdeira caramelo, — proclamou Lorde Melton, causando um murmúrio ao redor deles. Algumas pessoas estavam claramente confusas. Alguns riram.

Beatrice sabia que deveria estar tão envergonhada quanto ficara mortificada um momento antes. Ainda assim, a declaração ridícula do visconde a fez balançar a cabeça enquanto segurava uma risada. O fato de Charlotte ter conseguido fazer alguém acreditar em tal coisa, mesmo por um segundo, foi uma conquista maravilhosa.

— Não, não, eu não sou, — ela disse a ele, sentindo-se mal-humorada. — Mas então, quem é?

Mais algumas pessoas riram.

— Uma herdeira de caramelo! — Alguém exclamou.

O rosto de Lorde Melton ficou vermelho.

— Você trabalha na Rare Confeitaria. É por isso que você estava na New Bond Street.

— Eu nunca afirmei o contrário, — Beatrice disse a ele.

— Você disse que estava fazendo compras naquele dia em que resgatei o chapéu, — ele persistiu.

— Resgatou o chapéu? — Alguém repetiu, e gargalhadas altas seguiram.

— Você fez uma suposição, — ela começou, então parou. Eles brigavam como crianças e era inútil. Ela suspirou. — Apesar de tudo, lamento que você tenha se sentido enganado.

— Você quer dizer que lamenta ter sido pega, — ele disse com veemência que a surpreendeu. — Eu quero que você seja expulsa daqui de uma vez. O visconde olhou para o amigo St. George e depois para Greer, como se um deles fosse ajudar a expulsá-la.

Lady Emily pareceu chocada com suas palavras. Beatrice aceitou que poderia encontrar-se momentaneamente no nevoeiro ar noturno de Pall Mall, caminhando de volta para a casa de Amity. No entanto, Greer não era tão tranquilo.

— Isso é um absurdo. Senhorita Rare-Foure...

— Da Rare Confeitaria, uma loja de *doces,* — o visconde sibilou, lembrando a todos de suas origens de classe média.

— Sim, e ela é a mais magnífica fabricante de caramelos que você pode imaginar, — disse Greer, o que Beatrice não achava que ajudava muito a situação, mas ele não deveria ser interrompido agora que estava em alta raiva. — Como eu estava dizendo, a Srta. Rare-Foure tem todo o direito de estar aqui...

— Quem disse que ela não tem? — Perguntou o duque de Pelham, inesperadamente no meio deles, com Amity e Charlotte. Ele observou tudo, parando e erguendo uma única sobrancelha quando seu olhar pousou na fantasia de Greer. Então ele perguntou: — O que está acontecendo aqui?

O visconde, assim como Lorde St. George, Lady Emily e todos os outros nas proximidades fizeram uma reverência ou reverências. Não era todo dia que alguém estava em companhia de um duque e uma duquesa.

— Esta mulher está se passando por uma herdeira, — disse Lorde Melton depois de se endireitar.

Lorde St. George agarrou o cotovelo do amigo para impedi-lo de dizer mais alguma coisa. Beatrice ficou admirada com a ignorância do visconde sobre a conexão matrimonial entre ela e o duque. No entanto, como Greer havia dito uma vez, quase ninguém sabia das origens da Duquesa de Pelham. Eles também não se importaram, não depois que ela se tornou um deles.

— Você é claramente um asno se passando por um homem, — disse Greer, dando um passo em direção ao visconde, mas seu cunhado levantou a mão. O duque ficou ainda mais impressionante por estar vestido com seu traje do rei Luís XVI. Instantaneamente, o silêncio caiu em torno deles.

— Ninguém dá a mínima por sua justa indignação, Melton, — disse Sua Graça. — Todo mundo sabe que sua propriedade está passando por tempos difíceis e você mal consegue manter a cabeça acima da água. Minha *cunhada* está aqui como minha convidada e ela certamente não precisa lidar com pessoas como você, um caçador de fortunas sórdido!

O rosto de Lorde Melton estava escarlate, mas ele não negou uma palavra que o duque havia pronunciado, então Beatrice presumiu que ele estava pagando seu terno enquanto a considerava rica. Com um grande espetáculo de giro sobre os calcanhares, suas sedas persas girando, o visconde foi embora com St. George o seguindo. O resto dos espectadores dispersou-se pouco depois para assistir ao verdadeiro entretenimento, as quadrilhas.

— E pensar, — disse Beatrice com indignação fingida, — que ele estava atrás de mim por causa do meu dinheiro!

Charlotte e Amity começaram a rir, mas Greer ainda parecia ofendido.

— Que palhaço, causando uma cena. Se eu tivesse uma machadinha comigo.

Beatrice estava simplesmente feliz por não ser mais o foco de qualquer atenção.

— Acho que vou passar o resto da temporada como cunhada sem um tostão do duque de Pelham, em vez de uma herdeira de caramelo.

— Uma herdeira de caramelo com *melado,* — Charlotte murmurou.

Beatrice olhou para Greer, esperando que ele risse, mas ele estava distraído. Lady Emily não foi embora com o visconde e seu primo. Em vez disso, ela permaneceu de pé incerta, olhando para o americano.

Se a cena feia que acabara de acontecer não assustasse a senhora, e se ela ainda gostasse de Greer, apesar dele defender uma falsa herdeira de caramelo, então ela deveria realmente se importar com ele. Beatrice se sentiu mais perturbada com esse fato do que com qualquer outra coisa que tivesse acontecido.

— Você conseguiu ver alguma quadrilha das cartas? — Charlotte perguntou.

— O que isso significa? — Beatrice perguntou, preocupada quando Greer se aproximou de Lady Emily, colocou a cabeça dele perto da dela para dizer algo e, em seguida, colocou a mão em seu braço. Enquanto as garras do ciúme cercavam o coração de Beatrice, Greer foi embora com Lady Emily, agora ela que estava ao lado de seu peito musculoso e meio nu.

Droga! Ela já sentia intensamente a perda dele. Ela amava a maneira como ele a defendia, amava a maneira como a fazia feliz e a fazia rir. Obviamente, ela o amava.

A compreensão havia se apoderado dela ao longo de dias e semanas, e agora a atingiu com tanta força que ela queria sentar-se antes de cair.

— Henry! — Amity exclamou quando Beatrice fechou os olhos e começou a cambalear. Ela se sentia tonta, provavelmente por falta de nutrição durante o dia, e a forma como Delia tinha amarrado seu espartilho com muita força.

O duque agarrou seu braço para apoiá-la, e Beatrice ficou feliz por Greer estar muito longe para notar sua fraqueza.

— Você não quer ir para casa, quer? — Charlotte perguntou, claramente temendo tal circunstância quando a noite mal tinha começado.

Respirando fundo, Beatrice balançou a cabeça.

— Claro que não. Eu sentia falta dos cartões de dança. Não pretendo perder outro momento.

Aliviada, Charlotte quase assobiou e Beatrice viu o instante em que ela se conteve. Então sua irmã explicou:

— As portas da sala de jantar se abriram e a procissão real de dançarinos apareceu. Uma polonesa foi tocada, você ouviu?

— Sim, — disse Beatrice. — Eu vi os venezianos dançarem.

— Havia um grande marechal, — Charlotte continuou como se Beatrice não tivesse falado, — Um homem com uma varinha branca vestido como um camareiro elisabetano.

— Aquele foi Lorde Colville, — disse o duque, ainda segurando Beatrice.

— E ele foi seguido por seis guardas em casacos rendados com perucas empoadas como Amity e Sua Graça. Eles foram seguidos pelos jovens príncipes, e então...

Amity interrompeu Charlotte:

— E havia outro grupo em fantasias de Van Dyke, tão inteligente.

— Oh, sim, a duquesa de Sutherland estava em um vestido Henrietta Maria de cetim branco. Muito apropriado, — Charlotte continuou.

— O que isso tem a ver com cartões? — Beatrice perguntou ao duque, já que suas irmãs foram dominadas por descrever os trajes.

— Outro conjunto de quadrilha, — disse ele. — Mais realeza. Princesa Cristã vestida de Rainha de Paus e o Duque de Athole como Rei de Espadas e outros enfeites.

— Por que você não estava com os outros duques? — Ela perguntou, sentindo-se melhor quanto mais distância ela tinha entre ela e Greer e a visão perturbadora dele indo embora com Lady Emily.

— Não sou um duque real, — disse ele, dando de ombros, claramente despreocupado. — Apenas um duque normal.

Isso a fez rir, como se ser um duque de qualquer tipo pudesse ser normal.

— Venham, — Charlotte os incentivou, — Os contos de fadas vão dançar a seguir, Cinderela, Gato de Botas e Little Boy Blue. E o Príncipe de Gales é o príncipe das fadas em uma túnica rubi com meia-calça de cetim cinza e cabeça de leopardo! Eu quero que Beatrice os veja.

Deixando a irmã mais nova segurá-la, Beatrice soltou o braço do duque e todos avançaram para assistir à próxima quadrilha real.

À MEIA NOITE, suas Altezas Reais conduziram os convidados pelo salão de baile, desceram alguns degraus e entraram nos jardins. Duas tendas de jantar, finamente decoradas, foram montadas, uma menor com um bufê coberto com tapetes indianos de veludo escarlate e gerânios escarlates por toda parte, ambos pendurados no telhado e colocados sobre as mesas, e uma barraca mais longa com mesas estendendo-se para trezentas pessoas para sentar e comer.

Naturalmente, a realeza e seus convidados se sentariam e seriam servidos. E com a mesma naturalidade, o duque de Pelham e sua família foram com eles.

Beatrice ficou de olho em Greer, mas se ele não estivesse com eles ao entrar, sem dúvida acabaria no bufê da outra tenda. Com Lady Emily.

Charlotte não tinha perdido nada de sua animação com o passar da noite e eles se sentaram entre figuras decorativas em tamanho natural e tapeçarias ricas, fazendo com que parecesse um banquete medieval.

No entanto, sua irmã se acalmou depois que eles se sentaram.

— Você está terrivelmente desapontada?

Beatrice congelou ao pensar em Greer.

— O que você quer dizer? Eu sempre soube do Sr. Carson..., — então ela parou ao ver a expressão da irmã.

— Eu quis dizer com o comportamento odioso de Lorde Melton. Você dançou bastante com ele nas últimas semanas, e Delia me disse que ele veio até nossa casa.

Beatrice ficou satisfeita por poder acalmar a irmã.

— Não poderia ser menos afetada pelo comportamento do Visconde Melton. Não se preocupe comigo, querida irmã. Ele não tem qualquer importância.

— Isso é bom. O duque disse que nunca o convidou para a casa de St. James. Lorde Melton não estava em nosso primeiro baile. Ele mentiu.

Beatrice assentiu e bebeu um gole de vinho. *Mais engano, mas quem era ela para levantar uma sobrancelha para uma mentira descarada?*

No entanto, ela decidiu que este seria seu último evento. Ela não podia mais fingir interesse por nenhum dos homens que conheceu. Era impossível enquanto seu americano mais ousado do que a vida caminhava pelos salões de baile e salas de jantar de Londres, muito mais atraente para ela do que qualquer outra pessoa.

Além disso, ela o amava e ele iria se casar com Lady Emily.

Apesar de sua decisão de encerrar sua incursão na alta sociedade, a noite ainda não havia acabado. Depois de comerem, dançaram até o amanhecer em três cômodos voltados para o jardim - o salão de baile onde ficavam as quadrilhas, e a biblioteca e a sala de jantar de cada lado. Beatrice não conseguia imaginar um evento maior. Era um momento perfeito para recuar, já que todo o resto da temporada empalideceria em comparação e pareceria praticamente miserável. Com sorte, Amity iria com Charlotte em seu lugar.

E então, quando Beatrice havia dançado com tantos estranhos, tornada ainda mais estranha por seus trajes, e quando ela não conseguia se imaginar dando outro passo, Greer apareceu diante dela.

— Faz muito tempo que procuro você, porcelana de Dresden, — disse ele. — O jantar foi ótimo, não foi?

Ela queria dizer que teria gostado mais com ele sentado ao lado dela, mas não o fez.

— Sim. Acho definitivamente o melhor que já tivemos em toda a temporada, mas não diga a Amity o que eu disse.

Ele sorriu.

— Você dança comigo? Eu estava preocupado em não te encontrar antes de você partir, e isso seria uma pena. Segurei o braço de duas outras porcelanas de Dresden e fiquei

profundamente decepcionado. Não só isso, elas pareciam prontas para gritar por ajuda com minha maneira familiar.

Ela deu uma risadinha.

— Tenho certeza de que os jornais discutirão as quadrilhas de abertura, as ceias das tendas e o perigoso chefe indígena abordando as jovens pastorais.

Os músicos tocaram as primeiras notas de uma valsa, depois pararam para que todos encontrassem um parceiro e, mais importante, para encontrar um espaço na pista de dança.

— Venha, minha herdeira de caramelo, vamos dançar.

Uma emoção a percorreu com suas palavras possessivas, até que ela se lembrou de que ele havia passado horas dançando com Lady Emily. Engolindo seu ciúme ridículo, Beatrice pôs a mão em seu ombro, sentiu seu braço ao redor dela, seus dedos quentes pousando em suas costas. Suas outras mãos estavam perfeitamente alinhadas, agarrando-se, e então a música começou.

Poucos minutos antes, ela estava perto da exaustão. Agora, Beatrice não queria que a valsa acabasse.

Capítulo Vinte e Um

Greer voltou para seu hotel depois do baile da Marlborough House, incapaz de pegar uma carruagem de aluguel naquela manhã. Talvez fosse sua fantasia selvagem. De qualquer forma, o Langham não ficava muito longe, talvez meia hora de caminhada. Ele planejava cuidar da Srta. Sylvia e depois dormir o dia todo.

Foi um evento revelador, e seu coração finalmente gritou com ele o que ele não podia mais negar. Ele tinha que ter Beatrice.

Lady Emily era um tipo de garota legal, mas nada nela o chamava, exigindo que estivesse com ela. Ele se afastou da cena de escândalo e xingamentos para ter um momento sozinho e explicar como ele não estaria mais cortejando-a e desejou-lhe bem. Resumidamente, ele se sentiu culpado, especialmente porque ela parecia disposta a continuar seu namoro morno e talvez tivesse dito sim para ser sua esposa.

Como seus planos teriam funcionado se ele a amasse. Mas ele não fez isso. Ele amava Beatrice de todo o coração. E Carsonbank House, na Escócia, que se dane!

Ele sabia que sua máquina de fazer caramelo de olhos azuis também não era imune a ele. A delicada simplicidade de um beijo com ela - fácil de cair e ao mesmo tempo comovente - havia despertado nele um desejo ardente por mais. Ele estava

confiante de que ela sentia o mesmo. Mesmo que ela não sentisse, se ela não pensasse mais nele do que naquele miserável Melton, ele passaria o resto de seus dias cortejando-a até que ela se apaixonasse por ele.

No dia seguinte, depois de descansar e esperar que ela fizesse o mesmo, ele foi à Rare Confeitaria para encontrá-la.

BEATRICE OUVIU O tilintar do sino e pela saudação de Charlotte, soube quem era. Ela estava esperando que Greer aparecesse para que eles pudessem compartilhar suas ideias sobre o baile à fantasia. Por outro lado, ela estava meio temendo, tão fortes agora eram seus sentimentos por ele. Logo, ele seria capaz de ver isso claramente em seu rosto. *E se ele tivesse pena dela?*

Ela saiu na frente. Lá estava ele, vestido normalmente novamente. Que triste pensar que ela viu seu último vislumbre do peito impressionante do americano. Provavelmente muitas mulheres da noite anterior sentiram o mesmo.

Sem preâmbulos, ele perguntou a ela:

— Você virá visitar uma casa comigo amanhã? Eu preciso da opinião de uma mulher.

Sua pergunta a tirou de suas reflexões fúteis. Ela se concentrou em seu rosto sério e olhos inteligentes, desejando avidamente que não o amasse tanto. A própria ideia de ele comprar uma casa para a qual pudesse levar Lady Emily fazia com que a irritação de Beatrice borbulhasse continuamente.

— Essa mulher não deveria ser sua futura esposa? — Ela retrucou. — Todo mundo tem seus próprios gostos e desgostos.

Posso preferir a sala de estar no andar superior, como na casa de Amity, enquanto outros preferem no andar térreo, para que os hóspedes não tenham que subir.

— Uma sala é uma sala, com certeza, — disse Greer, — e você pode mobiliá-la para o uso que quiser.

— Nem todo cômodo é assim, — ela protestou, querendo desesperadamente que ele a deixasse fora de seus planos.

— Venha, — eu imploro. Venha como minha querida amiga Beatrice, e diga-me se devo escolher a casa recentemente deixada vazia pela morte de um baronete solteiro, de 84 anos, infelizmente não encontrado cinco dias depois de falecer, ou aquela da qual um casal fugiu devido a uma superpopulação de ratos.

Charlotte fez um barulho de consternação. *Ele estava brincando?*

— Nenhum desses, — Beatrice disse, cruzando os braços teimosamente. — Ambos parecem horríveis.

— Eles parecem, — sua irmã concordou.

— Há outra que uma família desocupou recentemente depois de comprar uma casa maior em Richmond.

— Richmond, — ela repetiu, relembrando seu dia em Syon Park. — É lindo lá.

— Muitos pombos, pelo que me lembro, — ele brincou. — Além disso, eu quero morar em Londres. Você vai me ajudar?

— Lady Emily deve ser a escolhida, — ela insistiu, e doeu até mesmo dizer as palavras. *Lady Emily Carson!* Beatrice

perguntou a Amity que havia perguntado ao duque - aparentemente, a dama manteria sua posição e título, mas ficaria com o sobrenome de Greer. Ele teria seu maior desejo, uma esposa.

— Eu não posso pedir a ela para perambular por Mayfair olhando casas. Não temos esse tipo de amizade fácil que você e eu compartilhamos. Se você e eu fizermos isso, acho que não vamos precisar de um acompanhante, certo? Teremos o agente imobiliário dos Chestertons para nos fazer companhia na casa.

Beatrice balançou a cabeça.

— Oh, Sr. Carson. Você não aprendeu nada? Claro que precisamos de um acompanhante. Não podemos andar juntos em uma carruagem, especialmente em um carro alugado.

— Vou comprar o meu logo, quando tiver onde guardar. De qualquer forma, e se levarmos sua empregada, aquela que está sempre perseguindo você e a Srta. Charlotte com capas e chinelos extras?

— Delia. — Beatrice considerou isso.

— Sim, ela pode desempenhar as funções de acompanhante?

— Eu suponho. — Então ela balançou a cabeça. — Eu não disse que iria.

— Por favor, Srta. Rare-Foure. Vamos nos divertir como só nós dois fazemos juntos.

Ela olhou para ele. *Ele estava cego para como a afetava?* E, no entanto, ela se ouviu concordar com má vontade.

— Muito bem, se eu for o único amigo que você tem em Londres.

Ele sorriu, sem confirmar nem negar que fosse esse o caso.

— Você pode ir amanhã?

— Sim, — disse ela, sentindo-se obstinada de qualquer maneira. — Vou falar com Delia esta noite, contanto que Charlotte não se importe que eu chegue tarde amanhã.

— Eu não, — sua irmã disse, provando que ela estava ouvindo o tempo todo.

— Vou buscá-la às onze horas em sua casa.

Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo quando saiu pela porta.

GREER SE SENTIU COMO SE O peso do mundo tivesse sido tirado de seus ombros. E essa sensação continuou mesmo depois que ele pegou Beatrice, parecendo extremamente aborrecida - *Deus a abençoe!* - junto com sua empregada.

— Primeira parada, Brook Street e uma casa com três andares.

— É aqui que o baronete solteiro morreu?

— O quê? — Exclamou a empregada.

— Não, eu risquei isso da minha lista, — ele assegurou. — Este é o lugar de onde a grande família se mudou.

— Então, nenhum rato também? — Beatrice perguntou, com sua língua afiada. — Você pode considerar essa, já que tem a Srta. Sylvia para mantê-los afastados.

— Tenho certeza de que ela pode fazer um trabalho competente, — disse ele. — Mas prefiro que nós não comecemos com uma população de roedores complicada.

— Nós? — Beatrice repetiu, parecendo ainda mais irritada, se isso fosse possível.

— Não importa, — disse ele rapidamente. — Espero que esta primeira seja adequada. Parecia perfeita, mas suponho que seja função do agente fazer com que qualquer propriedade pareça ideal.

— Mesmo uma com uma infinidade de ratos, — Beatrice acrescentou.

— Se não servir, existem outras casas à venda.

— Eu digo, — Delia disse, — Estou ansiosa para bisbilhotar na casa de outra pessoa.

Greer olhou nos olhos de Beatrice.

— Verdade seja dita, — ele disse, — Eu também. É divertido.

Com a expressão iluminada, talvez se divertindo contra sua vontade, Beatrice confessou:

— Eu também.

Quando a carruagem parou em frente à primeira casa, ele duvidou que precisassem procurar mais. Ficava em uma praça com um parque na frente, não uma unidade de canto, mas

havia um jardim nos fundos e um estábulo para sua nova carruagem. Ele esperava que Beatrice gostasse.

— É maravilhoso, — disse a franca Delia enquanto eles se reuniam na soleira da porta e tocavam a campainha. O agente imobiliário os deixou entrar e falou sem cessar por vinte minutos sobre todos os detalhes em cada cômodo dos três andares. Greer estava pronto para amordaçar o homem por sua tagarelice, principalmente porque isso impedia Beatrice de expressar suas opiniões e ele queria saber o que ela pensava.

Finalmente, quando o homem estava falando sobre a qualidade do corrimão pertencente à escada principal, Greer explodiu.

— Sr. Spellman, poderia fazer a gentileza de nos deixar alguns momentos a sós para passear pela casa. Talvez você possa contar à Sra. Delia sobre a qualidade do encanamento da lavanderia.

— Bem, eu não sei, — protestou Spellman.

— Sra. Delia tem a palavra final sobre se o Sr. Carson compra a casa, — disse Beatrice. — Se os aposentos dos empregados não estão de acordo com os padrões dela, então ele não pode ocupar o lugar. Você sabe o que dizem, Sr. Spellman, sobre um servo feliz.

Ele franziu a testa.

— Não, o quê?

Beatrice encolheu os ombros.

— Tenho certeza que não sei. — Com essa declaração confusa, ela caminhou pelo corredor até a parte de trás da casa.

— Ela está certa, é claro, — disse Greer ao corretor, que concordou com a cabeça. — A lavanderia *e* os aposentos dos empregados, por favor. — Ele vagou para fora da sala e ao longo do corredor, mantendo o ouvido atento até que ouviu o Sr. Spellman e a criada de Beatrice descerem. Então ele correu de uma porta para a próxima, finalmente encontrando Beatrice olhando pela janela para os fundos da casa.

— Obrigado por sua ajuda, — ele disse, ficando ao lado dela.

— Você não precisa agradecer. O homem falou como se nunca tivesse tido a chance de dizer uma palavra em sua vida e as tivesse guardado para nós.

Greer riu.

— O que você acha disso?

Mesmo vendo-a apenas de perfil, ele percebeu que a expressão dela se contraiu e ele temeu que ela dissesse que não gostou. Pessoalmente, ele achou esplêndido.

— Qualquer um teria sorte de morar em uma casa tão bonita, — ela disse finalmente. — Tenho certeza que você e Lady Emily serão felizes aqui.

Antes que ele pudesse falar, ela se virou para encará-lo.

— Quer dizer, não tenho certeza de nada disso. Vocês podem não ser adequados um para o outro, e a senhora pode

ser um pau que não gosta de se divertir. Sem querer ofender sua futura esposa.

— A mulher que desejo para minha esposa sabe desfrutar mais do que um pouco de diversão, — garantiu ele, dando um passo à frente.

Ela recuou, com as bochechas pálidas.

— Eu acabei de perceber que você não deveria estar aqui sozinho comigo, especialmente não falando sobre ela. E ela não parece o tipo de pessoa que se diverte, se assim posso dizer.

— Você pode. No entanto, não estou com você ao falar dela. Estou com você enquanto falo de *você.* Pois é claro que amo você e é com quem desejo me casar. Quer se casar comigo, Srta. Rare-Foure, e morar nesta casa? Ou você prefere ver aquela com os ratos?

Ele observou o jogo de emoções cruzar o rosto dela, um rosto amado que ele passou a depender de ver com frequência, um rosto que ele queria acordar todas as manhãs e ir dormir ao lado todas as noites. Uma pequena carranca franziu sua testa, então seus olhos se arregalaram, seus lábios se abriram em surpresa, então ela engasgou e levou a mão à boca.

— Isso é um sim? — Ele perguntou, pois ele nunca tinha certeza de onde ele estava com sua fabricante de caramelo.

— Como pode ser? — Ela perguntou.

— Como pode ser o quê? — Ele voltou.

— Como posso responder sim, sabendo que você perderá sua herança?

Ele balançou a cabeça com as palavras dela.

— Você vale mais do que qualquer casa senhorial ou pedaço de terra. Beatrice, você vale uma vida inteira de amor.

Ela recuou outro passo, parecendo alarmada.

— Você não deve dizer isso, nem mudar seu plano perfeito. Era todo o propósito de você vir a Londres e encontrar uma senhora com título. Você mesmo disse que sua propriedade dá lucro, mas precisa de você para restaurá-la. Mais importante, você disse que amou. Não posso deixar você jogar isso fora quando está prestes a atingir seu objetivo.

Ele estava começando a se preocupar que ela não sentisse o mesmo por ele. No momento seguinte, ele descobriria.

— Meu objetivo mudou, — disse ele. — Simplesmente, eu quero você.

Seus olhos estavam brilhando, mas irritantemente, ela estava balançando a cabeça.

— Não? — Ele perguntou, sentindo uma lasca de medo cortá-lo. *Será que essa mulher linda, inteligente, atrevida, teimosa, engraçada e maravilhosa realmente não o queria?*

— Escócia, — ela protestou debilmente.

— O quê? — Ele demandou.

— Se eu realmente sou sua amiga, então devo aconselhá-lo, — ela fez uma pausa, tragou uma golfada de ar, então continuou, — para manter o curso e reivindicar suas terras. Todo mundo quer ter uma terra. Até meus pais têm uma pequena casa de campo. Seria patentemente egoísta da minha

parte não lembrar você disso, e não posso ser egoísta no que diz respeito a você, que tem dado tanto a mim e à minha família.

— Egoísta? Beatrice, caramba, pela primeira vez seja como um americano e fale francamente. Você quer ser minha esposa? Sim ou não. Chega de bobagens sobre meu objetivo ridículo ou me aconselhar. — Ele se aproximou e a segurou pelos braços. — Eu não dou a mínima para ser um proprietário de terras escocesas e não preciso de você para guiar meu futuro. Mas eu quero que você participe.

Silêncio. Apenas aqueles grandes olhos azuis olhando para ele. E então ele viu, o momento em que seus pensamentos foram de duvidosos e até temerosos para aceitáveis e agradáveis. No momento em que Beatrice decidiu dizer...

— Sim. Eu quero ser sua esposa. — E ela deslizou os braços para cima e ao redor do pescoço dele, puxou sua cabeça para baixo e o beijou. Ele poderia jurar que o ar ao redor deles chiou quando seus lábios se tocaram. Foi um beijo longo e satisfatório.

Quando ele se afastou, percebeu que deslizou as mãos atrás dela e a segurava com força.

— Suponho que você não esteja interessada em nenhum dos narizes de focinhos que você conheceu.

Ela sorriu.

— Todos eles careciam de certo humor que encontrei com você.

— Você gosta de mim pela minha capacidade de diverti-la?

— Não, Sr. Carson. Eu te *amo* pela maneira como você me faz sentir quando estamos juntos. Com você, eu vi o elefante!

Ele baixou a boca para a dela novamente, respirando seu perfume de baunilha e provocando-a com os lábios.

— OH, NÃO, — VEIO UMA FAMILIAR voz chorosa. Beatrice não estava muito preocupada, mas virou a cabeça ao mesmo tempo que Greer para ver Delia parada no corredor, o corretor de imóveis dos Chesterton ao lado dela.

No entanto, ela não deu um passo para trás com culpa por ser pega beijando. Em vez disso, Beatrice baixou lentamente os braços, e depois seu americano - *o homem que a havia pedido em casamento!* - pegou a mão dela enquanto encaravam seus espectadores.

— Eu estava evitando meus deveres, — Delia gemeu. — Eu nunca deveria ter deixado vocês sozinhos. Mas os aposentos dos criados eram muito bons, — ela acrescentou, olhando para o homem ao lado dela. — E o encanamento é novo. — Então ela franziu a testa. — Isso não vem ao caso, não é? Senhorita Beatrice, você se comportou muito mal.

— Está tudo bem, Delia. O Sr. Carson me pediu em casamento e eu disse que sim.

Com um som incoerente, a empregada Rare-Foure correu para abraçá-la.

— Sua mãe disse que seria assim o tempo todo.

— Ela fez? — Beatrice perguntou. Então ela se lembrou de como Felicity previra que eles se casariam na primeira vez em que ela encontrou Greer e ela sozinhos na sala dos fundos da confeitaria.

— Ela disse, não foi? — Ele comentou, claramente se lembrando daquele dia também. — Sua mãe é uma mulher perceptiva.

— Mal posso esperar que ela volte para poder dizer que ela estava certa, — disse Beatrice. — Isso vai fazer seu dia. Por outro lado, suponho que será como todos os dias, pois acho que ninguém jamais disse a minha mãe que ela estava errada.

— E quanto a esta propriedade, Sr. Carson?

Os três haviam se esquecido completamente do agente imobiliário. Greer olhou para ela com uma expressão questionadora em seu rosto bonito. Ela assentiu.

— Vamos comprá-la, — disse ele.

GREER DEIXOU SUA futura noiva inglesa na Rare Confeitaria, onde sem dúvida Charlotte ouviria em breve as boas novas. Beatrice havia garantido que seu pai não ficaria zangado por não ter recebido permissão para cuidar da mão da filha do meio.

— Ele não é antiquado, — ela disse durante o passeio de carruagem.

— Ele não é, — Delia concordou, como se os três estivessem juntos, e os dois olharam para ela e riram. — Bem,

ele não é, — a empregada insistiu. — Sr. Foure voltará da França e ficará muito feliz por vocês dois.

— Talvez possamos ir jantar na casa de Amity amanhã, — Beatrice refletiu.

— Você está com vontade de comemorar, não é? — Ele perguntou a ela.

— Sim. — Seus olhos brilhavam como o sol na água. — Seria bom compartilhar nossas novidades e fazê-lo em St. James Place.

Ele beijou a mão dela antes de deixar ela e Delia na porta da loja. De volta ao hotel, Greer entrou pelo vestíbulo da frente porque era um prazer cada vez que o fazia. Acenando para os carregadores que se reuniam, sempre prontos para ajudar, Greer atravessou o saguão de entrada principal. Virando à esquerda, ele evitou os elevadores para a escada. Ao passar pela recepção, um porteiro o deteve.

— Você tem uma carta da América, — o homem disse e estendeu uma bandeja de prata.

Greer leu o endereço do remetente, vendo que era de seu tio. O hotel tinha seu próprio correio e um telégrafo, que ele usou para deixar o irmão de sua mãe saber onde ele estava quando se instalou. Ele não pode deixar de se perguntar por que seu tio não respondeu da mesma maneira, do que usar a rota lenta do correio por mar.

Notando com alegria que também havia um único chocolate Rare Confeitaria na bandeja, empoleirado em cima de um de seus familiares cartões branco e azul, ele enfiou o

envelope no bolso antes de pegar o chocolate e o cartão de visita.

Agradecendo ao homem, ele puxou uma moeda do bolso e deu a ele.

— O elevador chegou, senhor, — disse o porteiro. Com um encolher de ombros, Greer decidiu não ser rude, mas pegou o elevador hidráulico de que o hotel tanto se orgulhava.

No elevador, ele colocou o doce na boca. Uma explosão de delícias explodiu em sua língua e ele suspirou, pensando em sua fabricante de caramelo. *Beatrice seria sua!*

Ele não sentiu nem um pingo de arrependimento por deixar a propriedade escocesa ir. E ele esperava que seu primo distante de alguma forma superasse as legalidades e assumisse, com reformas e tudo. De sua parte, Greer teria uma casa moderna em Londres com sua linda noiva. Com sorte, eles seriam abençoados com uma grande ninhada e, se quisessem, comprariam uma modesta casa de campo para os meses que desejavam escapar da cidade, como ele ouviu que a nobreza gostava de fazer.

Sentindo-se abençoado ao entrar em sua suíte, ele foi saudado pela Srta. Sylvia e uma de suas longas sentenças felinas de miados. Quando ele se aproximou da escrivaninha, ela saltou sobre ela, espalhando o jornal que ele havia deixado ali. Ele supôs que ela estava pronta para uma caminhada.

— Espere até ver sua nova casa, — disse ele, acostumado a conversar com sua companheira fofa como se ela o entendesse. Na verdade, a proximidade deles começou no

navio quando ele percebeu que estava deixando para trás tudo o mais de sua antiga vida, e que a Srta. Sylvia era a única conexão. Ele esfregou a cabeça dela do jeito que ela gostava.

— Três andares para você governar e um jardim murado para mantê-la segura. E a mulher mais adorável para se preocupar com você. Sobre nós dois, na verdade.

Ele abriu a carta com o abridor de prata fornecido pelo hotel e examinou-a sob a luz que entrava pela janela. O irmão de sua mãe lhe desejou boa sorte e pediu desculpas pelas más notícias que ele estava prestes a dar. E então Greer sentiu seu mundo virar enquanto as palavras *arruinado, tragédia* e *ações sem valor* saltavam sobre ele.

— Você já sabe como o ano de 73 atravessou as margens, com o colapso da Cooke & Company e o desastre da Ferrovia do Pacífico Norte. A greve ferroviária do ano passado prejudicou a empresa mais do que eu imaginava, — escreveu seu tio, informando Greer sobre o impacto em suas ações, sua força de trabalho e até mesmo como o uso de passageiros havia diminuído. — Grant deixou o país sem leme e, enquanto Hayes está trabalhando em todas as frentes, ele tem uma centena de incêndios para apagar. A guerra em que seu pai morreu ainda está sendo travada, com o Sul querendo todas as tropas fora e o fim da reconstrução. Os preços do algodão foram cortados pela metade. O presidente ainda está lidando com a questão da moeda de prata, e o clamor pela aposentadoria das notas verdes fica mais forte a cada dia. A produção de aço está aumentando, mas os preços certamente não. Em suma, estamos em uma bagunça.

Greer respirou fundo. Mesmo com as ações de sua ferrovia praticamente sem valor, ele certamente deve ter um grande saldo em sua conta bancária. Ele iria imediatamente ao Barclay's Bank, na Lombard Street, e mandaria uma transferência bancária para seu banco em Nova York.

— Miau, — disse a Srta. Sylvia.

Seu tio concluiu com um pedido de desculpas por não mandar recado por telégrafo, mas a despesa exorbitante parecia insustentável em cem dólares por dez palavras.

— Além do mais, — escreveu seu tio, — como podia lhe contar tanto em dez palavras? Sinto muito. Espero que você construa sua própria vida aí na Grã-Bretanha.

— Miau, — disse a Srta. Sylvia novamente.

Mesmo com todos os seus sonhos subitamente parecendo precários e enquanto sua mente começava a meditar sobre as ramificações, Greer não se esquivaria de suas obrigações para com o precioso gato de sua mãe. Largando a carta sobre a mesa, ele pelo menos agradeceu que a carta de seu tio tivesse chegado antes de ele tentar comprar a casa.

Enganchando a coleira do gato em sua guia, ele a pegou e a carregou para fora do hotel.

Capítulo Vinte e Dois

— Não consigo imaginar por que ele não passou por aqui ou mandou uma mensagem. Amity nos convidou para jantar, — Beatrice disse a Charlotte na manhã seguinte. — Você também, é claro. E eu nem disse a ele ou garanti que ele iria. — Embora ela não tivesse dúvidas de que ele faria.

— Você não a manteve adivinhando, não é?

Beatrice sorriu.

— Não, eu não poderia. Eu disse a ela no minuto em que ela entrou aqui depois que você saiu ontem.

Charlotte bateu palmas.

— Estou tão emocionada por você. E você não precisava fingir ser uma herdeira de caramelo para conseguir um marido.

— Eu nunca fingi, — ela protestou. — Isso foi tudo você.

— Talvez fosse, — sua irmã concordou. — Em qualquer caso, agora você será uma verdadeira. Uma herdeira da ferrovia.

Beatrice franziu o nariz.

— Parece difícil de acreditar. Mal posso esperar que mamãe e papai voltem.

A porta da loja tilintou e Greer entrou. Sentindo seu amor borbulhar, ela correu em direção a ele, pensando em abraçá-

lo, embora eles não estivessem sozinhos. No entanto, a expressão em seu rosto a fez parar um passo para longe, como se ela tivesse topado com uma parede de tijolos.

— Qual é o problema?

Ele não negou que algo estava errado. Depois de olhar para Charlotte, para quem ele poupou uma careta de um sorriso, ele perguntou:

— Podemos falar em particular?

— Não vou tagarelar se vocês forem para a sala dos fundos para ficarem sozinhos, — disse Charlotte. — E eu vou ficar perto da porta para não ouvir nada.

Beatrice percebeu que algo muito sério havia acontecido. Com o coração batendo de forma irregular, ela disse:

— Venha. — Virando-se, ela liderou o caminho para os fundos da loja.

— O que há de errado? — Ela perguntou imediatamente, enquanto Greer fechava a pesada cortina de veludo atrás dele. Ele caminhou em direção ao final da sala de trabalho, depois girou e a encarou, as mãos nos quadris, empurrando o casaco para trás, parecendo um homem com uma tarefa difícil a cumprir.

Ela engoliu sua ansiedade. Afinal, ela o amava e ele a amava. Nada mais importava.

— Simplesmente, e sem esconder nada de você, — disse ele, — passei por uma terrível desaceleração em minha situação financeira.

Ela piscou. Beatrice não esperava tal coisa, mas também não sabia o que significava exatamente. Além disso, por algum motivo, não parecia ser o mais desastroso dos anúncios. Afinal, não era vida ou morte. Nem, como ela temia, ele fora chamado de volta aos Estados Unidos. *Ou ele tinha?*

— Você tem que voltar para a América? — Ela desejou que sua voz não soasse tão assustada.

Ele franziu a testa.

— Honestamente, eu não tinha pensado nisso. Pretendia falar com proprietários de ferrovias locais para ver se conseguia encontrar emprego aqui. Parece tolice voltar para a América quando sei que eles já estão em um pandemônio.

— Você sabe que tivemos nossa própria queda na ferrovia, como você chama, mas isso foi antes de eu nascer. Certa vez, fizemos uma viagem de trem maravilhosa para Edimburgo, e meu pai nos contou sobre a mania das ferrovias nos anos 40 que fazia com que todos e qualquer pessoa investissem nelas. Algumas das ferrovias planejadas eram investimentos fraudulentos. Mais e mais dinheiro foi despejado e aparentemente desapareceu, como açúcar na manteiga derretida. A coisa toda entrou em colapso eventualmente, mas só depois de uma expansão tão vasta que ainda usamos todos aqueles trilhos hoje. Suponho que isso não ajuda os homens que perderam tudo no processo.

Ele assentiu.

— Meu tio escondeu de mim os problemas de nossa empresa por muito tempo. Quando deixei o emprego, pensei

que ele tinha tudo sob controle. Em vez disso, minha fortuna em ações desapareceu, e agora elas não valem nada. Além do mais, um telegrama confirmou que minha conta bancária em Nova York está quase vazia, uma vez que não está mais sendo alimentada por dividendos.

— Oh, Greer. — Seu coração doeu por ele. Ainda assim, surpreendentemente, ele deu um meio sorriso.

— Acho que é a primeira vez que você usa meu nome de batismo.

— Em voz alta, — disse ela. — Na minha cabeça, você é Greer ou..., ela parou, sentindo seu rosto esquentar.

— Ou o quê? — Ele perguntou.

— Ou *o americano.*

— Ah, — ele acenou com a cabeça. — Icônico, sim?

— Sim. — Para ela, ele era a personificação de todas as coisas que aprendera sobre a América, robusto, franco e independente. — Portanto, não iremos para a América depois de nos casarmos, mas continuaremos a viver aqui. Eu continuarei sendo uma confeiteira e você encontrará um emprego... fazendo algo com ferrovias.

Ela embrulhou o plano em sua mente e colocou um arco nele, o tempo todo vendo pelo rosto dele que não era para ser.

— Não podemos nos casar, — ele disse, sua voz estranhamente áspera.

Ela balançou a cabeça em protesto. Sua felicidade durou apenas vinte e quatro horas, e ela não iria deixá-la ir sem lutar.

— Não posso pedir sua mão, — continuou ele, — Não enquanto minha situação for tão precária. Devo sair do Langham imediatamente. Hoje.

— Você já me pediu minha mão, — ela o lembrou. — Seria extremamente rude de sua parte retirar sua oferta quando eu disse sim.

— Eu sei. Acredite em mim, eu sei. Senhorita Rare-Foure... Beatrice, eu não posso ir para o seu pai em tal estado. Nenhum pai deve me dar sua filha no momento, e nenhum homem respeitável espera que ele o faça.

— Eu não me importo com homens respeitáveis, — ela retrucou. — Eu quero você.

Eles se encararam, então a estranheza de sua declaração fez com que os dois sorrissem.

— Você sabe que eu não quis dizer isso, — Beatrice disse a ele.

— Eu sei, mas não posso comprar a casa. Não posso sustentar uma esposa, muito menos filhos que possamos ter.

E isso provavelmente aconteceria mais cedo ou mais tarde, ela pensou, depois de passar a maior parte da noite anterior fantasiando sobre os prazeres da noite de núpcias e seu leito conjugal.

— Talvez pudéssemos morar com meus pais, — ela começou. — Amity mudou-se e há mais espaço. Minha mãe adoraria a Srta. Sylvia.

— Não, — ele disse, seu rosto se fechando. — Não estou começando a vida de casado vivendo de caridade.

— Você prefere quebrar sua palavra e não começar nossa vida de casado do que viver com minha família?

Ele suspirou.

— Eu não posso discutir o ponto. Isso me faria sentir... — Ele desviou o olhar, depois olhou para o chão a seus pés antes de terminar, — ...emasculado.

Ela caminhou até ele até que ele teve que olhá-la nos olhos.

— Orgulho. Você está dizendo que escolhe seu orgulho em vez de mim?

— Estou dizendo que não posso arrastá-la para baixo quando tudo sobre nossa associação se destinava a levantá-la. Você poderia ter escolhido um nobre...

— Como Lorde Melton! — Disse ela com desdém.

— Não, não gosto dele. Um com honra. Qualquer número de quem você dançou com esta temporada. Mas não tenho intenção de deixar você se acorrentar a um mendigo, o que com certeza estarei em breve. Posso nem mesmo ser capaz de manter a Srta. Sylvia comendo peixe branco e sardinha.

Ele sorriu de novo, tentando amenizar a situação, mas ela não estava com humor.

— Tudo sobre a nossa associação foi para *você* encontrar uma senhorita com título. Eu não poderia ter me importado menos em encontrar um nobre.

— Por favor, não fique com raiva. — Ele tirou o chapéu e o colocou debaixo do braço. — Você sabe que eu quero mais do que tudo me casar com você.

Ela cruzou os braços para evitar agarrá-lo como queria.

— Então você não deve permitir que uma coisinha como o dinheiro atrapalhe.

Ele balançou sua cabeça.

— Não é uma coisa pequena, e você sabe disso. É nosso futuro. Eu juro que vou resolver isso e quando o fizer, vou perguntar a você novamente. Além do mais, farei isso corretamente da próxima vez e perguntarei ao seu pai primeiro.

Ela suavizou quando ele disse que iria perguntar a ela novamente. Ele não ia sair de sua vida. Ele não iria quebrar seu coração.

— Você pode encontrar emprego enquanto estivermos juntos. Ainda podemos nos comprometer conforme planejado e...

— Eu não vou deixar você se comprometer comigo se eu não puder nos apoiar. Isso é definitivo.

Quem disse que os americanos são tranquilos? Ela queria atacá-lo por sua teimosia e sua conversa sobre castração. Ele não parecia menos masculino para ela hoje, sem sua fortuna, do que no dia anterior. Seu temperamento explodiu.

— Suponho que você deva voltar ao seu objetivo original e cortejar a rica Lady Emily. Com o dinheiro dela, você poderá comprar a casa, obter sua propriedade escocesa e começar sua

família. E tenho certeza de que ela pode comprar todas as sardinhas que a Srta. Sylvia poderia desejar.

— Eu não vou cortejar Lady Emily. — Ele colocou a mão em seu queixo e o segurou. — Para começar, ela não me quer agora que não tenho dinheiro. E por outro, não sei se ela gosta de gatos.

Ele estava zombando dela. Beatrice tentou afastar a cabeça, mas ele a manteve imóvel.

— Por favor, Beatrice, eu não queria que isso acontecesse. Eu quero apenas você.

Ela ouviu a angústia em sua voz e cedeu.

— Muito bem. Eu o liberto do noivado e direi a Charlotte para não mencionar que isso já aconteceu. E sobre a temporada?

Ele deu uma risada melancólica.

— O que tem isso?

Ela encolheu os ombros.

— Já está pago e não há como recuperar esse dinheiro, nem custo dos vestidos ou ternos. Depois do baile em Marlborough House, eu terminei tudo, mas então quando nós... quando pensei que íamos nos casar, estava ansioso para terminar a temporada com você. — Ela finalmente sorriu para ele. — Talvez ainda possamos desfrutar de dançar juntos.

— Eu me sentiria como um impostor estando com aquelas pessoas.

Desta vez ela riu.

— Nós já estávamos. No entanto, agora que você não vai perseguir nenhuma dama com título nem eu nenhum nobre, seremos mais verdadeiros do que nunca. Vamos terminar a temporada, Greer.

Ele considerou.

— E se algum Lorde ranhoso e empertigado pedir sua mão?

— Mesmo se um rei me pedisse, eu não daria a ele.

Tomando o rosto dela entre as palmas das mãos, ele olhou nos olhos dela.

— Lorde ranhoso-empertigado pode dar a você uma vida como a de sua irmã.

— Eu não gostaria dessa vida, — ela prometeu. Então sorriu. — Não com um ranhoso empertigado.

E então Greer a beijou, lenta e profundamente, com uma ternura agridoce que apertou seu coração. Ela queria segurá-lo para sempre, mas quando ele ergueu a cabeça, não havia mais nada a dizer.

Colocando o chapéu na cabeça, ele saiu.

GREER ESTAVA PREOCUPADO COM A Srta. Sylvia. Ela certamente não gostou do novo hotel. Era um único cômodo no térreo e parecia um casebre em comparação com o Langham. Isso porque *era* um casebre em comparação com qualquer outro lugar, exceto um galpão de jardim. Mas também custou por três semanas o mesmo custo da suíte de hotel anterior por uma noite.

Sempre que ele voltava, ela balançava o rabo com raiva e tentava passar por ele. Como não havia estacionamento seguro do outro lado da rua, ele teve que protegê-la e levá-la mais longe para encontrar grama verde. Andar na calçada era um pesadelo, pois o tráfego de pedestres era muito denso e ele corria o risco de ela ser chutada ou pisada.

Ele não conseguia imaginar como iria encontrar um lugar aceitável para morar e um bom emprego. Além disso, apesar do que disse a Beatrice sobre não voltar para a América, ele agora considerava se seria o melhor. Talvez ele pudesse ajudar seu tio a levar o negócio de volta ao seu pináculo, embora o irmão de sua mãe curiosamente não tivesse pedido sua volta ou sua ajuda. Na verdade, Greer se sentiu decididamente isolado.

Depois de caminhar e alimentar a Srta. Sylvia, ele foi ao The Cock Tavern na Fleet Street, como fazia todas as semanas, a menos que houvesse um evento naquela noite de quarta-feira. E mesmo assim, às vezes ele ia de um jantar farto de bife para o salão de baile, já que a comida no baile era geralmente esparsa e leve e não era fornecida até a meia-noite.

Naquela quarta-feira, ele encontrou apenas dois de seus novos amigos, incluindo John Delorey, o tecelão que bebia cerveja preta, e Randall Molino, o antiquário, que bebia whisky.

— Sua reunião é menor esta noite, — disse Greer enquanto se sentava. Chamando o garçom, uma garçonete atraente como todos os garçons eram para manter os clientes

em sua maioria homens felizes, ele pediu cerveja e um bife. De repente, ele percebeu que poderia ter que cortar até mesmo este simples prazer em breve.

— George está lidando com uma greve entre os trabalhadores de sua fábrica, — disse Delorey. — E Jeremiah perdeu o emprego, então ele está em casa meditando com sua esposa.

Pelo menos o homem tinha uma esposa. Mas, vendo como todos tinham problemas, Greer decidiu se concentrar mais nos deles do que nos seus.

— Que tipo de trabalho Jeremiah faz? — Greer não acreditava que ele já perguntou antes.

— Desbastador de carvão nas docas Victoria.

— Verdadeiramente? Achei que esse trabalho estaria garantido.

— Muitos podem fazer isso, e ele foi pego com gim no almoço. Mas não se preocupe com Jeremiah. Ele encontrará trabalho novamente. Ele sempre faz isso, — disse John. — Provavelmente nas docas de St. Katherine ou Millwall.

Greer acenou com a cabeça, aliviado quando um copo de cerveja foi colocado diante dele. Ele engoliu metade antes de perceber que os outros haviam parado de falar e o encaravam.

— O senhor não parece o mesmo, senhor Carson, — observou o silencioso e vigilante Molino. — Um pouco taciturno esta noite?

Greer considerou o quanto dizer. Ele se encontrou com esses homens cerca de oito vezes. Eles eram mais do que conhecidos, mas talvez não amigos. Então ele pensou como isso importava pouco. Ele não tinha uma reputação a defender. Eles não eram a nobreza que o julgaria, também.

— Eu me descobri tendo balançado do topo da pilha para o fundo no decorrer de um dia. Tive uma mulher que concordou em ser minha esposa e pensei que tinha uma conta bancária gorda para sustentá-la. Agora não tenho nem emprego. Como Jeremiah, estou pensando.

Delorey deu-lhe seu tapa habitual nas costas.

— Então você está procurando trabalho, não é?

— Eu estou e um lugar permanente para morar porque os hotéis são caros. Estranhamente, tenho uma propriedade de família na Escócia que não posso ter, nem, se pudesse, seria capaz de pagar por sua manutenção. Tenho uma mulher que me ama, mas também não posso pagar por sua manutenção.

Os homens riram como se ele tivesse falado de brincadeira.

— Que tipo de trabalho você fez na América? — Delorey perguntou.

— Todos nós pensamos que você era rico como Creso, — acrescentou Molino.

— Eu também, — disse Greer, esvaziando o resto de sua cerveja e gesticulando para o garçom pedir outra. — Tenho gastado como ele também e agora descobri que a empresa da

minha família faliu. Os estoques das ferrovias estão virando fumaça.

— Ferrovias, — Delorey repetiu. — Você consegue trabalhar com eles ou só sabe ganhar dinheiro com os outros que trabalham com eles?

— Uma pergunta justa, — disse Greer. — Fiz todos os trabalhos na linha, desde a troca de homem até o cabeçalho da caldeira, e discuti com mais de um caçador de tonelagem sobre a segurança de um trem muito longo e pesado. Eu também já comi minha cota de refeições no beanery.

— Justo. Vou perguntar por aí. Certamente há empregos para ferroviários experientes.

Greer encolheu os ombros.

— Quem está atacando no relógio de George?

— George tem uma equipe de acendedores de lâmpadas.

— Lâmpadas a gás? — Greer perguntou. — Parece mais fácil do que trabalhar na ferrovia.

Seus novos amigos riram.

— Talvez mais fácil, mas o pagamento é uma porcaria e com a luz elétrica chegando, eles estão ficando nervosos.

— Daí a greve, suponho, — disse Greer. Na verdade, ele se sentia animado em falar com aqueles homens. Pedindo uma terceira cerveja enquanto seu bife chegava, ele mencionou o que mais o estava incomodando. — Se eu pudesse ter dominado a terra na Escócia, teria uma renda.

— Por que você não pode? — Delorey perguntou, seu interesse aguçado.

Greer pensou no que dizer, mas a cerveja havia afrouxado sua língua e ele disse a verdade.

— Sem meu próprio dinheiro, não posso oferecer por uma dama com título e, sem ela, não posso cumprir as estipulações do testamento de meu bisavô que me permitiria herdar.

— A mulher que concordou em ser sua esposa é uma senhora com título?

Ele sorriu.

— Não, eu me apaixonei pela filha de um comerciante. Decidi desistir de minha herança por ela.

Delorey balançou a cabeça com pena.

— E agora ela não vai se casar com você porque você perdeu sua riqueza.

— Estranhamente, ela vai, mas eu não vou me casar com ela até que possa sustentá-la.

Molino concordou com a cabeça.

— É uma pena que você não possa obter sua propriedade, se, como você diz, ela gera lucro. Deve ser uma boa terra para fazer isso sem um mestre à sua frente.

Greer se lembrou da convicção que sentira ao visitar a casa principal, de consertá-la e trazer sua própria família para lá.

— Se meu pai estivesse vivo, ele sem dúvida lutaria por isso e provavelmente teria um plano também. Há uma pintura em uma sala que parece como eu me lembro dele, embora eu saiba que não é meu pai, mas do pai dele, quando jovem.

No retrato, seu avô, cheio de energia e vigor, olhava para o observador, com as costas retas como uma vareta, com uma das mãos apoiada no punho de sua espada embainhada - a mesma que seu pai havia tomado e perdido na guerra - e um colar de cores vivas agarrado ao outro. Greer achou estranho na época, mas enquanto se perguntava sobre o colar, sem nunca tê-lo visto em sua mãe, não havia ninguém lá para perguntar, exceto uma empregada assustada e alguns fazendeiros do lado de fora.

— Seus pensamentos estão a mais de um segundo de distância, — observou Delorey. — Como um homem apaixonado.

Greer começou a comer seu bife, pensando no retrato, em Beatrice e no colar... *e na Srta. Sylvia?* Ele parou de mastigar, incapaz de acreditar no que seu cérebro estava pensando. O colar do retrato era estranho porque não era um colar de pérolas, nem mesmo de diamantes, nem de uma única joia preciosa. Era uma mistura feia de pedras. Assim como a coleira do gato.

— Você avalia joias? — Perguntou a Molino, o antiquário.

Seus olhos brilharam com interesse.

— Eu faço. Eu me especializo no período Tudor, mas posso olhar para qualquer coisa. Se eu não souber, posso mandar você para alguém que sabe.

— Você de repente se lembrou de algum tesouro escondido? — Delorey perguntou com uma risada.

Greer balançou a cabeça maravilhado.

— Talvez eu tenha. Provavelmente deveria guardar para si mesmo até estar na segurança da loja de Molino, mas com um bom humor atípico, o homem pagou outra rodada para todos. Com a língua lubrificada, Greer contou-lhes sobre o colarinho da Srta. Sylvia, descrevendo as pedras, e contou-lhes sobre a pintura.

— É possível que quando meu avô partiu para a América, ele não levou sozinho aquela espada, mas também as joias. Vou passar na sua loja amanhã. Não preciso saber um valor com precisão, apenas se algo é real ou de vidro.

— Posso fazer isso, — concordou Molino, — e com prazer. Mas não amanhã. Eu não estarei na minha loja. Venha na sexta-feira de manhã e veremos o que você tem.

GREER ESTAVA SOMENTE A METADE - convenceu que as joias no colarinho da Srta. Sylvia eram parecidas com as que ele vira na pintura. Mas valeu a pena tentar. Quando ele entrou em seu novo quarto, como sempre, o gato tentou passar por ele e, como sempre, ele estava pronto para ela.

Agarrando-a pela nuca, ele chutou a porta e se sentou na cama com ela. Não havia sofá, mas uma cadeira velha e uma pequena escrivaninha.

— Sim, vamos sair, mas não até de manhã. É tarde, e você já deu uma caminhada, — ele disse, acalmando-a com uma massagem atrás das orelhas enquanto olhava para seu colarinho.

Nem uma vez ele considerou as joias reais. Os suportes de metal presos na larga tira de couro presa sobre cada joia, e agora, enquanto a Srta. Sylvia ficava relativamente parada, ele achava estranho que cada joia tivesse um formato e tamanho diferentes. Se fossem feitos de vidro ou mesmo de bolinhas coloridas, ele imaginava que teriam formato semelhante.

Girando a gola em seu pescoço, ele contou, quinze joias ao todo. Se elas fossem reais...

Soltando-a, ele se deitou, colocando as mãos atrás da cabeça. Ele não deve se precipitar, ou a decepção seria muito grande. Ele não deve nem começar a imaginar o que significaria se fossem pedras preciosas, mas ele não se conteve. *Beatrice!* Ele seria capaz de pedir a ela novamente para ser sua esposa.

Com o lucro da venda das joias, ele poderia comprar a casa imediatamente e ter o suficiente para viver confortavelmente por alguns anos, embora não para sempre. Nesse ínterim, ele encontraria um bom emprego, talvez até investisse no mercado britânico.

A Srta. Sylvia aproveitou esse momento para pisar em seu estômago.

— Ufa, — disse ele, enquanto as patas dela pareciam penetrar em seus órgãos, mas ele não se importou. Se ele não

estivesse tão cansado e cheio de cerveja, ele daria uma alegre dança pela sala minúscula.

— Eu não deveria me deixar ficar muito animado, — ele disse a ela sem levantar a cabeça. Mas, pela primeira vez em uma semana, ele ignorou os sons altos de pessoas lutando ao longo do corredor e dormiu profundamente.

No dia seguinte, depois de cuidar da Srta. Sylvia, ele saiu correndo da sala com a intenção de ir diretamente para a Baker Street. Ele desceu alguns metros na rua, chamou uma carruagem de aluguel e saltou para dentro. Beatrice só estaria na confeitaria quase meio-dia, como era seu hábito, mas ele a encontraria em casa.

A uma rua de distância, Greer gritou para o motorista parar e levá-lo de volta. Dois pensamentos passaram por sua mente, o primeiro era como ele já havia brincado com as emoções de Beatrice uma vez, embora não tivesse sido intencional. Não deveria dizer nada até saber com certeza se as joias do colar valiam uma fortuna. *Talvez duas fortunas!* Seu segundo pensamento foi, se ele fosse a algum lugar, ele deveria pegar a coleira para que pudesse ficar de olho nela.

Sem saber ao certo que escolha faria, se ver Beatrice ou não, Greer pagou ao motorista e o deixou ir. Outro carro chegaria em um minuto se ele decidisse ir. No momento em que ele entrou no hotel miserável e sujo, ele decidiu que não iria egoisticamente aumentar as esperanças de sua fabricante de caramelo.

Caminhando pelo corredor escuro, ele encontrou a Srta. Sylvia, inesperadamente correndo em sua direção ao longo do tapete puído. Levou apenas um segundo para perceber que alguém devia ter aberto sua porta, alguém que não estava pronto para a intenção determinada do gato de escapar.

Abaixando-se como havia feito muitas vezes, ele a ergueu enquanto ela tentava passar por ele. Cautelosamente, com a Srta. Sylvia debaixo do braço, ele continuou ao longo do corredor, mas antes de chegar ao seu quarto, um homem apareceu. Um estranho com seu chapéu puxado para baixo sobre o rosto. Ele avistou Greer e correu na direção oposta pelos fundos do beco, arrancando a porta quase fora das dobradiças na tentativa de escapar.

Greer não o perseguiu. Com a Srta. Sylvia em seus braços, era inútil. Ele não se atreveria a colocá-la no chão, nem a deixaria sozinha em seu quarto. A fechadura foi facilmente arrombada e ele não podia confiar que isso não aconteceria novamente.

Suas coisas foram jogadas em desordem. Estranhamente, seus lenços de seda ainda estavam lá, amontoados, seus bons sapatos também, e seus ternos haviam sido retirados do interior do guarda-roupa, mas nada levado. Ele não tinha muito mais valor, pois usava o relógio de bolso de seu pai e carregava sua carteira. Ele tinha alguns papéis da América, incluindo a carta de seu tio que chegou recentemente para virar sua vida.

Felizmente, ele surpreendeu o ladrão. Embora, ao reconsiderar, ele não tivesse feito nada. O homem havia saído, talvez assustado quando a Srta. Sylvia escapou. De qualquer forma, não era seguro para o gato ali, e Greer supôs que ele teve sorte em uma semana por alguém não ter tentado roubá-lo antes.

Com apenas um lugar que ele poderia pensar em ir, ele girou a chave na fechadura, feliz que o homem não a quebrou ou, pior, chutou a porta e a estilhaçou. Lá fora, ele chamou outra carruagem de aluguel.

— Para Baker Street, — disse ele.

Capítulo Vinte e Três

— Mr. Carson está aqui e trouxe um amigo, — disse o mordomo com um longo suspiro de sofrimento. Beatrice ficou surpresa que o Sr. Finley tivesse tido tempo para encontrá-la e contar a ela. — Eles estão na sala, senhorita.

— Obrigada. — Curiosa para saber quem Greer trouxera, ela foi até a porta fechada da sala e tentou abri-la. Ela não se mexeu, como se alguém estivesse encostado algo nela.

— Sr. Carson? — Ela chamou pela porta.

— Sim, espere um momento. — Ela esperou. — Tudo bem, entre.

Desta vez, ela abriu com seu toque, e ela avistou Greer segurando uma Srta. Sylvia de aparência arisca.

Beatrice não pode deixar de sorrir.

— Que bom que vocês dois vieram.

— Por favor, feche a porta, — ele pediu. — Ela está tentando escapar do meu quarto há dias e hoje, ela conseguiu. Acho que ela está um pouco indisposta depois que a peguei correndo pelo corredor do hotel.

O sorriso de Beatrice desapareceu quando ela fechou a porta com firmeza atrás dela.

— Que coisa horrível! Você poderia tê-la perdido. Como ela escapou?

— Fui roubado!

Ela engasgou, e ele esfregou a cabeça de seu gato distraidamente.

— Na verdade, eu não estava. Meu quarto foi arrombado, mas nada foi levado. Talvez o ladrão não tenha gostado do meu gosto para roupas. Talvez o sujeito desejasse que eu tivesse algo valioso, mas saiu correndo atrás da Srta. Sylvia. Eu o vi sair.

— Eu sinto muito. Isso nunca teria acontecido se você ainda estivesse no Langham.

— É verdade. Posso colocá-la no chão?

— Claro. — Ela o observou colocá-la cuidadosamente no chão, e ela imediatamente se esgueirou para debaixo do grande sofá.

— Ela passou por muitas viagens e reviravoltas em sua vida para um gato.

— Para qualquer um, — Beatrice concordou.

— Eu a trouxe com a esperança de que você a mantenha segura até que eu... até eu encontrar uma situação melhor.

— Você hesitou. O que você não está me dizendo? — Ela exigiu.

Ele parecia atordoado e então sorriu.

— Nós nos conhecemos muito bem, não é? Não acredito que posso esconder nada de você, nem devo tentar.

— Não, — ela disse a ele, — Você não deveria. Se você vai começar a se proteger e não ser meu amigo franco americano, pode ir embora e levar a Srta. Sylvia com você.

— Você está certa. — Ele se aproximou e segurou as mãos dela. — Eu simplesmente não queria criar falsas esperanças.

Beatrice inclinou a cabeça para ele, seu coração batendo forte com sua proximidade.

— Significado?

Seus olhos azul-acinzentados enrugaram nos cantos.

— Eu amo a maneira como você faz exigências.

Ela revirou os olhos.

— Explique-se.

Em vez de fazer tal coisa, ele a beijou. Ele não demorou, simplesmente plantou sua boca na dela, fazendo-a ofegar novamente, e quando ela o fez, ele passou a língua entre seus lábios e tocou a dela.

E enquanto ela ainda estava processando esta extraordinária mudança de eventos em sua manhã monótona, ele ergueu a cabeça e descansou a testa sobre a dela.

— Peço desculpas. Eu sei que beijar você aqui, na casa dos seus pais é provavelmente ainda pior do que na Rare Confeitaria...

— É isso? — Ela perguntou.

— Muito desrespeitoso, — acrescentou ele, — Especialmente com a ausência deles. Eles ainda estão longe, não estão?

Ela assentiu com a cabeça, sentindo-se tonta com a forma como sua língua acariciou a dela e a maneira como ele ainda apertava suas mãos com tanta força.

— Mas assim que eu estou perto de você..., — ele parou.

— Eu sei. Eu sinto o mesmo.

— Eu não quero enganar você, — ele disse com um gemido e a soltou. — Onde aquele gato foi parar?

— Ela... — Beatrice examinou a sala. — A Srta. Sylvia está agora embaixo do aparador. Por quê?

— A coleira dela, — ele disse simplesmente. — Eu acho que você acertou o prego em sua cabeça, e eu fui muito estúpido para perceber.

— Franqueza, Greer, — ela o advertiu.

— Eu acredito que seu colar, aquele que minha mãe devotada e amorosa deu a ela, está incrustado com pedras preciosas de verdade.

— Querido Deus! — Beatrice se aproximou do longo armário de nogueira, agachando-se para poder espiar por baixo.

A senhorita Sylvia sibilou e deu as costas.

— Ela está definitivamente indisposta. — Beatrice se levantou e se virou para ele. — O que te faz pensar isso?

— A pintura. Eu mencionei que há uma pendurada em Carsonbank, no escritório?

— Você fez. Você disse que era o cuspe e a imagem do seu próprio pai.

— Meu avô está segurando uma corrente estranha e desajeitada com joias.

— Chamamos isso de colar, — brincou Beatrice.

— Eu sei. Eu sei. Mas era, pelo menos aos meus olhos, feio. Quero dizer, olhe para a coleira. Você usaria todas essas pedras de uma vez em volta do pescoço, mesmo se elas estivessem em uma corrente de ouro em vez de uma pulseira de couro?

Beatrice tentou imaginar uma exibição tão espalhafatosa.

— Não, suponho que não.

— Em todo caso, eu me lembrava de ter visto o colar e achei estranho. Então algo me distraiu, um dos ratos correndo pelo lugar, talvez

— Ratos? — Ela estremeceu. A própria ideia deles correndo fez sua pele arrepiar.

— Eu disse a você, está abandonado em alguns lugares. Havia um buraco onde a parede de pedra desabou e ninguém fez mais do que enfiar palha e pendurar um cobertor. Não é o maldito Langham. — Ele deu uma gargalhada. — Pensei em perguntar ao zelador se ele sabia da pintura, mas ele não estava por perto, se há alguém além da empregada e dos pastores.

— Quem é o executor do testamento?

Seus olhos se abriram.

— Você é tão sensata. Eu sabia que vim ao lugar correto para repassar meus próprios pensamentos dispersos. Vou escrever para o administrador em Edimburgo e perguntar sobre as joias. Posso pegar emprestado um papel de carta? — Ele passou a mão pelo cabelo e caminhou pela sala distraidamente como se sua mente estivesse correndo. — Enquanto isso, tenho um amigo que se ofereceu para avaliá-lo.

— Você fez? Quem? Onde? — Beatrice nunca tinha ouvido falar de tal pessoa em sua vida.

— Tenho alguns homens com quem me encontro uma vez por semana, — disse ele.

— Oh, sim, aqueles na taverna.

— Exatamente. Um é um antiquário que entende de joias.

Ela balançou a cabeça.

— Ao lado da Rare Confeitaria está uma joalheria refinada de classe mundial. Você não percebeu isso? Asprey's?

— Sinceramente? Não. — Ele inclinou a cabeça e parecia tão atraente que ela quase suspirou. — Quando estou em qualquer lugar perto de sua loja, geralmente estou com muita pressa para entrar e ver você. Estou com minhas vendas, meu ritmo acelera e corro para a porta.

— Você provavelmente deveria levar a coleira para Asprey's, — ela persistiu.

— Talvez para vender, sim. Mas acho que devo deixar o Sr. Molino dar uma olhada. Eu já disse que faria. Amanhã.

— Você vai levar a Srta. Sylvia com você?

— Não, eu estava esperando que você a mantivesse segura aqui. Hoje. Agora, na verdade. Se eu tivesse voltado um minuto depois para o meu quarto, ela teria sumido.

Beatrice mal podia imaginar seu horror.

— E com uma fortuna potencial em volta do pescoço!

— Exatamente, — ele disse novamente. — Você entende a situação. Ela pode ficar com você? E gostaria de deixar a coleira aqui também. Não posso arriscar no meu hotel pulgão. Vou pegar a coleira amanhã há essa hora.

— Claro, mas eu tenho que ir trabalhar em uma hora. Podemos trancar a Srta. Sylvia no meu quarto assim que a pegarmos, e direi à empregada para não abrir minha porta. Vou perguntar se temos sardinhas na despensa.

— Perfeito. Obrigado. — Ele segurou a mão dela. — Posso acompanhá-la até a confeitaria em uma hora?

— Eu gostaria disso. — Ela considerou um momento. — Mas só se você me deixar ir com você para ver o antiquário amanhã.

Greer riu de sua sugestão.

— Porque é que isso é engraçado? — Ela exigiu.

— Você pode vir, — ele concordou. — Afinal, você é tão boa em encantar pessoas.

BEATRICE PODIA NÃO ser a mais afável das pessoas, nem se dar bem com todos como Charlotte e Amity faziam, mas ela se considerava uma boa juíza de caráter. E a partir do momento em que ela entrou na loja de antiguidades mal iluminada do Sr. Molino no dia seguinte, sua nuca formigou.

Talvez durante uma refeição em uma choperia, o homem parecia ser um bom sujeito, mas a maneira como olhou para ela quando Greer os apresentou a fez pensar que ele tinha algo a esconder. Isso e a camada de poeira em muitos de seus produtos a fizeram questionar seu senso de negócios. Se ela estivesse administrando a loja, ela colocaria mais lâmpadas, varreria o local, tiraria o pó de tudo e pintaria as paredes com uma cor alegre.

Greer apertou a mão do homem.

— Como prometido, trouxe a coleira da minha gata para sua avaliação.

Quando ele o tirou do bolso, Beatrice quase desejou que ele o guardasse imediatamente. O olhar do Sr. Molino pousou na coleira com a mesma rapidez com que a Srta. Sylvia atacou as sardinhas no dia anterior, e seus olhos brilharam de interesse. Seu rosto, entretanto, permaneceu impassível. De trás do balcão, ele tirou um bloco de veludo preto e gesticulou para que Greer colocasse a gola em cima dele. Em seguida, sacando uma lente de aumento, o homem olhou através dela, o rosto a centímetros das pedras.

Quando ele levantou a cabeça, a evidência de vários pensamentos cruzou seu rosto. Beatrice se perguntou o que seriam.

— Bem? — Greer perguntou, e ela pode ouvir a esperança em seu tom.

Após uma breve hesitação, o Sr. Molino balançou a cabeça.

— Lamento dizer, acho que são joias de imitação. Algumas parecem pasta de boa qualidade.

— Pasta? — Beatrice questionou. Ela imaginou o fondant de chocolate pastoso que Amity fazia ou a pasta de marzipan de Charlotte.

— Isso significa vidro com chumbo cortado à mão, Srta. Rare-Foure. Às vezes, o vidro é polido com metal colorido ou, alternativamente, é colocado sobre uma base de folha, colorida para combinar com qualquer tipo de gema que se queira imitar. Em seguida, é polido até se parecer com um rubi ou uma esmeralda.

Ela sentiu a decepção de Greer emanando dele.

— Então eles são inúteis? — Ele perguntou.

— Não necessariamente, — disse Molino. — Acho que foram feitos na década de 1730 ou por aí. Falsificações de boa qualidade, eu diria, com mais de um século. Alguém vai pagar muito bem por eles, pois cada um pode ser colocado em um anel ou pingente.

— Quanto? — Greer perguntou, parecendo derrotado. — Não creio que a pasta valha o que uma verdadeira gema valeria.

— Não, certamente não. Uma fração do valor, mas não sem valor, de forma alguma.

— Obrigado, — disse Greer, — Por olhá-las.

O Sr. Molino colocou a coleira de volta no veludo e olhou longamente para Greer.

— Eu sei que isso é importante para você. — Seu olhar captou Beatrice também. — Há muitas mulheres que querem joias finas, mas baratas, que pareçam ser o que não são. Deixe comigo, e posso buscar o melhor preço para você.

Quando ele começou a fechar os dedos ao redor do colarinho mais uma vez, Beatrice estendeu a mão e agarrou-o, segurando-o com força.

— Eh? — O Sr. Molino exclamou surpreso.

— Considere a Srta. Sylvia, — disse Beatrice a Greer, — e sua mãe. Se não vale muito, então...

— Quem é a Srta. Sylvia? — O Sr. Molino interrompeu, seu olhar disparando para a coleira em sua mão e parecendo mais animado do que desde que chegaram.

Ela só sabia em seu interior que se ela não tivesse aceitado, ele nunca teria devolvido.

— Minha gata, — disse Greer, seu tom divertido. — Senhorita Rare-Foure, duvido que a Senhorita Sylvia se importe com sua coleira, e minha mãe não é mais deste mundo

para ter uma opinião. Vamos deixar isso com meu amigo e ver o preço que ele pode conseguir por isso.

O Sr. Molino estendeu a mão com a palma para cima.

— Bem, sim, certamente poderíamos fazer isso, — Beatrice concordou, abrindo sua bolsa e deixando cair a coleira dentro de modo que não houvesse nenhuma maneira possível de qualquer um dos homens poderia recuperá-la. — E talvez o façamos. No entanto, você sabe o que dizem sobre as decisões tomadas às pressas.

— O que eles dizem? — Greer perguntou, parecendo surpreso com a força dela em pegar a coleira de seu gato.

— Algo sobre pressa em todos os negócios traz o fracasso - de Heródoto, eu acredito. — Ela piscou para o antiquário.

O Sr. Molino cruzou os braços, parecendo aborrecido.

— Talvez você estivesse pensando na comédia de Congreve, *The Old Bachelor,* uma das minhas favoritas, em que ele avisa sobre o casamento às pressas e o arrependimento à vontade. — Ele acenou com a cabeça para Greer como se estivesse enviando uma mensagem, e Beatrice teve certeza de que havia se sentido insultada.

— Em qualquer caso, — o homem continuou, — talvez sua amiga esteja certa. Segure-se até decidir. No entanto, mesmo as gemas em pasta devem ser mantidas em segurança. Seu hotel não é o melhor, pelo que me lembro.

— Você está certo sobre isso, — disse Greer. — Meu quarto já foi invadido uma vez. A senhorita Rare-Foure vai segurar a coleira para mim.

De volta para fora, ele se virou para ela.

— O que foi aquilo?

— Eu não gosto dele, nem confio nele.

Greer sorriu.

— Ele nunca me deu nenhum motivo para desconfiar dele e sugeriu que mantivéssemos a coleira segura.

— Pareceu-me que ele queria saber onde você pretendia mantê-lo.

Desta vez ele riu.

— Esses pensamentos tortuosos. Vou confiar em você para manter as pedras de pasta seguras, mas ainda assim gostaria de saber por quanto posso vendê-las.

TENDO SIDO DEIXADA CAIR diretamente na confeitaria depois da loja de antiguidades suja, Beatrice contou a Charlotte sobre os acontecimentos da manhã.

— Uma pena, — disse Charlotte. Ela disse a mesma coisa na noite anterior, ao tentar fazer amizade com o novo residente de sua casa. Naturalmente, a Srta. Sylvia silvou e recuou para debaixo da cama de Beatrice com um balançar raivoso de sua cauda absurdamente fofa.

— Não é sua culpa, — ela assegurou a Charlotte que parecia desencantada. — Acho que a Srta. Sylvia passou por muitas mudanças e está cansada disso.

— A maneira como você se comportou na primeira noite em que estivemos na França da última vez, — sua irmã brincou.

— Isso é mais do que uma mera *vergonha,* — disse Beatrice, tirando o casaco e o chapéu e amarrando o avental. — Isso pode ser a ruína da minha felicidade futura, e não pretendo desistir tão facilmente.

— O que você pode fazer? — Charlotte perguntou.

— Vou fazer o caramelo primeiro e depois vou pedir uma segunda opinião na porta ao lado. Eu sei que a Asprey's não é estritamente uma joalheria, mas se alguém for honesto, é uma empresa que possui um mandado real.

— É uma grande ideia, — Charlotte concordou.

Duas horas depois, ela entrou na loja vizinha. Cheirava a polimento e couro, bem como ao aroma inebriante dos suntuosos arranjos de flores frescas em vasos de cristal espalhados pelas vitrines da Asprey. Ela foi saudada imediatamente por uma vendedora, vestida com um uniforme bem engomado.

Ela estava interessada em uma maleta de vestir, queria saber o funcionário, ou em uma das malas de couro para viagem que poderiam suportar os rigores da ferrovia? Beatrice balançou a cabeça. Passando entre os anunciados - artigos de design exclusivo e alta qualidade, - como Asprey's orgulhosamente proclamou nos jornais e em sua vitrine, Beatrice chegou ao balcão discreto de um lado da loja. Sua mãe tinha um relacionamento amigável de longa data com o gerente

da loja, o Sr. Russell, e Beatrice perguntou por ele imediatamente.

Sempre que os Asprey's realizavam uma função especial, eles serviam a Rare Confeitaria, e quando Beatrice e sua família haviam deixado Londres para sua casa de campo no ano anterior, Asprey's tinha feito o resto de seu estoque de confeitaria, vendendo os doces como um favor. Seu pai tinha ficado muito impressionado como o Sr. Russell mantinha uma conta até o último centavo do que ele devia a eles, não um pedaço de caramelo ou um chocolate não contabilizado.

Enquanto esperava que o Sr. Russell fosse chamado de seu escritório nos fundos, Beatrice não pode deixar de admirar todas as coisas bonitas. Alguns eram para a casa, outros para adornos pessoais, tudo bem trabalhado, refinado e bonito. Tanto é verdade que a própria Rainha Vitória reconheceu sua conquista.

E se ela estivesse trazendo joias feitas de cola?

— Senhorita Rare-Foure, — veio a voz estrondosa do Sr. Russell. — A que devo este prazer? Você me trouxe algo? Caramelo coberto de chocolate, talvez?

Ela sorriu. Ela pode ser considerada rabugenta, mas ela sabia como passar manteiga no pão. Colocando uma lata de Rare Confeitaria de prata brilhante no balcão, ela disse:

— Caramelo com chocolate para você, Sr. Russell.

— Você é uma menina doce. — Abrindo imediatamente a lata, ele colocou um pedaço na boca. — Sirvam-se, meninas,

— ele gritou para as balconistas, que vieram como abelhas ao pólen.

— Mas você não veio me trazer um presente, veio? — Ele perguntou, o caramelo dobrado em sua bochecha, que ela educadamente ignorou.

— Não senhor. Posso falar com você a sós?

Ele ergueu as sobrancelhas e assentiu.

— Nancy, pegue a lata de doces, certifique-se de que todos recebam um pedaço e guarde alguns para mim, está bem?

— Sim, senhor, — a vendedora se afastou com outras três pessoas ao seu redor.

— Agora, como posso ajudá-la?

— Tenho uma coleira de gato com joias. Elas podem ser apenas pasta coladas, mas achei que você deveria saber ou um de seus joalheiros poderia dar uma olhada.

— Nada de errado com a pasta, — disse Russell enquanto ela colocava a bolsa no balcão e a abria. — Maria Antonieta usava joias de pasta junto com pedras preciosas. Às vezes, se algo é bonito, dá tanto prazer quanto algo caro.

— Não são particularmente bonitos, para falar a verdade.

Ela retirou a coleira e estendeu-a para ele na palma da mão. Ele engoliu em seco e tossiu. Ela esperava que ele não engasgasse com sua doce oferta.

— Um momento, por favor. — Ainda tossindo, ele se curvou atrás do balcão e abriu uma gaveta, extraindo uma

lupa de joalheiro presa a uma correia. Ele colocou isso em volta da testa antes de pegar a coleira.

— Hm, — disse ele. — Hm, sim. Como eu pensava. Sim. — Ele o virou várias vezes, examinando cada joia, e então olhou para o próprio couro. — Para Greer, com todo nosso amor.

Seu coração parou. *Essa mensagem era de sua mãe?* Afinal, ela deu a ele o gato.

— Como você conseguiu isso? — Perguntou o Sr. Russell.

— Pertence ao meu amigo, Sr. Carson. Ele é da América.

— Pode ser, mas as pedras são europeias. E eu estava certo, Maria Antonieta poderia ter usado algo parecido.

Sua esperança florescente murcha.

— Então eles são pastas coladas?

— Oh não, senhorita Rare-Foure. São pedras muito finas que qualquer rainha ficaria satisfeita, até mesmo honrada, em usar.

Seu coração se acelerou com as palavras dele e ameaçava explodir em seu peito.

— Você está dizendo que elas são pedras preciosas de verdade? Joias de verdade?

— Bastante real, — ele disse. — E vale o resgate de um rei.

— Querido Deus! Ela exclamou.

— Precisamente, senhorita Rare-Foure. Se eu fosse você, diria ao seu amigo para não colocar isso de volta no gato dele, mas no cofre de um banco.

— Acho que ele quer vender as joias. Você pode ajudar?

— É claro, — disse Russell, com um pequeno aceno de cabeça. — Mas ele deveria permitir que eu vendesse cada um separadamente. Ele receberá mais do que se a vendesse como uma coleira de gato.

Ela se sentiu quase tonta. *Uma coleira de gato que vale o resgate de um rei!*

— Preciso falar com ele pessoalmente, — continuou o Sr. Russell, — e fazer com que ele assine um contrato tornando Asprey seu corretor, e ele deve concordar com nossa comissão. É justo, garanto-lhe. Qualquer joia que não comprarmos nós mesmos, vou encontrar um joalheiro ou patrono que o faça. Em qualquer caso, o seu Sr. Carson será um homem rico.

Seu Sr. Carson!

O Sr. Russell enfiou a mão na gaveta novamente e tirou um saco de cetim, deixando cair a coleira dentro.

— Pronto, isso parece mais adequado. Estarei aqui no sábado de manhã, se você quiser...

De repente, uma comoção na rua o interrompeu. Gritos e assobios altos, lembrando-a de Charlotte, exceto que vinha claramente de um apito de aço da polícia, já que ela podia ver dois deles na frente. Pegando o pequeno saco do Sr. Russell, ela o devolveu a sua bolsa.

— Vamos ver o que está acontecendo, — disse ele, — vamos?

Juntos, eles caminharam para a espaçosa frente da loja com suas paredes de janelas e portas duplas. Ele abriu uma e eles saíram. E foi então que ela viu que o burburinho vinha da Rare Confeitaria ao lado.

— Charlotte! — Ela exclamou, correndo como se sua azáfama estivesse pegando fogo em direção à porta da frente aberta da loja, apavorada com o que ela poderia encontrar.

Capítulo Vinte e Quatro

Dois policiais estavam lá dentro com uma Charlotte assustada, que claramente esteve em uma briga. Ela segurava o bastão de críquete que elas guardavam para afastar qualquer um que não se saísse bem. Seu cabelo estava meio solto do habitual coque arrumado para o trabalho, com os cachos pendurados soltos sobre um ombro e o avental torto. Pior do que ambos, era a sua expressão chocada.

Assim que viu Beatrice, ela deu um grito, afastou-se dos policiais e lançou-se nos braços da irmã. Beatrice fechou-os em torno dela e ouviu Charlotte começar a fungar.

Em vez de fazer perguntas, Beatrice deu-lhe tempo para derramar todas as lágrimas de que precisasse e depois controlar suas emoções. Enquanto isso, os policiais foram para a sala dos fundos e depois voltaram.

Com Charlotte ainda em seus braços, Beatrice disse:

— Esta é minha irmã e esta é nossa loja. Sabe o que aconteceu?

— Sua irmã assobiou - um bom e alto assobio também, — um dos policiais disse, ambos olhando para Charlotte com admiração. — Isso nos trouxe para dentro. Eu pensei que era um colega policial em apuros. Ela estava nos contando como um homem entrou, perguntou se ela era a Srta. Rare-Foure,

aparentemente a conhecendo pelo nome, e então exigiu sua bolsa.

— Ele foi para a sala dos fundos, — Charlotte disse, levantando a cabeça, mas ainda segurando Beatrice pela cintura. — Eu disse a ele que ele tinha que sair, então puxei o taco e tentei acertá-lo.

— Você não deveria ter se envolvido com o ladrão, senhorita, — disse um dos policiais.

— Envolver-se com ele? — Charlotte gaguejou. — Eu queria nocauteá-lo. Infelizmente, ele se virou quando eu levantei o bastão.

Beatrice estremeceu de medo ao pensar que Charlotte estava sozinha, tentando subjugar um ladrão.

— Ele agarrou o taco e atirou-o. E quando ele estava tentando sair, eu pulei sobre ele.

— O quê? — Beatrice exclamou, segurando Charlotte longe dela para que ela pudesse olhar em seus olhos. — Ele estava indo embora, pelo amor de Deus. Por que diabos você faria isso?

Charlotte se recuperou o suficiente para encolher os ombros e até parecer composta.

— Ele se virou e me desalojou de suas costas, e eu deslizei para o chão. Eu teria pensado que o número de grampos de cabelo que eu tinha no meu cabelo o teria mantido corretamente no lugar.

Ela começou a mexer nas longas mechas em seu ombro.

— Ele procurou a caixa de dinheiro? — Beatrice perguntou. Desde que Greer conseguiu para eles a conta Langham e sugeriu que mencionassem as novas conexões aristocráticas de Amity em seus anúncios, os negócios estavam crescendo. A caixa registradora geralmente ficava bem cheia no final do dia de trabalho.

— Não, ele exigiu apenas minha bolsa, e então ele foi para o quarto dos fundos e a tirou da prateleira. — Ela bateu o pé. — Minha bolsa verde e prata favorita também!

— O que tinha nela, senhorita? Alguma coisa valiosa? — Perguntou um dos policiais.

Charlotte suspirou.

— Na verdade não. Um pente que minha mãe me deu, um espelho e alguns guinéus. — Ela balançou a cabeça. — Minha bolsa favorita.

Beatrice gemeu.

— Nunca se atreva a lutar por algo como uma bolsa ou até mesmo o caixa de dinheiro. E se ele tivesse ficado violento? E se eu voltasse e descobrisse que ele usou o bastão em você?

Elas ficaram em silêncio, olhando uma para a outra, e os olhos de Beatrice se encheram de lágrimas. Por um momento, ela não teve certeza do que elas deveriam fazer em seguida e desejou que seus pais não estivessem do outro lado do Canal da Mancha. Então ela decidiu.

— Vamos fechar e ir para casa.

— Uma coisa, senhorita, — disse o policial, falando com Charlotte. — Você pode descrever o homem que roubou você?

— Ele tinha um chapéu de tricô puxado para baixo sobre a testa, até os olhos. Ele não era muito mais alto do que eu. Acho que ele era um jovem. Ele usava um casaco de tweed e calças marrons.

— Alguma cicatriz? — O policial perguntou.

Charlotte olhou para suas mãos e braços.

— Não, não estou ferida, obrigada.

O policial sorriu com a resposta dela, e Beatrice percebeu que ele estava encantado com sua irmã mais nova como a maioria dos homens.

— Oh, bem, isso é muito bom, senhorita, — ele murmurou. — E quanto ao intruso? Alguma marcação visível?

Charlotte balançou a cabeça.

— Nenhuma que eu vi.

— Muito bem. Faremos um relatório. Um detetive pode vir e pedir que você vá à estação de Whitehall para prestar uma declaração, especialmente se encontrarmos o culpado.

Charlotte olhou para Beatrice, que respondeu.

— Vamos cooperar como pudermos. Você tem uma carruagem?

— Não, senhorita. Mas vamos chamar um e levá-la para casa.

GREER bateu na porta de Rare-Foure na Baker Street, e então, sabendo que o Sr. Finley provavelmente não responderia em tempo hábil, ele a abriu e entrou. Vendo a porta da sala entreaberta e ouvindo vozes femininas, ele foi sem aviso prévio.

Beatrice e Charlotte estavam sentadas juntas no sofá, mas Beatrice se levantou imediatamente e o cumprimentou.

— Obrigada por ter vindo, — disse ela.

— Assim que voltei para o meu quarto, sua mensagem estava esperando por mim. O que aconteceu?

Ela o informou sobre o roubo na confeitaria.

— Você não acha que o ladrão se comportou de maneira estranha por não querer o que estava no caixa, mas apenas a bolsa de Charlotte?

Greer olhou para Charlotte, cujos profundos olhos castanhos o fitavam de volta, fazendo-a parecer particularmente vulnerável. A raiva ferveu por ele.

— Você não se machucou? — Ele perguntou.

A irmã mais nova balançou a cabeça.

— Eu tinha o taco.

Ele se encolheu.

— Eu não posso acreditar que vocês confiam em um taco para proteção.

— Há uma loja ao lado que vende o que há de melhor em móveis e joias, — disse Beatrice. — Um ladrão pode entrar lá e

roubar um abajur ou um estojo de couro, qualquer um valendo mais do que tudo em nossas prateleiras. Assim, nunca nos preocupamos com o roubo de nossa confeitaria. Parece um absurdo se você pensar sobre isso.

— Além disso, — Charlotte entrou na conversa, — o homenzinho não queria nossos doces ou mesmo nossa caixa de dinheiro. Ele queria minha bolsa.

— Estava em cima no balcão? — Greer perguntou.

— Claro que não, — Charlotte zombou. — Estava lá atrás, mas era o que ele queria, mesmo assim.

— É realmente estranho, — Greer meditou. Então ele considerou suas palavras. — Um homenzinho? Significa que ele estava abaixo da altura média?

— Sim. — Então Charlotte se levantou. — Acho que vou ver se consigo fazer amizade com o seu gato. Talvez eu possa atraí-la para fora da cama de Beatrice. Então eu preciso me trocar. Eu tenho minha aula de arte hoje à noite.

— Espere, Srta. Charlotte, — Greer a parou na porta. — Ele estava usando um boné por acaso?

Seus olhos se arregalaram.

— Ele estava. Como você sabia?

— Eu acredito que tive o mesmo visitante nefasto em meu quarto de hotel.

As duas irmãs se entreolharam alarmadas.

— Não se preocupe, — Beatrice disse a ela. — O Sr. Carson resolverá tudo.

Charlotte deu de ombros e saiu, aparentemente ainda com a intenção de fazer amizade com a Srta. Sylvia.

Assim que a porta se fechou atrás dela, Beatrice começou a andar.

— Eu sei que é bobo, mas eu não quero que ela saia hoje à noite para sua aula de arte. Eu não diria isso a ela, porém, porque não quero que ela se sinta assustada ou se preocupe. Eu posso fazer isso por nós duas.

Ele assentiu.

— Eu gostaria de ter estado lá.

— Assim como eu. — Ela esfregou as mãos para cima e para baixo nos braços.

Antes que ele pudesse perguntar o que ela queria dizer, ela acrescentou:

— É por isso que mandei chamá-lo. Eu estava ao lado no Asprey's. Quando voltei para a loja, os policiais já estavam lá. Em todo caso, tenho boas notícias. Ótimas notícias, na verdade.

— Então por que você não parece satisfeita? — Ele perguntou.

— Por causa do homenzinho de Charlotte. O ladrão perguntou se ela era a senhorita Rare-Foure e exigiu sua bolsa. E a única Srta. Rare-Foure com algo valioso na bolsa...

— É você, — ele terminou, sabendo que ela se referia à coleira que colocara na bolsa.

— Precisamente, — ela confirmou.

Greer deu um passo à frente e a tomou nos braços.

— Sinto muito por ter você envolvido nisso.

Então ele percebeu o que ela disse.

— Quão valioso?

Ela olhou para ele e sua excitação agora era visível em seus olhos azuis brilhantes.

— Você, senhor, é um homem muito rico, que pode muito bem manter uma esposa.

Cem pensamentos correram por sua cabeça, mas tudo o que ele conseguiu dizer foi:

— As joias são reais?

— Parece que sim. Vale o resgate de um rei.

— Minha mãe colocou joias de verdade em um gato! — Ainda segurando a mão dela, ele levou Beatrice com ele para o sofá e sentou-se, puxando-a para baixo ao lado dele. — E eu quase perdi a Srta. Sylvia ontem.

Ela assentiu. Então Greer percebeu o pior de tudo.

— Eu disse a Molino que *você* ia ficar segurando a coleira.

— E ele me viu colocá-la na minha bolsa esta manhã. Ele arriscou que eu estava indo direto para o trabalho. Afinal, já que ele nos disse que a coleira era cravejada de pasta, por que eu levaria a coleira para casa ou tomaria cuidado com ela?

— Onde está agora? — Greer perguntou, sentindo um frisson de excitação misturado a uma dose saudável de tensão

crua. A essa altura, Molino sabia que seu ladrão havia falhado e Beatrice ainda estava com a coleira.

— Eu tenho aqui, — ela disse, pegando sua bolsa na mesa na frente deles. — Francamente, estou relutante em perder isso de vista. — Tirando um saco de seda de sua bolsa, ela o segurou nas mãos, da mesma forma que segurava seu coração e seu futuro.

— Sr. Russell, o empresário da Asprey, me deu a sacolinha. Acho que ele ficou chocado ao ver as joias em uma coleira de gato em primeiro lugar, e lá estava eu, agitando-a como se fossem pedras de colar.

Ela riu ligeiramente, e ele percebeu que era de nervosismo.

— E se você não tivesse trazido a Srta. Sylvia para a Inglaterra? — Ela perguntou.

— Oh, havia pouca dúvida de que eu faria. Não era apenas a vontade da minha mãe exigindo que eu fizesse isso. As últimas palavras dela foram... — ele interrompeu, lembrando de sua mãe sendo inflexível com seu último suspiro. Ofegante e mal conseguindo abrir os olhos, ela disse repetidamente: — Leve Sylvia. Mantenha-a segura.

— Em qualquer caso, eu prometi a ela, e isso acalmou sua mente.

— Você viu isso? — Ela perguntou, retirando a coleira e apontando para as palavras gravadas no couro.

Ele olhou para a mensagem de sua mãe. *Nosso amor? Ambos os pais dele?* Ele tentou pensar além da amargura em seu cérebro por ter perdido o pai quando ele tinha doze anos. Durante a maior parte de sua vida, agarrado à raiva irracional de uma criança, Greer se sentiu traído por ele por ir à guerra e morrer.

Mesmo assim, sua mãe envolveu as mãos frágeis e frias nas dele e sussurrou:

— De seu pai e de mim. — Greer não sabia o que fazer com isso, pensando que suas palavras estavam confusas pela doença. Mas agora, como se tivesse saído do túmulo, seu pai e a herança de Carson o estavam salvando.

— Eu me pergunto por que ela simplesmente não contou a você sobre as joias, — Beatrice refletiu, trazendo-o de volta ao presente.

— Pelo que aconteceu, imagino que ela não queria que seu irmão descobrisse. Eles eram próximos, mas ela disse mais de uma vez para manter os cordões da minha bolsa fechados quando se tratasse de meu tio. Se eu tivesse ficado na América e a ferrovia do meu tio tivesse começado a falhar, provavelmente teria vendido as joias e investido mais dinheiro em seu negócio.

— E sua mãe nunca precisou vender essas joias sozinha? — Beatrice perguntou.

— Não, minha mãe teve uma vida maravilhosa, exceto pela perda de meu pai. Ela tinha dinheiro de seus próprios

pais. Não vivíamos como o duque e a duquesa de Pelham, mas também não precisávamos de nada.

Ele correu o polegar sobre o couro gravado e, em seguida, virou a gola.

— Meu avô deve ter trazido as joias da Escócia e as dado à sua noiva, que deve ter dado a meu pai para dar a dele. Felizmente, nenhuma geração precisou vendê-los. E agora as joias permitirão que eu tenha você como minha esposa.

Ela o recompensou com seu sorriso.

— E nossa casa, — acrescentou ele, finalmente deixando seus pensamentos irem mais longe no futuro.

— Você está contando suas galinhas antes de eclodirem, — alertou ela. — Você deve descobrir o que é um 'resgate do rei' precisamente antes de gastá-lo em sua mente.

— Filha de uma prática lojista. — Greer a puxou para os braços e a beijou. Inclinando sua boca sobre a dela, ele mordiscou seu lábio inferior, então, quando ela separou os dela, ele aprofundou seu beijo. Seu corpo zumbia com a consciência dela.

— Quanto tempo duram os noivados na Grã-Bretanha? — Ele perguntou quando se afastou para respirar.

Ela sorriu.

— Longo o suficiente. Muito tempo, se você estiver na nobreza, mas felizmente, não somos. — Então ela balançou a cabeça. — Eu acabei de ter o pensamento mais irritante. Sua

gata é uma herdeira mais verdadeira do que eu, e também não é uma herdeira de caramelo!

Ele piscou para ela e então sorriu. Em um momento, os dois estavam rindo do absurdo da Srta. Sylvia, a pequena herdeira felina.

— Eu sabia que gostava daquele gato, — disse ele.

Beatrice acariciou o lado de sua bochecha.

— Eu me sinto muito abençoada com essa reviravolta. O Sr. Russell quer que você assine um contrato concordando em deixar a Asprey's ser sua corretora de joias, e então ele prosseguirá. Eu disse a ele que você poderia ir amanhã.

— Eu vou. — Greer segurou a mão dela sob a dele, virou o rosto e beijou sua palma. Um chiado de desejo percorreu seu corpo, enquanto se imaginava amá-la em todos os sentidos. — Vou pedir que você me faça um favor.

— Qualquer coisa, — ela sussurrou, olhos azuis brilhando.

Ele sorriu com sua expressão e seu tom.

— O que você *está* pensando, garota atrevida?

Quando ela corou, ele teve que beijá-la novamente, deixando uma trilha de beijos leves ao longo de sua mandíbula e pescoço. Quando ela arqueou a cabeça, ele respirou o cheiro quente de sua pele. Ela cheirava a casa para ele agora.

— Mm, — ela murmurou antes de enfiar as mãos atrás do pescoço dele e puxar sua boca de volta para a dela. Ele reivindicou seus lábios novamente com mais urgência,

saboreando sua doçura. Finalmente, ele encostou a testa na dela e simplesmente a segurou. *Como ele alguma vez pensou que poderia se afastar dela para se casar com uma dama com título?*

— Acho que você e a Srta. Charlotte deveriam passar a noite na casa de sua irmã, e espero que me deixe levá-la diretamente para lá, e certifique-se de que a Srta. Charlotte vá lá depois de sua aula de pintura.

— Por causa das joias? — Ela perguntou.

— Eu não acho que seja seguro para você ficar aqui, especialmente com seu pai longe.

Ela mal hesitou.

— Eu concordo, mas eu não quero você naquele quarto de hotel sarnento também, especialmente se ele pode ser arrombado tão facilmente. Talvez você considere ficar aqui com a Srta. Sylvia.

Suas palavras faziam sentido.

— Como você provou várias vezes, você é uma mulher inteligente.

Suas bochechas ficaram rosadas novamente e ela parecia tão encantadora que ele inclinou a cabeça para beijá-la mais uma vez, mas ela acrescentou:

— Eu também acho que deveria levar a coleira comigo para a casa de Amity.

A ideia dela protegendo a coleira de ladrões o arrepiou.

— Eu odiaria colocar sua família em perigo.

Beatrice começou a rir.

— Ninguém ousaria violar o santuário da casa de St. James do duque de Pelham. Você já esteve lá. Você viu o número de lacaios uniformizados, praticamente em todos os cômodos.

— Além disso, Babá Beryl! — Greer provocou. — Certamente uma mulher temível com ou sem um taco de críquete. Você está certa. Qualquer ladrão seria tolo se tentasse. Muito bem. Você deve levar a coleira com você. Imagino que o duque tenha um cofre em seu escritório.

— Está resolvido então. Beije-me de novo e irei falar com Charlotte.

Ela disse isso com tanta naturalidade, que ele quase perdeu seu comando.

— Tudo o que você pedir, Srta. Rare-Foure, eu farei.

E ele fez.

À UMA DA MANHÃ, Greer ouviu o intruso. Determinado a não ser pego dormindo, ele ficou no andar de baixo, na sala de estar, com a porta aberta e as orelhas em alerta como um cão de caça.

Um tilintar de vidro no saguão significava que alguém estava invadindo o pequeno escritório do Sr. Foure. Sem dúvida, eles quebraram a vidraça perto do trinco, enfiaram a mão e levantaram a janela. *O ladrão começaria a vasculhar a casa inteira?* Parecia uma tarefa monumental, procurar uma pequena coleira de gato, mas com tanta fortuna em jogo,

alguém estaria desesperado o suficiente para fazer exatamente isso.

Na escuridão, Greer olhou para o corredor. Até agora, ninguém havia saído do estúdio. Provavelmente, o mais fácil seria conter o intruso lá dentro. Atravessando silenciosamente o corredor, ele segurou a maçaneta da porta quando ouviu um som vindo dos fundos da casa.

Outro ladrão? Quantos Molino enviou para revistar a casa dos Rare-Foure? Pois não poderia haver dúvida de quem estava por trás disso. Greer mencionou a coleira na noite de quarta-feira no The Cock Tavern e seu quarto de hotel foi vandalizado na quinta-feira. Quando isso não deu em nada, o ladrão foi para a Rare Confeitaria depois que ele e Beatrice visitaram o antiquário. E agora, sua casa na Baker Street.

Ainda assim, um segundo homem não mudou o plano de Greer. Ele simplesmente lidaria com um de cada vez. Mesmo assim, ele pode ouvir o primeiro bater em algum móvel. Então silêncio.

Empurrando a porta, ele confrontou o ladrão. As cortinas abertas e o luar mostraram que era o mesmo homem que vira no corredor do hotel com o chapéu puxado para baixo. E ele imaginaria que a Srta. Charlotte também poderia reconhecê-lo.

Ao ser descoberto tão rapidamente, tendo sem dúvida acreditado que todos estavam dormindo no andar de cima, o rosto do ladrão era a própria imagem da surpresa.

— A quem você responde? — Greer exigiu. Ele queria ouvir o nome com certeza. Mas o homem, aparentemente não querendo desistir de seu chefe, se virou e correu de volta para a janela quebrada.

Agarrando-o por trás e colocando um braço em volta do pescoço, Greer lutou com o ladrão para o chão. Embora de pequena estatura, o homem era um brigão e não desistia facilmente. Eles rolaram no tapete, batendo contra a perna da cadeira e a perna da mesa, mas em pouco tempo Greer colocou um joelho nas costas do intruso e seus braços foram puxados para trás.

Esperando que esse fosse o resultado, Greer tinha um pedaço de corda no bolso. Depois de segurar as mãos e os pés do homem, amarrando-o como um bezerro premiado, ele enfiou um lenço na boca do ladrão para impedi-lo de alertar seu cúmplice.

Ficando de pé, Greer prendeu a respiração. Então, saindo cautelosamente do escritório e fechando a porta atrás de si, ele começou a descer o corredor, esperando que ainda pudesse surpreender o segundo intruso.

Para seu espanto, da passagem escura não vieram uma, mas duas figuras sombrias. No início, Greer pensou que estava afundado e acabaria nocauteado e possivelmente jogado no Tamisa. No entanto, conforme eles se aproximavam, ele reconheceu uma das figuras como o mordomo frequentemente ausente do Rare-Foure.

— Finley! — Greer exclamou. — Você prendeu um ladrão!

— Sim, senhor? — Ele perguntou com sua indiferença usual. — O que devo fazer com ele?

Infelizmente, o segundo ladrão era conhecido dele. Jeremiah! Seu conhecido da casa de chopp.

— *Eles,* Finley. Eu tenho outro nocauteado no escritório.

Com a notícia de que nenhum dos dois havia conseguido, Jeremiah teve o bom senso de parecer envergonhado, sendo encontrado onde não pertencia, detido por um mordomo segurando a parte de trás do colarinho com uma das mãos e um dos braços atrás das costas.

— Olha, Carson, — ele começou, — eu perdi meu emprego. Eu aceitaria qualquer trabalho.

— Isto não é trabalho. Isso é roubo. Acho que tenho que amarrar você também, embora me irrite profundamente ver você fazendo isso. — Ele olhou para o mordomo. — Eu só tinha uma corda. Você tem algo que possamos usar?

Finley acenou com a cabeça, soltou Jeremiah, que não se mexeu, e vagou pelo corredor. Greer não tinha certeza se ele voltaria.

— Se você tentar correr, vou nocauteá-lo, — disse ele a Jeremiah, que começou a mudar de um pé para o outro.

— Eu não vou deixar meu irmão.

Seu irmão! Ambos foram atraídos para um ato tão terrível. Era uma vergonha.

— Você vai testemunhar contra o homem que o contratou? — Greer exigiu.

Jeremiah fez uma careta.

— Não sou tagarela.

— Se você fizer isso, certamente receberá uma sentença mais leve do que o homem que planejou tudo isso.

— Ninguém se machucou, — Jeremiah protestou. — Eu não machucaria ninguém, nem meu irmão.

— Verdade. Embora seu irmão tenha assustado uma vendedora hoje.

O homem parecia arrependido.

— Disseram-nos para pegar a bolsa dela. Isso é tudo. E então hoje à noite para obter uma coleira de gato. Estou começando a achar que ele é maluco e tudo, — acrescentou.

— Seu chefe acha que tenho algo muito valioso e está disposto a deixar você e seu irmão irem a Newgate para isso.

Eles ainda estavam sob a luz de uma única lâmpada que Finley acendera, mas, mesmo assim, Greer pode ver o rosto de Jeremiah ficar mais pálido.

— Você vai falar o nome dele?

— John Delorey.

Capítulo Vinte e Cinco

A Rare Confeitaria estava movimentada como de costume em um sábado no meio da manhã, cheia de clientes e com um cheiro doce celestial. Amity e Charlotte estavam ajudando os clientes, e Beatrice estava fazendo caramelo.

Sua irmã mais nova já havia gritado quando Greer passou correndo com um aceno de mão enquanto ele se dirigia para o Asprey. E Beatrice teve que esfriar os calcanhares e esperar. Ela tinha uma nova receita para experimentar e decidiu que seria a tarefa perfeita para manter sua mente ocupada. Caso contrário, ela poderia enlouquecer.

Assim, depois de misturar uma xícara de melado, meio quilo de açúcar e meio litro de água, ela os deixou ferver e borbulhar até ficarem da cor de palha. Assim que tirou a panela do fogão, colocando-a sobre a bancada de cobre, já manchada de marcas, ela mexeu um grama de bicarbonato de sódio. Como dizia a receita, borbulhava e espumava. Quando terminou de se expandir, ela transformou o caramelo em uma frigideira com manteiga - seu primeiro caramelo de favo de mel. Em algumas horas, depois que esfriasse, ela iria quebrá-lo com seu pequeno martelo de aço e cobrir os pedaços com o chocolate derretido de Amity.

— Ele está aqui, — Charlotte cantou, e Beatrice saiu correndo pela cortina. Ela mal podia vê-lo em meio à multidão de clientes, mas quando eles se olharam, ela correu para

frente, pegou sua mão e, desconsiderando o decoro e quaisquer testemunhas, arrastou-o para a cozinha.

Ela esperava notícias dele. No entanto, quando ele contou sua história de aventura noturna, ela ficou surpresa.

— Com a ajuda de Finley, levei os homens para Whitehall. Honestamente, eu gostaria de ter deixado Jeremiah e seu irmão irem, mas vendo como eu sou um péssimo juiz de caráter e todos os meus supostos amigos do bar são desonestos, o que eu poderia fazer?

Ela balançou a cabeça maravilhada.

— Então o Sr. Molino não estava por trás disso, mas o outro, o que você disse que era do tipo alegre.

— Delorey, que tinha um jeito legal de me dar um tapa nas costas e Jeremiah, que recentemente perdeu o emprego. Um detetive vai deter Delorey hoje e acho que vai contar à polícia se Molino também fez parte disso. Minha suspeita é que ele estava envolvido. Afinal, o resgate de um rei é suficiente para alguns homens compartilharem.

— E para eles fazerem algumas coisas desprezíveis, — Beatrice acrescentou. Mas havia outra coisa que ela esperava que ele dissesse.

— Eu sei que você provavelmente está ansiosa para saber, — disse ele.

— Sim! — Seu coração bateu rápido. *Como foi seu encontro com o Sr. Russell?*

— Contratei um vidraceiro para consertar a janela do escritório e a que ficava ao lado da porta de seu criado, nos fundos. Quando seus pais voltarem, eles nem perceberão que houve danos.

Ela franziu o cenho. *Ele realmente achava que ela se importava com algumas janelas quebradas quando seu futuro estava em jogo?*

— Greer, eu..., — ela parou ao ver a maneira como ele estava se segurando para não sorrir. — Ah você! — Ela deu um tapa no ombro dele. — Diga-me como foi!

— Foi bem. Muito, muito bem. A Srta. Sylvia é uma gata extremamente rica.

Beatrice levou a mão à boca enquanto engasgava, sentindo seus olhos se encherem de lágrimas. Ela estava esperançosa desde que falou com o gerente da Asprey, mas as esperanças poderiam ser facilmente frustradas, como ela sabia. Nesse caso, o oposto era verdadeiro.

— Eu não posso acreditar, — ela sussurrou.

— Nem eu. E se não fosse por você, eu teria dado toda a fortuna ao Sr. Molino pelo preço da pasta.

Incapaz de lutar contra o caloroso sentimento de amor, ela se moveu para o círculo de seus braços.

— Sabe, você simplesmente voltou ao ponto de partida, — disse ela, com a bochecha contra o peito dele. — Um americano rico em busca de uma esposa.

— Não exatamente. Eu tinha dinheiro, mas nada parecido com o que o Sr. Russell acaba de divulgar.

Ela encolheu os ombros.

— Dinheiro ou mais dinheiro, é tudo a mesma coisa.

Ele riu, talvez por sua indiferença. Ela não se importou.

— O que quero dizer, — explicou Beatrice, — É que você está de volta ao ponto de partida, não sendo capaz de reivindicar sua casa ancestral.

— Sinto-me como antes, quando pensava que tinha uma conta bancária cheia. Amo-a, Srta. Rare-Foure, e não pensarei duas vezes antes de perder a Casa Carsonbank se a ganhar como minha esposa.

Ele a amava! E ele finalmente disse as palavras em voz alta.

— Eu também te amo, — disse ela, sentindo-se tonta de felicidade. — Mas eu já te disse isso. Estou feliz que você não me deixou expulsá-lo de nossa loja.

Ele riu.

— E estou feliz que você faça caramelo, pois se tornou meu doce favorito em todo o mundo.

— Então farei você o quanto quiser. — Ela estava parada na confeitaria de sua família, sendo abraçada pelo homem que se tornaria seu marido, e ela não poderia imaginar sentir-se mais feliz do que naquele momento. — O que acontece agora?

— Seus pais devem voltar a qualquer dia, não é? E quando o fizerem, irei de chapéu na mão ao seu pai assustador.

Ela riu.

— Ele é o menos assustador dos pais.

— E então anunciaremos nosso noivado. Isto é, se você ainda quer se casar com um homem que depende de seu gato para seu sustento.

Ambos riram. Ela gostou da sensação de sua risada sob sua bochecha.

— Passei pela agência Chestertons esta manhã antes mesmo de ir para a Asprey's e disse ao agente que queria a casa da cidade, afinal.

— Quão perversamente ousado da sua parte, Sr. Carson, — Beatrice disse, recuando. — Você contou suas galinhas, afinal.

— Felizmente, o Sr. Russell disse que todos eclodirão muito bem. Resumindo, Srta. Rare-Foure, as coisas estão boas. — Ele inclinou a cabeça para o barulho constante na frente, o sino tilintando, Charlotte rindo, Amity explicando o que havia nos chocolates. — Eu sei que sua loja está ocupada, mas você acha que suas irmãs se importariam se você fugisse comigo por algumas horas?

— Quando? — Ela perguntou.

— Agora, — ele pediu. — Afinal, elas não querem você na frente com os clientes, de qualquer maneira. Não a carrancuda

fabricante de caramelos que se esconde aqui, mexendo suas poções borbulhantes.

— Você me faz parecer uma bruxa. — Mas ela sorriu.

— Diga sim. O tempo está bom, — acrescentou.

— Sim, — ela concordou, sentindo-se a mulher mais agradável do mundo. *Por que ela sempre foi mal-humorada e rabugenta?* Ela duvidava que voltaria a ficar carrancuda.

— Você vai dar um passeio comigo? — Ele persistiu.

— Em algum lugar em particular? — Ela perguntou.

— Possivelmente.

Em alguns minutos, ela estava com sua capa azul favorita e descansava a mão enluvada em seu braço. Eles caminharam para o sul, passando pela Marlborough House e seus jardins murados, ainda mal acreditando que tinham feito parte do evento agora declarado - o baile de fantasias da década. Atravessando a estrada do The Mall, com o Palácio de Buckingham da Rainha Victoria na extremidade direita, eles cortaram o Parque St. James e caminharam para o leste até o rio.

— Você já sabe para onde podemos estar indo? — Ele perguntou.

— Já que passamos por Whitehall e Scotland Yard, presumo que não vamos visitar seus amigos do bar.

— Não, definitivamente NÃO. Depois de lidar com esse grupo instável, acho que vou deixar você me ajudar a escolher meus amigos no futuro.

— Para ser justo, parece que alguns deles estavam terrivelmente desesperados e pelo menos os irmãos não machucaram ninguém.

Greer parou no meio do caminho e se virou para ela.

— Eu não posso acreditar no que estou ouvindo. Você é uma mulher diferente, Srta. Rare-Foure, daquela que parecia ter pouca paciência até mesmo para boas senhoras tentando comprar doces.

Ela cobriu a boca enquanto ria. Foi exatamente o que ela estava pensando. Mas ela protestou de qualquer maneira.

— Quase nunca são velhinhas *simpáticas.* Normalmente senhoras mais jovens com nariz de focinho, aparentemente com varas no...

— Beatrice! — Ele exclamou olhando para a direita e para a esquerda para ver se alguém poderia ouvir seu discurso.

— O quê? — Ela perguntou, começando a andar novamente, puxando-o com ela. — Espetáculos na parte de trás de seus espartilhos era tudo o que eu ia dizer.

— Hm. Em qualquer caso, estamos quase lá.

Ela decidiu não insistir no assunto e perguntar. Afinal, eles passaram meses tentando alcançar objetivos que no final das contas eram em vão. Agora ela estava feliz simplesmente por flutuar preguiçosamente como uma folha ao vento e deixar as coisas acontecerem como deveriam.

No entanto, conforme eles se aproximavam da adição recém-instalada do Embankment, não havia dúvida de seu destino.

— Agulha de Cleópatra, — ela meditou. — De todos os pontos turísticos que você deseja ver em Londres, este parece uma escolha estranha quando há tantas estruturas antigas e magníficas.

— Mais antigo que o Egito Antigo? — Ele brincou.

— Você tem um ponto. Mas é muito novo para Londres. Duas semanas, não é, desde que o levantaram? Você deve ter notado nos jornais toda a controvérsia. Ora, creio que li sobre isso no primeiro dia em que você entrou na Rare Confeitaria. Estranho! De qualquer forma, é considerado algo desagradável por muitos. Um editor disse: 'Lamentamos que, desafiando o bom gosto, tenha sido decidido erguer o obelisco no Tâmisa.' - — Eles riram, olhando para o monumento de pedra avermelhada.

— O que *você* acha? — Ela perguntou a ele.

— Como visitante de seu país, acho que é falta de política da minha parte dar minha opinião primeiro.

Ela o cutucou com o cotovelo.

— Você não é mais apenas um visitante. Você vai se mudar para uma casa em Londres dentro de uma semana. — *E ter uma esposa e talvez filhos logo depois disso,* acrescentou para si mesma.

— Verdade, mas ainda assim, você deve me dizer o que pensa primeiro.

Ela acenou com a cabeça, mas, mesmo assim, eles caminharam os últimos metros em silêncio, se aproximando do obelisco.

Na base, Greer disse baixinho:

— Vinte e um metros de altura e seis homens morreram para trazê-lo aqui, — e eles esticaram o pescoço.

Juntos, eles examinaram os hieróglifos egípcios subindo pelas laterais.

— Os feitos de Tutmés III e Ramsés II, — observou ela, depois de ler sobre eles, inclusive as traduções.

Ele acenou com a cabeça, e eles caminharam para o outro lado dela, olhando para as Casas do Parlamento e o Big Ben à distância.

— É a primeira vez que o vejo de perto. Gosto, para falar a verdade. É um pouco estranho, mas também inspirador, — disse ela. — Até mesmo os guinchos que usaram no mês passado para colocá-lo no lugar eram além de impressionantes.

— Devo dizer, — Greer meditou, — acho que parece completamente fora do lugar. A maneira como me senti quando cheguei à sua costa.

— Você teve um tempo muito mais fácil para chegar aqui do que este monstro. O obelisco e o navio sobre o qual veio quase acabaram no fundo do Golfo da Biscaia.

— Vamos sentar, sim? — Ele perguntou. Pegando-a pela cintura, ele a içou para a parede grossa próxima ao obelisco. Atrás dela estava o Tâmisa, cintilando no ensolarado dia de final de setembro.

— Você leu o que eles enterraram em sua base? — Ele perguntou, sentando-se ao lado dela.

— Uma cápsula do tempo, como eles chamam, — disse ela, ainda arrumando as saias, feliz ainda sentindo o calor onde as mãos dele a tocaram e certa de que ela era a mulher mais sortuda por estar sentada ali com Greer Carson.

— Eles cometeram um erro terrível, — disse ele, parecendo sério.

Ela parou de se mexer e olhou para ele.

— O que você quer dizer?

— Supostamente, eles colocaram imagens fotográficas de doze das mais bonitas mulheres inglesas. Mas de onde estou sentado, eles perderam de longe o melhor do lote.

Beatrice sentiu suas bochechas esquentarem. Ele acariciou uma delas, e ela sorriu.

— Você é a única beldade inglesa com a qual me preocupo, e sua fotografia deveria estar lá, — acrescentou ele, depois arruinou a natureza romântica de seu comentário, acrescentando, — junto com a caixa de charutos, a navalha de xelim, a mamadeira, e a cópia do Whitaker's *Almanack.*

Ela riu.

— Não se esqueça de que incluíam grampos de cabelo, um retrato da rainha e a rupia.

— O seu definitivamente deve ser ao lado da Rainha Victoria. — Ele pegou a mão dela e ela olhou ao redor para ver se alguém estava olhando, mas os pedestres que perceberam não pareciam pensar em um casal de mãos dadas e apreciando o novo monumento exótico.

— Tenho algo para você, — disse Greer, — para comemorar este dia.

— Realmente? — Ela nunca disse a ninguém antes que gostava de ser surpreendida, contanto que fosse uma boa surpresa. E pequenos presentes eram o melhor tipo de surpresa. — O que é? — Ela quase bateu palmas como uma criança.

Do bolso, ele tirou um modelo de bronze em miniatura do obelisco e colocou na palma da mão dela. Por alguma razão, a visão daquilo, uma representação de três polegadas de algo que pesava duzentas toneladas a fez cócegas. Ela riu novamente.

— Obrigada. — Ela olhou para o artesanato e os mínimos detalhes do pequeno obelisco.

— Dois xelins e seis pence, — disse ele.

Beatrice balançou a cabeça.

— Tão americano! Você não deve me dizer o custo de um presente, mas vou cuidar muito bem disso.

— O mesmo preço de um almoço fora do restaurante The Grosvenor Gallery, ou um bom jantar no Criterion, uma refeição às seis horas no Caledonian ou uma refeição às sete e meia no Provitali's.

Ela abriu a boca e piscou.

— Nossa, você aprendeu muito desde o dia em que não tinha noção de quanto pagar por um saquinho de caramelo e até tentou me dar uma gorjeta de meio xelim.

— Moro em um hotel há tanto tempo sem minha própria cozinha, acho que conheço todos os restaurantes de Londres e quanto custa cada refeição.

— Em qualquer caso, caro ou não, agradeço a minha Agulha de Cleópatra em miniatura. Jamais esquecerei este dia.

Inesperadamente, ele colocou algo mais em sua palma.

— Eu também escolhi isso para você, minha linda noiva.

Ela olhou para a caixa de um anel Asprey e seu coração deu um pulo.

Sem abri-lo, ela o deixou cair junto com o monumento de bronze em seu colo, enroscou os braços em volta do pescoço de Greer e o beijou.

Em algum lugar próximo, ela ouviu uma mulher suspirar, mas Beatrice não deu a mínima para a sociedade educada.

Epílogo

Eles estavam sentados no pequeno pátio na parte de trás de Rare-Foure, atrás da Baker Street, cercados por vasos de rosas e hera subindo a cerca, com Beatrice e Greer contando a Charlotte sobre sua viagem ao museu de Madame Tussaud.

— Você sabe de uma coisa, Amity e Henry realmente se pareciam com o Rei Louis e a Rainha Maria Antonieta, — Beatrice refletiu. — Acho que seu modista e alfaiate foram para os trabalhos de cera em busca de inspiração, ao invés de uma pintura.

Ela havia gostado do passeio tanto pelas provocações e risos do noivo, até na Câmara dos Horrores do museu de cera, quanto pela bela arte das figuras de cera. Greer congelou no lugar quando outro casal desceu a escada, fazendo com que eles o examinassem com o mesmo escrutínio que fizeram com Marat e Robespierre.

— Quem é suposto ser esse? — A mulher perguntou, olhando de perto, respirando em sua bochecha. Seu companheiro deu de ombros, prestes a verificar o livreto do guia, quando acrescentou: — Ele não parece tão realista quanto alguns dos outros.

Com essa declaração, o rosto de Greer se transformou em um sorriso largo e torto e, mesmo enquanto a senhora gritava, ele e Beatrice não conseguiram conter a risada.

Eles acabaram no restaurante Gunter's em Berkeley Square, conhecido por seus sorvetes, e provaram três cada antes de voltar para a Baker Street.

— Ainda não consigo acreditar como fui insultado. *Menos* realista do que um boneco de cera! — Greer comentou, fazendo Charlotte rir.

De repente, Armand e Felicity apareceram na porta do pátio, finalmente voltaram de suas férias no exterior.

Pulando, as meninas abraçaram os pais e, quando a família parou de se abraçar, Greer apertou suas mãos.

Em pouco tempo, Beatrice deixou sua irmã contar aos pais tudo o que haviam perdido.

— Gostaria que você tivesse visto nossas fantasias, — disse Charlotte, após descrever as maravilhas do baile à fantasia.

— Você pode modelá-los para mim mais tarde, se desejar, — disse Felicity. — Eu adoraria vê-las.

— Teríamos retornado mais cedo se pudéssemos, mas... — o pai fez uma pausa e olhou para a esposa. — Tivemos que ficar devido à doença do meu irmão.

— Doença? — Beatrice exclamou, olhando da mãe para o pai. — Por que você não nos contou?

— Seu tio adoeceu e seu avô sugeriu que fôssemos, mas não achamos que toda a família precisava ir para a França e sentar-se ao lado da cama de meu irmão. Eu esperava que ele se recuperasse. Pensamos que ficaríamos fora por quinze dias, não um mês. E não há alegria nisso, também, vou lhe dizer. — Seu pai se sentou pesadamente em uma das cadeiras vazias.

Felicity se virou para Greer.

— O irmão mais velho do meu marido tinha um coração fraco.

— Lamento muito ouvir isso. Minha mãe também, — ele ofereceu. — É doloroso assistir a tal morte, mas tenho certeza de que você está feliz por estar lá.

— Oh, sim, — disse Foure. — Meu irmão e eu não éramos próximos desde que morei na Inglaterra toda a minha vida, enquanto ele escolheu voltar e morar na propriedade de nossa família fora de Paris.

— É pequeno, mas muito bonito, — Charlotte confirmou, e Beatrice assentiu, olhando fixamente para o pai para ver se ele estava terrivelmente triste.

— Antes de ele morrer, ele e eu conversamos por horas, o que foi maravilhoso.

Felicity se abaixou e apertou a mão do marido antes de se sentar ao lado dele.

— Pudemos, pelo menos, confortar os pais dele também.

— Oh, mãe, — Charlotte disse. — Pobre vovó e vovó. — Todos permaneceram em silêncio por um momento, e então ela acrescentou: — Devo buscar um pouco de chá?

— Eu preferiria chocolate, — disse Felicity, — Mas chá para o resto de vocês.

— Vou perguntar ao cozinheiro diretamente. — Ela deu um sorriso. — É muito mais rápido do que tocar a campainha na casa da Amity e ter que esperar que alguém venha e pergunte o que você quer. E vou encontrar alguns biscoitos também.

Quando ela saiu, Beatrice e Greer se sentaram em frente aos pais.

— Enquanto estamos sozinhos, — ele começou, e ela não tinha certeza se deveria chutá-lo por baixo da mesa em seu momento potencialmente ruim enquanto o espectro de seu tio morto pairava no ar ou o deixaria continuar. Decidindo que seus pais não só tinham visão de futuro, mas também precisavam de boas notícias como distração, Beatrice prendeu a língua e prendeu a respiração.

— Estou apaixonado pela sua filha.

Nenhum de seus pais sequer levantou uma sobrancelha.

— Claro que está, querido menino, — disse sua mãe.

Seu pai sorriu feliz e acenou com a cabeça como se esperasse por mais notícias.

— Sim, bem, Beatrice..., — interrompeu Greer, — Quero dizer, a Srta. Rare-Foure declara que me ama de volta.

— Nós sabemos disso também, — disse sua mãe.

Beatrice revirou os olhos. Eles poderiam pelo menos parecer um pouco surpresos.

— Sua mãe me disse que ele esteve no quarto dos fundos há meses, — disse o pai. — Achei que tudo estava certo e limpo.

Suspirando, Beatrice recostou-se e cruzou os braços, dando de ombros encorajadoramente a Greer.

— Eu a pedi em casamento. Duas vezes, na verdade. E embora eu saiba que deveria ter vindo até você primeiro

— Nós não fazemos cerimônia, — seu pai falou. — Se não tivéssemos aprovado, você saberia sobre isso há muito tempo.

— Oh. — Então Greer se recostou, parecendo perplexo.

— Pelo amor de Deus, — Beatrice exclamou, — Meu noivo está tentando pedir sua permissão para se casar comigo depois disso, e vocês dois estão fazendo parecer que tudo não passa de uma notícia velha e um desperdício de dinheiro.

— O quê? — Disse seu pai. — Não entendo metade do que vocês, jovens, estão falando.

— O que eu perdi? — Charlotte perguntou.

— Sua irmã vai se casar com o Sr. Carson, — disse sua mãe, com alegria na voz, — Exatamente como eu previ.

— Você viu o anel? — Charlotte perguntou. — É da Asprey's.

Beatrice, com pouca graça já que seus pais se comportavam como bobos no que lhe dizia respeito, descruzou os braços e estendeu a mão sem cerimônia.

Sua mãe se inclinou para frente e examinou o anel de safira circundado por pequenos diamantes.

— Perfeitamente adorável.

— Não sei muito sobre anéis — disse seu pai, — mas posso ver que combinam com os seus olhos, Bea, o que é uma coisa muito bonita, de fato. Certamente é próprio da filha de um barão.

Beatrice puxou a mão lentamente, olhando para Greer, que tinha uma expressão perplexa, sem dúvida igual à sua.

— O que você quer dizer? Desde quando sou filha de um barão?

— Desde que seu tio morreu, — disse sua mãe. — Seu pai passou de herdeiro presuntivo a herdeiro aparente e agora é o barão.

— E quanto ao vovô? — Beatrice perguntou.

Seu pai sorriu.

— Temos o que é conhecido como baronato do *antigo regime,* ao que parece, desde o início dos tempos. Todos os títulos foram retirados da classe aristocrática durante a Revolução Francesa. *Vive l'égalité* e tudo isso. Quando foram restaurados em 1851

— 1852, meu amor, — interrompeu Felicity.

— Em 1852, meu pai pediu ao meu irmão mais velho que aceitasse o baronato em seu lugar, já que ele e sua avó estavam se mudando da terra para Paris.

— Tudo é muito mais simples na América, — disse Greer.

Mas os pensamentos de Beatrice estavam acelerados. Estendendo o braço, ela segurou a mão de seu noivo.

— Então, como filha de um barão, isso significa que eu sou uma senhora com título?

Ela sentiu Greer pular sob seu toque.

— Bem, na Inglaterra, os aristocratas franceses são considerados um pouco menos nobres que os nossos, principalmente porque são tantos. Você não pode atirar uma pedra sem acertar um conde ou um barão na França. — Seu pai riu de sua própria inteligência.

— Sim, — Beatrice persistiu, — Mas eu poderia ser considerada uma senhora aos olhos da lei?

— Ou, pelo menos, aos olhos de um bisavô escocês morto? — Greer perguntou.

— Eu diria que o posto de um barão escocês é semelhante ao de um barão francês, — disse seu pai. — Agora você pode se chamar de Honorável Senhorita Rare-Foure, embora apenas por escrito. Em um envelope ou cartão de visita, por exemplo.

— Por escrito, — repetiu Greer, olhando para seus dedos entrelaçados, e então ele olhou para ela, seus olhos azul-acinzentados dançando. — Você sabe o que isso significa?

— Sim, — disse Beatrice, — Acredito que sim. Você poderá reivindicar sua herança.

— Estou noivo de uma senhora com título há uma semana! — Surpreendentemente, ele jogou os braços ao redor dela, bem ali na frente de seus pais.

Ela enterrou o rosto em seu pescoço, respirou seu cheiro familiar de sabonete de pera e pensou sobre o que esse desenvolvimento abriu para eles.

O assobio de felicidade de Charlotte rasgou a quietude do jardim dos fundos.

— Eu também sou a Lady Charlotte?

— Sim, querida menina, — disse a mãe. — Mas não há nada de honroso nesse som infernal.

Soltando Beatrice, Greer se levantou.

— Devo entrar em contato com o advogado da chancelaria e escrever ao curador imediatamente. Eu não posso esperar para todos vocês verem minha casa na Escócia... nossa casa, — ele corrigiu olhando para ela.

DOIS MESES DEPOIS, SR. Greer Carson e a Honorável Sra. Carson desceram da carruagem que os trouxera da estação ferroviária. Apesar do clima frio de novembro, Carsonbank House estava em atividade, pois Greer já havia visitado, despediu o gerente ausente, nomeou um novo e contratou trabalhadores para iniciar os reparos.

Greer já podia ver as melhorias. Do lado de fora, o prédio de dois andares tinha sido esfregado para mostrar sua pedra

cinza e amarela. As janelas que faltavam foram substituídas, e o resto, novamente envidraçado. Ele sabia que o telhado da mansarda também havia sido consertado e as chaminés em ruínas reformadas por um mestre pedreiro. Embora não houvesse jardins dignos de menção, sua nova casa tinha uma aparência acolhedora e até alegre.

Beatrice ficou em silêncio enquanto eles se aproximavam da frente. Então ela riu.

— O que diabos é *isso?*

Ele sabia que ela comentaria sobre as características estranhas da casa.

— Aquilo, minha honorável esposa, é uma torre quadrada com parapeitos acastelados.

— Eu posso ver que é algo assim, mas por que está preso na lateral da nossa casa? Parece positivamente medieval.

Ele prendeu a respiração por um momento, então ela acrescentou:

— Eu amo isso. Mal posso esperar para ver lá dentro.

Ao se aproximarem da porta da frente, com operários consertando as fundações de cada lado, Greer hesitou.

— Eu te aviso. Não é tão confortável quanto nossa casa, — disse ele, mas não conseguiu esconder a alegria de sua voz. — Ainda não, de qualquer maneira.

— Pish, — disse ela. — Uma propriedade de campo não foi feita para ser como uma casa geminada, e acho que é

maravilhoso. A senhorita Sylvia também vai adorar. Olha, ela já quer entrar.

Eles a libertaram dos limites da carruagem, mas a mantiveram na coleira, que Beatrice agora segurava no pulso. A Srta. Sylvia caminhava à frente deles, sua nova coleira com um ostentoso vidro colorido brilhando ao sol do início do inverno. Eles o viram na vitrine de uma loja e o compraram para se divertir, já que sem a coleira de pedra preciosa, o gato parecia lamentavelmente sem adornos.

Os três entraram com painéis escuros e móveis esparsos, bem como um tapete puído.

— Eu sei que não é uma mansão ducal, — disse Greer, sentindo que deveria continuar se desculpando por trazer sua esposa para um local tão degradado, — Mas acho que podemos dar um pouco de brilho e polimento, como vocês, britânicos dizem.

Seguindo suas instruções, algumas partes da casa, como a cozinha, uma sala de estar e o quarto principal, já haviam sido cuidadosamente limpos e preparados para a estadia do casamento. Não demoraria muito, pois eles pretendiam estar em Londres para a época festiva do Natal. Mas enquanto estivessem na Escócia, ele e Beatrice teriam um lugar para comer e dormir e, é claro, um banheiro para sua noiva que, ele aprendera, gostava de tomar banho de água quente com aroma de baunilha.

Uma de suas atividades favoritas era apreciar o cheiro de sua pele nua logo depois e, com beijos e coisas assim, saboreá-la também.

Nesse momento, uma criada os cumprimentou.

— Sr. Carson, você está de volta e trouxe sua linda esposa. Bem-vindo ao Carsonbank. Estamos todos muito felizes por vocês estarem aqui.

— Obrigado. Sinto muito, esqueci o seu nome, — ele disse, presumindo que ela era a pessoa que ele encontrou da última vez que esteve lá.

— Eu sou a Sra. Dobbs. Você me promoveu a governanta, — ela disse, com um brilho nos olhos, — Então eu me encarreguei de contratar criadas e uma cozinheira. Você também tem um único lacaio e o filho do meu irmão adoraria ser seu jardineiro.

— Muito bem, Sra. Dobbs. Obrigado.

Beatrice estendeu a mão e a governanta surpresa a apertou.

— Prazer em conhecê-la. E esta é a Srta. Sylvia.

A governanta olhou para a penugem cinzenta puxando a guia.

— Ela é uma gata bonita. Pode haver alguns ratos vadios para ela pegar, se ela quiser. — Então ela fixou o olhar em Greer. — Mas eu não vi um rato desde que você contratou o apanhador, e estou muito agradecida. — Ela acenou em

agradecimento. — Você gostaria de tomar um chá agora ou fazer um tour?

— Nenhum dos dois, obrigado, — Greer disse a ela. — Vou mostrar o lugar à Honorável Sra. Carson.

BEATRICE AMOU SER A *Sra. Carson.* Ainda a excitava cada vez que o ouvia dizer isso.

— Muito bem, — a Sra. Dobbs concordou. — Se você não precisar de nada, eu devo voltar às minhas funções. Vou acender algumas lareiras, inclusive em seu quarto e na aconchegante sala de estar ao lado. E terei o prazer de apresentá-lo ao resto da equipe no jantar.

Quando ela saiu, Beatrice confessou:

— Acho que estou ainda mais grata por você ter contratado um caçador de ratos do que ela. Na verdade, meu marido, era a única coisa que me preocupava. — Ela teve que se conter para não estremecer ao pensar em ratos correndo pelo chão. — Agora, por favor, estou pronta para ver a pintura.

Greer a levou mais para dentro de casa.

— Há uma sala com painéis igualmente escuros ali, — ele apontou para uma sala aberta à direita quando eles passaram. As portas estavam faltando. — Acho que algumas pinturas e lâmpadas vão ajudar a torná-la convidativa. Para não falar de um fogo alegre, uma garrafa de vinho e alguns copos cor de rosa, — acrescentou.

Ela apertou a mão dele, ainda não se incomodando com a pobreza geral do lugar. No ano novo, quando voltassem,

haveria tempo de sobra para acertar as coisas, escolher tinta e papel de parede e arejar toda a casa.

— De volta aqui, este deve ter sido o escritório do meu bisavô. Naturalmente, ele pendurou o retrato de seu filho. E eu acredito que deve ter havido um de seu outro filho também, o mais velho que morreu depois que meu avô se mudou para a América, mas eu não o encontrei.

Ele a conduziu para o escritório, liberando sua mão e cruzando a sala até as janelas com cortinas. Apontando o polegar para os restos esfarrapados de cortinas comidas por traças, ele brincou:

— Não consigo nem dizer de que cor eram antes. — Ele os puxou de volta para deixar entrar a luz da tarde.

— É onde estava o grande buraco. — Greer apontou para a parede externa.

— Os reparadores fizeram um trabalho esplêndido, — observou Beatrice. — Até mesmo o painel foi totalmente substituído, exceto por ser mais leve que o resto.

Greer fez uma careta.

— Como todos os quartos, este precisa de um toque feminino.

Beatrice concordou silenciosamente. Estava escuro e frio, pois não havia fogo na lareira, e os painéis intermináveis começavam a fazer com que se sentisse como se estivesse dentro de um barril de vinho.

— Nada em que não possamos trabalhar, — ela disse encorajadoramente. Limpar *e lustrar,* como dissera o marido. *E muita redecoração alegre!*

Libertando a Srta. Sylvia, que correu ao redor da sala e depois sob um móvel coberto por lençóis, Beatrice ocupou um lugar na frente da pintura. Alguém colocou um lençol sobre ele para protegê-lo, provavelmente enquanto a parede estava sendo consertada. Com cuidado, Greer o removeu.

Olhando para a semelhança do avô de seu marido, ela estudou por um minuto, pensando no homem que partiu para a América indomada. Silenciosamente, ela agradeceu.

— Eu posso ver onde você consegue seus olhos distintos.

— Distintos? — Ele repetiu, olhando para ela. — Estou sendo insultado? Como o rinoceronte que foi negociado?

Ela sorriu.

— Distinto como atraente, mas incomum. Você não é como todo sangue-azul de nariz pontudo. Como seu avô, você é robusto e seguro.

— Está tudo bem então. Vou aceitar ser *diferente.* — Ele olhou de volta para a pintura.

— Você tem o cabelo cor de areia e os olhos azul-acinzentados dele também, — acrescentou ela. — Eu me pergunto se seu avô possuía seu sorriso torto.

— Um demônio de sorte se ele fez, — disse Greer, e lançou-lhe um sorriso torto. Então ele apontou para a pintura.

— Na minha memória, meu pai também se parecia muito com esse homem. Gostaria que ele não tivesse ido para a guerra, mas estou orgulhoso do que ele fez. Tenho certeza que ele teria gostado de você. — Ele fez uma pausa e acrescentou: — Você não mencionou as joias. O que você pensa delas?

— Na verdade, é estranho vê-las novamente em uma pintura. Elas parecem muito mais impressionantes naquela corrente de ouro do que no colarinho da Srta. Sylvia. — Ela balançou a cabeça. — Será que algum dia descobriremos toda a história de onde elas vieram e por que seu avô as levou para a América?

— Para falar a verdade, uma carta do administrador está praticamente queimando um buraco no bolso do meu casaco. Achei que poderíamos abri-la juntos durante o jantar para marcar nossa primeira noite em Carsonbank House.

Sua boca se abriu ligeiramente. Seu notável marido a surpreendeu de novo e Beatrice percebeu que poderia deixar de lado a curiosidade, sabendo que havia uma resposta.

— Parece uma ideia perfeita. Você *é* um americano inteligente, não é?

Ignorando suas palavras, Greer segurou sua mão e um arrepio de felicidade a percorreu.

— Não consigo imaginar nenhum outro resultado da minha busca por uma esposa, — disse ele. — Obviamente, eu deveria ir para a Rare Confeitaria naquele dia, assim como você foi tão claramente destinada a mim. Sem você, nada do meu futuro teria dado certo.

— Graças a Deus você veio caçar essas malditas bolas fervidas!

— Obrigado Senhor. — Ele segurou a outra mão dela também, então eles se encararam. — Você percebe que você e eu representamos a '*Auld* Aliança *(Velha Aliança)*' entre a França e a Escócia?

— Suponho que sim, — ela concordou. — Isso faz de você o rei John Balliol e eu, o rei francês Philip IV.

— Presumo que você e eu estávamos lendo o mesmo livro de história no trem.

— Claro. — Ela sorriu. — Quando você cochilou, eu li. Estava tentando descobrir se as joias foram mencionadas. Tudo que descobri foi que o vinho francês chegou cedo à Escócia, mas, estranhamente, o haggis[3] não teve nenhuma influência na culinária francesa.

Eles riram.

— Nem deveria, na minha opinião, — disse Greer. Então ele a puxou lentamente para mais perto, até que soltou suas mãos e passou os braços em volta dela.

Seu estômago vibrou descontroladamente quando ele abaixou a cabeça e a beijou. Ele até mordiscou seu lábio inferior do jeito que ela gostava, enviando ondas de prazer chiando por ela.

Quando ele ergueu a cabeça, ela suspirou.

— Devemos continuar o tour? — Ele ofereceu, suas mãos ainda descansando na parte inferior das costas dela.

— Nós temos um quarto com uma cama para esta noite? Isso é realmente tudo que me importa, — Beatrice confessou, fazendo seus olhos se arregalarem ligeiramente de felicidade.

— Esposa atrevida! Sim, e talvez, como fizemos uma longa jornada, deveríamos tirar uma soneca *antes de* visitar o resto de nossa casa.

Estendendo a mão, ela acariciou sua bochecha, roçando a ponta do polegar em sua boca.

— Concordo.

— Então vamos tirar uma soneca. — Ele a pegou pela mão e se dirigiu para a porta. — A Honorável Sra. Carson trouxe algum caramelo com ela por acaso?

— Claro. O que seria uma herdeira de caramelo sem caramelo à mão para todas as ocasiões? Trouxe uma dúzia de latas para compartilhar com a equipe também.

A Srta. Sylvia aproveitou aquele momento para deixar a segurança de seu esconderijo e disparar pelo chão gasto em direção à porta.

Eles se entreolharam, sorriram e dispararam atrás da bola de penugem antes que ela desaparecesse de vista. Afinal, embora ela não tivesse mais uma fortuna ao redor do pescoço, a Srta. Sylvia conquistou os corações de ambos.

Fim

Nota da Autora

Ao considerar os marcos e locais da história de Greer e Beatrice, tenho o prazer de dizer que alguns ainda existem. Quando você vai a Londres, pode passear pela New Bond Street e até dar uma passada no Asprey's, que permanece à sua disposição vendendo coisas boas para gente boa. Você também pode ver a Marlborough House, a St. James Place, a Cavendish Square e a Baker Street, que ficou famosa por Arthur Conan Doyle, que colocou seu Sherlock Holmes fictício em uma casa não muito longe da casa do Rare-Foure.

Infelizmente, você não pode ir à Clarendon House, onde eu situava o baile do Conde de Clarendon, já que ele foi vendido para a família muito antes dessa história acontecer e foi demolido para se tornar o local da Dover Street, Albemarle Street e Old Bond Street (na outra extremidade fica a New Bond Street e a Rare Confeitaria). A casa foi considerada — a casa mais útil, graciosa e magnífica da Inglaterra— (John Evelyn, 1620-1706), e muitas outras casas, principalmente mansões de campo, foram modeladas a partir dela. A Belton House, em Lincolnshire, construída na mesma época, supostamente é muito semelhante, e você pode ver na internet.

O baile de fantasias (fantasias) de Marlborough House descrito neste livro é baseado em um baile real realizado em 1874, considerado um dos eventos mais magníficos da década, talvez não ofuscado até o baile de Devonshire House em 1897,

também um baile de fantasia. Vestido de gala chique. Embora o baile de Marlborough tenha tido 1.400 convidados, alguns relatos dizem que o baile de Devonshire teve 3.000 convites. (Claro, alguns dizem que a lua é feita de queijo verde também!) Em qualquer caso, um fotógrafo foi contratado, e quase trezentas fotografias de pessoas famosas fantasiadas foram publicadas e preservadas. É incrível ver e você pode fazer isso na Internet.

Você ainda pode ir ao hotel de Greer Carson, The Langham, quase destruído em 1980 para ser substituído por um prédio de escritórios. (Deixe de pensar!) Em vez disso, ao longo das décadas seguintes, foi restaurado mais de uma vez e é uma grande senhora vitoriana de novo, naturalmente com todas as conveniências modernas e uma tarifa noturna muito alta. O Sr. Foure ficaria totalmente pasmo com o custo atual de um quarto. Além disso, o The Langham é considerado um dos hotéis mais assombrados do mundo. (Dica: peça para ficar no quarto 333, se você for um caçador de fantasmas.)

Por último, a Agulha de Cleópatra foi erguida em 12 de setembro de 1878, conforme retratado nesta história. O obelisco realmente não tinha nada a ver com a Rainha do Nilo, mas o navio sobre o qual veio, e que quase afundou durante a viagem, chamava-se *Cleópatra.* Muitos consideraram o monumento uma monstruosidade, mas agora, não se pode imaginar o Victoria Embankment sem ele. Pessoalmente, não consigo pensar nisso sem ver Greer e Beatrice sentadas na parede de pedra ao lado do obelisco, de mãos dadas e prometendo sua fé. Obrigada por ler!

[1] Marzipã, marzipan ou maçapão é um doce de origem árabe, preparado a partir de uma pasta feita de amêndoas moídas, açúcar e claras de ovos, que pode ser moldada. Também podem ser adicionadas essências.

[2] Aloe vera, também conhecida por babosa, é uma espécie de planta suculenta do gênero Aloe. Cresce selvagem em climas tropicais ao redor do mundo e é cultivada para usos agrícolas e medicinais. Também é usada para fins decorativos e cresce com sucesso dentro de casa como uma planta em vaso.

[3] Culinária escocesa.